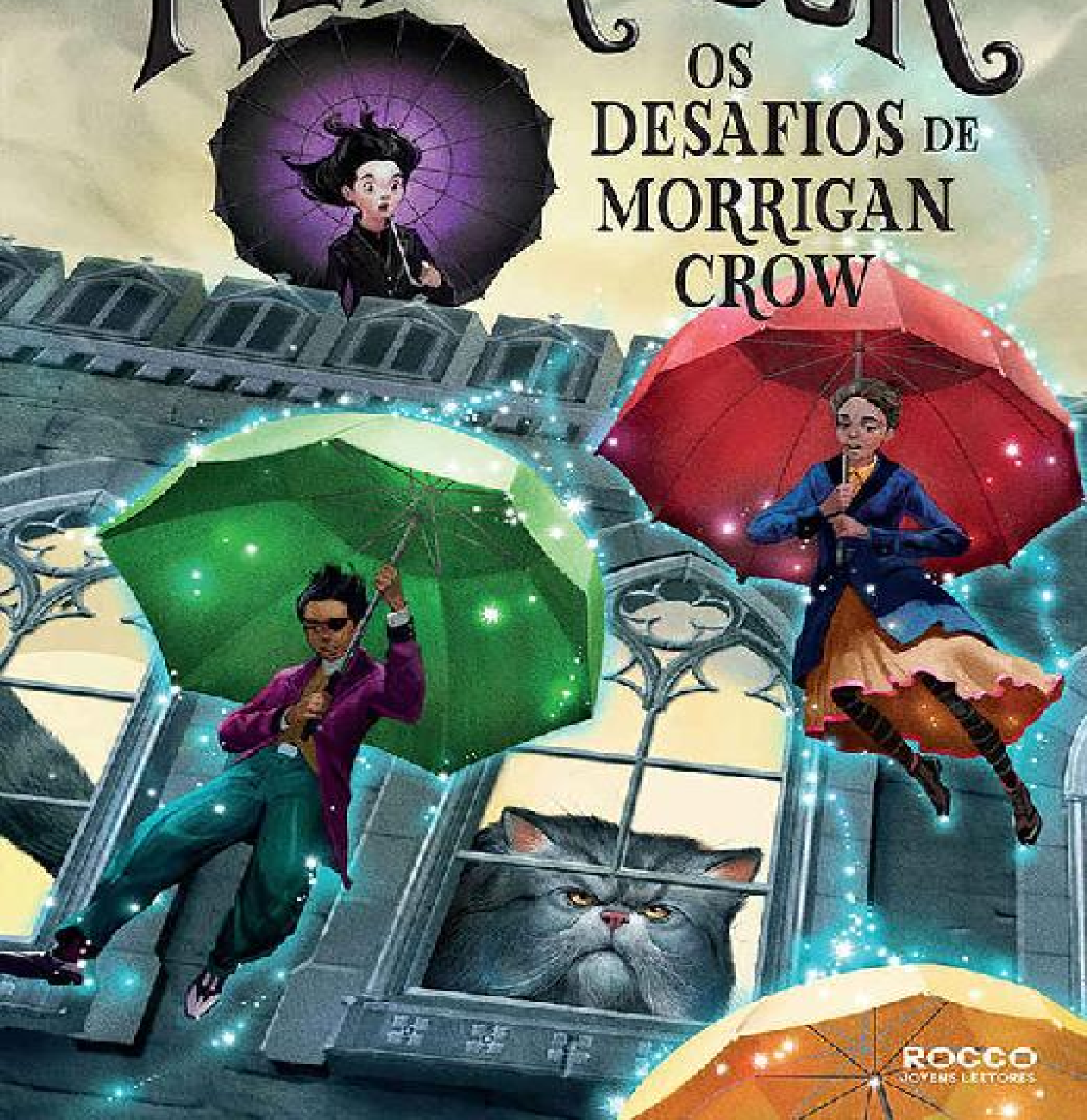


JESSICA TOWNSEND

NEVERMOOR

OS
DESAFIOS DE
MORRIGAN
CROW





JESSICA TOWNSEND

NEVERMOOR

OS DESAFIOS DE
MORRIGAN CROW

Traduzido por Raquel Zampil

ROCCO
JOVENS LEITORES

Para Sally, primeira hóspede do Hotel Deucalião.

E para Teena, que me fez pensar que eu podia fazer
qualquer coisa, até mesmo este livro.

Sumário

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Agradecimientos](#)

[Créditos](#)

[A Autora](#)

PRÓLOGO

Primavera do Ano Um

Os jornalistas chegaram antes do caixão. Eles se reuniram no portão durante a noite e, ao amanhecer, formavam uma multidão. Às nove já eram um enxame.

Era quase meio-dia quando Corvus Crow fez a longa caminhada da porta da frente até as altas grades de ferro que os mantinha afastados.

“Chanceler Crow, isso vai afetar seus planos para concorrer à reeleição?”

“Chanceler, a que horas será o sepultamento?”

“O presidente ofereceu condolências?”

“O senhor se sente aliviado hoje, chanceler?”

— Por favor — interrompeu Corvus, erguendo uma das mãos cobertas com a luva de couro para silenciá-los. — Por favor, quero ler uma declaração em nome da minha família.

Ele tirou um pedaço de papel do bolso de seu elegante terno preto.

— Queremos agradecer a vocês, cidadãos de nossa grandiosa República, pelo apoio ao longo dos últimos onze anos — leu ele em tom claro e oficial, refinado por anos de prática exigindo ordem na Chancelaria. — Este é um momento difícil para nossa família, e o sofrimento sem dúvida vai perdurar por algum tempo ainda.

Corvus se deteve para pigarrear, erguendo os olhos por um momento para sua plateia silenciosa. Um mar de lentes fotográficas e olhos curiosos brilharam para ele. Um ininterrupto ataque de flashes e cliques.

— É difícil suportar a perda de um filho — continuou ele, retornando a suas anotações. — Não só para a nossa família, mas para os cidadãos de Chacalfax, que, sabemos, compartilham de nosso luto. — Pelo menos cinquenta pares de sobrancelhas se arquearam, e algumas tosses constrangidas quebraram momentaneamente o silêncio. — Esta manhã, porém, enquanto damos as boas-vindas à Nona Era da República do Mar Invernal, saibam que o pior ficou para trás.

Um súbito e ruidoso grasnado soou lá do alto. Ombros se encolheram e rostos franziram, mas ninguém olhou para cima. Os pássaros estavam voando em círculos a manhã inteira.

— A Oitava Era tirou de mim minha amada primeira esposa, e agora tira minha única filha.

Outro grasnado estridente. Um repórter deixou cair o microfone que enfiava na cara do chanceler e abaixou-se ruidosamente para pegá-lo. Ficou vermelho e murmurou uma desculpa, que Corvus ignorou.

— No entanto — continuou ele —, levou com ela também o perigo, a dúvida e o desespero que atormentaram sua curta vida. Minha... *querida* Morrigan — ele fez uma pausa acompanhada de uma careta — finalmente está em paz, e é assim que nós todos também devemos ficar. A cidade de Chacalfax... na verdade, todo o estado do Grande Acrelupino... encontra-se novamente em segurança. Não há mais nada a temer.

Um murmúrio de incerteza percorreu a multidão, e o ataque de flashes pareceu abrandar. O chanceler olhou para o grupo, piscando. O papel que segurava farfalhou na brisa, ou talvez fosse o tremor em sua mão.

— Obrigado. Não vou responder a perguntas.

CAPÍTULO UM

Maldição no Solar dos Corvos

*Inverno do Ano Onze
(Três dias antes)*

O gato da cozinha estava morto, e a culpa era de Morrigan.

Ela não sabia como isso tinha acontecido, nem quando. Pensou que talvez ele tivesse comido alguma coisa envenenada durante a noite. Não havia ferimentos que sugerissem um ataque de raposa ou de um cão. Afora um pouquinho de sangue seco no canto da boca, ele parecia adormecido, mas estava frio e duro.

Quando encontrou o corpo na luz fraca da manhã de inverno, Morrigan agachou-se ao lado dele, caído na terra, uma ruga vincando sua testa. Ela acariciou o pelo negro do alto da cabeça até a ponta da cauda peluda.

— Desculpa, gato da cozinha — murmurou ela.

Morrigan pensou em qual seria o melhor lugar para enterrá-lo, e se deveria pedir à avó um pedaço de um tecido de linho bonito para embrulhá-lo. Provavelmente era melhor não, concluiu ela. Usaria uma de suas camisolas.

A cozinheira abriu a porta dos fundos para dar os restos do dia anterior aos cachorros e levou um susto tão grande com a presença de Morrigan que quase deixou cair o balde. A velha olhou para o gato morto e sua boca transformou-se em uma linha.

— Antes ele do que eu — murmurou, batendo no portal de madeira e beijando o pingente que trazia no pescoço. Olhou atravessado para Morrigan. — Eu gostava desse gato.

— Eu também — disse Morrigan.

— Ah, sim, estou vendo. — Havia um tom amargo em sua voz, e Morrigan percebeu que a mulher recuava, afastando-se dela, centímetro a centímetro. — Entre agora. Estão esperando você no escritório.

Morrigan entrou correndo na casa, parando um momento perto da porta que levava da cozinha ao corredor. Ela observou a cozinheira pegar um pedaço de giz e escrever GATO DA CUSINHA — MORTO no quadro-negro, no fim de uma longa lista que mais recentemente incluía PEIXE EXTRAGADO, ATAQUI DO CORAÇÃO DO VELHO TOM, ENXENTE EM PROSPERAR DO NORTE e MANXAS DE MOLHO NA MELHOR TUALHA.

— Posso recomendar vários excelentes psicólogos para crianças na área da Grande Chacalfax.

A nova encarregada do caso não havia nem tocado no chá com biscoitos. Tinha viajado duas horas e meia, vindo de trem da capital naquela manhã, e caminhara da estação ferroviária até o Solar dos Corvos sob uma deplorável garoa. O cabelo molhado se colava à cabeça, o casaco estava encharcado. Morrigan tentava pensar em um remédio melhor para esse infortúnio do que chá e biscoitos, mas a mulher não parecia interessada.

— Não fui eu que fiz o chá — informou Morrigan. — Se é com isso que está preocupada.

A mulher a ignorou.

— O dr. Fielding é famoso por seu trabalho com crianças amaldiçoadas. Certamente o senhor já ouviu falar dele. A dra. Llewellyn também é altamente reconhecida, se preferir uma abordagem mais gentil, mais maternal.

O pai de Morrigan pigarreou, desconfortável.

— Isso não será necessário.

Corvus havia desenvolvido um sutil tremor no olho esquerdo que só aparecia nesses encontros mensais obrigatórios, o que indicava a Morrigan que ele os adiava tanto quanto ela. Afora os cabelos negros como carvão e os narizes aduncos, era a única coisa que pai e filha tinham em comum.

— Morrigan não precisa de terapia — continuou ele. — Ela é uma criança sensata. E está bem familiarizada com sua situação.

A encarregada arriscou um olhar fugaz para Morrigan, que estava sentada ao lado dela no sofá, tentando não se remexer muito. Essas visitas sempre se arrastavam.

— Chanceler, sem querer ser indelicada... o tempo é curto. Todos os especialistas concordam que estamos entrando no último ano dessa Era. O último ano antes do Escurecer. — Morrigan olhou pela janela, procurando uma distração, como sempre fazia quando alguém mencionava a palavra com E. — O senhor deve estar ciente de que esse é um importante período transicional para...

— A senhora trouxe a lista? — perguntou Corvus com uma ponta de impaciência. Ele olhou diretamente para o relógio na parede de seu escritório.

— É... é claro.

Ela tirou um pedaço de papel da pasta, tremendo levemente. A mulher estava se saindo bem, pensou Morrigan, levando-se em conta que essa era apenas sua segunda visita. A última encarregada praticamente só sussurrava e teria considerado um convite ao desastre sentar-se na mesma peça de mobília que Morrigan.

— Posso ler em voz alta? Está bastante curta este mês... parabéns, srta. Crow — elogiou, formalmente.

Morrigan não sabia o que dizer. Não achava justo receber crédito por algo que não podia controlar.

— Vamos começar pelos incidentes que requerem compensação: o Conselho Municipal de Chacalfax solicitou setecentos kreds pelo dano a um gazebo durante uma tempestade de granizo.

— Pensei que tivéssemos concordado que os eventos climáticos extremos não poderiam mais ser seguramente atribuídos à minha filha — disse Corvus. — Depois que ficou comprovado que aquele incêndio florestal em Ulf foi criminoso. Lembra-se?

— Sim, chanceler. No entanto, há uma testemunha que afirma que Morrigan é culpada nesse caso.

— Quem? — perguntou Corvus em tom autoritário.

— Um homem que trabalha nos correios ouviu a srta. Crow comentar com a avó sobre as excelentes condições climáticas de que Chacalfax vinha desfrutando. — A encarregada do caso consultou as notas. — A tempestade de granizo começou quatro horas depois.

Corvus suspirou pesadamente e recostou-se na cadeira, lançando um olhar irritado para Morrigan.

— Muito bem. Prossiga.

Morrigan franziu a testa. Ela nunca na vida fizera qualquer comentário sobre “as excelentes condições climáticas de que Chacalfax vinha desfrutando”. Lembrava, *sim*, de naquele dia nos correios virar-se para a avó e falar: “Que calor, não é?”, mas isso não era a mesma coisa.

— Um morador de Chacalfax, Thomas Bratchett, morreu recentemente de ataque cardíaco. Ele era...

— Nosso jardineiro, eu sei — interrompeu Corvus. — Uma grande pena. As hortênsias estão sofrendo. Morrigan, o que você fez com o

velho?

— Nada.

Corvus parecia cético.

— Nada? Absolutamente nada?

Ela pensou por um momento.

— Eu disse a ele que os canteiros estavam bonitos.

— Quando?

— Mais ou menos um ano atrás.

Corvus e a encarregada trocaram um olhar. A mulher suspirou baixinho.

— A família dele está sendo extremamente generosa nessa questão. Pedem apenas que o senhor cubra as despesas do enterro, pague a escola dos netos até terminarem a universidade e faça uma doação à sua instituição de caridade favorita.

— Quantos netos?

— Cinco.

— Diga a eles que pagarei para dois. Prossiga.

— O diretor da Escola... Ah! — A mulher deu um pulo quando Morrigan inclinou-se para a frente a fim de pegar um biscoito, mas pareceu acalmar-se quando se deu conta de que não havia a menor intenção de fazer contato físico. — Hã... sim. O diretor da Escola Preparatória de Chacalfax finalmente nos enviou a conta pelos danos do incêndio. Dois mil kreds devem ser suficientes.

— O jornal disse que a merendeira deixou o fogão ligado durante a noite — argumentou Morrigan.

— Correto — replicou a encarregada, os olhos fixos no papel diante dela. — Disse também que ela passara diante do Solar dos Corvos no dia anterior e vira você no quintal.

— E daí?

— Ela informou que você fez contato visual com ela.

— Nunca fiz. — Morrigan sentiu o sangue começar a ferver. O incêndio *não* fora culpa dela. Ela nunca fizera contato visual com ninguém; conhecia as regras. A merendeira estava mentindo para se livrar da responsabilidade.

— Está tudo no relatório da polícia.

— Ela é uma mentirosa. — Morrigan virou-se para o pai, mas ele se recusava a olhá-la nos olhos. Ele acreditava mesmo que a culpa

era dela? A merendeira admitiu que tinha *deixado o fogão ligado*! A injustiça daquilo fazia o estômago de Morrigan dar um nó. — Ela está *mentindo*, eu nunca...

— Já chega — cortou Corvus.

Morrigan afundou no sofá, cruzando os braços com força diante do peito. Seu pai pigarreou novamente e assentiu para a mulher.

— Pode me enviar a conta. Por favor, acabe com essa lista. Tenho um dia cheio de reuniões.

— I-isso é tudo na lista de questões financeiras — disse ela, traçando uma linha vertical na página com um dedo trêmulo. — Este mês só tem três cartas de desculpas para a srta. Crow escrever. Uma para uma moradora local, a sra. Calpurnia Malouf, pela fratura do quadril...

— Velha demais para patinar no gelo — murmurou Morrigan.

— ... uma para a Sociedade da Geleia de Chacalfax, por arruinar um lote de geleia de laranja, e uma para um garoto chamado Pip Gilchrest, que perdeu o Concurso Estadual Soletrando do Grande Acrelupino na semana passada.

Os olhos de Morrigan dobraram de tamanho.

— A única coisa que fiz foi desejar sorte a ele!

— Justamente, srta. Crow — disse a encarregada ao entregar a lista para Corvus. — Devia saber que não pode fazer isso. Chanceler, soube que o senhor está à procura de uma nova tutora...

Corvus suspirou.

— Meus assessores falaram com todas as agências de Chacalfax, e até algumas da capital. Parece que nosso grandioso estado está nos estertores de uma severa escassez de ensino particular. — Ele ergueu uma sobrancelha duvidosa.

— O que aconteceu com a srta... — A encarregada consultou suas anotações. — Linford, não era? A última vez em que conversamos o senhor disse que estava indo tudo muito bem com ela.

— Mulher fraca — disse Corvus com uma careta de desprezo. — Mal durou uma semana. Saiu uma tarde e nunca voltou, ninguém sabe por quê.

Isso não era verdade. Morrigan sabia o porquê.

O medo que a srta. Linford tinha da maldição a impedia de dividir o mesmo cômodo com sua aluna. Era uma coisa estranha e indigna,

Morrigan achava, ter alguém gritando conjugações de verbos do outro lado da porta para você. Morrigan foi ficando cada vez mais aborrecida, até finalmente enfiar uma caneta quebrada no buraco da fechadura e soprar, espirrando tinta preta por todo o rosto da srta. Linford. Estava disposta a admitir que aquela não fora a melhor demonstração de seu espírito esportivo.

— No Cartório de Registro Civil temos uma breve lista de professores aptos a trabalhar com crianças amaldiçoadas. Uma lista *muito* curta — disse a encarregada, dando de ombros —, mas talvez haja alguém que...

Corvus ergueu a mão para interrompê-la.

— Não vejo necessidade.

— Perdão...?

— A senhora mesma disse: não falta muito para o Escurecer.

— Sim, mas... ainda falta um *ano*...

— Ainda assim. Desperdício de tempo e dinheiro a essa altura, não é?

Morrigan ergueu os olhos, sentindo um desagradável sobressalto com as palavras do pai. Até mesmo a encarregada pareceu surpresa.

— Com todo o respeito, chanceler... o Cartório de Registro Civil para Crianças Amaldiçoadas não considera isso um *desperdício*. Acreditamos que a educação é uma parte importante de toda infância.

Os olhos de Corvus se estreitaram.

— Ainda assim, *pagar* pela educação parece um tanto inútil quando essa infância em particular está prestes a ser *interrompida*. Pessoalmente eu acho que nem devíamos ter nos dado ao trabalho, para começar. Eu obteria mais resultados se mandasse meus cães de caça para a escola: eles têm uma expectativa de vida maior e são muito mais úteis para mim.

Morrigan soltou um curto e brusco *ai*, como se o pai tivesse acabado de jogar um tijolo muito grande em sua barriga.

Aí estava. A verdade que ela mantinha reprimida, algo que ela podia ignorar, mas não esquecer. A verdade que ela e toda criança amaldiçoada sabiam no fundo de seu ser, que tinham tatuada no coração: *Eu vou morrer na noite do Escurecer*.

— Tenho certeza de que meus amigos no Partido do Mar Invernal concordariam comigo — continuou Corvus, fuzilando a encarregada com os olhos, alheio ao desconforto de Morrigan. — Principalmente aqueles que controlam a verba do seu departamentozinho.

Fez-se um longo silêncio. A encarregada olhou de soslaio para Morrigan e começou a reunir seus pertences. Morrigan reconheceu o lampejo de piedade que cruzou o rosto da mulher e a odiou por isso.

— Muito bem. Vou informar o CRCCA de sua decisão. Tenha um bom dia, chanceler. Srta. Crow. — A encarregada deixou o escritório apressada, sem nem olhar para trás. Corvus pressionou uma campainha na mesa, chamando seus assessores.

Morrigan levantou-se da cadeira. Ela queria gritar com o pai, mas, em vez disso, sua voz saiu trêmula e tímida:

— Posso...?

— Faça como quiser — disse Corvus, irritado, folheando os papéis em sua mesa. — Só não me chateie.

Cara sra. Malouf,

~~*Lamento que não saiba como patinar no gelo corretamente.*~~

~~*Lamento que tenha pensado que era uma boa ideia patinar no gelo, apesar de ter um milhão de anos de idade e ossos frágeis que podem quebrar com uma brisa.*~~

Lamento ter quebrado seu quadril. Não tive a intenção. Espero que esteja se recuperando rápido. Por favor, aceite minhas desculpas e melhore rápido.

Atenciosamente,

Srta. Morrigan Crow

Esparramada no piso da segunda sala de estar, Morrigan reescreveu as últimas poucas frases com capricho em uma folha nova de papel e a enfiou em um envelope, mas não o fechou. Em parte porque Corvus ia querer verificar a carta antes que ela fosse enviada, e também porque havia a remota possibilidade de que, ao lamber o envelope, sua saliva tivesse o poder de causar morte súbita ou falência.

O *clique-claque* de passos apressados no corredor fez Morrigan congelar. Ela olhou o relógio na parede. Meio-dia. Podia ser a avó chegando a casa depois do chá matinal com as amigas. Ou a madrastra, Ivy, procurando alguém a quem culpar por um arranhão

nos talheres ou um rasgo nas cortinas. A segunda sala de estar em geral era um bom lugar para se esconder, pois era o cômodo mais deprimente da casa, onde o sol mal chegava. Ninguém gostava dali, exceto Morrigan.

Os passos desapareceram. Morrigan soltou o ar que estivera prendendo. Estendendo a mão para o rádio, girou o pequeno botão de cobre, passando por ondas sonoras ruidosas e cheias de estática até encontrar uma estação transmitindo as notícias.

“O abate anual de dragões, que acontece todo inverno, prossegue esta semana no noroeste do Grande Acrelupino, com mais de quarenta répteis malignos alvejados pela Força de Erradicação da Vida Selvagem e Perigosa. A FEVSP vem recebendo um número cada vez maior de relatos de encontros inesperados com dragões perto do Resort e Spa Cataratas Profundas, um destino popular de férias entre...” Morrigan deixou que a voz anasalada e sofisticada zumbisse ao fundo enquanto começava a escrever a carta seguinte.

Caro Pip,

~~*Lamento que você tenha achado que MELAÇO fosse escrito com SS.*~~

~~*Lamento que você seja um idiota.*~~

~~*Lamento saber que você perdeu seu recente concurso Soletrando por ser um idiota. Por favor, aceite minhas mais profundas desculpas por qualquer problema que eu possa ter lhe causado. Prometo que nunca mais vou lhe desejar boa sorte, seu ingratozinho de...*~~

Cordialmente,

Morrigan Crow

Alguém no noticiário agora falava sobre as casas perdidas nas enchentes de Prosperar, chorando por causa de animais de estimação e entes queridos que viram ser levados pela água quando as ruas correram como rios. Morrigan sentiu uma pontada de tristeza e torceu para que Corvus estivesse certo em relação ao tempo não ser culpa dela.

Cara Sociedade da Geleia de Chacalfax,

~~*Lamento, mas vocês não acham que na vida existem coisas piores do que uma geleia ruim?*~~

“A seguir: será que o Escurecer está mais perto do que pensamos?”, perguntou o apresentador do noticiário. Morrigan ficou imóvel. A palavra com E outra vez. “Enquanto a maioria dos especialistas concorda que temos mais um ano até o fim da era atual, um pequeno número de cronologistas alternativos acredita que podemos vir a celebrar a noite do Escurecer muito mais cedo. Será que descobriram alguma coisa ou são apenas malucos?”

Um levíssimo arrepio percorreu a nuca de Morrigan. Ela, porém, o ignorou. *Malucos*, pensou, desafiadora.

“Antes, porém: mais tumultos agitaram a capital hoje à medida que os rumores de uma iminente escassez de fabulânio continuam a se espalhar”, prosseguiu o apresentador com sua voz anasalada. “Um porta-voz das Indústrias Squall falou publicamente sobre essas preocupações em uma coletiva de imprensa esta manhã.”

A voz de um homem soou suavemente acima do zumbido de fundo formado pelos murmúrios dos jornalistas:

“Não existe crise nas Indústrias Squall. Rumores de uma escassez de energia na República são inteiramente falsos, nunca é demais repetir.”

“Fale mais alto!”, gritou alguém no fundo.

O homem elevou um pouco a voz:

“A República está tão bem abastecida de fabulânio quanto sempre estive, e continuamos a colher os frutos desse abundante recurso natural.”

“Sr. Jones”, manifestou-se um repórter, “o senhor comentará os relatos de cortes em massa de energia e mau funcionamento da tecnologia do fabulânio nos estados de Luz do Sul e Sang Oriental? Ezra Squall está a par desses problemas? Ele vai sair de sua reclusão para tratar deles publicamente?”

O sr. Jones pigarreou.

“Mais uma vez, isso não passa de boatos tolos e alarmismo. Nossos sistemas de monitoramento de última geração não mostram nenhuma escassez de fabulânio e nenhuma falha nos dispositivos que funcionam movidos a fabulânio. A rede ferroviária nacional está operando perfeitamente, assim como a rede elétrica e o Serviço de Saúde Fabuloso. Quanto ao sr. Squall, ele está totalmente ciente de que, como único provedor de fabulânio e de seus derivados no país,

as Indústrias Squal têm uma grande responsabilidade. Estamos comprometidos, como sempre...”

“Sr. Jones, há especulações de que a escassez de fabulânio poderia ter algo a ver com as crianças amaldiçoadas. O senhor pode comentar?”

Morrigan deixou cair a caneta.

“Eu... eu não sei... não sei se entendi o que o senhor quer dizer”, gaguejou o sr. Jones, parecendo pego de surpresa.

O repórter continuou:

“Bem, Luz do Sul e Sang Oriental têm ao todo três crianças amaldiçoadas listadas em seus registros estaduais — diferentemente do estado de Prosperar, que não tem nenhuma no atual momento e permanece não afetado pela falta de fabulânio. O Grande Acrelupino também tem uma criança amaldiçoada registrada, a filha do ilustre político Corvus Crow; será esse o próximo estado atingido pela crise?”

“Mais uma vez: não existe *nenhuma crise...*”

Morrigan gemeu e desligou o rádio. Agora atribuíam a ela a culpa por algo que nem acontecera ainda. Quantas cartas de desculpas teria de escrever no mês seguinte? Sua mão começou a ficar com câibras só de pensar.

Ela suspirou e apanhou a caneta.

*Cara Sociedade da Geleia de Chacalfax,
Lamento pela geleia de laranja.
Sinceramente,
M. Crow*

O pai de Morrigan era o chanceler do Grande Acrelupino, o maior dos quatro estados que constituíam a República do Mar Invernal. Ele era muito ocupado e importante e, em geral, estava trabalhando até mesmo nas raras ocasiões em que jantava em casa. À sua esquerda e à sua direita sentavam-se Esquerdo e Direito, seus assessores sempre presentes. Corvus estava sempre demitindo seus assistentes e contratando novos, razão por que desistira de aprender seus nomes de verdade.

— Mande um memorando para o general Wilson, Direito — ele ia dizendo quando Morrigan se sentou à mesa naquela noite. À sua frente estava a madrastra, Ivy, e bem mais distante, na outra ponta, a avó. Ninguém olhou para Morrigan. — O gabinete dele vai precisar apresentar um orçamento para o novo hospital de campo o mais tardar no início da primavera.

— Sim, chanceler — disse Direito, segurando amostras de tecido azul. — E quanto ao novo estofamento do seu escritório?

— O celeste, acho. Fale com minha mulher sobre isso. Ela é a especialista nesse tipo de coisa, não é, querida?

Ivy sorriu, radiante.

— O azul-púrpura, queridíssimo — disse ela com uma risada tilintante, descontraída. — Para combinar com seus olhos.

A madrastra de Morrigan não combinava com o Solar dos Corvos. Seus cabelos louros e a pele bronzeada (lembrança do verão que tinha acabado de passar se “desestressando” nas gloriosas praias do sudeste de Prosperar) pareciam deslocados entre os cabelos negros como a meia-noite e a pele branca e pálida da família Crow. Os Crows nunca se bronzeavam.

Morrigan achava que talvez fosse essa a razão de seu pai gostar tanto de Ivy. Ela era totalmente diferente deles. Sentada em sua sombria sala de jantar, Ivy parecia uma exótica obra de arte que ele trouxera das férias.

— Esquerdo, alguma notícia do Campo 16 sobre o surto de sarampo?

— Foi contido, senhor, mas eles ainda estão experimentando cortes de energia elétrica.

— Com que frequência?

— Uma vez por semana, às vezes duas. As pessoas estão deixando clara sua insatisfação nas cidades da fronteira.

— No Grande Acrelupino? Tem certeza?

— Não se compara aos tumultos nas favelas de Luz do Sul, senhor. Somente um leve pânico.

— E acham que isso se deve à escassez de fabulânio? Bobagem. Não estamos tendo nenhum problema aqui. O Solar dos Corvos nunca funcionou de forma mais tranquila. Olhe essas luzes: claras como o dia. Nossos geradores devem estar totalmente abastecidos.

— Sim, senhor — disse Esquerdo, parecendo desconfortável. — Isso... não passou despercebido ao público.

— Ah, lamúrias, lamúrias, lamúrias — grasnou uma voz na extremidade oposta da mesa. A avó, como de hábito, vestira-se formalmente para o jantar, com um longo vestido preto e joias no pescoço e nos dedos. Os cabelos crespos cinza-chumbo estavam amontoados em um formidável coque no alto da cabeça. — Não acredito que haja escassez de fabulânio. São só parasitas que não pagaram a conta da luz. Eu não condenaria aquele Ezra Squall se cortasse o fornecimento a eles. — Enquanto falava, ela picava o bife em pedaços minúsculos e sangrentos.

— Libere a agenda de amanhã — disse Corvus a seus assessores. — Vou fazer uma visita às cidades da fronteira, distribuir alguns apertos de mão. Isso deve calar a boca deles.

A avó deu uma risadinha maldosa.

— É a cabeça deles que precisa de um aperto. Você tem um cérebro, Corvus... por que não o usa?

A expressão de Corvus tornou-se azeda. Morrigan tentou não sorrir. Uma vez ela ouvira uma empregada sussurrar que a avó era uma “ave de rapina vestida como dama”. Particularmente, Morrigan concordava, mas até gostava da selvageria quando não era dirigida contra ela.

— Amanhã é... é o Dia da Oferta, senhor — disse Esquerdo. — Acabo de pensar que o senhor precisa fazer um discurso para as crianças elegíveis locais.

— Santo Deus, pensou direito! — (*Não*, raciocinou Morrigan enquanto servia colheradas de cenoura em seu prato. *Esse é o Esquerdo.*) — Que chateação. Não creio que possa cancelar este ano novamente... Onde e quando?

— Na Prefeitura. Ao meio-dia — disse Direito. — As crianças do Colégio São Cristóvão, da Academia Mary Henwright e da Escola Preparatória de Chacalfax estarão presentes.

— Muito bem. — Corvus suspirou, infeliz. — Mas chame a *Crônica*. Providencie para que mandem alguém cobrir o evento.

Morrigan engoliu um pedaço de pão.

— O que é o Dia da Oferta?

Como sempre acontecia quando Morrigan falava, todos se voltaram para ela com uma vaga expressão de surpresa, como se ela fosse uma luminária que de repente criara pernas e começara a sapatear pela sala.

Houve um momento de silêncio, e então...

— Talvez pudéssemos convidar escolas mantidas pela caridade para irem à Prefeitura — continuou o pai, como se ninguém houvesse falado. — Boa publicidade, fazer coisas pelos excluídos.

A avó gemeu.

— Corvus, pelo amor de Deus, você só precisa de uma criança idiota para posar em uma foto, e terá centenas para escolher. Basta pegar a mais fotogênica, apertar a mão dela e ir embora. Não precisa complicar as coisas.

— Humm — disse ele, assentindo. — Tem razão, mãe. Passe o sal, por favor, Esquerdo.

Direito pigarreou timidamente.

— Na verdade, senhor... talvez não seja má ideia incluir as escolas menos privilegiadas. Isso pode nos colocar na primeira página.

— Seu índice de aprovação no interior está mesmo precisando de uma ajudinha — acrescentou Esquerdo enquanto corria ao longo da mesa para pegar o sal.

— Não precisa ser delicado, Esquerdo. — Corvus ergueu uma sobrancelha e olhou de soslaio para a filha. — Meu índice de aprovação está precisando de uma ajudinha em todos os lugares.

Morrigan sentiu um leve tremor de culpa. Ela sabia que o maior desafio do pai era tentar manter o controle sobre a afeição do eleitorado do Grande Acrelupino quando sua única filha era a causa de cada um dos infortúnios deles. Estar desfrutando de seu quinto ano como chanceler do estado, apesar de tamanha desvantagem, era um milagre diário para Corvus Crow, e a pergunta de se ele seria capaz de sustentar essa sorte improvável por mais um ano era uma angústia diária.

— Mas mamãe tem razão. Não vamos superlotar o evento — prosseguiu ele. — Encontre outra maneira de me conseguir uma primeira página.

— É um leilão? — perguntou Morrigan.

— Leilão? — repetiu Corvus rispidamente. — De que diabos você está falando?

— Do Dia da Oferta.

— Ah, pelo amor de Deus! — Ele fez um ruído de impaciência e voltou a atenção para seus papéis. — Ivy. Explique.

— O Dia da Oferta — começou Ivy, empertigando-se com ares de importância — é o dia em que as crianças que completaram a escola preparatória recebem sua oferta educacional, se tiverem sorte.

— Ou dinheiro — acrescentou a avó.

— Sim — continuou Ivy, parecendo ligeiramente aborrecida com a interrupção. — Se forem muito inteligentes, ou talentosas, ou se seus pais forem ricos o bastante para subornar alguém, então uma pessoa respeitável de uma ótima instituição acadêmica virá fazer uma oferta por elas.

— Todas recebem uma oferta? — perguntou Morrigan.

— Céus, não! — Ivy riu, olhando para a criada que viera colocar uma terrina de molho na mesa. E acrescentou em um sussurro exagerado: — Se todos fossem para a escola, de onde viriam os criados?

— Mas isso não é justo — protestou Morrigan, franzindo a testa ao ver a criada sair apressada da sala, o rosto vermelho. — E eu não compreendo. O que essas pessoas estão oferecendo?

— O privilégio de supervisionar a educação da criança — interrompeu Corvus, impaciente, agitando a mão diante do rosto, como se tentasse dispersar a conversa. — A glória de formar as jovens mentes de amanhã, coisas assim. Pare de fazer perguntas. Isso não tem nada a ver com você. Esquerdo, a que horas será minha reunião com o presidente da comissão agrícola na quinta-feira?

— Às três, senhor.

— Posso ir? — perguntou Morrigan.

Corvus piscou repetidamente, franzindo a testa, o que aprofundou as rugas ali.

— Por que você quereria ir ao meu encontro com o presidente da...

— Ao Dia da Oferta, é dele que estou falando. Amanhã. A cerimônia na prefeitura.

— Você? — disse a madrastra. — Ir a uma *cerimônia do Dia da Oferta*? Para quê?

— Eu só... — Morrigan fez uma pausa, subitamente insegura. — Bem, meu aniversário é esta semana. Poderia ser meu presente. — A família continuou olhando para ela, sem entender, o que confirmou as suspeitas de Morrigan de que eles haviam esquecido que ela completaria onze anos dali a dois dias. — Pensei que poderia ser divertido... — Sua voz foi sumindo, e ela baixou os olhos para o prato, desejando não ter aberto a boca.

— Não é *divertido* — desdenhou Corvus. — É *política*. E, não, você não pode ir. Está fora de questão. Ideia ridícula.

Morrigan afundou na cadeira, sentindo-se abatida e tola. Sério, o que ela havia esperado? Corvus estava certo: era uma ideia ridícula.

Os Crows comeram em um silêncio tenso durante vários minutos, até que...

— Na verdade, senhor... — começou Direito em uma voz hesitante.

Os talheres de Corvus retiniram no prato. Ele fixou um olhar ameaçador no assistente.

— *O que foi?*

— B-bem... se o senhor quisesse... não estou dizendo que deva, mas se *quisesse*... levar sua filha, poderia ajudar a, hã, suavizar sua imagem. De certa forma.

Esquerdo retorceu as mãos.

— Senhor, acho que Direito pensou... hã, direito. — Corvus lançou-lhe um olhar sombrio, e Esquerdo continuou, nervoso: — O que q-querio dizer é que, segundo as pesquisas, o povo do Grande Acrelupino o vê como um pouco... hã, reservado.

— Indiferente — interveio Direito.

— Não prejudicaria seu índice de aprovação lembrar a eles que o senhor está prestes a se tornar um... um pai de luto. Do ponto de vista jornalístico, pode dar ao evento um aspecto de interesse, hã, singular.

— Singular em que sentido?

— Singular de primeira página.

Corvus ficou em silêncio. Morrigan pensou ter visto o olho esquerdo dele tremer.

CAPÍTULO DOIS

O Dia da Oferta

— Não fale com ninguém, Morrigan — murmurou o pai pela centésima vez naquela manhã, subindo às pressas os degraus de pedra que levavam à prefeitura, em passadas largas que ela tentava acompanhar. — Você vai se sentar no palco comigo, onde todos poderão vê-la. Entendeu? Não *ouse* fazer nada... acontecer. Nenhuma fratura de quadril ou... ou enxames de vespas, ou escadas caindo, ou...

— Ataques de tubarão? — sugeriu Morrigan.

Corvus voltou-se bruscamente para ela, manchas vermelhas surgindo em todo o seu rosto.

— Você acha que isso é *engraçado*? Todos na prefeitura estarão de olho em suas ações e em como elas se refletem em mim. Você está *propositadamente* tentando arruinar minha carreira?

— Não — disse Morrigan, limpando os perdigotos de raiva que caíram em seu rosto. — Não propositadamente.

Morrigan já estivera na prefeitura em várias outras ocasiões, geralmente quando a popularidade do pai estava em baixa e ele precisava de uma demonstração pública de apoio da família. Ladeado por colunas de pedra e erguido à sombra de uma enorme torre com um relógio de ferro, o sombrio prédio da prefeitura era o edifício mais importante de Chacalfax. No entanto, a torre do relógio — embora Morrigan geralmente tentasse não olhar para ela — era muito mais interessante.

O Relógio com Visor de Céu não era um relógio comum. Ele não tinha ponteiros, e nenhuma linha para marcar as horas. Somente um mostrador redondo de vidro, com um céu vazio em seu interior, que mudava com o passar da Era — do mais pálido cor-de-rosa da aurora no Alvorecer, passando pelo dourado reluzente no Aquecimento, ao brilho laranja do pôr do sol no Sol Poente e ao azul-escuro no Crepúsculo.

Hoje — como em todos os dias desse ano —, estavam no Crepúsculo. Morrigan sabia que isso significava que não ia demorar para que o Relógio com Visor de Céu mudasse para a quinta e última cor de seu ciclo: a escuridão negra e estrelada do Escurecer. O último dia da Era.

Mas ainda faltava um ano para isso. Afastando o pensamento, Morrigan seguiu o pai escada acima.

Havia uma atmosfera de animação no local geralmente sombrio, onde os sons ecoavam. Centenas de crianças de toda Chacalfax já estavam ali, usando suas roupas de domingo, os garotos com gel nos cabelos e as garotas com rabos de cavalo, fitas e chapéus. Sentavam-se eretos em fileiras de cadeiras sob o familiar olhar severo do presidente da República do Mar Invernal, cujo retrato pendia da parede de todas as casas, lojas e repartições da República — sempre observando, sempre intimidador.

A algazarra das conversas transformou-se em burburinho quando Morrigan e Corvus sentaram-se no palco, atrás do pódio. Para onde quer que Morrigan se voltasse, olhos se estreitavam em sua direção.

Corvus pôs a mão em seu ombro, em um gesto desajeitado e artificial de afeto paternal enquanto alguns repórteres fotografavam os dois. Definitivamente material de primeira página, pensou Morrigan — a filha condenada e o pai que breve estaria de luto, um par terrivelmente trágico. Ela tentou parecer desconsolada, o que não era fácil quando seus olhos estavam cegos pelos flashes das câmeras.

Após um triunfante coro do Hino Nacional da República do Mar Invernal (*Adiante! Para o alto! Avante! Hurra!*), Corvus abriu a cerimônia com um discurso muito monótono, seguido por vários diretores de escola e empresários locais, que tiveram todos de acompanhar suas palavras. Então, finalmente, o prefeito de Chacalfax apresentou uma caixa de madeira polida e começou a ler as ofertas. Morrigan manteve-se empertigada em seu lugar, sentindo um tremor de animação que não conseguia exatamente explicar.

— “Madame Honora Salvi da Companhia de Balé de Terras da Seda” — ele leu na frente do primeiro envelope que pegou — “deseja apresentar sua oferta a Molly Jenkins.”

Ouviu-se um gritinho de alegria vindo da terceira fileira, e Molly Jenkins saltou de seu assento, correndo para o palco, onde fez uma reverência e pegou o envelope que continha sua carta de oferta.

— Muito bem, srta. Jenkins. Procure um dos assistentes no fundo do auditório após a cerimônia, querida, e ele irá encaminhá-la para sua sala de entrevista.

Ele pegou outro envelope.

— “O major Jacob Jackerley, da Escola de Guerra Madeira Venenosa, deseja apresentar sua oferta para Michael Salisbury.”

Os amigos e parentes de Michael deram vivas enquanto ele pegava sua oferta.

— “O sr. Henry Sniggle, proprietário do Empório de Cobras Sniggle, deseja apresentar sua oferta a Alice Carter para um estágio em herpetologia...” Puxa, que fascinante!

A leitura das ofertas prosseguiu por quase uma hora. As crianças presentes observavam, ansiosas, cada novo envelope ser retirado da caixa. Cada anúncio era recebido com gritos de alegria do destinatário e de seus pais, e um suspiro coletivo de decepção de todos os demais.

Morrigan começou a se sentir inquieta. Na realidade, a novidade do Dia da Oferta já havia se desgastado um pouco. Ela havia pensado que seria empolgante. Não contara com a inveja bruta e corrosiva que se instalou no fundo de suas entranhas enquanto ela assistia a criança após criança pegar seu envelope, cada um deles contendo um futuro brilhante que ela nunca teria. As palavras de Ivy ecoavam em sua cabeça: *Você não está esperando uma oferta, está? Por favor.*

Morrigan sentiu o sangue fluir para o seu rosto, lembrando-se da gargalhada de Ivy. Tentou resistir ao súbito e frenético impulso de fugir do calor asfixiante do auditório.

Vivas e aplausos irromperam da primeira fileira quando Cory Jameson recebeu a oferta da sra. Ginnifer O'Reilly, da prestigiosa Academia do Mar Invernal, uma escola financiada pelo governo na capital. Era sua segunda oferta do dia; a primeira viera de um instituto de geologia em Prosperar, o estado mais rico da República, onde havia jazidas de rubis e safiras.

— Ora, ora — disse o prefeito, dando tapinhas na barriga volumosa enquanto Cory pegava seu segundo envelope e o agitava acima da cabeça, provocando gritos ainda mais altos de sua família na plateia. — Duas ofertas! Que ótima surpresa. A primeira oferta dupla que Chacalfax vê em uns bons anos. Muito bem, rapaz, muito bem. Você tem uma decisão importante a tomar. E agora... ah, temos uma oferta anônima para... para...

O prefeito fez uma pausa, olhando para a seção VIP e de volta para a carta em suas mãos. Então pigarreou.

— Para a srta. Morrigan Crow.

Fez-se um profundo silêncio. Morrigan piscou.

Fora a imaginação dela? Não — Corvus levantou-se ligeiramente de seu assento, os olhos fuzilando o prefeito, que deu de ombros, impotente.

— Srta. Crow? — chamou o prefeito, acenando para que ela fosse até ele.

Um coro de sussurros elevou-se imediatamente na plateia, como se um bando de pássaros assustados alçasse voo.

É um engano, pensou Morrigan. *A oferta é para outra pessoa.*

Ela correu os olhos pelas fileiras de crianças; não viu nada além de rostos carrancudos e dedos apontados para ela. A prefeitura havia dobrado de tamanho? E se tornado duas vezes mais brilhante? Era como se um refletor estivesse voltado diretamente para sua cabeça.

O prefeito tornou a chamá-la, parecendo mal-humorado e impaciente. Morrigan respirou fundo e forçou as pernas a se esticar e avançar, cada passo ecoando torturantemente nas vigas. Pegando o envelope com a mão trêmula, ela olhou para o prefeito, esperando que ele risse da cara dela e lhe tomasse o envelope. *Isto não é para você!* Mas ele simplesmente a olhou de volta, uma ruga de preocupação entre as sobrancelhas.

Morrigan virou o envelope, o coração disparado, e ali, numa elegante letra cursiva, estava o seu nome. *Srta. Morrigan Crow*. Era para ela mesmo. Apesar da crescente tensão no auditório, Morrigan sentiu-se mais leve por dentro. E lutou contra a vontade de rir.

— Muito bem, srta. Crow — disse o prefeito com um sorriso pouco convincente. — Sente-se agora e procure um dos assistentes no fundo do auditório ao fim da cerimônia.

— Gregory... — disse Corvus em um tom de advertência.

O prefeito tornou a dar de ombros.

— É a tradição, Corvus — sussurrou ele. — Mais do que isso... é a *lei*.

A cerimônia prosseguiu e Morrigan, perplexa e calada, voltou ao seu lugar. Mas não ousou abrir a oferta. O pai estava completamente

imóvel, olhando a cada poucos segundos para o envelope cor de marfim, como se quisesse arrancá-lo das mãos da filha e atear fogo nele. Morrigan o enfiou no bolso do vestido, só por garantia, mantendo os dedos firmemente em torno do papel enquanto outras oito crianças aceitavam suas ofertas. Ela torcia para que a cerimônia não durasse muito mais. Apesar das bravas tentativas do prefeito de demonstrar alegria, como se nada houvesse acontecido, ela ainda podia sentir várias centenas de olhos cravados nela.

— “Sra. Ardith Asher, do Colégio para Moças Devereaux...” nunca ouvi falar dele! “... deseja apresentar sua oferta para... para...” — A voz do prefeito falhou. Ele pegou um lenço no bolso e enxugou o suor da testa. — “Para a srta. Morrigan Crow.”

Dessa vez, a plateia arquejou. Morrigan moveu-se como num sonho para buscar sua segunda oferta. Sem nem olhar para ver se era mesmo seu nome escrito ali, ela pôs no bolso o envelope — cor-de-rosa e perfumado —, que foi se juntar ao primeiro.

Minutos depois, o nome de Morrigan foi chamado uma terceira vez. Ela correu para buscar a oferta do Coronel Van Leeuwenhoek, da Academia Militar de Harmon, voltando para seu assento o mais rápido que pôde, fitando com determinação os próprios sapatos. Tentou ignorar o enxame de borboletas fazendo festa em sua barriga. Era difícil não sorrir.

Um homem na terceira fileira levantou-se e gritou:

— Mas ela é amaldiçoada! Isso não é certo.

A mulher do homem o puxou pelo braço, tentando fazê-lo calar-se, mas ele não se conformava.

— Três ofertas? Nunca ouvi falar de algo assim!

Um rumor de consenso espalhou-se pela plateia.

Morrigan sentiu sua felicidade falhar como um lampião se apagando. O homem tinha razão. Ela era amaldiçoada. O que uma criança amaldiçoada faria com três ofertas? Nunca teria permissão para aceitá-las.

O prefeito estendeu as mãos, pedindo silêncio.

— Senhor, precisamos prosseguir ou ficaremos aqui o dia todo. Se todos, por favor, ficarem quietos, vou encontrar uma explicação para essa incomum reviravolta nos acontecimentos após a cerimônia.

Se o prefeito esperava que a calma fosse restaurada, estava prestes a se decepcionar, pois, quando pegou o envelope seguinte, ele dizia:

— “Jupiter North deseja apresentar sua oferta para...” Ah, não acredito. “Morrigan Crow.”

A confusão se instalou no auditório quando tanto crianças quanto pais se puseram de pé de um salto, gritando uns acima dos outros, seus rostos apresentando vários tons de cor-de-rosa e púrpura, exigindo saber o significado dessa loucura. Quatro ofertas! Duas eram raras e três extremamente incomuns, mas quatro? Isso era inédito!

Havia ainda mais doze ofertas para anunciar. O prefeito correu com elas, seu rosto dissolvendo-se em alívio suado cada vez que lia um nome que não era o de Morrigan. Por fim, sua mão vasculhou o fundo da caixa e saiu vazia.

— Esse foi o último envelope — disse o prefeito, fechando os olhos, em gratidão. Sua voz estava trêmula. — T-todas as crianças que receberam ofertas, por favor, dirijam-se ao fundo do auditório e, hã, nossos assistentes as conduzirão às salas de entrevista, onde vocês poderão, hã, encontrar seus potenciais patronos. Todos os outros... Tenho certeza de que vocês todos... vocês sabem. Isso não significa que não são capazes e, hã... é isso. — Ele acenou vagamente para a plateia, que entendeu o gesto como a deixa para que fossem embora.

Corvus jurou que tomaria providências, que processaria, que destituiria o prefeito do cargo — mas o prefeito insistiu em seguir o protocolo. Morrigan deveria ter permissão de encontrar seus proponentes, se assim quisesse.

E ela queria muito.

Naturalmente Morrigan sabia que nunca poderia *aceitar* nenhuma das ofertas. Ela sabia, na verdade, que assim que esses desconhecidos misteriosos descobrissem que haviam feito uma oferta a uma criança amaldiçoada, eles a retirariam, e provavelmente saíam correndo na direção oposta. Mas seria falta de educação não *ir ao seu encontro* pelo menos, raciocinou ela. Visto que tinham se dado ao trabalho de ir até ali.

Lamento, Morrigan ensaiou mentalmente, *mas estou no Registro de Crianças Amaldiçoadas. Vou morrer no Escurecer. Obrigada pelo seu tempo e interesse.*

Sim. Educada e objetiva.

Ela foi conduzida para uma sala com paredes nuas, uma mesa com uma cadeira de cada lado. Parecia uma sala de interrogatório... e, de certa forma, Morrigan suspeitava que fosse. A ideia do encontro entre patrono e criança era a de a criança poder fazer quantas perguntas desejasse, e o patrono respondê-las honestamente. Era uma das poucas coisas que ela captara no enfadonho discurso feito pelo pai no Dia da Oferta.

Não que ela fosse fazer quaisquer perguntas, lembrou Morrigan a si mesma. *Obrigada pelo seu tempo e interesse*, repetiu com firmeza em sua mente.

Um homem com cabelos castanhos desfiados ocupava uma das cadeiras, cantarolando para si mesmo. Usava um terno cinza e óculos de aros de metal, que empurrava nariz acima com um dedo pálido e fino. Ele sorriu, tranquilo, esperando que Morrigan se sentasse.

— Srta. Crow. Sou o sr. Jones. Obrigado por vir ao meu encontro.
— O homem tinha a voz macia e falava em frases simples e curtas. Sua voz pareceu familiar a Morrigan. — Vim em nome do meu patrão. Ele gostaria de lhe oferecer um estágio.

A resposta ensaiada de Morrigan fugiu de sua cabeça. Uma leve palpitação voltou ao seu estômago. Uma borboleta minúscula e otimista tinha acabado de deixar o casulo.

— Que... que tipo de estágio?

O sr. Jones sorriu. Minúsculas rugas franziram os cantos de seus olhos escuros e expressivos.

— Um estágio em sua empresa, as Indústrias Squall.

— Indústrias Squall? — perguntou ela, franzindo a testa. — Isso significa que o senhor trabalha para...

— Ezra Squall. Sim. A pessoa mais poderosa da República. — Ele baixou os olhos para a mesa. — Segunda mais poderosa, melhor dizendo. Depois de nosso grande presidente.

De repente, Morrigan se lembrou de onde conhecia aquela voz. Era o homem no rádio que falara sobre a escassez de fabulânio.

Ele tinha exatamente a aparência que deveria ter, ela pensou — sério e arrumado. De bom gosto. As mãos brancas, longas e finas uniam-se com firmeza diante dele, a pele tão pálida que quase chegava a ser translúcida. Não era muito jovem. Mas também não era velho. Não havia nada fora do lugar nele, nada que profanasse sua aparência imaculada, exceto por uma fina cicatriz branca que dividia a sobrancelha esquerda exatamente ao meio e um salpico de grisalho nas têmporas. Até mesmo seus movimentos eram precisos e deliberados, como se ele não pudesse desperdiçar energia com gestos desnecessários. Um homem perfeitamente contido.

Morrigan estreitou os olhos.

— O que a segunda pessoa mais poderosa da República poderia querer comigo?

— Não cabe a mim dizer por que o sr. Squall quer o que quer — afirmou o sr. Jones, descruzando brevemente as mãos para tornar a ajeitar os óculos. — Sou apenas seu assistente. Executo seus desejos. Neste momento, ele quer que se torne aluna dele, srta. Crow... e sua herdeira.

— Sua herdeira? O que isso quer dizer?

— Quer dizer que ele deseja que a senhorita um dia administre as Indústrias Squall em seu lugar, que seja rica e poderosa além de seus sonhos mais ambiciosos, e que lidere a maior organização, a mais influente e mais lucrativa que já existiu.

Morrigan piscou.

— Não me deixam nem lambar os envelopes em casa.

O sr. Jones pareceu achar graça.

— Não creio que tampouco vá lambar envelopes nas Indústrias Squall.

— O que eu vou fazer? — Morrigan não tinha a menor ideia do que a levava a fazer tal pergunta. Tentou lembrar-se do que planejava dizer mais cedo. Algo sobre ser amaldiçoada... *Obrigada pelo seu tempo...*

— Vai aprender a administrar um império, srta. Crow. E vai aprender com o melhor. O sr. Squall é um homem brilhante e talentoso. Ele vai lhe ensinar tudo que sabe, coisas que não ensinou a ninguém.

— Nem mesmo ao senhor?

O sr. Jones riu suavemente.

— Principalmente não a mim. No fim de seu estágio, a senhorita se verá no comando dos setores de mineração, engenharia, produção e tecnologia das Indústrias Squall. Mais de cem mil empregados por toda a República. Todos se reportando à senhorita.

Os olhos de Morrigan se arregalaram.

— Cada cidadão, cada lar neste país terá com a senhorita uma dívida de gratidão. A senhorita será sua salvadora... a provedora de seu calor, energia, alimentos, entretenimento. De cada necessidade deles, de cada desejo... todos dependentes do uso de fabulânio, e todos satisfeitos pela boa gente das Indústrias Squall. Pela senhorita.

Sua voz se tornara tão suave que era quase um sussurro. Morrigan inclinou-se para a frente, aproximando-se dele.

— Ezra Squall é o maior herói da nação — prosseguiu o sr. Jones. — Mais do que isso: ele é o deus benevolente, a fonte do conforto e da felicidade de todos. O único ser vivo com a capacidade de explorar, distribuir e controlar fabulânio. Nossa república depende totalmente dele.

Seus olhos haviam adquirido o inquietante brilho de um fanático. Um canto de sua boca curvou-se em um estranho sorriso. Morrigan encolheu-se. Ela se perguntou se o sr. Jones amava Ezra Squall, se tinha medo dele, ou se queria ser ele. Ou as três alternativas.

— Imagine, srta. Crow — sussurrou ele. — *Imagine* como deve ser se sentir tão amada. Tão respeitada e *necessária*. Um dia, se trabalhar duro e fizer como o sr. Squall ensinar... a senhorita será assim.

Ela podia imaginar. Já havia imaginado, uma centena de vezes, como seria ser amada em vez de temida. Ver as pessoas sorrirem em vez de estremecerem quando ela entrava em um ambiente. Era um de seus devaneios preferidos.

Mas não passava disso, disse Morrigan a si mesma, sacudindo as teias de aranha em sua cabeça. Um devaneio. Ela sentou-se ereta e respirou fundo, forçando a voz a manter-se firme.

— Não posso aceitar, sr. Jones. Estou no Registro de Crianças Amaldiçoadas. Eu vou... vou... bem, o senhor sabe. O-obrigada pelo seu tempo e...

— Abra — disse o sr. Jones, indicando com a cabeça o envelope na mão dela.

— O que é?

— Seu contrato.

Morrigan sacudiu a cabeça, confusa.

— M-meu o quê?

— É padrão. — Ele deu de ombros levemente. Aliás, de um ombro só. — Toda criança, ao começar seus estudos patrocinados, deve assinar um contrato, que também precisa ser assinado por um dos pais ou guardião.

Bem, assim termina a história, pensou Morrigan.

— Meu pai nunca vai assinar isto.

— Deixe que nós nos preocupemos com isso. — Ele pegou uma caneta de prata no bolso do paletó e a colocou sobre a mesa. — Tudo que você precisa fazer é assinar. O sr. Squall vai cuidar do resto.

— Mas o senhor não compreende, eu não posso...

— Compreendo perfeitamente, srta. Crow. — O sr. Jones a observava com atenção, seus olhos escuros perfurando os dela. — Mas não precisa se preocupar com maldições, registros ou o Escurecer. Não precisa se preocupar com nada, nunca mais. Não se estiver com Ezra Squall.

— Mas...

— Assine. — Ele indicou a caneta. — Assine e eu lhe prometo: um dia poderá comprar e vender cada pessoa que já a fez infeliz.

Seus olhos brilhantes e calmos e o sorriso discreto fizeram Morrigan acreditar — por um único segundo — que ele e Ezra Squall podiam, de alguma forma, ver um futuro para ela que a própria Morrigan jamais sonhara ser possível.

Ela estendeu a mão para a caneta, mas hesitou. Havia uma última pergunta queimando dentro dela, a pergunta mais importante de todas. Ela ergueu os olhos para o sr. Jones.

— Por que *eu*?

Houve uma forte batida na porta, que então se abriu, deixando o prefeito entrar, tropeçando e parecendo perturbado.

— Lamento muitíssimo, srta. Crow — disse ele, pressionando um lenço na testa. Seu terno exibia manchas de suor, e o que lhe

restava de cabelo estava em pé. — Parece que alguém fez uma brincadeira horrível com a senhorita. Com todos nós.

— B-brincadeira?

Corvus entrou silenciosamente atrás dele, a boca contraída em uma linha fina.

— Aí está você. Vamos embora. — Ele agarrou o braço de Morrigan, arrastando-a para fora da sala.

A cadeira em que ela estava sentada tombou com um estrondo.

— Nenhum de seus supostos proponentes apareceu — disse o prefeito, tentando recuperar o fôlego enquanto os seguia para o corredor. — A culpa é minha. Eu devia ter percebido. Academia Militar Não Sei o Quê, Colégio para Moças Tal e Coisa... ninguém nunca ouviu falar deles. Foram inventados, veja só. — Ele olhou de Morrigan para o pai e de volta para ela. — Sinto muitíssimo fazê-lo passar por isso, Corvus, velho amigo. Sem ressentimentos, espero...

Corvus fuzilou o prefeito com o olhar.

— Mas, esperem... — começou Morrigan.

— Você não compreende? — disse o pai com a voz fria e zangada. Ele tirou os envelopes de sua mão. — Eu fui feito de bobo. Foi tudo uma piada de alguém. Fui humilhado! Pelo meu próprio eleitorado!

Morrigan franziu a testa.

— Vocês estão dizendo que meus proponentes...

O prefeito retorcia as mãos.

— Nunca existiram de verdade. Por isso nenhum deles apareceu. Lamento que a senhorita tenha esperado.

— Mas estou tentando lhes dizer: um deles apareceu. O sr. Jones veio em nome... — Morrigan parou no meio da frase e correu de volta para a sala de entrevistas.

A cadeira dele estava vazia. Nada de caneta, nada de contrato. Ele havia desaparecido. Morrigan observou, boquiaberta, a sala vazia. Teria o sr. Jones saído de fininho enquanto eles discutiam? Teria ele mudado de ideia? Ou ele também estava pregando uma peça nela?

A realidade a atingiu rapidamente, como uma bota acertando seu estômago.

É claro que era uma piada. Por que o homem de negócios mais poderoso e importante da República iria querê-la como aprendiz? Sua herdeira? A ideia era positivamente ridícula. O rosto de Morrigan enrubesceu quando uma onda de vergonha tardia a atingiu. Como pôde ter sido tão ingênua?

— Chega dessa bobagem — disse Corvus.

Então rasgou os envelopes, e Morrigan, pesarosa, observou os minúsculos pedaços flutuarem até o chão, como flocos de neve.

O reluzente coche preto afastou-se da prefeitura, levando Morrigan e o pai. Corvus estava calado. Já voltara sua atenção à sempre presente pilha de papéis em sua pasta de couro, tentando salvar o que restava do dia de trabalho. Como se a desventura da manhã jamais tivesse acontecido.

Morrigan virou-se para observar a multidão de crianças e pais empolgados que deixava o edifício e saía para a rua, tagarelando e agitando suas cartas de ofertas no ar. Ela sentiu uma forte pontada de inveja.

Não tem importância, disse a si mesma, piscando com força, as lágrimas ferroando seus olhos. *É tudo bobagem. Não tem importância.*

A multidão parecia não querer se dispersar. Na verdade, havia tanta gente reunida na rua que o veículo parou completamente. Um fluxo de pessoas passou apressadamente por eles, as cabeças voltadas para a prefeitura, olhando para alguma coisa no céu.

— Lowry — chamou Corvus, batendo no teto do coche para alertar o condutor. — Por que a demora? Faça essas pessoas saírem da frente.

— Estou tentando, chanceler, mas...

— *Está chegando!* — gritou alguém. — *Está chegando!*

A multidão deu vivas em resposta. Morrigan esticou o pescoço, tentando ver o que estava acontecendo. As pessoas se abraçavam nas ruas — não só as crianças contempladas no Dia da Oferta, mas todo mundo, assoviando e dando gritos de alegria e atirando os chapéus para o alto.

— Por que eles estão... — começou Morrigan, mas então parou, escutando. — Por que os sinos estão tocando?

Corvus olhou para ela de maneira estranha. Os papéis escorregaram de sua mão e se espalharam pelo chão do veículo, quando ele abriu a porta e saltou para a rua. Morrigan o seguiu e, olhando para o alto, viu aquilo para que todo mundo estava correndo.

O relógio da torre.

O Relógio com Visor de Céu estava mudando. Morrigan viu quando o azul crepúsculo escureceu, tornando-se da cor da safira, depois azul-marinho e finalmente um preto profundo e impenetrável. Como um tinteiro no céu. Como um buraco negro, vindo engolir o mundo.

Os sinos estavam tocando pelo Escurecer.

Naquela noite, Morrigan ficou acordada, deitada no escuro.

Os sinos haviam tocado até a meia-noite, quando foram abruptamente substituídos por um silêncio opressivo. Tinha sido um aviso, um sinal anunciando a todos que o Escurecer estava chegando... mas, após a meia-noite, eles não precisavam mais tocar. O Escurecer estava aqui. O último dia da Era havia começado.

Morrigan sabia que deveria sentir medo, tristeza e preocupação — e sentia, sim, sentia todas essas coisas. Mas, principalmente, sentia raiva.

Ela havia sido *enganada*. Aquela deveria ser uma Era de doze anos. Todos diziam isso — Corvus, a avó, todos os encarregados do caso de Morrigan, os cronologistas nos noticiários. Doze anos de vida já era muito pouco, mas *onze*?

Agora que o Relógio com Visor de Céu tinha escurecido, os especialistas corriam para dizer que havia muito suspeitavam, que tinham lido os sinais, que se encontravam prestes a anunciar publicamente sua opinião de que esse ano, esse inverno, era o último da Era.

Mas não tem problema, todos eles diziam. Essa é uma Era de onze anos. Todo mundo comete erros, e um ano não faz muita diferença.

Exceto, é claro, que fazia toda a diferença do mundo.

Feliz aniversário para mim, pensou Morrigan, infeliz. Ela enfiou o seu coelho de pelúcia, Emmett, na dobra do braço, onde ele havia

dormido todas as noites desde que ela podia se lembrar, e o abraçou com força, tentando adormecer.

Mas ouviu um barulho. Um barulho bem baixinho, que mal pôde perceber — como um levíssimo sussurro ou lufada de ar. Então acendeu a luminária e o quarto foi banhado de luz.

Estava vazio. As batidas do coração de Morrigan se aceleraram. Ela se levantou de um salto e olhou à sua volta, debaixo da cama, abriu as portas do armário — nada.

Não. Nada, não.

Uma coisa.

Um pequeno retângulo branco se destacava nas tábuas de madeira escura do piso. Alguém havia deslizado um envelope por baixo da porta. Ela o apanhou e entreabriu a porta para espiar o corredor. Não havia ninguém ali fora.

No envelope, estava escrito com letras desalinhadas, em uma tinta preta grossa:

*Jupiter North da Sociedade Fabulosa
deseja apresentar sua oferta pela
srta. Morrigan Crow. Novamente.*

— A Sociedade Fabulosa — sussurrou Morrigan.

Então rasgou o envelope, abrindo-o, e puxou dois pedaços de papel. Um deles era uma carta, o outro um contrato — digitado e de aspecto oficial, com duas assinaturas no fim. Acima da palavra PATRONO via-se a assinatura grande e elaborada de Jupiter North. A segunda, acima de PAI OU GUARDIÃO, ela não conseguia ler e não reconheceu. Certamente não era a letra de seu pai.

O terceiro espaço — CANDIDATO — estava em branco. À espera. Morrigan leu a carta, sentindo-se absolutamente perplexa.

Cara srta. Crow,

Parabéns! A senhorita foi selecionada por um de nossos membros como uma candidata para entrar na Sociedade Fabulosa.

Por favor, tenha ciência de que sua admissão não está garantida. A filiação à Sociedade é extremamente limitada, e todo ano centenas de candidatos esperançosos disputam uma vaga entre nossos alunos.

Se deseja se filiar à Sociedade, por favor assine o contrato anexo e devolva-o ao seu patrono até o último dia do Inverno do Ano Onze. Os

testes de admissão terão início na primavera.

Nós lhe desejamos toda a sorte.

Com nossos cumprimentos,

Anciã G. Quinn

Casa do Orgulho

Nevermoor, EL

No pé da página, em um rabisco apressado feito em tinta preta, havia uma mensagem breve porém empolgante:

Esteja pronta

— J.N.

CAPÍTULO TRÊS

A morte vem para o jantar

Na noite do Escurecer, mesmo as ruas da insípida e conservadora Chacalfax ganharam vida.

O trecho pavimentado da Estrada do Império havia passado do alegre zumbido de animação da manhã para um festejo barulhento e incontrolável nas horas que antecederam a meia-noite. Bandas de rua tocavam em troca de moedas em cada esquina, competindo pela atenção dos passantes. Lanternas coloridas sacudiam-se com bandeirinhas e fios de lâmpadas minúsculas, e o ar cheirava a cerveja, açúcar queimado e carne grelhando no espeto.

O escurecido Relógio com Visor de Céu pairava acima dos festejos. À meia-noite ele desbotaria para a cor do Alvorecer — um pálido e promissor cor-de-rosa — e a Primavera do Ano Um traria um novo começo para todos. A noite era extraordinária e repleta de possibilidades.

Isto é, para todos, exceto Morrigan Crow. A noite de Morrigan guardava apenas uma possibilidade. Como todas as outras crianças nascidas precisamente há onze anos, no último Escurecer, quando o relógio marcava meia-noite, ela iria morrer — finalizados os breve onze anos de sua malfadada vida, a maldição finalmente cumprida.

Os Crows estavam celebrando. Mais ou menos.

Era uma ocasião sombria na casa da colina. As luzes estavam quase todas apagadas, as cortinas fechadas. O jantar era o prato preferido de Morrigan: costeletas de cordeiro, nabo ao forno e ervilhas com hortelã. Corvus odiava nabo e em geral nunca permitia que fosse servido quando jantava em casa, mas manteve um silêncio soturno quando a empregada serviu uma imensa montanha da raiz em seu prato. Morrigan achou que isso era altamente revelador da delicadeza da ocasião.

A sala estava silenciosa, exceto pelo suave arranhar dos talheres na porcelana. Morrigan tinha consciência de cada bocado que engolia, cada gole frio de água que tomava. Ela ouvia cada tique-taque do relógio na parede como um tambor de uma banda marcial, aproximando-a cada vez mais do momento em que deixaria de existir.

Esperava que fosse indolor. Tinha lido em algum lugar que, quando uma criança amaldiçoada morria, era em geral rápido e sereno — exatamente como adormecer. Ela se perguntou o que

aconteceria depois. Iria mesmo para o Melhor Lugar, como a cozinheira uma vez lhe dissera? A Coisa Divina era real, e a aceitaria de braços abertos, como lhe prometeram? Morrigan tinha de ter esperanças que sim. A alternativa era simplesmente insuportável de se considerar. Depois de ouvir as histórias da cozinheira sobre a Coisa Maligna que morava no Pior Lugar, ela dormira com a luz acesa durante uma semana.

Era estranho celebrar a noite de sua própria morte, pensou. Não parecia um aniversário. Não parecia de jeito nenhum uma comemoração. Era mais como o seu funeral antes da morte.

Justo quando ela se perguntava se alguém diria algumas palavras sobre ela, Corvus pigarreou. Morrigan, Ivy e a avó olharam para ele, as mãos parando a meio caminho da boca com os garfos cheios de cordeiro e ervilha.

— Eu, hã, só queria dizer — começou ele, e então pareceu perder o ímpeto. — Eu queria dizer...

Os olhos de Ivy lacrimejaram e ela apertou a mão dele, encorajando-o.

— Prossiga, querido.

— Eu só... — Ele tentou novamente, pigarreando ruidosamente. — Eu queria dizer que... que o cordeiro está muito bom. Cozido à perfeição. Saboroso e succulento.

Houve murmúrios de consenso em torno da mesa, e então um tilintar de talheres quando todos voltaram a comer. Provavelmente isso era o máximo que ela teria, percebeu Morrigan. E não podia dizer que discordava em relação ao cordeiro.

— Bem, se ninguém se importar — disse Ivy, limpando a boca graciosamente com seu guardanapo de linho. — Não faz muito tempo que sou parte desta família, mas pensei que talvez fosse adequado eu dizer alguma coisa esta noite.

Morrigan empertigou-se na cadeira. Isso deveria ser bom. Talvez Ivy fosse se desculpar por fazê-la usar aquele vestido de chiffon cheio de babados, que a espetava toda, no casamento. Ou talvez ela fosse confessar que, embora mal tivesse dirigido uma dúzia de palavras a Morrigan desde que se mudara para aquela casa, ela verdadeiramente a amava como filha, e desejava que pudessem ter mais tempo juntas, e que sentiria muitíssimo a falta dela e

provavelmente choraria baldes no enterro, o que arruinaria sua maquiagem, fazendo-a escorrer em feios rios negros pelo seu lindo rosto — mas ela nem se importaria em ficar feia porque só estaria pensando na doce, doce Morrigan. Morrigan estampou no rosto uma expressão de humilde serenidade.

— Corvus não estava seguro se eu deveria dizer alguma coisa, mas sei que Morrigan não vai se importar...

— Continue — disse Morrigan. — Está tudo bem. De verdade, vá em frente.

Ivy sorriu radiante para ela (pela primeira vez na vida) e, encorajada, levantou-se da cadeira.

— Corvus e eu vamos ter um bebê.

A sala mergulhou no silêncio. Então um estrondo veio do vão da porta quando a empregada deixou cair uma travessa. Corvus tentou sorrir para sua jovem esposa, mas o resultado acabou mais parecido com uma careta.

— Bem? — Ivy os incentivou. — Vocês não vão nos dar os parabéns?

— Ivy, querida — disse a avó, dirigindo um sorriso gelado para a nora. — Talvez o seu anúncio tivesse uma recepção melhor em um momento menos delicado. Por exemplo, um dia *depois* daquele em que foi previsto que minha única neta nos deixará tragicamente aos onze anos de idade.

Estranhamente, suas palavras fizeram Morrigan animar-se um pouco. Aquela talvez fosse a coisa mais sentimental que já ouvira da avó. Ela sentiu um inesperado carinho em relação à velha ave de rapina.

— Mas isso é uma coisa boa! Vocês não veem? — replicou Ivy, olhando para Corvus em busca de apoio. Ele apertava o osso do nariz, como se tentando espantar uma dor de cabeça. — É como... o ciclo da vida. Uma vida pode se extinguir, mas outra está sendo trazida ao mundo. Ora, é praticamente um milagre!

A avó gemeu baixinho.

Ivy insistiu:

— Você vai ter um *novo* neto, Ornella. Corvus vai ter uma nova filha. Ou um filho! Não seria lindo? Um garotinho, Corvie... você disse

que sempre quis um menino. Podemos vesti-lo com terninhos pretos para combinar com o papai.

Morrigan tentou não rir da expressão sombria no rosto do pai.

— Sim! Encantador — disse ele, pouco convincente. — Mas talvez seja melhor celebrarmos mais tarde.

— Mas... Morrigan não se importa. Não é, Morrigan?

— Me importar com o quê? — perguntou ela. — Que vou ser apagada da face da Terra em poucas horas e você já está planejando o guarda-roupa do meu substituto? Nem um pouco. — Ela enfiou uma garfada de nabo na boca.

— Ah, pelo amor de Deus! — sibilou a avó, fuzilando com os olhos o filho na outra ponta da mesa. — Nós não íamos mencionar a palavra com M.

— Não fui eu — protestou Corvus.

— Eu não falei “morta”, vó — disse Morrigan. — Falei “apagada da face da Terra”.

— Bem, pare com isso. Você está deixando seu pai com dor de cabeça.

— Ivy disse “extinguir”. É muito pior.

— Basta.

— Alguém se importa que eu esteja *grávida*? — gritou Ivy, batendo o pé no chão.

— Alguém se importa que eu esteja *prestes a morrer*? — gritou Morrigan de volta. — Podemos, *por favor*, falar sobre mim por um minuto?

— *Eu disse para não falar a palavra com M!* — trovejou a avó.

Houve três batidas altas na porta da frente. O silêncio caiu sobre a sala.

— Quem diabos faria uma visita a essa hora? — sussurrou Ivy. — Repórteres? Já? — Ela alisou os cabelos e o vestido, pegando uma colher para conferir seu reflexo.

— Abutres. Tentando colher notícia fresca, é? — disse a avó. Então dirigiu-se à criada: — Despache-os com sua cara mais desdenhosa.

Momentos depois ouviram uma conversa breve e murmurada vindo do saguão de entrada, seguida por passos de botas pesadas

se aproximando pelo corredor, os tímidos protestos da empregada ecoando logo atrás.

O coração de Morrigan batia forte a cada passo. *É ela?*, pensou. *É a Morte vindo me levar? A Morte usa botas?*

Um homem surgiu no vão da porta, sua silhueta desenhada contra a luz.

Era alto e esguio, de ombros largos. Seu rosto estava parcialmente oculto por um grosso cachecol de lã, e a metade visível era feita de sardas, olhos azuis observadores e um nariz comprido e largo.

Com seu mais de 1,80 metro de altura, estava vestido em um casaco azul comprido sobre um elegante terno com botões de madrepérola — estiloso, mas ligeiramente inadequado, como se tivesse acabado de vir de um compromisso formal e estivesse no processo de se despir a caminho de casa. Preso à lapela do casaco via-se um pequeno F dourado.

Ele ficou parado com os pés afastados e as mãos enfiadas nos bolsos da calça, recostado casualmente no portal, como se tivesse passado metade da vida naquela casa e não lhe ocorresse um lugar em que se sentisse mais à vontade. Como se fosse ele o proprietário do Solar dos Corvos e os Crows fossem simplesmente seus convidados para o jantar.

Seus olhos fixaram-se nos de Morrigan. Ele sorriu.

— Olá, você.

Morrigan não disse nada. Somente o tique-taque do relógio na parede quebrava o silêncio.

— Desculpem o atraso — prosseguiu ele, a voz ligeiramente abafada pelo cachecol. — Estava em uma festa numa remota ilha em Jet-Jax-Jaida. Comecei a conversar com um *queridíssimo* velhinho, um trapezista (sujeito fascinante, uma vez se pendurou sobre um vulcão ativo em um evento de caridade) e esqueci totalmente do fuso horário. Que tolo que sou. Mas não há de ser nada, aqui estou agora. Suas coisas estão prontas? Estou estacionado aí na frente. Isso aí é nabo? Que delícia.

A avó devia estar em choque, pois não disse uma só palavra quando o homem surrupiou um pedaço grande de nabo assado direto da travessa e o comeu, lambendo os dedos com prazer. Na

verdade, todos os Crows pareciam ter perdido a capacidade da fala, e Morrigan não era uma exceção.

Vários momentos se passaram enquanto a visita indesejada se balançava nos calcanhares e esperava educadamente, até que uma coisa lhe ocorreu.

— Eu ainda estou de chapéu, não é? Meu Deus. Que grosseria. — Ele arqueou uma sobrancelha para sua plateia estupefata. — Não se assustem: sou ruivo.

Ruivo era um eufemismo, pensou Morrigan, tentando ocultar sua perplexidade quando ele tirou o chapéu. *Ruivo do Ano, Rei Ruivo ou Grande Presidente da Ruivice da Fundação Ruiva para os Incuravelmente Ruivos* teria sido mais preciso. Sua cabeleira de brilhantes ondas cor de cobre poderia provavelmente ter conquistado prêmios. Ele desenrolou o cachecol, revelando a barba de uma tonalidade apenas ligeiramente menos chocante.

— Hã — disse Morrigan, com toda a eloquência que conseguiu reunir. — Quem é você?

— Jupiter. — Ele correu os olhos pela sala à procura de sinais de reconhecimento. — Jupiter North? Jupiter North da Sociedade Fabulosa? Seu patrono.

Seu patrono. Jupiter North. *Seu* patrono. Morrigan sacudiu a cabeça, incrédula. Isso era outra pegadinha?

Ela havia assinado o contrato. É claro que assinara, porque fora maravilhoso, *sensacional* fazer de conta — por cinco minutos apenas — que tudo era verdade. Que havia mesmo alguma coisa chamada Sociedade Fabulosa, e que eles a haviam convidado, a *ela* — Morrigan Crow, entre todas as pessoas! — para filiar-se. Que ela viveria o suficiente para começar os misteriosos testes na primavera. Que um futuro empolgante esperava por ela do outro lado do Escurecer.

É claro que ela havia assinado no espaço em branco no pé da folha. Tinha até desenhado um corvinho preto ao lado do seu nome, para disfarçar um borrão de tinta que havia caído de sua caneta.

Em seguida, ela jogara o contrato no fogo.

Não havia nem por um só segundo acreditado que aquilo fosse real. Não mesmo. Não de verdade.

Corvus finalmente encontrou a voz:

— Disparate!

— Saúde — disse Jupiter enquanto renovava suas tentativas de conduzir Morrigan da sala de jantar para o corredor. — Receio que tenhamos mesmo de nos apressar, Morrigan. Quantas malas você tem?

— Malas? — ecoou ela, sentindo-se lenta e burra.

— Minha querida — disse ele —, você *fez* suas malas, não fez? Ah, deixa pra lá, vamos comprar uma escova de dentes para você quando chegarmos lá. Acredito que já tenha se despedido, mas temos tempo para uma rápida rodada de beijos e abraços antes de partirmos.

Seguindo aquela extraordinária sugestão (outra novidade na casa dos Crows), Jupiter correu em torno da mesa, apertando um Crow de cada vez. Morrigan ficou dividida entre rir ou sair correndo quando ele se inclinou para plantar um beijo sonoro e molhado no rosto horrorizado do pai.

— Já chega! — berrou Corvus, levantando-se da cadeira. Uma coisa era um homem chegar sem ser anunciado no Solar dos Corvos no Escurecer, mas outra bem diferente era trazer consigo a noção de afeto físico. — Você não é patrono de ninguém. Saia da minha casa imediatamente, antes que eu chame a guarda municipal.

Jupiter sorriu, como se achasse graça na ameaça.

— Eu *sou* o patrono de alguém, sim, chanceler Crow. Sou o patrono desta criança de passos lentos, mas afora isso encantadora. É tudo legal e transparente, posso lhe assegurar. Ela assinou o contrato. Eu o tenho bem aqui.

Ele sacou um pedaço de papel amassado, com marcas de dobras e sujo, que Morrigan reconheceu. Jupiter apontou sua assinatura, completa, com o corvinho preto na mancha de tinta accidental.

Mas isso era impossível.

— Não compreendo — disse Morrigan, sacudindo a cabeça. — Eu o vi queimar até se tornar cinzas.

— Ah, trata-se de um contrato Fabuloso. — Ele o agitou no ar com cuidado. — Ele cria cópias idênticas ao original assim que você o assina. Mas isso explica as bordas chamuscadas...

— Eu nunca assinei isso — disse Corvus.

Jupiter deu de ombros.

— Eu nunca lhe pedi.

— Sou o pai dela! O contrato exige a minha assinatura.

— Na verdade, só exige a assinatura de um guardião adulto, e...

— Contratos Fabulosos são ilegais — disse a avó, finalmente recuperando a voz —, como previsto na Lei de Uso Inapropriado de fabulânio. Vamos mandar prendê-lo.

— Bem, é melhor ser rápida então, eu só tenho alguns minutos — replicou Jupiter, parecendo entediado e consultando o relógio. — Morrigan, precisamos mesmo ir. Nosso tempo está se esgotando.

— Eu sei que o tempo está se esgotando — disse Morrigan. — Mas o senhor se enganou, sr. North. Não pode ser meu patrono. Hoje é meu aniversário.

— Mas é claro! Feliz aniversário! — Ele estava distraído, indo até as janelas para espiar pelas cortinas. — Porém, importa-se se comemormos mais tarde? Está ficando bem tarde e...

— Não, o senhor não compreendeu — interrompeu ela. As palavras lhe pareciam pesadas e secas na boca, mas ela as forçou a sair. — Estou no Registro de Crianças Amaldiçoadas. Esta noite é o Escurecer. Vou morrer à meia-noite.

— Puxa, que figurinha negativa você é.

— Foi por isso que queimei o contrato. Ele é inútil. Sinto muito.

Jupiter agora olhava com ansiedade pela janela, uma ruga marcando sua testa.

— Mas, de qualquer forma, você *assinou* o contrato antes de queimá-lo — disse, sem olhar para ela. — E quem diz que você vai morrer? Não precisa morrer se não quiser.

Corvus deu um soco na mesa.

— Isto é intolerável! Quem você pensa que é para entrar assim levianamente na minha casa e aborrecer minha família com esta bobagem?

— Já lhe disse quem sou. — Jupiter usava um tom paciente, como se falasse com uma criança insensata. — Meu nome é Jupiter North.

— E eu sou Corvus Crow, o chanceler do Grande Acrelupino e membro graduado do Partido do Mar Invernal — replicou Corvus, estufando o peito. Agora ele havia engrenado. — Exijo que o senhor se retire imediatamente, e me permita lamentar a morte da minha filha em paz.

— *Lamentar a morte da sua filha?* — ecoou Jupiter.

Ele deu dois passos deliberados na direção de Corvus e parou, os olhos reluzindo.

Os pelos nos braços de Morrigan se arrepiaram. A voz de Jupiter baixou uma oitava inteira, e ele falou com uma raiva fria e contida que dava medo.

— Será que o senhor está se referindo à filha que está de pé bem aqui à sua frente? A que está comprovada, magnífica e *esplendidamente* viva?

Corvus apontou para o relógio na parede, a mão trêmula, e falou, indignado:

— Bem, *espere algumas horas!*

Morrigan sentiu alguma coisa apertar em seu peito, e ela não sabia bem por quê. Sempre soubera que ia morrer no Escurecer. Seu pai e sua avó nunca fizeram segredo disso. Não deveria ser nenhuma surpresa que Corvus estivesse resignado ao seu destino, mas Morrigan de repente percebeu que, para ele, ela podia muito bem já estar morta. Talvez, no coração dele, já estivesse morta havia anos.

— Morrigan — disse Jupiter, numa voz muito diferente da que ele acabara de usar com seu pai —, você não quer *viver*?

Morrigan encolheu-se. Que espécie de pergunta era aquela?

— O que eu quero não importa.

— Importa — insistiu ele. — Importa muito, muitíssimo. Neste momento, é a única coisa que importa.

Os olhos dela foram do pai para a avó e depois para a madrasta. Todos a observavam atentamente, constrangidos, como se a vissem de fato pela primeira vez.

— É claro que eu quero viver — disse ela baixinho. Era a primeira vez na vida que pronunciava essas palavras. O aperto em seu coração afrouxou um pouco.

— Boa escolha. — Jupiter sorriu e a nuvem desapareceu de seu rosto tão rápido quanto havia aparecido. Ele tornou a voltar-se para a janela. — A morte é chata. A vida é muito mais divertida. Coisas acontecem na vida o tempo todo. Algumas coisas imprevisíveis. Outras coisas que você não poderia mesmo esperar porque são muito... inesperadas. — Ele deu um passo atrás, afastando-se da janela e tentando alcançar Morrigan cegamente, procurando pegar a

mão dela. — Por exemplo, aposto que você não esperava que sua assim chamada morte fosse chegar três horas antes.

Morrigan sentiu uma espécie de pó cair em seu rosto. Passando a mão para limpar, ela olhou para o alto e viu as luminárias se sacudindo e rachaduras surgindo no gesso. As lâmpadas estalavam e zumbiam. As janelas começaram a chacoalhar. Ela sentiu um leve cheiro de queimado no ar.

— O que é isso? — Ela apertou a mão de Jupiter automaticamente. — O que está acontecendo?

Ele inclinou-se para sussurrar em seu ouvido.

— Você confia em mim?

Ela respondeu sem pensar.

— Sim.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Muito bem. — Ele a olhou bem dentro dos olhos. O chão tremeu sob seus pés. — Vou arrancar essa cortina em um instante. Mas o que quer que você veja lá fora, não deve temer. Eles sabem quando você sente medo.

Morrigan engoliu em seco.

— Eles?

— Apenas me siga e você vai ficar bem. Sim? Sem medo.

— Sem medo — repetiu Morrigan.

Enquanto isso, o medo havia armado acampamento em seu estômago e estava dando uma festa. Uma roda-gigante de medo girava preguiçosamente em seu abdome. O medo, em forma de elefantes dançarinos de circo, dava cambalhotas em seu trato intestinal.

— Que diabos vocês estão conversando aí? — perguntou a avó. — O que ele está dizendo a você, Morrigan? Eu exijo...

Em um movimento súbito, Jupiter pegou um punhado de pó prateado em seu bolso e o soprou na direção de Corvus, de Ivy e da avó, como um beijo estrelado e nebuloso, e então subiu na janela com um salto e arrancou a cortina, deixando-a cair em uma pilha bagunçada no meio da sala.

Ele se deteve para olhar sua obra e sacudiu a cabeça lenta e pesarosamente.

— Sinto muitíssimo. Que trágico perdê-la tão jovem.

Corvus franziu a testa e piscou, parecendo hesitar. Seus olhos estavam vidrados.

— Trágico?

— Humm — disse Jupiter, passando o braço pelos ombros de Corvus e o levando até a pilha de tecido. — Querida, querida Morrigan. Tão cheia de vida. Tanto a compartilhar com o mundo. No entanto, foi levada! Cedo demais.

— Cedo demais. — Corvus assentiu, concordando, em choque. — Cedo demais mesmo.

Jupiter passou o outro braço em torno de Ivy e a puxou para seu peito.

— Vocês não devem se culpar. Embora pudessem um pouquinho, se quisessem. — Ele piscou para Morrigan, que sentiu uma risadinha histérica abrindo caminho por sua garganta. Eles acreditavam mesmo que aquela cortina era ela, caída morta no chão? Ela estava bem diante deles!

— Ela parece tão pequena. — Ivy fungou e limpou o nariz com a manga. — Tão pequena e magrinha.

— Sim — disse Jupiter. — Quase como se fosse... feita de pano.

Morrigan bufou, mas os Crows não deram sinal de que a tinham ouvido.

— Vou deixá-los para tomar as providências necessárias. Vai precisar fazer uma declaração para a imprensa, chanceler. Mas, antes que eu vá, permita-me sugerir um caixão fechado para o enterro. Caixões abertos são muito vulgares.

— Sim — disse a avó, olhando para a Morrigan-cortina. — De fato. Muito vulgares.

— O que foi que você fez? — sussurrou Morrigan para Jupiter. — O que é aquela coisa prateada?

— Totalmente ilegal. Faça de conta que você não viu.

Uma luminária oscilou violentamente, lançando sombras pela sala. O cheiro inconfundível de fumaça de madeira encheu o ar. O chão começou novamente a tremer, e a distância Morrigan ouviu algo como uma chuva forte ou o estrondo de um trovão ou... seriam *cascos de cavalos*?

Ela virou-se para a janela e sentiu um medo quente e formigante correr ao longo de sua espinha. O pânico subiu como bile em sua garganta.

Ela podia vê-la. Podia ver sua morte chegando.

CAPÍTULO QUATRO

Os Caçadores de Fumaça e Sombra

Atravessando a floresta esparsa e transpondo a crista da colina, uma forma escura e disforme aproximava-se do Solar dos Corvos.

Para Morrigan, parecia um enxame de gafanhotos ou uma nuvem de morcegos, mas era rasteira e ruidosa demais para que fosse uma ou outra coisa. O som de cascos tornou-se ensurdecedor quando a massa escura chegou ainda mais perto. Em meio ao pretume havia centenas de pontinhos de uma luz vermelha flamejante, que iam se tornando mais e mais brilhantes a cada segundo.

A figura amorfa começou a tomar forma. Cabeças, rostos e pernas destacavam-se do enxame, e Morrigan sentiu um peso no estômago. As luzes vermelhas cintilantes não eram luzes, de modo algum. Eram olhos. Olhos de homens, olhos de cavalos e olhos de cães de caça.

Não indivíduos feitos de carne. Era mais como uma única sombra viva. Eles eram escuridão — uma total ausência de luz. E se moviam com um propósito.

Estavam caçando.

Morrigan não conseguia respirar. Seu peito subia e descia enquanto ela tentava inspirar ar suficiente para encher os pulmões.

— O que são eles?

— Agora não — disse Jupiter. — Temos de correr.

Mas os pés de Morrigan pareciam presos ao chão. Ela não conseguia se afastar da janela. Jupiter agarrou-a pelos ombros e a encarou, fitando-a nos olhos.

— Sem medo. Lembra? — disse ele, sacudindo-a de leve. — Guarde para mais tarde.

Jupiter levou Morrigan para o corredor. Ela parou junto à porta.

— Espere! E eles? — perguntou, voltando-se e olhando para os Crows.

Eles ainda estavam reunidos em torno da cortina no chão, alheios ao som e à visão de uma centena de caçadores espectrais vindo em alta velocidade na direção da casa.

— Não podemos simplesmente ir embora... — disse Morrigan.

— Eles vão ficar bem. Os Caçadores não podem tocá-los. Eu garanto. *Venha*.

— Mas...

Jupiter continuou a puxá-la.

— É você que eles estão caçando, Morrigan. Quer ajudar sua família? Então precisa ir para bem, bem longe desta casa.

— Então por que estamos *subindo* a escada?

Jupiter não respondeu. Quando chegaram ao terceiro andar, ele correu para a janela mais próxima e a escancarou, pondo a cabeça para fora.

— Isto vai servir. Pronta? Vamos para a claraboia.

Morrigan olhou pela janela e deu com a máquina mais estranha que já tinha visto.

Como chanceler do estado, os mais variados tipos de veículos buscaram seu pai no Solar dos Corvos ao longo dos anos. Corvus ainda preferia, para o uso diário, sua antiquada carruagem puxada por cavalos, mas às vezes o Partido do Mar Invernal enviava luxuosos coches de vidro escuro com motores mecânicos roncando, e uma vez até uma pequena aeronave pilotada que precisou de uma permissão especial para pousar no telhado. Os vizinhos, boquiabertos, haviam se reunido para olhar e tirar fotos.

Corvus, porém, até onde ela sabia, jamais havia viajado em uma reluzente cápsula de bronze de dois andares, que se erguia em oito pernas magricelas, como uma enorme aranha metálica. *O que os vizinhos achariam DISTO?*, perguntou-se Morrigan, seus olhos parecendo pires.

— Não estacionei suficientemente perto — disse Jupiter. — Vamos ter de tomar impulso quando saltarmos.

Saltarmos? Certamente ele não esperava que ela saltasse de uma janela no terceiro andar...

Jupiter subiu no parapeito e impulsionou o corpo de modo que a maior parte dele ficou para fora da janela. Então estendeu a mão para Morrigan.

— Quando chegarmos ao três, ok?

— Não. — Ela sacudiu a cabeça, afastando-se da janela. — Não está nada ok. É o oposto de ok.

— Morrigan, eu admiro seu instinto de autopreservação. De verdade. Mas acho que, se você olhar por cima do ombro, seu instinto talvez lhe diga para saltar da janela.

Morrigan olhou.

Perigosamente perto do topo da escada, estava um cão que mais parecia um lobo com olhos vermelhos reluzentes, os dentes à mostra em um rosnado baixo. O restante do bando alcançava lentamente os últimos degraus atrás dele. Pelo menos uma dúzia, talvez mais. Eles se empurravam uns aos outros, brigando por uma posição melhor, tentando morder com as ferozes mandíbulas e grunhindo à medida que se aproximavam de Morrigan, paralisada ao lado da janela.

— S-sem medo — sussurrou ela, enquanto cada célula do seu corpo dizia: *Com muito medo*.

— Quando chegarmos ao três. — Jupiter pegou a mão de Morrigan para ajudá-la a subir no peitoril. — Um...

Um segundo membro da matilha juntou-se ao primeiro cão no patamar, depois um terceiro, todos com os mesmos dentes amarelos e afiados, olhos inflamados e a pelagem enevoadada e espiralante, negra como piche. Seus rosnados vibravam pelo chão até os dedos dos pés de Morrigan.

— Dois...

Ela deu um passo para trás e procurou, desesperada, segurar-se em Jupiter quando seu pé não tocou em nada, apenas no ar. Ele a abraçou e ela sentiu quando ele se inclinou para trás, levando-a com ele. Os cães lançaram-se sobre Morrigan.

— Três!

O ar frio e cortante zunia por seus ouvidos enquanto ela caía. Houve um estrondo de vidros se estilhaçando e então os dois aterrissaram pesadamente — os braços de Jupiter segurando Morrigan com força, o corpo dele amortecendo sua queda — no piso no interior do corpo da aranha de bronze gigante. Acima deles, os cães desapareceram da janela.

— Ai! — gemeu Jupiter. — Vou me arrepender disso amanhã. Vamos lá.

Ele rolou Morrigan para o chão. Ela se encolheu quando um caquinho de vidro se enterrou na palma de sua mão.

— Para onde eles foram?

— Não sei. Mas não vão demorar a reaparecer. Segure-se em alguma coisa — disse Jupiter.

Ele correu para um painel de comando na frente do veículo e começou a puxar alavancas. O motor rugiu, ganhando vida, e a

aranha deu uma guinada para a frente, lançando Morrigan de cara na parede. Ela sentiu a náusea vindo de seu estômago.

— O trecho inicial é sempre um solavanco. E o último também. Mas não se preocupe. O meio é suave como seda. Às vezes. Depende, na verdade.

Morrigan entrou tropeçando na cabine atravancada e segurou-se no encosto de uma antiga cadeira de couro, na qual Jupiter se encontrava sentado diante dos controles. Ela tirou o caquinho de vidro da mão e o jogou fora, limpando o sangue no vestido.

— O que *eram* eles?

— Os Caçadores de Fumaça e Sombra. — Jupiter lançou um olhar sombrio por sobre o ombro enquanto a aranha se afastava lentamente da casa.

— Caçadores de... — Morrigan cobriu a boca com a mão, tentando não despejar o jantar sobre o painel de reluzentes botões e alavancas de Jupiter... ou pior, na cabeça dele. Tinha a sensação de estar em um barco pequeno no meio de um mar turbulento. — O que eles querem comigo?

Mas Jupiter estava ocupado, tentando conduzir, mudar a marcha e manter-se na posição vertical ao mesmo tempo.

— Sente-se no banco do passageiro e coloque o cinto de segurança — disse ele, fazendo um gesto com a cabeça na direção da cadeira de aspecto surrado à sua esquerda.

Morrigan foi até ela com alguma dificuldade e prendeu o cinto de segurança com um clique depois de cruzá-lo sobre o peito.

— Pronta? Segure-se.

A aranha subiu pelos portões do Solar dos Corvos em passadas largas e cambaleantes. A floresta assomava adiante, mas Jupiter desviou a direção, rumando para o centro de Chacalfax. Na estrada pavimentada, os movimentos da aranha mecânica se tornaram mais estáveis à medida que ela ganhava velocidade colina abaixo.

Chacalfax estava banhada com a luz e o ruído do início do espetáculo de fogos, e uma multidão havia se reunido para ver a noite se iluminar com todas as cores. Morrigan nunca tinha visto a Estrada do Império tão cheia de gente.

A máquina de oito pernas atravessou correndo o centro da cidade, margeando a multidão. Jupiter não podia ter escolhido momento

melhor: o espetáculo no céu era um brilhante disfarce para sua fuga dos Caçadores de Fumaça e Sombra. Todos estavam olhando para cima, os ouvidos preenchidos com silvos e explosões.

— Não devíamos estar indo para longe da cidade, ao invés de para o centro dela? — indagou Morrigan.

— Estamos pegando um atalho — disse Jupiter.

Ele estava seguindo diretamente para a prefeitura. O veículo ergueu-se em sua altura máxima com um rangido das articulações de metal, deslocando-se delicadamente no meio da multidão, como se estivesse andando na ponta dos pés.

— O que é esta coisa? — perguntou Morrigan. — Esta coisa-aranha?

— Esta “coisa-aranha”, como você indelicadamente a batizou — disse Jupiter, dirigindo-lhe um olhar de censura —, chama-se aracnicápsula, e é a máquina mais espetacular que já foi inventada.

Uma explosão de fogos de artifício particularmente ruidosa sacudiu o céu noturno, deixando um rastro de fumaça em forma de flores. A multidão emitiu exclamações de deleite.

— Linda, não é? O nome dela é *Octavia*. Uma das duas únicas aracnicápsulas já construídas. Eu conheci o inventor. Pode puxar essa alavanca azul para mim, por favor? Não, a outra. Isso.

A aracnicápsula trepidou e parou. Jupiter franziu a testa. Então se levantou e correu até a traseira da cápsula, olhando, ansioso, pelas paredes de vidro abobadadas.

— Alguma coisa errada?

— Veículos interessantes como este estão fora de moda agora, naturalmente — continuou ele, como se nada tivesse acontecido. — Mas eu nunca vou abrir mão da velha Occy. Ela é confiável demais. Aeronaves e automóveis são muito modernos e chamativos, mas é como sempre digo: você não pode rolar sobre uma montanha, nem voar debaixo d’água. Octavia pode ir praticamente a qualquer lugar. O que é útil em momentos assim. Parece que estamos encurralados.

Ele voltou ao painel de controle, estendeu a mão para o teto e puxou uma tela com quatro imagens diferentes. Cada uma delas mostrava uma visão diferente da aracnicápsula.

Os Caçadores de Fumaça e Sombra os haviam alcançado. Os dois estavam cercados por todos os lados por homens montados em

cavalos e seus cães salivando.

— Como isso pode ajudar em momentos como este? — O coração de Morrigan batia disparado. *Pronto*, ela pensou. *Estamos cercados. É o fim*. — Não estou vendo nenhuma montanha nem água!

— Não, montanhas não — refletiu Jupiter. — Mas tem... *aquilo*.

Ela seguiu o olhar dele até o topo da torre do relógio.

— A melhor coisa em matéria de aranhas — disse ele, prendendo novamente o cinto em seu assento — é a maneira como andam. Aperte o cinto, Morrigan Crow. E o que quer que aconteça, não feche os olhos.

— O que acontece se eu fechar os olhos?

— Vai perder toda a diversão.

Morrigan mal tinha conseguido verificar seu cinto quando a aracnicápsula de repente recuou, lançando-a contra a cadeira. Duas enormes pernas metálicas prenderam-se aos beirais da prefeitura, e a cápsula elevou-se, avançando mais e mais na direção da fachada negra e insondável do Relógio com Visor de Céu.

— Não é ideal, mas, como porta de emergência improvisada, não é a pior ideia que já tive.

Ela não fazia a menor ideia do que ele estava falando.

— Porta para onde?

— Você vai ver.

Morrigan olhou para trás através da abóboda de vidro. O solo oscilava metros abaixo, e pior: os imensos caçadores de fumaça negra haviam desmontado e estavam subindo a torre.

— Eles estão vindo atrás da gente! — gritou Morrigan.

Jupiter fez uma careta, mas não olhou para trás.

— Não por muito tempo. Os Caçadores não podem nos seguir aonde estamos indo.

— Aonde estamos indo?

Alcançaram o topo da torre quando a exibição de fogos de artifício chegava ao seu dramático clímax, com explosões de vermelho, dourado, azul e roxo iluminando o céu noturno.

— Estamos a caminho de casa, Morrigan Crow.

A aracnicápsula pôs uma das pernas finas e compridas diretamente no relógio. O vidro não quebrou — nem mesmo rachou. Outra perna o atravessou, ondulando gentilmente o visor do relógio,

como uma pedra na superfície de um lago fundo e escuro. Morrigan observava, boquiaberta. Mais uma coisa impossível em uma noite cheia de coisas impossíveis.

Ela se virou para trás. Os caçadores estavam tão perto que seu bafo seria capaz de embaçar a abóbada de vidro de Octavia. Eles estenderam os braços esqueléticos, como se quisessem agarrar Morrigan através da janela traseira e puxá-la para baixo, para sua morte. Ela queria fechar os olhos — mas não conseguia desviá-los.

Com um esforço final, a aracnicápsula lançou-se para a frente e despencou pelo visor do relógio, rodando sem parar, lançando Morrigan para dentro do desconhecido.

O som da explosão dos fogos de artifício desapareceu. O mundo ficou em silêncio.

CAPÍTULO CINCO

Bem-vinda a Nevermoor

Primavera do Ano Um

Eles aterrissaram com um baque. Fora da aracnicápsula, uma névoa densa e branca os envolveu. Estava tudo silencioso e parado, como se o caos da praça central de Chacalfax houvesse simplesmente deixado de existir. Morrigan sentia náuseas.

Seria *isto*, enfim, a sua morte? Será que eles tinham morrido e cruzado para o Melhor Lugar? Fazendo um inventário de como se sentia, Morrigan pensou que isso não era provável. Seus ouvidos zumbiam, ela estava enjoada e o corte em sua mão ainda latejava, coberto por uma crosta de sangue seco. Ela espiou pela janela, tentando ver através da névoa. Não havia nenhuma Coisa Divina a esperando de braços abertos, nenhum coro de criaturas semelhantes a anjos para recebê-los. Onde quer que estivessem, não era o Melhor Lugar.

Mas decididamente não é Chacalfax, pensou Morrigan.

Ela ouviu um leve gemido e voltou-se para ver Jupiter erguendo-se do assento do piloto com uma careta de dor.

— Desculpe. Não foi tão suave quanto eu esperava. Você está bem?

— Acho que sim. — Morrigan respirou fundo, querendo se acalmar, e olhou à sua volta, tentando tirar os Caçadores de Fumaça e Sombra da mente. — Onde estamos? O que é essa névoa toda?

Jupiter revirou os olhos.

— Dramático, não é? Controle de fronteira — disse ele, em tom de desculpas, como se isso explicasse tudo.

Morrigan abriu a boca para perguntar o que ele queria dizer, mas foi interrompida por um som crepitante, um zumbido que reverberou no interior das paredes de Octavia.

— Anuncie seu nome e filiação — ecoou uma voz de tom oficial, amplificada por um alto-falante que Morrigan não conseguia ver. O som parecia vir de toda parte.

Jupiter apanhou um pequeno dispositivo prateado no painel de controle e o aproximou da boca.

— Sim, olá! Capitão Jupiter North, da Sociedade Fabulosa, da Liga de Exploradores e da Federação de Hoteleiros Nevermoorianos, e a srta. Morrigan Crow da... sem filiação. Ainda. — Ele piscou para Morrigan, que retribuiu com um sorrisinho nervoso.

Um zumbido mecânico soava em torno deles. Fora da janela, um olho gigante — maior do que toda a cabeça de Jupiter — surgiu da neblina branca em um longo braço mecânico. Ele piscou para eles, olhando da esquerda para a direita, de cima para baixo, examinando tudo lá dentro.

— Vocês entraram pelo Sétimo Setor do Estado Livre, pelo portal do Monte Florien, está correto? — retumbou a voz incorpórea.

Morrigan encolheu-se.

— Correto — disse Jupiter em seu pequeno microfone prateado.

— Você obteve permissão para viajar para o Sétimo Setor?

— Obtive, sim. Visto diplomático escolástico — afirmou Jupiter. Então pigarreou e lançou um olhar de advertência para Morrigan. — E a srta. Crow é residente em Barclaytown, no Sétimo Setor.

A srta. Crow nunca ouviu falar de Barclaytown, no Sétimo Setor, pensou Morrigan.

Ela observava Jupiter com fascínio e ansiedade crescentes. Portal do Monte Florien? Visto diplomático escolástico? Nada fazia sentido. Seus batimentos cardíacos soavam alto em seus ouvidos, alto o bastante para preencher a aracnicápsula. Jupiter porém, não se abalava. Ele respondia às perguntas do guarda da fronteira com calma graciosa, mentindo uma barbaridade.

— Ela tem permissão para entrar no Primeiro Setor?

— É claro — disse Jupiter tranquilamente. — Visto de residência educacional.

— Apresente seus documentos.

— Documentos? — A confiança de Jupiter vacilou. — Certo, claro. Documentos. Esqueci sobre... os documentos... Espere um pouco, tenho certeza de que tenho... alguma coisa...

Morrigan prendeu a respiração enquanto Jupiter revirava vários compartimentos no painel de controle, finalmente apresentando a embalagem de uma barra de chocolate vazia e um lenço de papel descartado. Sorrindo placidamente para Morrigan, ele os pressionou de encontro ao vidro para que o olho gigante examinasse. Como um verdadeiro louco.

O silêncio espichou o momento, e Morrigan se preparou para ouvir as sirenes, alarmes, guardas armados derrubando as portas da aracnicápsula...

O microfone estalou e zumbiu. A voz do outro lado soltou um suspiro sofrido e prolongado e sussurrou:

— Francamente, você não está nem tentando...

— Desculpa, isso foi tudo que consegui encontrar! — sussurrou Jupiter em retorno, olhando dentro do olho gigante e dando de ombros, contrito.

Finalmente, a voz trovejou:

— Pode prosseguir.

— Maravilhoso — disse Jupiter, voltando a se prender com o cinto no velho assento de couro.

Morrigan soltou o fôlego que estivera segurando.

— Um abraço, Phil — despediu-se Jupiter.

— Ah, pelo amor de Deus! — Um som abafado e um guincho vieram dos alto-falantes, como se o microfone tivesse sido deixado cair, e então a voz sussurrou: — North, já pedi para você não usar meu primeiro nome quando eu estiver de serviço.

— Desculpe. Mande um beijo para Maisie.

— Apareça para o jantar na próxima semana e você mesmo pode dar o beijo nela.

— Farei isso. Rá-rá!

Jupiter tornou a colocar o microfone prateado em seu suporte e voltou-se para Morrigan.

— Bem-vinda a Nevermoor.

A névoa desapareceu, revelando um enorme arco de pedra com portões prateados que tremeluziam como o calor no tampo de um fogão.

Nevermoor. Morrigan rolou a palavra em sua mente. Só a vira uma vez antes, em sua carta de oferta da Sociedade Fabulosa. Na ocasião, não tivera nenhum significado para ela, era só uma palavra sem sentido.

— Nevermoor — sussurrou para si mesma.

Ela gostava do som daquele nome. Como um segredo, uma palavra que de alguma forma só pertencia a ela.

Jupiter engrenou Octavia enquanto lia em uma tela que exibia notícias.

— “Hora local: 06h13 do primeiro dia do Alvorecer, Primavera do Ano Um, Terceira Era dos Aristocratas. Condições climáticas: frio,

mas com céu limpo. Atmosfera geral na cidade: otimista, sonolenta, ligeiramente embriagada.”

Os portões gemeram ao abrir e a aracnicápsula estremeceu, voltando à vida. Morrigan respirou fundo quando entraram na cidade. Nunca tendo saído de Chacalfax, ela estava despreparada para o que se encontrava além dos portões.

Em Chacalfax, tudo era limpo e organizado e... *normal*. As casas se erguiam lado a lado em fileiras uniformes: casas idênticas de tijolos em ruas retas e limpas, uma após a outra. Depois que o primeiro bairro de Chacalfax fora erguido 150 anos antes, os que o seguiram foram todos construídos, se não precisamente no mesmo estilo, em outro suficientemente semelhante para que, se alguém olhasse Chacalfax de cima, pudesse adivinhar que toda a cidade fora projetada por uma única e infeliz arquiteta que odiava a própria vida.

Nevermoor não tinha nada de Chacalfax.

— Estamos no sul — disse Jupiter, apontando o mapa de Nevermoor na tela de seu painel de controle.

A aracnicápsula corria pelas ruas escuras, praticamente silenciosas, desviando-se de um pedestre inesperado aqui e ali.

Evidências das celebrações do Escurecer durante a noite espalhavam-se pelas ruas escuras. Balões e serpentinas cobriam os jardins diante das casas e os postes de luz, e os primeiros garis recolhiam garrafas descartadas em imensos recipientes de metal. Algumas pessoas ainda estavam nas ruas, celebrando na luz azulada que antecede a aurora, inclusive um grupo de rapazes cantarolando o comovente Refrão do Alvorecer ao sair, cambaleando, de um bar.

— “*Oh, nããããã se caaaanse, meeeeeu amigo...*”

— “*Enquanto naveeeeeega nas águas do tempo, eu te digo...*” Pete, você está em bemol, isso... não, pare de cantar, você está em bemol...

— “*A Nova Era nos saúúúúda no litoral...*”

— “*Como feeetz a Era antiga tal e qual...*” Não, declina no fim, não sobe...

Octavia disparava por ruas com calçamento de pedras, becos estreitos e amplas avenidas, alguns lugares limpos e antiquados e outros extravagantemente frenéticos. Eles flutuaram através de um

bairro chamado Ogden-on-Juro que parecia estar afundando. As ruas eram feitas de água, e as pessoas remavam em barquinhos através da névoa que subia à volta delas.

Para onde Morrigan olhasse havia ondulantes parques verdes e pequenos jardins de igrejas, cemitérios, pátios, chafarizes e estátuas, iluminados por cálidas lâmpadas a gás amareladas e ocasionais fogos de artifício desgarrados.

Ela levantou-se de seu assento e foi de janela em janela, pressionando o rosto contra o vidro enquanto tentava absorver tudo aquilo. Desejou ter uma câmera. Desejou poder saltar da aracnicápsula e sair correndo pelas ruas!

— Verifique aquela tela para mim — disse Jupiter, apontando com a cabeça enquanto conduzia Octavia através de uma confusão de ruas secundárias. — A que horas o sol nasce?

— Aqui diz... seis e trinta e seis.

— Estamos atrasados. Mostra um pouco de velocidade, Occy — murmurou Jupiter, e o motor da aracnicápsula rugiu.

— Onde estamos? — perguntou Morrigan.

Jupiter riu.

— Você estava dormindo? Estamos em Nevermoor, minha querida.

— Sim, mas onde *fica* Nevermoor?

— No Estado Livre.

Morrigan franziu a testa.

— Qual deles é o Estado Livre? — Quatro estados constituíam a República: Luz do Sul, Prosperar, Sang Oriental e, é claro, o Grande Acrelupino, fora do qual Morrigan jamais havia se aventurado.

— Este — respondeu ele, guiando Octavia para uma rua lateral. — O Estado Livre é o Estado Livre. Aquele que é verdadeiramente livre. O estado número cinco, sobre o qual seus tutores nunca lhe ensinaram porque eles também não o conheciam. Tecnicamente não fazemos parte da República. — Ele olhou para ela, arqueando as sobrancelhas. — Você não pode entrar sem um convite.

— É por isso que os Caçadores de Fumaça e Sombra pararam na torre do relógio? — perguntou ela, voltando ao assento do passageiro. — Porque não tinham convite?

— Sim. — Ele fez uma pausa. — Basicamente.

Ela observou seu rosto com atenção.

— Eles... eles poderiam nos seguir até aqui?

— Você está em segurança, Morrigan. — Ele manteve o olhar na rua. — Eu garanto.

A animação de Morrigan vacilou. Ela havia acabado de vê-lo mentir habilmente demais para o guarda na fronteira, e não lhe passou despercebido que ele não havia propriamente respondido à sua pergunta. Mas muito pouco sobre essa estranha noite fazia sentido. Um tornado de perguntas girava velozmente na cabeça de Morrigan, e tudo que ela podia fazer era tentar agarrá-las à medida que passavam voando.

— Como... quero dizer... — Morrigan piscou. — Eu não entendo. Eu deveria morrer no Escurecer.

— Não. Para ser preciso, você deveria morrer à meia-noite do Escurecer.

Ele pisou bruscamente no freio, esperou um gato cruzar a rua, então pisou fundo no acelerador. Morrigan agarrou-se com força às laterais da cadeira, os dedos ficando brancos.

— Mas não houve meia-noite no Escurecer — prosseguiu ele. — Não para você. Nevermoor fica cerca de nove horas à frente de Chacalfax. Assim, você escapou da meia-noite: saiu de um fuso horário para outro. Você enganou a morte. Parabéns. Está com fome?

Morrigan sacudiu a cabeça.

— Os Caçadores de Fumaça e Sombra... por que eles estavam nos perseguindo?

— Eles não estavam nos perseguindo, estavam perseguindo você. E não estavam perseguindo. Estavam caçando você. Eles caçam todas as crianças amaldiçoadas. É assim que as crianças amaldiçoadas morrem. Puxa vida, estou faminto. Queria que tivéssemos tempo para tomar um café da manhã.

A boca de Morrigan tinha ficado seca.

— Eles caçam crianças?

— Caçam crianças *amaldiçoadas*. Suponho que você poderia chamá-los de especialistas.

— Mas por quê? — O tornado em sua cabeça havia ganhado velocidade. — E a mando de quem? E se a maldição diz que eu

deveria morrer à meia-noite...

— Eu queria muito um sanduíche de bacon.

— ... então por que eles chegaram cedo?

— Não tenho a menor ideia. — A voz de Jupiter tinha um tom leve, mas seu rosto estava preocupado. Ele mudou a marcha para poder passar por uma estreita rua de pedras. — Talvez tivessem uma festa para ir. Deve ser horrível ter de trabalhar no Escurecer.

— Eu sei o que você está pensando — disse Jupiter enquanto trancavam Octavia em um estacionamento particular. Ele puxou uma corrente perto da ampla porta de correr e ela desceu. O ar estava frio, transformando a respiração de ambos em nuvens de vapor. — Nevermoor. Se é tão maravilhosa, por que você não ouviu falar dela? A verdade, Morrigan, é que este é o melhor dos lugares... o *melhor* dos lugares... de todo o Reino Não Denominado.

Ele parou para despir seu elegante sobretudo azul e colocá-lo nos ombros de Morrigan. Era muito comprido para ela, cujos braços não chegavam exatamente à extremidade das mangas, mas Morrigan o apertou contra o corpo, desfrutando de seu calor. Jupiter correu a mão pelos cabelos cor de cobre e, pegando a mão de Morrigan com a outra, conduziu-a pelas ruas frias enquanto o céu começava a clarear.

— Temos uma arquitetura grandiosa — prosseguiu ele. — Ótimos restaurantes. Transporte público razoavelmente confiável. O clima é maravilhoso: frio no inverno, não frio no não inverno. Como é de se esperar. Ah, e as praias! As *praias*. — Ele pareceu pensativo. — Bem, as praias são uma porcaria, na verdade, mas não se pode ter tudo.

Morrigan se esforçava para acompanhá-lo, não só em seu monólogo metralhadora, mas também nas passadas de suas pernas compridas e finas, que meio saltitavam, meio corriam por uma rua em cuja placa se lia AVENIDA EXTRAORDINÁRIA.

— Desculpa — ela arfou, meio se arrastando e meio mancando com a cãibra que começava a se apossar de sua panturrilha. — Podemos... andar... um pouco mais devagar?

— Não podemos. Está quase na hora.

— Hora... de quê?

— Você vai ver. Onde é mesmo que eu estava? Praias: uma porcaria. Mas, se você quer diversão, temos o Trolliseu. Você vai *amar*. Se gosta de violência. Lutas de trolls aos sábados, competição de patins de centauros terças à noite, paintball de zumbis toda segunda sexta-feira do mês, justas de unicórnios no Natal e um torneio de montaria em dragões em junho.

A cabeça de Morrigan estava girando. Tinha ouvido contar histórias de uma pequena população de centauros em Sang Oriental, e sabia que havia dragões selvagens, que eram incrivelmente perigosos — quem pensaria em *montar* um? E trolls, zumbis? *Unicórnios*? Era difícil dizer se Jupiter estava falando sério.

Eles dobraram em uma viela chamada Beco Mariposa, agora claramente descendo a toda velocidade a viela sinuosa e semelhante a um labirinto. Morrigan pensou que nunca acabaria, mas finalmente pararam diante de uma porta de madeira curva com uma plaquinha que anunciava HOTEL DEUCALIÃO em letras douradas desbotadas.

— Você... mora em... um hotel? — ofegou Morrigan.

Jupiter, porém, não a ouviu. Ele estava atrapalhado, procurando uma chave em um chaveiro de metal, quando a porta se abriu bruscamente e Morrigan quase caiu para trás.

Assomando no vão da porta, surgiu um gato. Mas não um simples gato. Um gato gigante. O maior, mais assustador, mais cheio de dentes e mais desganhado que ela já vira na vida. Ele estava sentado, e ainda assim se esforçava para caber na moldura da porta. Sua cara era amassada e enrugada, como se ele tivesse se chocado contra uma parede, e ele fungou e bufou como uma imensa e pré-histórica versão dos gatos de cozinha no Solar dos Corvos.

Se sua aparência a tinha deixado chocada, isso não foi nada perto do que Morrigan sentiu quando o gato virou sua cabeça cinza enorme para Jupiter e falou:

— Estou vendo que você trouxe meu café da manhã.

CAPÍTULO SEIS

Alvorecer

Morrigan prendeu a respiração enquanto os olhos cor de âmbar do gato, do tamanho de punhos, a examinavam de cima a baixo. Finalmente, ele se virou e voltou a entrar, arrastando os pés. Morrigan tentou recuar, mas Jupiter a cutucou, fazendo-a passar pela porta. Ela ergueu os olhos para ele, em pânico. Teria sido um truque? Ele a salvara dos Caçadores de Fumaça e Sombra somente para alimentar seu *gato gigante*?

— Muito engraçado — disse Jupiter para o traseiro pesadão do animal enquanto o seguiam por um corredor comprido, estreito e mal-iluminado. — Espero que tenha servido o *meu* café da manhã, sua velha grosseira e despenteada. Quanto tempo temos?

— Seis minutos e meio — respondeu a gata ainda na frente. — Como sempre, você está estupidamente em cima da hora. Por favor, tire essas botas nojentas antes de sair espalhando lama pelo vestibulo, está bem?

Jupiter mantinha uma das mãos no ombro de Morrigan, conduzindo-a adiante. Lanternas a gás em suportes na parede lançavam uma luz fraca. Era difícil ver muita coisa, mas o tapete parecia surrado e gasto e o papel de parede descascava em alguns pontos. Havia um leve cheiro de umidade no ar. Eles chegaram a um íngreme lance de degraus de madeira e começaram a subir.

— Esta é a entrada de serviço. Sinistra, eu sei... precisa de alguns reparos — disse Jupiter, e, com um susto, Morrigan se deu conta de que ele estava falando com ela. Como sabia o que estava pensando? — Alguma mensagem, Fen?

A gata voltou-se para fitá-lo no momento em que chegavam a uma reluzente porta dupla preta no alto do patamar, e Morrigan podia jurar que ela havia revirado os olhos.

— Como posso saber? Não sou sua secretária. Eu disse para *tirar essas botas*. — Com um empurrão de sua cabeçorra cinza, a gata abriu a porta e eles entraram na sala mais magnífica que Morrigan já tinha visto.

O saguão do Hotel Deucalião era imenso e brilhante — o que era uma surpresa após a entrada de serviço sombria e surrada (embora no quesito surpresas, não chegava nem perto de ser recebida à porta por uma imensa gata falante). O piso era um tabuleiro feito de mármore preto e branco, e do teto pendia um enorme lustre cor-de-

rosa no formato de um veleiro, com pingentes de cristais, irradiando luz quente. Havia árvores plantadas em vasos e a mobília elegante distribuía-se por todo o ambiente. Uma grandiosa escadaria curva subia e subia por treze andares (Morrigan os contou) em uma vertiginosa espiral.

— Você não pode me dizer o que fazer. Eu pago o seu salário! — resmungou Jupiter. No entanto, tirou as botas de viagem. Um rapaz as recolheu e entregou a Jupiter um par de sapatos pretos engraxados, os quais ele calçou com relutância.

Funcionários de uniformes cor-de-rosa e dourado cumprimentavam Jupiter com um animado “Bom Alvorecer, senhor” ou “Feliz Era Nova, Capitão North” quando passavam.

— Feliz Era Nova para você, Martha — respondeu ele. — Feliz Era Nova, Charlie. Bom Alvorecer para todos! Agora, para o terraço, todos vocês, ou vão perder tudo. Vocês três... não, quatro... vamos subir de elevador. Sim, você também, Martha, tem lugar suficiente.

Enquanto um pequeno punhado de funcionários obedientemente seguia Jupiter através do amplo saguão, Morrigan se deu conta: ele não só morava no hotel, como era o *proprietário* dele. Tudo isso — o piso de mármore e o lustre, a polida mesa do concierge, o piano de cauda no canto, aquela escada resplandecente — era *dele*. Essas pessoas eram empregadas de Jupiter, até mesmo a enorme gata que o repreendeu e o olhou de cara feia. Morrigan tentou não se sentir intimidada.

— Vejo vocês lá em cima — disse a gata, saltando para a escadaria curva. — Não demorem. — E começou a subir de quatro em quatro degraus.

Jupiter voltou-se para Morrigan.

— Sei o que está pensando — disse ele pela segunda vez naquele dia. — Por que eu deixo uma Magnifigata mandar em mim? Bem, é simples...

— Ela não é uma Magnifigata — Morrigan o interrompeu.

Jupiter ofegou, arqueando o pescoço para ver a gata desaparecer escada acima na espiral. Ele esperou alguns segundos para ter certeza de que ela não estava a uma distância em que pudesse ouvir antes de se virar para Morrigan e sussurrar:

— O que você quer dizer com “Ela não é uma Magnifigata”? É claro que ela é uma Magnifigata.

— Vi fotos de Magnifigatos no jornal, e eles não são nada parecidos com ela. O presidente da República do Mar Invernal tem seis deles puxando uma carruagem. Eles são pretos e lustrosos — disse Morrigan, observando Jupiter levar um dedo aos lábios para silenciá-la e lançar outro olhar ansioso para a escadaria. — Além disso, usam coleiras decoradas e grandes anéis no nariz. E definitivamente não *falam*.

— Não deixe que Fenestra ouça você dizendo isso — sibilou ele.

— Fenestra?

— Sim! — disse ele, indignado. — Ela tem nome, sabe? Sem ofensas, mas suas ideias sobre Magnifigatos são totalmente equivocadas e é melhor guardá-las para si mesma, se quiser ter lençóis limpos por aqui. Fen é a chefe das camareiras.

Morrigan o encarou. Naquele momento, ela se perguntou se tinha sido uma boa ideia viajar através de um relógio para uma cidade estranha para morar em um hotel com um louco.

— Como uma gata pode ser camareira?

— Eu sei o que você está pensando — disse ele mais uma vez. Tinham chegado a um elevador circular de ouro e vidro. Jupiter pressionou um botão para chamá-lo. — Não tem polegares opositores. Como ela tira o pó? Para ser franco, eu mesmo me fiz essa pergunta, mas não deixo que ela me mantenha acordado à noite, e você também não deveria. Ah... aqui está Kedgeree.

O elevador chegou e as portas se abriram no momento exato em que um homem de cabelos brancos como a neve vinha correndo lepidamente para juntar-se a eles. Usava calça xadrez cor-de-rosa, paletó cinza e lenço também cor-de-rosa no bolso, com o monograma *HD* bordado em ouro.

— Morrigan, este é o sr. Kedgeree Burns, meu concierge. Quando você se perder no hotel... e você vai se perder... chame Kedgeree. Acho que ele conhece este lugar melhor do que eu. Alguma mensagem? Eu estava fora da área de cobertura. — Jupiter conduziu todos para dentro do elevador antes que as portas deslizassem, se fechando.

Kedgeree entregou a ele uma pilha de mensagens.

— Sim, senhor... dezesseis da Liga, quatro da Sociedade e uma do gabinete do prefeito.

— Maravilhoso. Está tudo certo?

— Certíssimo, senhor, certíssimo — replicou o concierge, continuando com um forte sotaque: — Os cavalheiros dos Serviços Paranormais chegaram na quinta-feira para cuidar de nossa pequena assombração no quinto andar. Mande a fatura para a contabilidade. A Autoridade de Transportes de Nevermoor enviou um mensageiro ontem... Estão querendo seu conselho, algo sobre ecos na Linha Diáfana. Ah, e alguém deixou quatro alpacas no conservatório. Devo pedir à recepção que anuncie?

— Alpacas! Caramba! Elas parecem felizes?

— Mastigando as orquídeas da estufa enquanto conversamos.

— Então pode esperar até depois. — (*Depois do quê?*, perguntou-se Morrigan.) — O quarto está pronto?

— Decerto, senhor. Está tudo limpo. A mobília polida. Tudo fresco como uma flor.

O elevador subiu, o número dos andares se iluminando à medida que, do lado de fora das paredes de vidro, o saguão desaparecia embaixo deles. O estômago de Morrigan se contraiu. Ela apoiou uma das mãos no vidro para se equilibrar. Martha, a camareira que Jupiter havia cumprimentado, dirigiu-lhe um sorriso tranquilizador. Ela era jovem, mas tinha um ar de competência, os cabelos castanhos cor de rato presos em um coque arrumado, o uniforme impecavelmente passado.

— É assim nas primeiras vezes — sussurrou ela com simpatia. Seu sorriso chegava até os grandes olhos cor de avelã. — Você vai se acostumar.

— Sombrinhas prontas? — perguntou Jupiter, e houve uma movimentação enquanto toda a equipe erguia sombrinhas em resposta. — Ah! Eu quase esqueci. Feliz aniversário, Morrigan.

Ele estendeu a mão e, das profundezas do sobretudo azul, ainda pendurado nos ombros dela, retirou um pacote comprido e fino de papel pardo. Morrigan o desembulhou cuidadosamente, encontrando uma sombrinha de lona preta, com cabo de filigrana de prata. A ponta era um passarinho, esculpido em opala. Morrigan

correu a ponta dos dedos sobre as minúsculas asas iridescentes, totalmente sem palavras. Ela nunca tivera nada tão lindo.

Preso ao cabo por um fio havia um curto bilhete.

Você vai precisar disto.

—J.N.

— O-obrigada — gaguejou Morrigan, um nó formando-se em sua garganta. — Eu nunca... ninguém jamais...

Mas antes que ela pudesse terminar, as portas do elevador se abriram para uma grande e ruidosa comemoração, e Morrigan teve a sensação de que havia sido lançada no olho de um furacão multicolorido.

O amplo terraço ao ar livre fervilhava com centenas de convidados, que davam gritinhos e risadinhas, dançando loucamente, suas expressões eufóricas iluminadas por fileiras de tochas acesas e cordões de luzes. Um imenso boneco em forma de dragão bailava entre os convidados, conduzido por uma dúzia de pessoas sob ele. Acrobatas fantasiados dançavam e davam cambalhotas em plataformas assustadoramente altas. Acima de suas cabeças giravam cintilantes globos de mosaico espelhados, suspensos aparentemente por mágica, pulverizando luzes caleidoscópicas para onde quer que Morrigan olhasse. Um garoto, um pouco mais velho do que ela, riu ao passar correndo, perseguindo o dragão dançante.

No centro de tudo havia uma fonte espumante de champanhe rosê e um coreto onde um grupo de músicos de paletó branco tocava suingue. (Um deles, no contrabaixo, parecia um grande e brilhante lagarto verde, mas Morrigan pensou que talvez estivesse tendo alucinações por causa da exaustão.) Até mesmo Fenestra, a Magnifigata, parecia estar se divertindo, rebatendo um globo espelhado e lançando um olhar feroz para qualquer dançarino que se aproximasse demais.

Morrigan ficou para trás, os olhos arregalados, os tímpanos assaltados pela muralha de ruídos. Em sua cabeça, ela contou os riscos, fez o levantamento das muitas coisas que podiam dar errado com essa festa agora que ela e sua maldição tinham chegado. Imaginou as manchetes do jornal do dia seguinte: ACROBATA CAI

DA PLATAFORMA E QUEBRA O PESCOÇO; CRIANÇA AMALDIÇOADA É CULPADA. FONTE DE CHAMPANHE SE TORNA ÁCIDO VENENOSO, CENTENAS TÊM MORTE MEDONHA.

Tudo aquilo era demais. Primeiro, os Caçadores de Fumaça e Sombra, depois uma aranha mecânica gigante, o mistério envolto em névoa do controle de fronteira e agora esta... esta festa ridícula. No terraço de um hotel. Em uma cidade grande, louca e secreta de que ela nunca ouvira falar. Com um homem ruivo maluco e uma gata gigante.

Essa noite interminável certamente acabaria com a morte de alguém, ainda que não fosse a de Morrigan.

— *Jupiter!* — gritou alguém. — Olhem... é Jupiter North! Ele chegou!

Com um grasnido do surpreso saxofone, a música parou abruptamente. Um tremor de excitação percorreu a festa.

— Um brinde! — gritou uma mulher.

Outros fizeram eco, aplaudindo e assoviando, batendo os pés. Morrigan assistia, hipnotizada, enquanto centenas de rostos reluzentes viravam-se todos para Jupiter, como girassóis para o sol.

— Um brinde à Era Nova, Capitão North!

Jupiter saltou para o coreto e ergueu uma das mãos, estendendo a outra para surrupiar uma taça de champanhe da bandeja do garçom. A festa mergulhou no silêncio.

— Amigos, ilustres convidados e minha querida família Deucalião. — Sua voz soava claramente no límpido ar do começo da manhã. — Nós dançamos, nós comemos, nós bebemos à vontade. Dissemos um terno e triunfante adeus à Era Antiga, e agora precisamos dar um passo com coragem para entrar na Nova. Que esta possa ser feliz. Que nos traga inesperadas aventuras.

— Às inesperadas aventuras — ecoaram os convidados em uníssonos, virando o champanhe rosê.

Jupiter sorriu diretamente para Morrigan através da multidão, e ela retribuiu o sorriso, segurando com força a sombrinha. Tudo nessa noite era uma inesperada aventura.

— Agora, se tiverem a coragem, eu os convido a se juntarem a mim na consagrada tradição do Alvorecer. — Ele apontou para leste. A distância, no horizonte, uma tremeluzente linha de luz dourada

começava a surgir. — Apaguem as tochas. A aurora chegou, e veremos a nós mesmos em sua luz.

Uma a uma, as tochas foram apagadas e os cordões de lâmpadas desligados. Jupiter acenou para Morrigan, pedindo que se aproximasse, e ela o seguiu até a extremidade do terraço.

Nevermoor estendia-se por quilômetros, em todas as direções. Morrigan imaginou que estava em um navio, velejando por um oceano de edifícios e ruas e pessoas e *vida*.

Um tremor desceu por seu pescoço, deixando uma trilha de pele arrepiada. *Eu estou viva*, ela pensou, e a ideia era tão absurda e tão maravilhosa que uma risada se derramou de sua boca, cortando o silêncio. Morrigan não ligou. Ela sentia-se expansiva, explodindo com uma nova alegria e ousadia que só podiam vir do fato de ter enganado a morte.

É uma Era Nova, pensou, incrédula. *E estou viva*.

Uma mulher à esquerda de Morrigan subiu no parapeito. Suspendeu a bainha do vestido de seda longo e esvoaçante e abriu uma sombrinha acima de sua cabeça. À sua volta, outros seguiram seu exemplo, até que o parapeito se viu lotado de pessoas lado a lado, segurando suas sombrinhas no ar e fitando o sol.

— Dê um passo com coragem! — gritou a mulher do vestido de seda.

Então, sem hesitação, ela saltou do terraço e flutuou no ar, descendo os treze andares. Morrigan virou-se para Jupiter, alarmada, mas ele parecia absolutamente tranquilo. Ela esperou um grito de dor ou o barulho de algo se espatifando vindo lá de baixo, mas nada disso aconteceu. A mulher aterrisou no chão, tropeçou um pouco, e deu um grito de triunfo.

Impossível, pensou Morrigan.

— Dê um passo com coragem! — gritou outro convidado, e depois Kedgerree, o concierge, seguido por Martha, a camareira. — Dê um passo à frente com coragem! — E outro, e mais outro, e logo o ar estava tomado por um coro daquelas palavras eletrizantes. Um a um eles saltaram do parapeito, até que Morrigan se viu olhando para um mar de sombrinhas no ar.

Então Jupiter, sem nem olhar para trás, subiu no parapeito e abriu sua sombrinha. O garoto que ela vira antes subiu ao lado dele.

Juntos, eles gritaram “Dê um passo com coragem!” e saltaram.

Morrigan ficou observando enquanto eles flutuavam suavemente para baixo. Pareceu que um século se passara antes que eles tocassem o solo, mas por fim Jupiter e o garoto aterrissaram em segurança, em pé, rindo e se abraçando, dando tapinhas nas costas um do outro. Então Jupiter voltou-se para olhá-la lá no alto.

Ela esperou que ele dissesse alguma coisa, mas Jupiter ficou em silêncio. Nenhuma palavra de encorajamento. Nenhuma tentativa de persuadir ou tranquilizar. Ele simplesmente a observava, esperando para ver o que ela faria.

Morrigan sentiu um redemoinho de pânico e euforia. Essa era sua segunda chance, o começo de uma nova vida que ela nunca sonhara que teria. Por que arruiná-la quebrando ambas as pernas amaldiçoadas? Ou pior: esborrachando-se no chão? Teria ela enganado a Morte no Escurecer, somente para lhe entregar a vitória de bandeja no Alvorecer?

Só havia uma forma de descobrir.

Morrigan deixou o sobretudo de Jupiter cair em uma pilha aos seus pés. Subindo no parapeito, abriu a sombrinha nova com mãos trêmulas. *Não olhe para baixo não olhe para baixo não olhe para baixo*. O ar parecia rarefeito.

— Dê um passo com coragem — sussurrou Morrigan.

Então fechou os olhos.

E saltou.

O vento a tomou nos braços. Morrigan sentiu uma poderosa descarga de adrenalina enquanto caía, o ar frio açoitando os cabelos em torno de seu rosto, e por fim pousou com firmeza com ambos os pés. O impacto deu um tranco em suas pernas e ela tropeçou, mas de alguma forma — milagrosamente — manteve-se de pé.

Morrigan abriu os olhos. À sua volta, os convidados da festa celebravam o triunfo sobre a gravidade, pulando ruidosamente no chafariz e encharcando as roupas de festa. Somente Jupiter se mantinha parado, observando Morrigan, seu rosto uma mistura de orgulho, alívio e admiração. Ninguém no mundo jamais a havia olhado daquela maneira.

Ela marchou até onde ele estava, sem saber se o abraçava ou se o empurrava no chafariz. No fim, não fez nem uma coisa nem outra.

— Feliz Era Nova — foi o que Morrigan disse.
Mas as palavras que soavam em seu coração eram: *Eu estou viva.*

CAPÍTULO SETE

Happy hour no Hotel Deucalião

Morrigan sonhou que estava despencando na escuridão, mas acordou com o sol, uma bandeja de ovos fritos e torrada, e um bilhete.

Venha ao meu estúdio depois do café da manhã.

Terceiro andar, duas portas depois do Salão de Música.

—J.N.

No verso, Jupiter havia desenhado um pequeno mapa com setas apontando o caminho. O relógio na parede dizia que era uma da tarde. Já havia passado muito da hora do café da manhã, pensou Morrigan. Quanto tempo fazia desde que ele tinha deixado o bilhete?

Olhando a bandeja, Morrigan percebeu que não comia desde as costeletas de cordeiro do seu jantar de aniversário no Solar dos Corvos — quando foi isso? Um século atrás? Ela devorou dois ovos, uma grossa fatia de torrada com manteiga e meia xícara de chá morno com leite, examinando o ambiente enquanto comia.

Comparado ao que tinha visto no hotel, com os espelhos de moldura dourada e pinturas a óleo, tapetes luxuosos, plantas de um verde luxuriante e lustres de cristal, seu quarto era uma surpresa. Era... um quarto. Um quarto perfeitamente bom. Mas um quarto *normal*, com uma cama de solteiro, uma cadeira de madeira, uma janelinha quadrada e um minúsculo banheiro numa porta à esquerda. Não fosse pelo bilhete de Jupiter nessa mesa lateral, e sua sombrinha com cabo de prata pendurada na cabeceira, ao acordar ali, Morrigan poderia ter pensado que havia sonhado com o Deucalião, Nevermoor e tudo o mais.

Mal parando para sorver o último gole de chá, ela trocou de roupa, colocando um vestido limpo azul (o único item de roupa pendurado no armário), e correu até o estúdio de Jupiter, no terceiro andar, seguindo suas indicações. Parou para recuperar o fôlego antes de bater.

— Entre — disse Jupiter. Morrigan abriu a porta de um quarto pequeno e sensato, com uma lareira e duas poltronas de couro gastas. Jupiter encontrava-se atrás de uma mesa de madeira, debruçado sobre uma confusão de papéis e mapas. Ele ergueu a cabeça, abrindo um sorriso. — Ah! Aí está você. Excelente. Pensei em levá-la para um pequeno tour. Dormiu bem?

— Sim, obrigada — disse Morrigan, sentindo-se subitamente tímida. Eram todos esses sorrisos que Jupiter continuava dirigindo a ela, pensou. Isso não era natural.

— E o seu quarto? Tudo certo com ele?

— S-sim, é claro! — gaguejou ela. — Pelo menos estava quando saí de lá. Eu juro.

Jupiter a olhou por um momento, a testa franzida, confuso. Então ele fechou os olhos e riu como se ela tivesse dito algo muitíssimo engraçado.

— Não... não, eu quis dizer: você *gostou* dele? Está tudo certo... para você?

— Ah. — Morrigan sentiu as bochechas ficarem quentes. — Sim, é lindo. Obrigada.

Jupiter foi gentil o bastante para apagar o último vestígio de sorriso.

— Ele é, hã... é um pouco sem graça, eu sei, mas acabou de conhecer você. Vocês vão se familiarizar. As coisas vão mudar.

— Ah — Morrigan tornou a dizer. Ela não fazia a menor ideia do que ele queria dizer. — Ok.

As paredes do estúdio de Jupiter eram cobertas por estantes e fotografias emolduradas, a maioria de paisagens e pessoas estranhas. O próprio Jupiter só aparecia em algumas delas: mais jovem, mais ruivo, mais magro, menos barbudo. De pé nas asas de um bimotor em pleno voo. Com os polegares para cima montado nos ombros de um urso. Dançando no convés de um barco com uma mulher bonita e, por alguma razão, um suricato.

Em sua mesa, a fotografia em destaque mostrava Jupiter e um garoto sentados juntos, com os pés em cima daquela mesma mesa, os braços cruzados, sorrindo de orelha a orelha. O garoto tinha dentes certinhos e bem brancos, a pele morena bonita e um tapa-olho preto do lado esquerdo.

Morrigan o reconheceu: era o garoto que ela vira na festa do Escurecer, correndo atrás do dragão dançante e saltando do telhado ao lado de Jupiter. Ela não notara seu tapa-olho na festa. Mas ele passara rapidamente por ela, cujo cérebro devia estar ocupado tentando entender os lagartos músicos, os gatos gigantes e por aí vai, ela supôs.

— Quem é esse?

— Meu sobrinho, Jack. Olhe ele aqui de novo... está vendo? A foto escolar do ano passado. — Jupiter apontou uma foto de um grupo de garotos uniformizados de pé em fileiras. Na base da foto, dizia: *Escola Graysmark para Rapazes Brilhantes. Inverno do Ano Onze, Era da Influência Sulista*. Os garotos estavam vestidos formalmente: terno preto com camisa branca e gravata borboleta.

Morrigan leu a lista de nomes sob a fotografia.

— Aqui diz que o nome dele é John.

— Hummm, John Arjuna Korrapati. Nós o chamamos de Jack.

Morrigan abriu a boca para perguntar sobre o tapa-olho, mas Jupiter a interrompeu:

— É melhor você mesma perguntar a ele. No entanto, talvez tenha de esperar até as férias da primavera. Duvido que ele apareça muito por aqui durante o primeiro bimestre. Eu queria que você o conhecesse hoje, mas infelizmente ele teve de voltar para a escola.

— Hoje não é feriado?

Jupiter suspirou com o corpo inteiro.

— Não segundo o nosso Jack. Ele acabou de começar o terceiro ano e insiste que todos os colegas vão estar de volta ao campus no feriado do Escurecer, já estudando para a primeira prova. Eles os mantêm ocupados lá na Graysmark. — Jupiter levou Morrigan para o corredor, fechando a porta do estúdio atrás deles. — Estou torcendo para que você seja uma má influência para ele. Vamos fazer uma visita ao Salão da Fumaça?

— Então. — Jupiter se balançava nos calcanhares, as mãos nos bolsos, enquanto esperava o elevador chegar. — Morrigan... Morrigan.

— Sim? — Ela se perguntou se ele finalmente ia lhe falar sobre a Sociedade Fabulosa.

Ele olhou para o alto.

— Hein? Ah, só estava pensando no que podemos fazer com o nome Morrigan. Sabe, um apelido. Morrie... Morro... Não. Moz. Mozza. Mozzie?

As portas do elevador se abriram com um silvo. Jupiter apressou-a a entrar e apertou o botão para o nono andar.

— De jeito nenhum — disse Morrigan, encrespando. — Eu não quero um apelido.

— Claro que quer. Todo mundo quer... — Ele foi interrompido por um guincho, uma crepitação e então o som de alguém pigarreando vindo de um amplificador no formato de chifre fixado no canto.

— *Boa tarde, senhoras, senhores e fabulanimais. O hóspede que deixou quatro alpacas no conservatório poderia, por favor, recolhê-las o mais rápido possível? Por favor, convoque Kedgerree, se precisar de ajuda. Obrigado.*

— Todo mundo quer um apelido — prosseguiu Jupiter após o anúncio. — O meu, por exemplo, é o Grande e Honorável Capitão Sir Jupiter Amantius North.

— Você mesmo o criou?

— Partes dele.

— É grande demais para um apelido — afirmou Morrigan. — Apelidos são tipo Jim ou Ferrugem. “O Grande e Honorável Capitão Coisa e Tal” leva quase um ano para falar.

— É por isso que todo mundo me chama de Jupiter — disse ele.

O elevador estremeceu ao parar, e eles saíram.

— Você tem razão: menor em geral é melhor — continuou ele. — Vamos ver... Mo. Mor... Mog. Mog!

— Mog? — Ela torceu o nariz.

— Mog é um ótimo apelido! — insistiu Jupiter. Ele ficou rolando o nome na boca enquanto caminhavam pelo longo corredor. — Mog. Moggers. Mogster. É tão *versátil*.

Morrigan fez uma careta.

— Parece uma coisa que um animal vomitou na entrada da sua casa — disse ela. — Você vai me falar sobre a Sociedade Fabulosa agora?

— Em breve, Mog, mas...

— Morrigan.

— ... primeiro, o grande tour.

O Salão da Fumaça não era uma sala onde os convidados tinham permissão para fumar cachimbos e charutos, para alívio de Morrigan. Na verdade, era uma sala que produzia grandes nuvens de fumaça colorida e perfumada que pareciam verter das próprias paredes.

Nessa tarde, a fumaça era verde-escuro, de sálvia (“para promover a arte da filosofia”, disse-lhe Jupiter), mas uma tabela na porta informava que mais tarde, no fim do dia, a fumaça mudaria para madressilva (“para o romance”) e, tarde da noite, para lavanda (“para ajudar os insones”).

Esparramado dramaticamente em um sofá, encontrava-se um homenzinho muito pálido, vestido de preto, coberto por um manto de veludo. Seus olhos estavam fechados e contornados por uma grossa linha feita com delineador, a boca curvada para baixo, e ele emanava um ar de tragédia gótica. Morrigan gostou do sujeito imediatamente.

— Boa tarde, Frank.

— Ah, Jove — disse o homenzinho, abrindo um olho pesaroso. — Aí está você. Eu estava justamente pensando na morte.

— É claro que estava. — Jupiter não parecia impressionado.

— E nas músicas que quero cantar na festa de Natalloween deste ano.

— Falta quase um ano ainda, e eu disse que você podia cantar *uma* música, no singular, e não *músicas*, no *plural*.

— E na escassez de toalhas limpas no meu quarto.

— Você recebe uma toalha limpa todas as manhãs, Frank.

— Mas eu quero duas toalhas limpas todas as manhãs — replicou o homem, com uma nota de petulância na voz. — Preciso de uma para os meus cabelos.

Morrigan reprimiu uma risadinha.

— Fale com Fenestra. Aliás, esplêndido trabalho na noite passada... nossa mais grandiosa festa do Escurecer até hoje. — Jupiter inclinou-se e sussurrou para Morrigan: — Frank é meu organizador de festas oficial. Promoter do Barulho chefe. O melhor no mercado, mas não devemos dizer isso, ou ele vai procurar emprego em um lugar mais chique.

Frank sorriu, sonolento.

— Eu já sei que sou o melhor, Jove. E ainda estou aqui porque não existe nenhum lugar mais chique... Você é o único hoteleiro no Estado Livre que jamais imporia o limite de um orçamento à minha genialidade.

— Eu imponho um limite de orçamento à sua genialidade, sim, Frank, mas você sempre o ignora. Falando nisso, quem aprovou a

contratação da Iguanarama?

— Você.

— Não, eu disse para contratar a *Lagartomania*, a banda cover da Iguanarama. Eles cobram um quarto do cachê.

— Naturalmente. Mas também têm um quarto do talento — bufou Frank. — Aliás, o que você está fazendo aqui? Não vê que estou me recuperando?

— Trouxe alguém especial para apresentar a você. Esta — Jupiter deu um tapinha no ombro de Morrigan — é Morrigan Crow.

Frank sentou-se subitamente, os olhos estreitando-se para Morrigan.

— Ah. Você me trouxe um presente — disse ele. — Sangue novo. Isso me agrada. — Ele bateu os dentes. Morrigan tentou não rir. Suspeitava que ele pretendia aterrorizá-la, e pareceu simpático compactuar com sua intenção.

— Não, Frank. — Jupiter beliscou o próprio nariz. — Francamente, entre você e Fen... Olha, ela *não é para morder. Ninguém* no Deucalião é para morder. Já conversamos sobre isso.

Frank fechou os olhos e voltou a se recostar, parecendo amuado.

— Então por que me incomodar?

— Pensei que você talvez gostasse de conhecer minha candidata, só isso.

— Candidata a quê? — perguntou Frank, bocejando.

— Para a Sociedade Fabulosa.

Os olhos de Frank se abriram de supetão. Ele tornou a sentar-se, observando Morrigan com interesse renovado.

— Ora, se *isto* não é uma curiosa novidade... Jupiter North, o não patrono vitalício jurado. Aceitando um candidato, finalmente. — Ele esfregou as mãos, parecendo contente. — Ah, se as pessoas não vão *falar*.

— As pessoas adoram falar.

Morrigan olhava de Jupiter para Frank e de volta a Jupiter.

— Falar sobre o quê?

Jupiter não respondeu.

Será que ele tinha mesmo jurado nunca ser um patrono? Ela não pôde deixar de se sentir feliz com isso. Jupiter North, aparentemente

amado e admirado por todos, escolhera *ela*, Morrigan, como sua primeiríssima candidata. Ela gostaria muito de saber por quê.

Frank a olhava, desconfiado, como se ele também tivesse dúvidas.

— Encantado, Morrigan. Posso lhe fazer uma pergunta?

Jupiter interveio.

— Não, não pode.

— Ah, por favor, Jove, só uma.

— Nenhuma.

— Morrigan, qual é o seu...

— Você não vai ganhar nem *uma* toalha limpa amanhã se insistir.

— Mas eu só quero saber...

— Deite-se e aproveite a sálvia, Frank. — As paredes tinham começado a lançar nuvens frescas de fumaça verde. — Logo Martha estará aqui com o carrinho de chá.

Frank fez muxoxo e, virando-se de costas para eles, desabou, emburrado, no sofá.

Jupiter conduziu Morrigan em meio à fumaça opaca até a porta, falando baixinho em seu ouvido:

— Frank é um pouco dramático, mas é um bom sujeito. O único vampiro anão de Nevermoor, sabe?

Morrigan detectou uma nota de orgulho em sua voz. Ela olhou de volta para Frank, através da névoa esverdeada, sentindo-se ligeiramente alarmada — tinha *mesmo* acabado de falar com um vampiro?

— Não é muito popular na comunidade dos anões *nem* na dos vampiros. Uma pena, principalmente por causa de...

— Anão vampiro — corrigiu-o Frank do outro lado da sala. — Existe uma diferença, sabe. Você bem podia fazer um treinamento em sensibilização se vai administrar um hotel.

— ... principalmente por causa de seu mau humor, creio eu. Imagine ser *mal-humorado demais* até para outros vampiros — concluiu Jupiter em um sussurro, e então disse por sobre o ombro: — Eles que perdem, Frank. Eles que perdem.

Saindo do Salão da Fumaça, eles passaram por Martha, a camareira, empurrando um carrinho cheio de coisas para o chá e guloseimas que pareciam saborosíssimas. Com uma piscadela, ela

colocou discretamente um bolinho com cobertura rosa na mão de Morrigan, e Jupiter, de brincadeira, fingiu não ver.

Morrigan tinha acabado de dar uma grande e deliciosa mordida quando um rapaz de uniforme e boné de motorista passou bruscamente pelas portas do elevador. Tinha pele bem morena e os olhos arregalados e preocupados.

— Capitão North! — gritou ele, disparando pelo corredor.

Morrigan imobilizou-se; um triste efeito de sua maldição era que ela sabia *exatamente* que cara tinha uma má notícia.

— Kedgerree me enviou, senhor. Recebemos outro mensageiro da Autoridade de Transportes. Eles precisam do senhor imediatamente. — O motorista tirou o boné e deslizou os dedos nervosamente pela aba.

Martha abandonou o carrinho e correu para junto deles, parecendo abalada.

— Não foi outro acidente no Fabulotrem, foi?

— Outro... — começou Jupiter, sacudindo a cabeça. — Como assim: *outro* acidente?

— Deu no noticiário esta manhã — replicou Martha. — Um trem descarrilou na Linha Hora de Dormir logo após o amanhecer e bateu na lateral de um túnel.

— Onde? — perguntou Jupiter.

— Em algum ponto entre as estações de Linhagem Negra e da rua Fox. Disseram que dezenas de pessoas ficaram feridas. — Martha estava imóvel, a mão no pescoço, e acrescentou baixinho: — Não houve mortes, graças aos céus.

Morrigan sentiu alguma coisa revirar-se dentro dela. Ali estava: a catástrofe que ela vinha esperando. *Olá, Nevermoor*, pensou, mordendo o lábio. *Morrigan Crow chegou*. Ela observou Jupiter, esperando uma acusação ou que ele se voltasse para ela com ar de suspeita.

No entanto, seu patrono limitou-se a franzir a testa.

— O Fabulotrem não descarrila. Nunca descarrilou.

— Martha está certa, senhor — disse o motorista. — Está em todos os jornais, deu no rádio. Algumas pessoas estão dizendo... estão dizendo que pode ser obra do... — Ele parou para engolir em

seco, baixando a voz a um mero sussurrou: ... do *Fabulador*, mas... mas isso é...

— Bobagem.

— Foi o que eu disse, senhor, mas... foi um acidente tão horrível que as pessoas tendem a pensar...

— Poderia mesmo ser o Fabulador? — interrompeu Martha, a cor sumindo de seu rosto.

Jupiter desdenhou.

— Considerando que ele desapareceu há mais de cem anos, Martha, acredito mesmo que não. Não deixe os alarmistas contaminarem você.

— O que é o Fabulador? — perguntou Morrigan. Será que havia outra pessoa para culparem? Alguém que não fosse *ela*, só para variar? Sentiu-se envergonhada com o alívio que esse pensamento trouxe ao seu coração.

— História da carochinha e superstição — disse-lhe Jupiter com um decidido aceno de cabeça, e voltou-se para o motorista. — Charlie, o Fabulotrem é de autopropulsão, autônomo. É movido por *fabulânio*, pelo amor de Deus. Não *ocorrem* acidentes com fabulânio.

Charlie ergueu um ombro, parecendo igualmente atônito.

— Eu sei. A Autoridade de Transportes não quis dizer para que precisam do senhor, mas mandei que a cocheira preparasse um veículo. Estaremos prontos para partir em quatro minutos.

Jupiter pareceu desolado.

— Muito bem, então. — Ele voltou-se para Morrigan enquanto Charlie corria à frente. — Sinto muito por isso, Mog. Péssima hora. Ainda nem mostrei a você o lago de patos ou a Sala das Coisas-em-Potes.

— O que é a Sala das Coisas-em-Potes?

— É onde guardo todas as minhas coisas em potes.

— Você ia me falar sobre a Sociedade Fabulosa...

— Eu sei, e vou falar, mas vai ter de esperar. Martha... — Ele acenou para que a jovem camareira se aproximasse. — Você pode fazer um pequeno tour com Morrigan? Só as principais atrações.

Martha animou-se.

— É claro, senhor. Vou levá-la para conhecer Dame Chanda Kali. Ela está ensaiando no Salão de Música. — Martha passou um braço

pelos ombros de Morrigan, em um abraço afetuoso. — Depois vamos lá fora, aos estábulos, dar uma olhada nos pôneis. Que tal?

— Perfeito! — disse Jupiter com entusiasmo, correndo para o elevador, onde Charlie o esperava segurando as portas. — Martha, você é uma joia. Mog, até mais tarde.

Então as portas se fecharam, e ele se foi.

Morrigan reconheceu Dame Chanda Kali de imediato. Não pela poderosa voz de soprano, que reverberava nas vigas do Salão de Música quando Martha e Morrigan chegaram, nem pela cor marrom-avermelhada de sua pele ou pelos sedosos cabelos pretos que desciam pelas costas em espessas ondas salpicadas de fios prateados. Foi o vestido de Dame Chanda que ela reconheceu — seda longa e esvoaçante em rosa e laranja vivos, todo bordado com minúsculas contas. Era quase idêntico em estilo ao vestido de seda púrpura que a mulher havia usado na festa no terraço. Dame Chanda, Morrigan percebeu, foi aquela primeira alma corajosa a saltar do parapeito em celebração ao Alvorecer.

Agora ela se encontrava de pé no centro do salão de música, apresentando uma ária para uma audiência bem improvável: duas dúzias de agitados pássaros azuis, uma mãe raposa com seus dois bebês e vários esquilos vermelhos de cauda peluda. Aparentemente, todos haviam entrado pelas amplas janelas abertas e olhavam para a cantora com profunda adoração.

— Dame Chanda é uma grande soprano e comandante da Ordem dos Encantadores das Florestas — Martha sussurrou para Morrigan acima da música e do canto dos pássaros.

Morrigan viu um broche dourado em formato de *F*, igual ao de Jupiter, entre os bordados no vestido de Dame Chanda.

— Ela também é membro da Sociedade Fabulosa, e mora aqui no Deucalião. Já se apresentou em todos os grandes teatros do Estado Livre, embora alguns deles não fiquem muito satisfeitos quando este grupo aparece... Eles podem fazer uma bagunça terrível — disse Martha, indicando as criaturas da floresta, que pelo visto eram irresistivelmente atraídas pelo som da voz de Dame Chanda.

A música chegou ao fim, e Martha e Morrigan irromperam em aplausos. Dame Chanda fez uma mesura e sorriu afetosamente,

enxotando os animais selvagens pela janela.

— Martha, meu anjo, eu deveria pedir que fizesse minha apresentação sempre. Você faz isso com tanto charme.

A camareira corou.

— Dame Chanda, esta é Morrigan Crow. Ela é...

— A candidata de Jupiter. Sim, eu já soube — disse Dame Chanda, voltando seu olhar deslumbrante para Morrigan. Ser alvo do seu olhar era como ser apanhada no facho de um farol. Como falar com a realeza. — As notícias correm rápido no Deucalião. Todo mundo está falando de você, srta. Crow. É verdade, então, querida? Vai participar das provas?

Morrigan assentiu, brincando com a bainha do vestido. Parada diante dessa mulher extraordinária, ela se sentia como uma menina de rua.

Assim é um membro da Sociedade Fabulosa, pensou Morrigan. Linda e imponente, como Dame Chanda. Interessante e admirado, como Jupiter. O que as pessoas deviam estar pensando a seu respeito?, perguntou-se. Martha e Dame Chanda, Fenestra e Frank... Será que já estavam cochichando sobre a péssima escolha que Jupiter fizera?

— Que extraordinário — suspirou a cantora de ópera. — Nosso Jupiter, finalmente um patrono! Muito prazer em conhecê-la, srta. Morrigan, pois você deve ser verdadeiramente maravilhosa. Está animada com sua primeira prova, docinho?

— Hã... Sim? — mentiu Morrigan, pouco convincente.

— Naturalmente primeiro você terá as Boas-Vindas Fabulosas. Jupiter já agendou para tirar as medidas?

Morrigan olhou para ela sem entender. O que seriam as Boas-Vindas Fabulosas?

— Tirar... tirar as medidas?

— Com a costureira dele! Você precisa de um vestido novo, minha querida. A primeira impressão é importante. — Ela fez uma pausa. — Acho que talvez seja melhor eu pedir ao meu figurinista que cuide disso.

Martha abriu um sorriso radiante para Morrigan, os olhos arregalados, como se isso fosse verdadeiramente a maior honra que

Dame Chanda pudesse conceder, e não uma perspectiva misteriosa e aterradora.

— Naturalmente Jupiter se dá bem com suas... *interessantes* escolhas de roupas, porque ele é muito bonito — continuou Dame Chanda. — Mas não podemos impor o péssimo gosto dele a você. Não para um evento tão importante. As Boas-Vindas Fabulosas não são só uma festa ao ar livre, srta. Morrigan. Infelizmente, trata-se de um jardim cheio de pessoas julgando tudo a seu respeito. Os outros candidatos e patronos estarão avaliando-a como sua competidora. É *muito* intenso.

Morrigan estava murchando por dentro. Competição? Julgamento? A carta de Jupiter havia mencionado que sua entrada para a Sociedade não estava garantida, e que ela deveria passar pelas provas de acesso.

Mas... lá no fundo, Morrigan tinha pensado que, depois de tudo por que ela passara para chegar a Nevermoor, depois de escapar dos Caçadores de Fumaça e Sombra e conseguir atravessar o controle de fronteira e... e *enganar a morte*, pelo amor de Deus!... que talvez a parte difícil já tivesse ficado para trás. Ninguém havia mencionado uma *festa muito intensa no jardim*. (Morrigan podia pensar em pelo menos uma dúzia de desastres que ela e sua maldição poderiam causar em uma festa no jardim, isso sem contar com as ferroadas de abelha e rinite alérgica.)

Dame Chanda pareceu perceber que havia tocado em um ponto sensível. Ela fingiu um ar descontraído, espantando o tópico com um gesto da mão no ar, como se fosse uma mosca.

— Ah, não precisa se preocupar, querida. Seja apenas você mesma. Agora, se me permite perguntar... estamos todos morrendo para saber... — Ela inclinou-se, os olhos cintilando, e falou baixinho no ouvido de Morrigan: — ... qual é o seu dom? Que talento *maravilhoso* você possui?

Morrigan piscou.

— Meu o quê?

— Seu dom, criança. Sua habilidade extraordinária. Seu talento.

Morrigan não sabia o que dizer.

— Ah, mas eu aposto que Jupiter tem uma revelação dramática planejada, não é? — disse Dame Chanda, tocando seu nariz com o

dedo. — Não diga mais nada, minha querida. Não diga mais nada.

— O que ela quis dizer? — Morrigan perguntou a Martha quando deixavam o Salão de Música e seguiam para o saguão, descendo a escada de espiral. — Eu não tenho um... um dom, ou talento, nem nada.

Martha riu, mas não de uma maneira cruel.

— Claro que você tem um dom. Você é uma candidata à Sociedade Fabulosa. É a candidata de *Jupiter North*. Ele não pode apostar em você a menos que tenha certeza de que você tem um.

— Não pode? — Isso era novidade para Morrigan. — Mas eu não...

— Você tem. Só não sabe ainda qual é.

Morrigan não disse nada.

Ela pensou na noite anterior — no momento maravilhoso em que Jupiter aparecera no Solar dos Corvos, a alegria que ela sentira ao raiar do dia quando aterrissara em segurança no pátio do Hotel Deucalião. Ela havia acreditado que todo um mundo novo havia se aberto para ela. Agora tinha a sensação de que estava olhando para sua nova vida através de uma parede de vidro inquebrável.

Como poderia ingressar na Sociedade Fabulosa se era preciso ter algum tipo de *talento*?

— Sabe, ele nunca teve um candidato antes — disse Martha gentilmente. — Deveria ter a essa altura. Espera-se que todos tenham, assim que alcançam determinada idade. E não é por falta de pais batendo em sua porta, oferecendo-lhe dinheiro e favores de todos os tipos, para que ele escolha seus queridinhos. Você deveria ver só a cara dos coitados que aparecem para bisbilhotar quando chega o Dia da Oferta! Mas ele sempre disse não. Ninguém nunca foi suficientemente especial. — Ela abriu um sorriso radiante, estendendo a mão para prender um cacho de cabelo preto atrás da orelha de Morrigan. — Até agora.

— Não tem nada de especial em mim — disse Morrigan, mas era uma mentira. Ela sabia o que a tornava especial. Era o mesmo que fazia as pessoas em Chacalfax atravessarem a rua para evitar passar por ela. Aquilo que a teria matado no Escurecer, se Jupiter

não tivesse aparecido em sua aranha mecânica e a levado para Nevermoor.

A maldição a tornava especial.

Será que ser amaldiçoada era um talento? Fora por *isso* que Jupiter tinha apostado nela? Porque ela possuía um *dom* para arruinar tudo? Morrigan fez uma careta. Que pensamento horrível.

— O Capitão North é um pouco estranho, senhorita, mas ele não é nenhum tolo. Ele vê as pessoas como elas são de verdade. Se ele escolheu você, isso significa...

Mas Morrigan não descobriu o que significava, porque Martha foi interrompida por um estrondo ensurdecedor e o barulho de vidro se estilhaçando. Um grito horripilante ecoou, subindo pela escada.

Martha e Morrigan desceram correndo os degraus restantes até o saguão e foram recebidas por uma visão pavorosa: o lustre cor-de-rosa no formato de veleiro havia despencado no tabuleiro preto e branco que era o piso. Raios brilhantes e vidro e cristais espatifados se espalhavam pelo mármore. Fios pendiam do teto, como as entranhas de um cadáver.

Hóspedes e funcionários estavam petrificados e boquiabertos, fitando a bagunça gigantesca.

Martha segurava o rosto entre as mãos.

— Ah... O Capitão North vai ficar tão chateado. Esse veleiro estava aqui desde sempre, era seu objeto favorito. Como isso pôde acontecer?

— Eu não entendo — disse Kedgerree, surgindo do balcão da recepção. — A manutenção verificou o velho navio na semana passada! Estava em ótimas condições.

— E justamente no Alvorecer, de todos os dias que isso tinha para acontecer! — gritou Martha. — Que falta de sorte.

— Eu diria que tivemos uma sorte esplêndida — disse Kedgerree. — Um saguão cheio de gente, e ninguém machucado? Podemos agradecer a nossas estrelas da sorte.

Morrigan, porém, secretamente, concordava com Martha. Foi muito azar, e ela sabia bem disso. Essa era sua especialidade.

Martha reuniu parte da equipe de funcionários e começou a dar instruções para a limpeza, enquanto Kedgerree falava com os hóspedes, afastando-os delicadamente da bagunça.

— Senhoras e senhores, peço desculpas em nome do Deucalião pelo susto terrível que levaram — disse o concierge. — Se seguirem agora para o bar Lanterna Dourada, no sexto andar, um happy hour incrível irá começar neste momento. Bebidas por conta da casa pelo restante da noite! Divirtam-se.

O pouco mais de uma dezena de hóspedes que haviam testemunhado a queda do lustre subiram para seus drinques gratuitos e esqueceram o que tinha acontecido. Kedgeree, Martha e o restante da equipe, porém, pareciam tão preocupados quanto Morrigan.

Ela contornou a cena do desastre.

— Posso ajudar?

— Ah! Nem ouse se incomodar, srta. Morrigan — disse Kedgeree, levando-a para longe dali. — Na verdade, acho que seria melhor a senhorita ir lá para cima também... para longe de todos esses fios soltos e cristal quebrado. Não queremos que se machuque.

— Eu não vou me machucar — protestou Morrigan. — Tomarei cuidado.

— Por que não vai para o Salão da Fumaça? Vou ligar para lá e pedir que lancem um pouco de fumaça de camomila para acalmar seus nervinhos. A senhorita passou por um susto horrível. Seja uma boa menina e vá agora.

Morrigan parou no patamar, olhando de volta para Kedgeree, Martha e outros funcionários correndo de um lado para o outro, varrendo os restos do lustre em tristes pilhas de pó cor-de-rosa cintilante.

Ninguém olhou de cara feia para ela nem murmurou entre dentes sobre a culpa ser da criança amaldiçoada. Nenhum deles sabia por que essa coisa horrível tinha acontecido.

Mas Morrigan sabia.

E sabia por que o Fabulotrem havia colidido.

A maldição a seguira. Morrigan havia sobrevivido a ela, passado por ela... e então, de alguma forma, a levava para Nevermoor, contrabandeara-a pelo controle de fronteiras e lhe dera um belo e confortável lar no Hotel Deucalião.

E agora ela ia arruinar tudo.

CAPÍTULO OITO

Interessante. Útil. Bom.

Alguma coisa despertou Morrigan durante a noite. Um som — como asas batendo ou páginas sendo viradas. Ela permaneceu deitada, acordada, esperando que se repetisse, mas o quarto estava em silêncio. Talvez ela estivesse sonhando, com pássaros ou livros.

Então fechou os olhos, desejando mergulhar em um sono profundo e sem sonhos, mas ele nunca veio. O pedaço do céu na janela de seu quarto clareou do preto mais retinto para o azul-escuro que antecede a aurora, as estrelas extinguindo-se uma a uma.

Morrigan pensou no veleiro cor-de-rosa, estilhaçado no piso xadrez, sua luz apagada para sempre. O objeto preferido de Jupiter, dissera Martha. Quando Morrigan foi para cama, Jupiter ainda não tinha retornado da Autoridade de Transportes. O que ele diria, ela se perguntou, quando visse o buraco no teto onde seu *objeto favorito* costumava ficar?

Logicamente, Morrigan sabia que não era responsável pela queda da luminária gigante — principalmente quando nem estava no cômodo no momento do acidente. Ainda assim, ela não conseguia se livrar da sensação de que conseguira sair impune de um crime terrível.

Mas esse hotel deve ter mais de cem anos, pensou. Ela rolou na cama e socou o travesseiro, afofando-o, ressentindo-se de sua própria acusação. *Coisas antigas quebram!* O lustre provavelmente tinha fios defeituosos, que estavam gastos ou... ou o gesso do teto estava desmoronando!

Morrigan sentou-se na cama, subitamente determinada, e jogou o cobertor para um lado. Ela examinaria o dano com os próprios olhos. Veria que não era culpa sua. Então voltaria a dormir e viveria feliz para sempre. Fim.

Naturalmente, o saguão estava bem escuro sem o brilho do lustre. O balcão da recepção encontrava-se vazio. Era sinistro estar ali embaixo sozinha de madrugada, seus passos ecoando no vazio.

Que estupidez, pensou Morrigan com um súbito arrependimento. Uma ideia estúpida. A sujeira já tinha sido varrida, e a iluminação do saguão estava tão precária que, de onde ela se encontrava, o buraco no teto era apenas uma vaga mancha negra lá no alto — ela não

conseguia ver nenhum fio gasto. Ela nem mesmo tinha certeza de que ainda estavam ali.

Morrigan estava prestes a desistir e voltar para cama quando ouviu um som.

Música. Um cantarolar?

Sim — havia alguém ali, nas sombras, *cantarolando de boca fechada*.

Era uma musiquinha estranha. Que ela reconhecia vagamente... uma cantiga infantil, ou uma canção que ela ouvira no rádio. Seu pulso acelerou.

— Olá? — disse ela baixinho... ou pretendeu dizer baixinho, mas sua voz ecoou pelas paredes. O cantarolar cessou. — Quem está aí?

— Não tenha medo.

Ela virou-se na direção da voz. Era um homem: sentado com metade do corpo nas sombras, as pernas cruzadas, o casaco perfeitamente dobrado no colo. Morrigan aproximou-se, tentando ver seu rosto. Estava oculto pela escuridão.

— Só estou esperando a recepção abrir — disse ele. — Meu trem se atrasou, e eu perdi a hora do check-in. Desculpe se a assustei.

Ela conhecia aquela voz. Suave e pausada, cheia de Ts nítidos e Ss precisos.

— Nós já não nos conhecemos? — perguntou ela.

— Creio que não — disse o homem. — Não sou daqui.

Ele olhava para ela com os olhos estreitados, inclinando-se para a frente, e um raio de luar cruzou o seu rosto.

— Sr. Jones? — Não havia muito nele que fosse memorável: cabelos castanho-acinzentados, terno cinza. Mas Morrigan reconheceu a voz e, olhando mais de perto, os olhos escuros e a fina cicatriz que dividia uma de suas sobrancelhas. — O senhor é o assistente de Ezra Squall.

— Eu... sim, como você... *Srta. Crow*? — Ele se levantou, dando dois passos rápidos em sua direção, a boca se escancarando de surpresa. — É mesmo você? Disseram-nos... disseram que você estava... — Sua voz falhou e ele pareceu desconfortável. — O que está fazendo no Estado Livre?

Uh-oh.

— Eu... eu só... bem, na verdade... — Morrigan teve vontade de se estapear. Como poderia explicar tudo que acontecera? Será que ele contaria para a família dela? Ela procurava desesperadamente alguma coisa para dizer quando algo estranho lhe ocorreu. — Espere... como o *senhor* sabe sobre o Estado Livre?

O sr. Jones pareceu ligeiramente envergonhado.

— Muito bem. Você guarda meu segredo e eu guardo o seu. Combinado?

— Combinado. — Morrigan deu um suspiro de alívio.

— Srta. Crow, não sei como veio parar aqui, ou como é possível que ainda esteja viva quando todos os jornais da República noticiaram sua morte ontem.

Morrigan desviou o olhar. O sr. Jones pareceu perceber seu desconforto e escolheu as palavras com cuidado.

— Mas quaisquer que sejam suas... circunstâncias... posso lhe assegurar que a oferta do meu patrão ainda está de pé. O sr. Squall ficou muitíssimo desapontado em perdê-la como sua aprendiz. Muitíssimo desapontado.

— Ah. Hã, obrigada. Mas eu já tenho um patrono. Na verdade, eu... pensei que o senhor estivesse fazendo uma pegadinha comigo. No Dia da Oferta, quero dizer. O senhor desapareceu e...

— Pegadinha? — Ele pareceu surpreso e um pouco ofendido. — De modo algum. O sr. Squall não gosta de pegadinhas. Sua oferta era genuína.

Morrigan estava confusa.

— Mas, quando me virei, o senhor tinha desaparecido.

— Ah. Sim. Devo me desculpar por isso. — Ele parecia sincero. — Me perdoe, eu estava pensando no sr. Squall. Se vazasse a notícia de que estava oferecendo uma vaga de aprendiz, ele teria sido perseguido por uma multidão de pais tentando lhe empurrar os filhos. Foi por isso que ele fez a oferta anonimamente. Eu tinha a intenção de voltar para conversarmos, mas o Escurecer me pegou de surpresa.

— A mim também.

— Receio que eu tenha lidado muito mal com essa questão. Fico feliz que você tenha outro acordo, mas... tenho certeza de que o sr. Squall ficaria muito feliz se considerasse mudar de opinião.

— Ah. — Morrigan não sabia o que dizer. — É muito... gentil da parte dele.

O sr. Jones ergueu as mãos, sorrindo.

— Por favor, sem nenhuma pressão. Se estiver feliz, o sr. Squall vai entender. Mas saiba que a porta nunca estará fechada. — Ele dobrou o casaco com cuidado em um dos braços e tornou a sentar-se, acomodando-se em uma poltrona. — Agora, espero que não se importe que eu pergunte, mas... por que, em nome dos céus, está perambulando pelo saguão do Hotel Deucalião a esta hora?

Havia algo no sr. Jones que o fazia parecer familiar e digno de confiança. Assim, em vez de inventar uma história, Morrigan lhe contou a ridícula verdade.

— Eu vim olhar o lustre. — Ela apontou para o teto. — O que sobrou dele.

— Santo Deus — disse o sr. Jones, os olhos se arregalando e se voltando para o ponto onde o veleiro costumava ficar. — Pensei que havia mesmo alguma coisa faltando. Quando isso aconteceu?

— Ontem. Ele caiu.

— *Caiu?* — Ele estalou a língua: *tsk, tsk, tsk*. — Lustres não caem simplesmente. Decerto não neste hotel.

— Mas esse caiu. — Morrigan engoliu em seco, olhando de lado para o sr. Jones, tentando avaliar a reação dele. Tentando não soar esperançosa demais. — A menos... o senhor quer dizer... o senhor acha que alguém pode ter feito isso deliberadamente? Como se... alguém tivesse cortado os fios ou...

— Não, de modo algum. Eu acho que ele está sendo substituído.

Ela piscou.

— Substituído?

— Sim. Como um dente. Está vendo ali? — Ele apontou, e Morrigan estreitou os olhos, perscrutando a escuridão. — Ali... está vendo uma luzinha? Ele está crescendo de novo, substituindo-se por algo novinho em folha.

Agora ela *podia* ver. Uma minúscula partícula de luz, brotando das sombras. Ela não notara antes, mas agora não tinha como confundir o pequeno fio de cristal e luz descendo enroscado do teto. Morrigan sentiu o coração mais leve.

— Ele vai ser igualzinho?

— Acredito que não — disse o sr. Jones, soando melancólico. — Não sou nenhum especialista no funcionamento interno do Hotel Deucalião, mas há muitos anos que venho aqui, e não creio que já o tenha visto usar o mesmo traje duas vezes.

Eles ficaram em silêncio por vários minutos, observando o lustre recém-nascido crescer lentamente, emergindo do casulo seguro do teto, como um dente permanente em uma saudável gengiva rosada. Nesse ritmo ele levaria semanas ou até meses para alcançar o tamanho do gigantesco veleiro, mas Morrigan estava tão aliviada que podia esperar pelo tempo que fosse necessário. Ela se perguntou como ele seria no fim. Algo ainda melhor que um veleiro? Uma aracnicápsula, talvez!

Quando o sr. Jones tornou a falar, foi numa voz gentil e hesitante, como se estivesse preocupado em não ofendê-la:

— Esse seu patrono... suponho que ele ou ela a tenha recomendado para a Sociedade Fabulosa...

— Como o senhor sabe?

— Palpite abalizado — disse ele. — Não existem muitas outras razões para trazer uma criança da República do Mar Invernal para Nevermoor. Posso lhe fazer uma pergunta impertinente, srta. Crow? — Morrigan sentiu os ombros tensionarem. Ela sabia o que ele queria perguntar.

— Eu não sei qual é o meu dom — disse, baixinho. — Não sei nem mesmo se tenho um.

Ele franziu a testa, parecendo confuso.

— Mas... para entrar na Sociedade Fabulosa...

— Eu sei.

— Seu patrono conversou...

— Não.

Ele apertou os lábios.

— Você não acha isso estranho?

Morrigan ergueu o rosto. Ela observou o pequeno feixe de luz em sua descida glacial por um longo e silencioso momento antes de responder:

— Sim. Acho.

A mão de Jupiter ainda pairava no ar, a meio caminho da batida, quando Morrigan abriu bruscamente a porta de seu quarto para recebê-lo, mais tarde naquela manhã.

— Qual é o meu dom? — perguntou ela.

— Bom dia para você também.

— Bom dia — disse ela, dando um passo de lado para deixá-lo entrar.

Ela estivera esperando por muito tempo, andando de um lado para o outro, enquanto refletia sobre a conversa que tivera com o sr. Jones. As cortinas estavam puxadas para o lado, e jorros de luz matinal entravam por uma janela que havia crescido durante a noite: de um pequeno quadrado a um arco que ia do piso ao teto. O que era estranho — mas não a questão mais urgente para discutirem, pensou Morrigan.

— Qual é o meu dom?

— Tudo bem se eu roubar uma tortinha? Estou faminto.

Martha viera dez minutos antes com uma bandeja de café da manhã, que estava intocada no canto.

— Pegue à vontade. Qual é o meu dom?

Jupiter encheu a boca com a tortinha enquanto Morrigan o olhava e se atormentava.

— Eu não tenho um, certo? — disse ela. — Porque você pegou a pessoa errada. Você pensou que eu fosse outra pessoa, alguém com um grande talento... É assim que funciona, não é? É assim que se entra na Sociedade Fabulosa. É preciso ter talento, como Dame Chanda. Tem de se ter um dom para alguma coisa. E você pensou que eu tivesse, e agora já sabe que não tenho. Estou certa, não estou?

Jupiter engoliu. Então disse:

— Antes que eu esqueça... minha costureira está vindo esta manhã providenciar um novo guarda-roupa para você. Qual a sua cor favorita?

— Preto. Estou certa, não estou?

— Preto não é cor.

Ela grunhiu.

— *Jupiter!*

— Ah, muito bem. — Ele recostou-se na parede e deslizou até o chão, esticando as pernas compridas no tapete. — Se você quer falar sobre coisas chatas, vamos falar sobre coisas chatas.

Os longos cabelos vermelhos de Jupiter, raiados de ouro no sol, estavam ligeiramente embaraçados. Ela ainda não o tinha visto tão desganhado assim. Ele estava descalço e usava uma camisa branca amarrotada e para fora da calça azul com suspensórios que pendiam desleixados em seus quadris. Morrigan se deu conta de que eram as mesmas roupas que ele usara no dia anterior. Ela se perguntou se ele havia dormido com elas, ou se simplesmente não dormira. Seus olhos estavam fechados, por causa da luz, e ele parecia disposto a ficar sentado ali o dia todo, feliz da vida, deixando o calor penetrar em seus ossos.

— Eis como funciona. Você está ouvindo?

Finalmente, pensou Morrigan. Com uma curiosa mistura de alívio e pavor, ela sentou-se na borda da cadeira de madeira, pronta para receber algumas respostas, por fim, mesmo que não fossem boas.

— Estou ouvindo.

— Muito bem. Agora, não me interrompa. — Com certa relutância, ele sentou-se ereto, pigarreando. — Todo ano, a Sociedade Fabulosa seleciona um novo grupo de crianças para se juntarem a nós. Qualquer criança no Estado Livre pode se candidatar, desde que no primeiro dia do ano já tenha onze anos completos... você passou de raspão, muito bem... e desde que sejam selecionadas por um patrono, é claro. O problema é que... seu patrono não pode ser qualquer um. Não é como outras escolas e programas para aprendizes, em que qualquer um com mais dinheiro do que cérebro pode financiar sua educação. Seu patrono *deve* ser um membro da Sociedade Fabulosa. Os Anciãos são muito rigorosos nesse sentido.

— Por quê?

— Porque são esnobes detestáveis. Não interrompa. Bem, vou ser franco, Mog...

— Morrigan.

— ... eu escolhi você para ser minha candidata, mas esse é só o começo. Agora você tem de passar pelas provas de admissão... que nós chamamos de desafios. São quatro, distribuídos ao longo do ano. Os desafios fazem parte de um processo eliminatório, projetado

para separar os candidatos ideais para a Sociedade daqueles que são... não tão ideais. É tudo muito elitista e competitivo, mas é tradição, então é isso.

— Que tipo de desafios? — perguntou Morrigan, roendo as unhas.

— Eu vou chegar lá. Não interrompa. — Ele se levantou e começou a perambular pelo quarto. — Os três primeiros são diferentes todos os anos. Existem muitos tipos de desafios, e os Anciãos gostam de alterná-los para manter as coisas interessantes. Não saberemos o que será cada um até que nos informem. Alguns não são tão ruins... o Desafio do Discurso é bastante simples, por exemplo. Você só precisa discursar diante de uma plateia.

Morrigan engoliu em seco. Não podia pensar em nada pior. Preferia enfrentar os Caçadores de Fumaça e Sombra outra vez.

— ... e o Desafio da Caça ao Tesouro é divertido, mas não vou mentir para você... alguns são horríveis. Agradeça por eles terem abolido o Desafio do Medo há duas Eras. — Ele estremeceu. — Eles deviam chamar aquele de Desafio do Colapso Nervoso... alguns candidatos nunca se recuperaram.

Ele fez uma pausa antes de prosseguir:

— O quarto desafio, porém, é com ele que você deve se preocupar. É dramaticamente chamado de Desafio do Espetáculo, mas, honestamente, é muito simples. É a mesma coisa todos os anos. Cada candidato que passar pelos três primeiros desafios deve se postar diante do Conselho de Anciãos e apresentar algo.

Morrigan franziu a testa.

— Algo...?

— Algo interessante. E útil. E bom.

— Interessante e útil e bom... você se refere a um talento, não é?

— Ela se preparou. — Eles querem ver um talento.

Jupiter deu de ombros.

— Um talento, uma habilidade, uma qualidade exclusiva... como bem quiser chamar. Nós chamamos de dom. Jargão bobo da Sociedade Fabulosa, é claro; refere-se simplesmente à maravilhosa e única aptidão que você possui e que os Anciãos vão julgar suficientemente extraordinária para lhe conceder um lugar vitalício na instituição mais cobiçada e prestigiosa do Estado Livre. Isso é tudo.

— Jupiter sorriu em meio à barba ruiva de um jeito que ele obviamente achava ser charmoso.

— Ah, isso é tudo? — Morrigan sufocou uma risadinha histérica. — Bem. Eu não tenho um dom, portanto...

— Que você saiba.

— E o que é que você sabe? — Havia um tom de nervosismo em sua voz. O que Jupiter estava escondendo?

— Eu sei de muitas coisas. Sou muito esperto. — Era exasperante a maneira como ele falava em círculos. — Sério, Mog...

— *Morrigan.*

— ... você não precisa se preocupar. Apenas passe pelos três primeiros desafios. O último, o Desafio do Espetáculo é problema *meu*. Eu cuido dele.

Aquilo tudo parecia... impossível. Morrigan afundou na cadeira e soltou o suspiro profundo e descontente de alguém que recebeu muito mais do que havia pedido. Ela lançou um olhar de soslaio para Jupiter.

— E se eu não quiser mais fazer parte da Sociedade? E se mudei de ideia?

Morrigan esperou que ele se mostrasse chocado ou ultrajado, mas ele se limitou a assentir. Como se soubesse que ela ia dizer isso.

— Eu sei que é assustador, Mog — disse baixinho. — A Sociedade pede muito. Os desafios são difíceis, e são apenas o começo.

Maravilha, pensou ela. *Fica ainda pior.*

— O que acontece depois dos desafios?

Jupiter respirou fundo.

— Na verdade, não é bem como uma escola normal. Os alunos na Sociedade Fabulosa nunca são tratados com indulgência. As pessoas acham que os membros da Sociedade têm todos os privilégios, que uma vez que você obtenha este brochinho dourado — ele deu tapinhas no *F* em sua lapela — o mundo irá se estender aos seus pés, e seu caminho será sempre livre e fácil. E elas têm um pouco de razão: os velhos alfinetes de ouro certamente abrem portas. Respeito, aventura, fama. Assentos reservados no Fabulotrem. O privilégio do broche, é como as pessoas chamam. — Ele revirou os olhos. — No entanto, dentro das paredes da Sociedade, espera-se que você faça por *merecer* esse privilégio.

Não só em provas e desafios, não só uma única vez, mas sempre e sempre, pelo resto da sua vida, ao provar que você é digno dele. Ao provar que você é especial.

Ele fez uma pausa, olhando sério para ela.

— Essa é a diferença entre a Sociedade Fabulosa e a escola comum. Mesmo quando você conclui os estudos, ainda faz parte da Sociedade, e ela faz parte de você. *Para sempre*, Mog. Os Anciãos vão continuar cobrando de você muito tempo depois de passados seus anos como aluna, na vida adulta e além.

O rosto de Morrigan deve ter traído o quão pouco atraente tudo isso soava, porque Jupiter apressou-se a reparar o dano.

— Mas estou dizendo as piores partes primeiro, Mog, porque quero que você tenha a visão completa. Olhe, a Sociedade Fabulosa é mais do que uma simples escola. É uma família. Uma família que vai tomar conta de você e apoiá-la a vida inteira. Sim, você terá uma educação brilhante, terá oportunidades e conexões que as pessoas fora da Sociedade jamais poderiam sonhar. No entanto, mais importante do que isso: você terá sua unidade.

Ele continuou o discurso:

— As pessoas que passarem por esses quatro desafios com você e saírem vitoriosas... elas se tornarão seus irmãos e irmãs. Pessoas que vão amparar você até o dia da sua morte. Que jamais a rejeitarão, mas cuidarão de você tanto quanto você cuidará delas. Pessoas que dariam a vida por você. — Jupiter piscou furiosamente e esfregou o punho contra a lateral do rosto, desviando os olhos dela. Morrigan ficou perplexa ao perceber que ele estava piscando para conter as lágrimas.

Ela nunca conhecera alguém que tivesse um sentimento tão profundo em relação a seus amigos. Provavelmente porque ela nunca tivera um amigo. Não um de verdade. (Emmett, o coelho de pelúcia, não contava.)

Uma família repentina. Irmãos e irmãs para sempre.

Fazia sentido para ela agora. Jupiter tinha a postura de um rei, era como se estivesse cercado por uma bolha invisível que o protegia de todas as coisas ruins da vida. Ele sabia que havia pessoas no mundo — em algum lugar lá fora — que o amavam. Que sempre o amariam. Não importava o que acontecesse.

Era *isso* que ele estava oferecendo a ela. Como uma tigela de ensopado quente e succulento diante de um pobre faminto, ele tinha nas mãos a coisa que ela mais desejava.

E de repente a fome de Morrigan incendiou. Ela queria entrar para a Sociedade. Queria irmãos e irmãs. Queria isso mais do que jamais quisera *qualquer coisa*.

— Como posso vencer? — perguntou ela.

— Você só precisa confiar em mim. Você confia em mim? — O rosto de Jupiter estava sério e sincero.

Morrigan fez que sim sem hesitar.

— Então deixe que eu me preocupe com o Desafio do Espetáculo. Vou dizer quando você tiver de começar a se preocupar. Eu *prometo*.

Era uma sensação esquisita confiar em um estranho que ela conhecera dois dias antes. Mas Morrigan sentia — ela não sabia por quê — que era difícil *não* confiar em Jupiter. (Ele havia, afinal, salvado sua vida.)

Ela respirou fundo antes de fazer a pergunta que temia:

— Jupiter. Meu talento... meu dom... tem a ver com... você sabe.

Ele franziu a testa.

— Hein?

— Ser amaldiçoada é o meu talento? Eu tenho o dom de... fazer as coisas darem errado?

Pareceu que Jupiter ia falar, mas então ele fechou a boca. Trinta segundos se passaram, durante os quais ele pareceu ter uma discussão breve, porém enérgica, consigo mesmo.

— Antes de eu responder a essa pergunta... e sim, eu vou respondê-la, não revire os olhos... eu vou lhe contar sobre o *meu* talento — disse ele, por fim. — Eu tenho o dom de ver coisas.

— Que tipo de coisas?

— Coisas verdadeiras. — Ele deu de ombros. — Coisas que aconteceram, coisas que estão acontecendo agora. Sentimentos. Perigo. Coisas que vivem no Diáfano.

— Diáfano. O que é isso?

— Ah. Ok. — Morrigan quase podia ver Jupiter retrocedendo mentalmente ao se lembrar de que ela sabia muito pouco de seu mundo. Ele falou rapidamente: — O Diáfano é uma rede invisível e intangível que... humm. Imagine uma *teia*. Imagine uma vasta e

delicada teia de aranha que se estende sobre todo o reino, como... não. Sabe de uma coisa, esqueça o Diáfano, tudo que você precisa saber é que eu vejo coisas que outras pessoas não veem.

— Segredos?

Ele sorriu.

— Às vezes.

— O futuro?

— Não. Não sou um vidente. Sou uma Testemunha. É esse o nome que se dá. Não vejo como as coisas *serão*, vejo como as coisas *são*.

Morrigan lançou-lhe um olhar cético.

— Não é o que todo mundo faz?

— Você ficaria surpresa. — Ele cruzou o quarto em quatro enormes passadas das pernas magricelas e pegou o bule de chá ainda morno na bandeja do café da manhã. — Isto. Descreva para mim.

— É um bule de chá.

— Não, me fale *tudo* que você sabe sobre este bule de chá, só olhando para ele.

Morrigan franziu a testa.

— É um bule de chá verde.

Jupiter assentiu para que ela continuasse.

— É um bule de chá verde-menta com folhinhas brancas nele todo — disse Morrigan. — Tem uma alça grande e um bico curvo.

Jupiter ergueu uma sobrancelha.

— Ele tem... xícaras de chá e pires combinando...

— Ótimo. — Jupiter serviu chá e leite em duas xícaras e entregou uma a Morrigan. — Muito bem. Acho que você cobriu tudo que pode, ou seja, virtualmente nada. Posso tentar?

— Por favor — disse Morrigan, misturando um cubo de açúcar em sua xícara.

Ele pousou o bule na bandeja.

— Este bule de chá foi feito em uma fábrica no Encruzilhada Poeirenta. Isso é fácil de saber porque a maior parte das cerâmicas do Estado Livre são feitas no Encruzilhada Poeirenta, portanto essa não conta de verdade. Mas posso ver, de qualquer maneira, pois a fábrica positivamente *transborda* dele... E seu primeiro proprietário o

comprou há setenta e seis... não, setenta e sete anos de uma loja de chá no bairro comercial de Nevermoor. A maior parte de seus primeiros anos desbotaram um pouco, mas ele se lembra da fábrica e se lembra da senhora no bairro comercial.

Morrigan franziu o rosto.

— Como um bule pode se *lembrar* de alguma coisa?

— Não é uma lembrança como a sua ou a minha. Está mais para... como eu posso dizer isso? Existem... acontecimentos e momentos no passado que se fixam em pessoas e coisas, e agarram-se a elas ao longo do tempo simplesmente porque não têm mais aonde ir. Talvez um dia acabem se apagando ou sejam arrancados ou simplesmente morram. Mas algumas coisas nunca morrem... principalmente as lembranças boas ou as especialmente ruins podem permanecer para sempre.

“Este bule de chá foi embebido em algumas boas lembranças. A velha senhora que foi proprietária dele fazia chá toda tarde, quando sua irmã ia visitá-la. Elas se amavam muito, a senhora e a irmã. Esse tipo de coisa raramente desbota por completo.”

Morrigan o olhou, desconfiada.

— Você não poderia saber tudo isso só de olhá-lo. Você deve ter conhecido a senhora.

Jupiter lançou-lhe um olhar de fingido ultraje.

— Quantos anos você acha que eu tenho? De qualquer forma, quieta, ainda não acabei. Ele foi manuseado por quatro pessoas diferentes esta manhã... alguém que fez o chá, alguém que carregou a bandeja, alguém que a trouxe até o seu quarto e... ah, naturalmente, eu. A pessoa que fez o chá estava irritada com alguma coisa, mas a pessoa que o trouxe aqui para cima estava cantando. Alguém com uma voz doce; posso ver as vibrações.

Ele estava certo nesse aspecto: Martha estava cantando o Refrão do Alvorecer. Mas ele podia tê-la visto quando ela subia. Morrigan deu de ombros, bebericando o chá.

— Você poderia inventar qualquer coisa. Como eu saberia a diferença?

— Tem razão. Bom argumento. O que me traz de volta à minha própria reflexão. — Jupiter ajoelhou-se no chão diante de Morrigan,

nivelando sua cabeça à dela. — Deixe-me lhe falar de você, Morrigan Crow.

Os olhos dele percorreram o rosto dela, disparando para um lado e para o outro e depois voltando. Ele a estudou como se estivesse perdido na selva e o rosto dela fosse um mapa que lhe mostrasse o caminho de casa.

— O que foi? — disse ela, inclinando-se para trás. — O que você está olhando?

— Esse corte de cabelo. — Ele deu um sorriso maroto. — Esse que sua madraستا a obrigou a fazer ano passado.

— Como você sabe...?

— Você odiou, não foi? Era curto demais e moderno demais, e você o deixou crescer o mais rápido possível... mas você o odiou com tanta intensidade que o ódio ainda está por aqui, posso ver.

Morrigan correu as mãos pelos cabelos. Jupiter não tinha como ter visto o corte curtinho e assimétrico com a franja irregular que Ivy havia insistido que Morrigan usasse porque seu cabelo minguado, sem graça e sem estilo era “um constrangimento”. Morrigan odiara aquele corte, mas o cabelo *tinha* crescido. Agora ele estava minguado e sem graça outra vez, e bem abaixo dos ombros.

— Sabe o que mais posso ver? — continuou ele, sorrindo ao pegar as mãos dela e dar uma sacudida de leve. — Posso ver as alfinetadas em seus dedos quando você, como vingança, cortou o vestido favorito dela, costurou os pedaços e os pendurou como cortinas na sala de estar. — Ele fechou os olhos, e uma risada profunda ribombou, vinda de seu peito. — O que, aliás, foi *brilhante*.

Morrigan sorriu, mesmo contra a vontade. *Tinha* orgulho daquelas cortinas.

— Ok. Acredito em você. Você vê coisas.

— Eu vejo você, Morrigan Crow. — Ele inclinou-se para a frente. — E vou lhe dizer uma coisa: sua madraستا estava errada.

— Errada em relação a quê? — perguntou Morrigan, mas sabia a resposta. Seu estômago deu um pulo.

— Ela disse que você era uma maldição. — Jupiter engoliu em seco e sacudiu a cabeça. — Ela falou com raiva. Não era o que queria dizer.

— É claro que era o que ela quis dizer.

Ele fez uma pausa, considerando as palavras dela.

— Talvez. Mas isso não faz com que isso seja verdade. Não faz com que ela esteja certa.

Morrigan sentiu o rosto corar e desviou os olhos, pegando casualmente um doce na bandeja do café da manhã. Ela arrancou um pedaço dele, mas não comeu.

— Esquece.

— É você quem deve esquecer — disse ele. — Esqueça isso a partir de agora. Entendeu? Você não é uma maldição.

— Sim, ok. — Morrigan revirou os olhos e tentou se virar, mas Jupiter tomou seu rosto entre as mãos e o segurou com firmeza.

— Não, *me escute*. — Os grandes olhos azuis dele cravaram-se nos olhos negros dela. Uma raiva benevolente emanava de Jupiter como calor de uma calçada no verão. — Você me perguntou se seu talento é ser amaldiçoada? Se tem o dom de fazer as coisas darem errado? Então me escute quando digo: *você não é uma maldição para ninguém*, Morrigan Crow. Nunca foi. E acho que você sempre soube disso.

Lágrimas ferroavam os olhos de Morrigan, ameaçando se derramar. Ela se preparou mentalmente para fazer uma última pergunta:

— E se eu não entrar?

— Você vai entrar.

— Mas digamos que eu não entre — insistiu ela. — O que acontece? Terei de voltar para a República? Eles... eles estarão esperando por mim? — Morrigan sabia que Jupiter entendia que ela não se referia à sua família, mas aos Caçadores de Fumaça e Sombra. Se fechasse os olhos, ela ainda podia vê-los: olhos vermelhos incandescentes na sombra escura e espiralante.

— Você vai entrar para a Sociedade Fabulosa, Mog — sussurrou Jupiter. — Eu *prometo* isso a você. E nunca mais quero ouvir uma só palavra sobre essa bobagem de maldição outra vez. Me prometa.

Ela prometeu.

Ela acreditou nele.

Sentiu-se mais corajosa, sabendo que ele estava tão convictamente ao seu lado.

E, no entanto... Mais tarde naquele dia, quando Morrigan tentou contar todas as perguntas que Jupiter havia evitado responder até ali, seus dedos não foram suficientes.

CAPÍTULO NOVE

Boas-Vindas Fabulosas

— Lá vem. Prepare-se para pular.

Jupiter decidira que iriam para a festa nos Trilho dos Guarda-Chuvas para que Morrigan pudesse experimentar seu presente de aniversário. No entanto, o problema com os Trilho dos Guarda-Chuvas era que ele nunca parava e nem mesmo desacelerava para deixar e pegar os passageiros. A estrutura circular de aço pendia de um cabo que corria sobre toda a cidade em um loop. A pessoa devia pular quando ela passasse zumbindo pela plataforma e prender a sombrinha em um dos anéis de metal suspensos na estrutura, segurando-se com toda força, as pernas penduradas no ar, até chegar ao seu destino.

— Lembre-se, Mog — disse Jupiter enquanto viam a estrutura circular aproximar-se velozmente. — Quando chegar a hora de saltar, basta puxar a alavanca para liberar sua sombrinha. Ah, e quando aterrissar, tente mirar em uma parte macia do solo. — A apreensão de Morrigan devia estar clara, porque Jupiter acrescentou: — Vai dar tudo certo. Eu só quebrei a perna uma vez nessa coisa. Duas, no máximo. Pronto... *Vamos!*

Eles saltaram para o trem, Morrigan segurando a sombrinha com tanta força que pensou que fosse quebrá-la. O terror absoluto que sentira vendo a plataforma vindo em disparada em sua direção foi levado por uma onda de adrenalina, e ela soltou um grito triunfante quando os dois se prenderam no trilho. Jupiter sorriu, jogando a cabeça para trás para saborear o passeio. Eles zuniram pela vizinhança do Deucalião em direção às ruas calçadas de pedras da Cidade Velha — o ar fresco da primavera fustigando o rosto de Morrigan e fazendo arder seus olhos —, e finalmente saltaram em seu destino, ambos aterrissando, milagrosamente, em pé. Nenhuma perna quebrada para estragar o dia.

O campus da Sociedade Fabulosa era cercado por muros altos de tijolos. Havia uma agente de segurança de ar sério verificando os nomes em uma lista. Mas, ao reconhecer Jupiter, sorriu e imediatamente fez sinal para que os dois entrassem.

Alguma coisa mudou quando eles passaram pelos portões. Era como se tudo estivesse ligeiramente diferente, como se a própria atmosfera houvesse se transformado. Morrigan respirou fundo. O ar cheirava a madressilvas e rosas, e o sol parecia mais quente em sua

pele. Era estranho, pensou. Fora dos portões o céu não parecera tão azul, e as flores ainda eram apenas minúsculos botões, um leve sinal da chegada da primavera.

Jupiter disse algo que soara como “clima soculoso”.

— Soculoso... Desculpa, não entendi — disse Morrigan, confusa.

— Vem de S-O-C-U-L-O-S-A: soculosa. É a abreviatura de Sociedade Fabulosa. É como chamamos este campus. Dentro dos muros da Soculosa, o clima é um pouco... mais.

— Um pouco mais o quê?

— Só um pouco *mais*. Mais do clima no restante de Nevermoor, seja ele o que for. A Soculosa vive em sua própria bolha climática. Hoje está um pouco mais quente, um pouco mais ensolarado, um pouco mais primaveril. Sorte nossa. — Ele pegou um raminho de cerejeira em um galho ao passar e o prendeu na lapela. — Mas essa condição é uma faca de dois gumes. No inverno, temos um pouco mais de vento, um pouco mais de frio, um pouco mais de um tempo horrível.

O caminho que levava ao prédio principal era ladeado por lâmpioes e — deslocadas entre os canteiros de flores coloridas e as cerejeiras — duas fileiras de árvores totalmente enegrecidas e mortas, alheias ao fenômeno climático da Soculosa.

— E aquelas? — perguntou Morrigan, apontando.

— Ah, elas não florescem há séculos. São árvores de fogo... já foram lindas, mas a espécie toda está extinta, e é impossível derrubá-las. É um assunto delicado para os jardineiros, portanto não comente... o resto de nós só finge que são estátuas muito feias.

Patronos e seus candidatos passavam apressados por eles, conversando e rindo, como se estivessem a caminho de uma festa de aniversário, enquanto Morrigan se sentia como se tivesse o corpo todo retorcido em um grande nó de nervosismo.

Se estivesse andando na lua, não se sentiria mais distante deles.

O edifício principal no campus, assinalado por uma placa que dizia CASA DO ORGULHO, consistia em cinco andares de tijolos alegremente vermelhos cobertos com hera. Nesse dia os candidatos não podiam entrar ali, mas os jardins estavam gloriosos; a imagem de uma tarde de primavera, repleta de pessoas em ternos leves de linho e vestidos em tons pastel. Jupiter permitira que Morrigan

escolhesse a própria roupa — um vestido preto com botões prateados, que Dame Chanda considerou “elegante, mas absolutamente carente de espetáculo”. Morrigan pensava que o terno amarelo limão de Jupiter e os sapatos cor de lavanda ofereciam espetáculo suficiente para ambos.

Um quarteto de cordas tocava nos degraus de uma ampla plataforma acima do gramado. Sob uma tenda branca havia uma mesa onde se viam pilhas de bolos de nata, tortas e imensas e oscilantes esculturas de gelatina, mas Morrigan não podia nem pensar em comer. Tinha a sensação de que havia camundongos roendo seu estômago por dentro.

Enquanto serpenteavam em meio à multidão, Morrigan notou que as pessoas se viravam e olhavam para eles com expressões que iam da surpresa discreta ao choque boquiaberto.

— Por que todo mundo está olhando para a gente?

— Elas estão olhando para você porque está comigo. — Ele acenou alegremente para duas mulheres que os fitavam. — E estão olhando para mim porque sou muito bonito.

Os candidatos estavam em sua maior parte reunidos em grupos. Morrigan aproximou-se mais de Jupiter.

— Eles não vão morder — disse ele, como se lesse a mente dela. — Bem, pelo menos a maioria não vai. Evite o garoto com cara de cachorro ali perto daquela planta. Ele pode não ter tomado todas as vacinas ainda.

Havia de fato um garoto com cara de cachorro fazendo hora perto de uma das maiores samambaias que se viam no gramado. Havia também um garoto com braços com o dobro do comprimento normal, e uma garota com metros e metros de um lustroso cabelo negro que ela havia empilhado em tranças e arrastava atrás de si em um carrinho.

— Não creio que este seja um ano de características físicas interessantes, infelizmente para eles — observou Jupiter. — Ninguém se recuperou totalmente da garota com mãos de marreta que tivemos há alguns anos. A conta dos consertos foi alta depois que ela se formou. Creio que agora ela é uma lutadora profissional.

Jupiter conduziu Morrigan pelos caminhos do jardim, fazendo comentários bem baixinho.

— Baz Charlton — murmurou ele, gesticulando discretamente na direção de um homem de cabelos compridos com calça de couro e paletó amarrotado. — Sujeito odioso. Evite-o como se fosse uma doença contagiosa.

Um grupo de garotas estava parado ao lado de Baz Charlton. Uma delas, com uma cabeleira castanha e vestido azul brilhante, olhou para Morrigan e sussurrou com as amigas, que se viraram para olhar. Morrigan forçou-se a sorrir, lembrando-se do que Dame Chanda dissera sobre primeiras impressões, e as meninas riram. Morrigan se perguntou se isso era um bom sinal.

Jupiter pegou duas taças de ponche púrpura com um garçom que passava e entregou uma para Morrigan. Ela espiou o líquido: havia coisas cor-de-rosa flutuando nele. Não, se *mexendo* nele. Havia coisinhas moles se contorcendo em seu ponche púrpura.

— É para elas se mexerem mesmo — disse Jupiter, notando o olhar de repulsa de Morrigan. — Quanto mais a comida se contorce, mais gostosa ela é.

Morrigan deu um gole, hesitante. Era delicioso: uma explosão de luz rosada e doce. Ela estava prestes a admitir isso quando o homem de calça de couro apareceu. Ele deu um tapa nas costas de Jupiter e passou um braço pesado pelos ombros dele.

— North! North, meu velho amigo — disse com a voz arrastada. — Você perdeu o norte, foi, North? Hamish acabou de me dizer que você fez uma oferta por uma criança. Eles não estão pagando o suficiente na Liga dos Exploradores? Ou você decidiu pendurar a bússola e dar lugar para que outra pessoa seja o grande aventureiro? Está partindo para uma vida calma agora, é?

O homem gargalhou em seu conhaque. Jupiter fez uma careta, o nariz se enrugando com o cheiro desagradável.

— Boa tarde, Baz — disse ele, com uma dose bem pequena de cortesia forçada.

— É essa aí? — Baz estreitou os olhos, olhando Morrigan de cima. — A famosa primeira candidata de Jupiter North. Os tabloides vão ficar em alvoroço.

Ele esperou ser apresentado a ela, mas Jupiter não fez isso.

— Charlton. Baz Charlton — disse o homem por fim, fazendo um gesto grandioso para si mesmo e esperando por uma centelha de

reconhecimento da parte de Morrigan. Quando essa não veio, o rosto dele azedou. — Qual o seu nome, garota?

Os olhos de Morrigan encontraram os de Jupiter. Ele assentiu.

— Morrigan Crow.

— Cara de coitadinha, se quer saber minha opinião — sussurrou em tom audível o sr. Charlton no ouvido de Jupiter, ignorando-a por completo.

Morrigan eriçou-se. Esperavam que ela andasse por aí sorrindo constantemente como uma idiota?

— É estrangeira? — quis saber o sr. Charlton. — Onde a encontrou?

— Nãoosse.

— Nãoosse? — Nunca ouvi falar. — Baz inclinou-se, aproximando-se ainda mais, os olhos reluzindo, e sussurrou em tom de conspiração: — Isso é na República, é? Você a contrabandeou, não foi? Vai, conta pro seu velho amigo Baz.

— Sim — concordou Jupiter. — Uma cidade chamada Nãoosse Meta, na República de Não É da Sua Conta.

Baz Charlton riu sem vontade, parecendo desapontado.

— Ah, muito esperto. Qual é o dom dela, então?

— Também nãoosse — disse Jupiter, desvencilhando-se habilmente do braço do homem.

— Vamos fazer esse joguinho, é? Tudo bem, tudo bem. Não tem importância. Você me conhece, eu não insisto. — Ele olhou Morrigan de cima a baixo. — Dançarina? Não, as pernas não são longas o bastante. Também não é nenhum gênio, não com essa expressão vaga nos olhos. — Ele agitou a mão na frente do rosto dela. Morrigan ficou tentada a afastá-la com um tapa. — Uma das artes ocultas, talvez. Feiticeira? Oráculo?

— Pensei que você tivesse dito que não tem importância — comentou Jupiter. Seu tom de voz expressava tédio. — Cadê sua parada de candidatos? Uma turma grande este ano?

— Apenas oito, North, apenas oito. Três garotas — disse o sr. Charlton, acenando vagamente na direção do grupo que rira de Morrigan pouco antes. Ele fungou e tomou um grande gole de conhaque. — E os garotos estão por aí. Grupo pequeno, mas não tem nenhum perdedor entre eles. Escolhas formidáveis este ano.

Mas aquela lá é a verdadeira estrela. Noelle Devereaux. Não quero entregar o jogo, mas... *voz de anjo*. Nunca conheci um candidato mais forte. Vai ser a número um, guarde as minhas palavras.

Morrigan observou a garota e as amigas. Bonita e bem-vestida, Noelle falava sem parar enquanto as outras meninas ouviam avidamente. Ela parecia determinada e confiante, com um sorriso fácil. Morrigan não pôde deixar de sentir uma leve inveja. Por que a Sociedade Fabulosa não iria querer alguém como Noelle Devereaux?

— Parabéns — disse Jupiter sem interesse.

— Mas esta aqui, North — continuou o sr. Charlton, agitando a mão na direção de Morrigan —, eu não entendo. Que apelo ela tem? Esses *olhos*, North, esses horríveis olhos negros. Os Anciãos não escolhem os que têm cara de mau. Essa daí te mataria com a mesma...

Ele foi interrompido por um olhar cortante de Jupiter e parou com a boca aberta.

— Pense bem nas suas próximas palavras, sr. Charlton — disse Jupiter com a voz baixa e fria que Morrigan ouvira dele apenas uma vez, no Escurecer, no Solar dos Crows. Ela estremeceu.

Baz Charlton fechou a boca. Jupiter deu um passo para o lado, libertando o homem de cabelos compridos de seu olhar e permitindo que ele se afastasse aos tropeços. Jupiter suspirou enquanto alisava o terno amarelo e apertou de leve o ombro de Morrigan.

— Eu disse. Sujeito odioso. Não dê atenção a ele.

Morrigan tomou um gole de ponche, as palavras do sr. Charlton ressoando em seus ouvidos. *Os Anciãos não escolhem os que têm cara de mau*.

— Baz é o que chamamos de Patrono Espaguete — explicou Jupiter. Ele continuou a conduzir Morrigan pelo jardim, acenando para pessoas aqui e ali. — Ele esquadrinha o Estado Livre em busca de potenciais candidatos todo ano e inscreve cerca de uma dúzia nas provas, quer estejam realmente prontos ou não, só para aumentar suas chances de uma colocação. É como atirar fios de espaguete em uma parede e esperar que um deles grude, entende?

— E funciona? — perguntou Morrigan.

— Com uma frequência irritante. — Ele conduziu Morrigan para a esquerda a fim de evitar um ruidoso grupo de adolescentes que tentava chamar a atenção dele. — Ah, aqui está a jovem Nan.

Uma mulher alta e de ombros largos aproximou-se e apertou a mão dele.

— Capitão North, em carne e osso! Eu tinha ouvido boatos de que você tinha um candidato, mas não acreditei. Jupiter North, eu disse, duvideodó. No entanto, aqui está você, com candidata e tudo. Olá — concluiu ela, com um sorriso para Morrigan.

— Nancy Dawson, esta é Morrigan Crow. — Jupiter balançou a cabeça para Morrigan, e ela apertou a mão estendida de Nan. Ela era mais jovem que Jupiter, com um sorriso sincero que formava covinhas, o que tornava seu corpanzil menos intimidador.

— Prazer, srta. Crow. Eu gostaria de apresentar o meu candidato, Hawthorne, mas ele desapareceu assim que chegamos. Provavelmente está ateando fogo em alguma coisa. — Nan revirou os olhos, mas parecia contente. — Não é a habilidade oficial dele, meter-se em confusões, mas é a segunda, quase tão forte quanto a primeira.

— Qual o dom oficial dele? — perguntou Morrigan. Os olhos de Jupiter voltaram-se para ela, piscando e estreitando-se ligeiramente. Ela murmurou entre dentes: — O que foi? É falta de educação perguntar isso?

Nan deu uma risada.

— Não me importo. Não entro nessa bobagem de ficar fazendo segredo. — Ela se aprumou. — Tenho muito orgulho de dizer que Hawthorne Swift é, em minha humilde opinião, o melhor cavaleiro de dragões da liga júnior de Nevermoor.

— Ah, é claro. — Jupiter sorriu. — O que mais seria? Uma ótima escolha de candidato para a cinco vezes Campeã de Montaria de Dragões do Estado Livre.

O sorriso de Nan vacilou, mas apenas por meio segundo.

— Ex-campeã — corrigiu ela. Em seguida deu um tapa na perna direita, e Morrigan ficou surpresa ao ouvir um som oco. — Não vou voltar a competir tão cedo, não com essa coisa velha.

— É uma perna falsa? — perguntou Morrigan. Foi preciso todo o seu autocontrole para não estender a mão e ela mesma bater na

perna.

Jupiter pigarreou ruidosamente, mas Nan não pareceu se chatear.

— Sim. Uma maravilha da medicina e da engenharia modernas, com certeza: cedro, fabulânio e aço. — Ela levantou a barra da calça, deixando ver um membro de madeira e metal que, de alguma forma, milagrosamente, parecia mover-se e flexionar quase como os músculos e tendões de uma perna de verdade, como se a própria madeira estivesse viva. — Essa é a boa e velha engenhosidade Fabulosa, srta. Crow. Você não acreditaria nas coisas que eles podem fazer no Hospital da Sociedade Fabulosa. Verdadeiros operadores de milagres, é o que eles são.

— O que aconteceu com a perna de verdade?

— Arrancada e engolida pelo dragão do meu oponente no torneio anual há dois verões. Uma coisa feia e hedionda, ele era. — Ela tomou um gole do ponche que se remexia. — O dragão dele também não era lá muito simpático.

Morrigan e Jupiter riram.

— Ainda assim, não posso me queixar. — O rosto de Nan se abriu em um sorriso luminoso e sincero. — Estou treinando a liga júnior em tempo integral agora. É um trabalho regular, e eu não poderia pedir um aluno melhor do que o jovem Swift. Ele monta desde que aprendeu a andar, e vai ser um competidor de primeira classe quando tiver idade suficiente para entrar no torneio. Bem, isso se decidir desistir de seu empenho permanente em ser um tonto.

De repente, ouviu-se um tilintar à medida que patronos por toda parte começavam a bater delicadamente a borda de suas taças. O quarteto de cordas parou de tocar. Três pessoas — ou melhor, Morrigan observou um tanto confusa, um homem, uma mulher e um touro peludo de colete — haviam se reunido na sacada.

— Esse é o nosso mais novo Supremo Conselho de Anciãos — Jupiter sussurrou para Morrigan. — Ao fim de cada Era, a Sociedade elege três membros para nos guiar e governar pela próxima Era. Eles são os melhores e mais brilhantes dentre nós.

— Ok, mas por que um deles é um tou...

— Shh, ouça.

Um silêncio reverente desceu sobre o grupo quando um dos Anciãos aproximou-se de um microfone. Magra e curvada, de

cabelos grisalhos ralos, a mulher parecia desequilibrar-se sob o enorme chapéu florido que usava. Morrigan preocupou-se por um momento que ela pudesse tombar, caindo da sacada de cara no chão. Um dos outros Anciãos deu um passo à frente para equilibrá-la, mas a velha senhora afastou as mãos dele com um tapa, pigarreando com altivez.

— Como muitos de vocês sabem — ela começou —, sou a Anciã Gregoria Quinn. Ao meu lado, encontram-se o Ancião Helix Wong e o Ancião Alioth Saga. — Ela gesticulou primeiro na direção do homem, e depois do touro. — Nós, do Supremo Conselho de Anciãos, gostaríamos de lhes dar as boas-vidas à Casa do Orgulho neste dia importantíssimo. Eu sei que para todas vocês, crianças, esta é a primeira experiência real com a Sociedade Fabulosa. E, para a maior parte de vocês, também será a última.

Morrigan encolheu-se com essas palavras duras, e não foi a única. À sua volta, candidatos disparavam olhares furtivos para seus patronos, querendo ser tranquilizados. Será que estavam tão nervosos quanto ela? Morrigan duvidava. E se fosse sua última vez aqui? Jupiter ainda não dissera o que aconteceria se ela falhasse nas provas.

— Meus estimados colegas e eu — continuou a Anciã Quinn — queremos agradecer a vocês, jovens candidatos, por sua bravura, otimismo e confiança. Enfrentar os desafios que vocês estão prestes a enfrentar, sem nenhuma garantia de um lugar na Sociedade ao término de tudo... isso requer não pouca coragem. Vocês merecem nossos aplausos.

Ela fez uma pausa e sorriu para os convidados, e em seguida ela e o Ancião Wong, um homem de barba grisalha com tatuagens coloridas cobrindo os braços e o pescoço, aplaudiram com entusiasmo. O touro, o Ancião Saga, bateu as patas no chão. Morrigan tomou um gole nervoso do ponche. Sua boca tinha ficado seca.

— Disseram-me que nossos candidatos este ano são mais de quinhentos! No meio de tantos jovens talentosos, tenho certeza de que vamos encontrar nove novos membros da Sociedade que vão nos impressionar, nos orgulhar e nos alegrar por conhecê-los pelo resto de suas vidas.

Morrigan olhou para Jupiter, mas ele observava a velha senhora com atenção fascinada.

Nove? Eles só iam aceitar *nove* novos membros? Entre *mais de quinhentos* candidatos? Jupiter esquecera de mencionar esse pequeno detalhe.

Ela sentiu o coração apertar. Não tinha esperança. Como poderia competir com Noelle, que tinha a voz de um anjo, ou Hawthorne, que montava dragões desde que aprendera a andar? Até o garoto com cara de cachorro tinha mais chance do que ela. Pelo menos ele tinha um truque! Morrigan não sabia o que tinha, mas suspeitava fortemente que era um grande e imenso nada.

— Nos próximos meses, vocês serão testados, física e mentalmente, começando com o Desafio do Livro no fim da primavera — prosseguiu a Anciã Quinn. Ela fez uma pausa para olhar severamente acima dos óculos. — Sugerimos que vocês usem o tempo não só para fazer novos amigos e estabelecer alianças valiosas com seus colegas candidatos, mas também para criar força mental em preparação para o que têm pela frente.

“Integrar a Sociedade Fabulosa é um privilégio concedido a poucos. E estes são especiais. Entre nossos membros estão muitos dos maiores pensadores, líderes, intérpretes, exploradores, inventores, cientistas, feiticeiros, artistas e atletas do Estado Livre. Nós somos especiais. Somos os maiores. E há ocasiões em que alguns de nós são chamados para fazer coisas grandiosas, para proteger os Sete Setores contra aqueles que querem nos fazer mal. Contra aqueles que buscam tirar nossa liberdade, e nossas vidas.”

Murmúrios percorreram a multidão. Um garoto ali perto sussurrou “O *Fabulador*” e um punhado de crianças que estavam perto o bastante para ouvi-lo pareceram todas apavoradas.

O *Fabulador* outra vez, pensou Morrigan. O que quer ou quem quer que fosse, parecia que o espectro do Fabulador pairava tão imenso acima de Nevermoor que ele nem precisava ser mencionado pelo nome para levar medo ao coração das pessoas. Talvez fosse por ser estrangeira no Estado Livre, mas Morrigan não podia deixar de pensar que isso era meio bobo, já que Jupiter dissera que ele não era visto há mais de cem anos.

— No entanto — continuou a Anciã Quinn mais alegremente —, é preciso dizer que os benefícios de se juntar às nossas fileiras superam os problemas.

Houve uma onda de risadas pelo jardim. A Anciã Quinn sorriu e esperou pelo silêncio antes de prosseguir:

— Crianças, olhem para seus patronos. Olhem à sua volta, para os membros de nossa família Fabulosa, e seus companheiros candidatos. Vocês todos têm uma coisa em comum. Há algo em vocês que os torna diferentes. Um dom que distingue vocês de seus pares, de seus amigos. Mesmo de sua própria família.

Morrigan engoliu em seco. Havia centenas de pessoas atentas a cada palavra da Anciã Quinn. Mas, por alguma razão, ela sentia que a velha senhora estava falando apenas com ela.

— Eu sei, de experiência própria, que esse pode ser um caminho solitário para trilhar. Ah! Como eu queria que pudéssemos abrigar cada um de vocês sob nossas asas. Mas, aos nove entre vocês que se juntarem a nós no fim do ano, eu prometo isto: um lugar ao qual vocês irão pertencer. Uma família. E amizades que vão durar a vida toda.

Fez uma pausa antes de prosseguir:

— A partir de hoje vocês são participantes oficiais nos desafios para Unidade 919 da Sociedade Fabulosa. A estrada será longa e difícil, mas talvez (apenas talvez) alguma coisa maravilhosa aguarde vocês no fim dela. Boa sorte.

Morrigan aplaudiu com vontade, assim como todos os outros. *Família. Vínculos. Amizades para durar a vida toda.* Será que a Anciã Quinn e Jupiter andaram lendo a mesma cartilha? Ou será que eles espiaram o interior de seu coração e leram a lista de desejos que ela nunca soube que estava ali?

Pela primeira vez, a Sociedade Fabulosa pareceu uma realidade a Morrigan.

Após uma salva de palmas, a maior parte dos patronos e dos candidatos retornou ao bufê de sobremesas. Jupiter ficou para trás, curvando-se para falar no ouvido de Morrigan.

— Vou pôr os assuntos em dia com alguns velhos amigos — disse ele. — Você deveria ir fazer alguns novos.

Ele a fez girar e a empurrou gentilmente na direção de um grupo de crianças que perambulava pelo outro lado da Casa do Orgulho.

Você é capaz de fazer isso, pensou Morrigan, estimulada pelas promessas extravagantes da Anciã Quinn. *Família. Vínculos. Amizades.*

Ela ergueu o queixo e seguiu as outras crianças, praticando mentalmente o que iria dizer. Seria melhor começar com uma piada? Ou talvez uma abordagem mais direta? Seria melhor simplesmente dizer: “Meu nome é Morrigan, vocês querem ser meus amigos?” As pessoas fazem mesmo isso?

Na frente da Casa do Orgulho, as crianças se amontoavam na escada. A candidata de Baz Charlton, Noelle, falava com uma garota gorducha, de expressão doce e bochechas rosadas.

— Então você é freira, Anna? — perguntou Noelle.

— Não, eu *não* sou freira. Eu moro com freiras... as Irmãs da Serenidade. — As bochechas da garota ficaram ainda mais rosadas. — E meu nome é Anah, não Anna.

Noelle olhou para as amigas, mal conseguindo reprimir o riso.

— Freiras de verdade? Freiras que se vestem de pinguins?

— Não, não. — Anah sacudiu a cabeça e cachos dourados dançaram em torno de seu rosto, pousando graciosamente em seus ombros. Noelle se contorceu. Sua mão foi imediatamente até os próprios cabelos lustrosos, e ela começou a enrolar fervorosamente um cacho no dedo. — Na maior parte do tempo elas usam roupas normais. Hábitos preto e branco são apenas para a igreja no domingo.

— Ah, elas só se vestem de pinguins no *domingo* — disse Noelle, rindo e olhando ao redor para ver quem mais a considerava hilária.

Alguns a acompanharam, mas a garota alta e magra de pele negra ao lado dela pareceu achar aquilo a coisa mais engraçada do mundo. Ela se dobrava de tanto rir, cobrindo a boca com ambas as mãos, a longa trança escura jogada sobre um ombro.

— E nos outros dias elas usam vestidos baratos e feios como os seus? Foram os pinguins que te deram esse vestido quando você se tornou freira?

O rubor tomou conta do rosto de Anah. Morrigan se encolheu, solidária. Será que Anah também estava tentando fazer amigos?

Será que tinha se aproximado de Noelle exatamente como Morrigan tinha pretendido fazer, só para que debochassem dela na frente de um bando de estranhos? Coisa arriscada, essa história de fazer amigos.

— Eu *não* sou freira — insistiu Anah. Seu queixo tremia. — Não que haja alguma coisa de *errado* em ser freira — acrescentou, baixinho.

Noelle inclinou a cabeça de lado, irradiando falsa simpatia.

— Mas isso é exatamente o que uma freira diria, não é?

— Ah, cala a boca — cortou Morrigan.

Todos se voltaram para olhá-la com uma leve surpresa. Ela mesma estava um tanto espantada.

Os lábios de Noelle se franziram.

— O que foi que você disse? — perguntou ela.

— Você me ouviu — disse Morrigan, elevando a voz um pouco. — Deixe a menina em paz.

— Você também é do convento? — perguntou Noelle, arqueando as sobrancelhas ao olhar para o vestido preto de Morrigan. — Vocês pinguins não têm um toque de recolher? Por que vocês não gingham para fora daqui?

Sua amiga bufou de uma forma muito deselegante.

Morrigan estava começando a sentir saudade dos velhos tempos em Chacalfax, quando todos se sentiam aterrorizados com sua mera presença. Ela pensou em Jupiter e empertigou os ombros, dizendo na voz mais grave e fria que conseguiu:

— Pense bem nas suas próximas palavras.

Silêncio. E então...

— *Rá!* — Noelle explodiu numa gargalhada, seguida por sua amiga e todos os candidatos que as cercavam. Enquanto eles se dobravam de tanto rir, Morrigan se deu conta de que havia deixado de ser aterrorizante. Ela não sabia se estava contente ou desapontada com isso.

Os risos foram morrendo. Noelle fuzilou Morrigan com o olhar. Anah, enquanto isso, aproveitara a oportunidade como um indulto divino e desaparecera. *De nada*, pensou Morrigan, sentindo-se um pouquinho ressentida.

— É falta de educação ouvir a conversa dos outros. — Noelle pôs as mãos nos quadris. — Mas eu não esperaria boas maneiras de uma ilegal.

— Uma o quê?

— Meu patrono diz que o seu patrono contrabandeou você para o Estado Livre. Ele diz que ninguém aqui nunca ouviu falar de você e que, portanto, você deve ser da República. Você sabe que isso é contra a lei? Seu lugar é na prisão.

Morrigan franziu a testa. Ela estava no Estado Livre ilegalmente? Ela não era burra... sabia que Jupiter fizera algo estranho no controle de fronteira, que mostrar uma embalagem de chocolate e um lenço de papel usado como seus “documentos” definitivamente não era um procedimento normal.

Mas será que isso significava que ele a contrabandeara? Que eles eram *criminosos*?

— Você não sabe do que está falando — disse Morrigan, pondo no rosto uma convincente careta de deboche. — E o *seu* patrono é um homem odioso.

Noelle vacilou momentaneamente, piscando.

— É esse o seu talento? Usar palavras difíceis? Pensei que fosse usar roupas horríveis ou ser feia como um rato de esgoto. Você obviamente é muito boa nessas duas... *Argh!*

Uma enorme escultura de gelatina verde havia caído do céu e se esborrachado na cabeça de Noelle. A substância verde gosmenta escorreu pelo seu rosto, pelos cabelos e pelo vestido brilhante. Ela parecia ter sido mergulhada em esgoto radioativo.

— Quer sobremesa, Noelle? — perguntou uma voz do alto.

Havia um garoto pendurado por uma das mãos em uma janela. Na outra, ele segurava uma travessa vazia e a agitava para as crianças lá embaixo, sorrindo alegremente.

Noelle tremia de raiva. Seu peito subia e descia em grandes arquejos.

— Você... eu vou... você nunca vai... você está *muito*... *Argh! Sr. Charlton!* — Ela desceu a escada diante da casa, furiosa, em busca de seu patrono, as outras crianças seguindo-a de perto, a amiga da trança ainda rindo.

O garoto aterrissou com um baque ao lado de Morrigan. Ele jogou a cabeça para trás, tirando uma moita de cachos castanhos dos olhos, e ajustou seu suéter exageradamente grande — uma imensa coisa azul de tricô com a imagem de um gato cintilante na frente. O gato tinha uma fita cor-de-rosa costurada na cabeça e um tilintante sino de prata preso à coleira. Morrigan se perguntou o que dera nele para usar aquilo.

— Gostei do que você fez também. “Pense bem nas suas próximas palavras” e tudo mais — disse ele, imitando sua voz baixa e furiosa. — Mas acho que a única língua que algumas pessoas entendem é a língua do ataque surpresa da sobremesa de gelatina.

Ela não sabia como responder a esse conselho pouco comum. O garoto assentiu sabiamente e ficaram em silêncio por alguns momentos. Morrigan não conseguia parar de olhar para o suéter dele.

— Gostou? — perguntou ele, olhando para o próprio peito. — Minha mãe apostou comigo que eu não o usaria hoje. Ela comprou em um catálogo. Ela compra montes deles para mim, da Confeção Suéter Feio. Ela é muito engraçada.

— O que você ganha?

— Pelo quê?

— Por ganhar a aposta.

— Ganho a permissão para usar o suéter. — Ele franziu a testa, parecendo genuinamente confuso por um momento até seu rosto se iluminar com uma nova ideia. — Ei... você pode me ajudar com uma coisa?

Vinte minutos depois eles voltaram à festa, absortos em sua conversa e carregando, juntos, um pesado barril de madeira. Eles o haviam arrastado de um canto vazio do terreno, dando a volta na Casa do Orgulho, até o gramado nos fundos.

O garoto era bastante forte para alguém tão magricela, pensou Morrigan. Apesar das pernas finas e braços esqueléticos, ele carregava a maior parte do peso.

— É legal, sim — ele arfou. — As flores e estátuas e todas essas coisas. Mas eu estou dizendo... problema imenso de pragas. Minha patrona conhece o jardineiro. Reconhece que eles têm de todos os

tipos. Camundongos, ratos, até cobras. Acabaram de ter uma infestação de sapos. Quantidade suficiente para o Departamento de Feitiçaria usar em uma semana, diz o jardineiro.

— Não ligo — disse Morrigan, bufando com o esforço de arrastar o barril degraus acima, passando pelos músicos perplexos do quarteto de cordas. — A Casa do Orgulho ainda é o lugar mais bonito que já vi. Exceto pelo Deucalião.

— Você tem de me deixar fazer uma visita — disse ele, animado. Ficara entusiasmado ao saber que Morrigan *morava* em um hotel. — Você pede serviço de quarto todos os dias? Eu pediria. Lagosta no café da manhã e bolo no jantar. Eles deixam chocolates em seu travesseiro? Meu pai diz que todos os hotéis elegantes deixam chocolates no nosso travesseiro. Lá tem mesmo um salão de fumaça? E um vampiro anão?

— Anão vampiro — corrigiu ela.

— Uau. Você acha que eu posso ir nesse fim de semana?

— Vou perguntar a Jupiter. O que tem aqui dentro, por falar nisso? Está tão pesado...

Tinham chegado ao alto da escada, e pousaram o barril em seu destino final: a grade da sacada.

O garoto tirou o cabelo dos olhos e sorriu. Então abriu o barril e, sem dizer palavra, o virou por cima da grade. Dezenas de sapos marrons e viscosos jorraram como uma cachoeira repugnante e se espalharam em um amplo arco pela calçada, coaxando e saltando enlouquecidos em tornos dos pés dos convidados da festa que agora estavam aos berros.

— Eu te disse. Problema imenso de pragas.

Os olhos de Morrigan se arregalaram. Ela tinha acabado de contrabandear sapos para uma festa ao ar livre. Uma risada ligeiramente histérica escapou de sua garganta. Esse provavelmente não era o tipo de primeira impressão a que Dame Chanda tinha se referido.

O jardim lá embaixo estava um caos. As pessoas caíam umas sobre as outras no desespero de fugir dos sapos. Alguém gritou, chamando um criado. Uma mesa foi derrubada e uma tigela de ponche espatifou-se no chão, o líquido púrpura derramando-se e respingando no Ancião Wong.

Morrigan e o garoto deixaram furtivamente a cena do crime, e então dispararam numa carreira. Desceram os degraus da sacada e deram a volta na lateral da Casa do Orgulho antes de parar e se dobrar, sem fôlego de tanto rir.

— Isso... — Morrigan arfava e pressionava a mão na lateral do corpo, onde sentia uma fisgada. — Isso foi...

— Formidável. Eu sei. Qual o seu nome, por falar nisso?

— Morrigan — disse ela, estendendo a mão. — Qual é...

— Estão se divertindo? — Jupiter foi até eles com um sorriso plácido, ignorando o fluxo de criados passando correndo com redes e vassouras.

Morrigan mordeu a lateral da boca, sentindo-se culpada.

— Um pouquinho.

Nan Dawson chegou correndo atrás dele.

— Capitão North, você viu... — Ela se deteve diante da visão do novo amigo de Morrigan que ria descontroladamente. O rosto dela ficou vermelho. — *Hawthorne Swift!*

O garoto dirigiu um sorriso envergonhado à sua patrona.

— Desculpa, Nan. — Ele não parecia nem um pouco arrependido.

— Não dava para desperdiçar um barril de sapos tão perfeito.

Eles tomaram uma carruagem para casa e seguiram em silêncio pela maior parte do percurso. Finalmente, quando dobraram na Avenida Extraordinária, Jupiter falou:

— Você fez um amigo.

— Acho que sim.

— Mais alguma coisa interessante?

Morrigan pensou por um momento.

— Acho que fiz uma inimiga também.

— Só fiz meu primeiro inimigo real depois dos doze. — Ele parecia impressionado.

— Talvez seja esse o meu dom...

Jupiter deu uma risada.

Em vez de levá-los para o grandioso pátio do Hotel Deucalião, a carruagem parou na entrada do Beco Mariposa. Jupiter pagou ao motorista, e ele e Morrigan seguiram pela estreita e sinuosa viela até

a simplória porta de madeira da entrada de serviço. Antes que ele pudesse abri-la, Morrigan pousou a mão em seu braço.

— Estou aqui ilegalmente, não é?

Jupiter mordeu a lateral da boca.

— Um pouco.

— Então... eu não tenho um visto.

— Não exatamente.

— Não exatamente ou não mesmo?

— Não mesmo.

— Ah. — Morrigan pensou um instante, tentando encontrar a melhor maneira de fazer a pergunta seguinte. — Se eu não... se eles não me deixarem entrar, você sabe, para a... para a Sociedade...

— Sim...? — ele incentivou.

Ela respirou fundo.

— Posso ficar de qualquer maneira? Aqui no Deucalião, com você?

Quando Jupiter não disse nada, ela apressou-se a esclarecer:

— Não como hóspede! Eu quis dizer que você podia me dar um emprego. Você não teria de me pagar nem nada. Eu poderia fazer serviços de rua para Kedgeree, ou limpar a prataria para Fen...

Jupiter riu alto da ideia, empurrando a porta de madeira em arco e entrando no corredor iluminado a gás com seu leve cheiro de umidade.

— Ah, tenho certeza de que você *adoraria* trabalhar para a velha e rabugenta Fen. Mas desconfio que a Federação de Hoteleiros Nevermoorianos não aprova o trabalho infantil.

— Promete que vai pensar nisso?

— Só se você prometer que vai parar de pensar em não entrar para a Sociedade.

— Mas se eu *não* entrar...

— Vamos explodir essa ponte quando a alcançarmos.

Morrigan suspirou. *Só me dê uma resposta objetiva*, pensou. Mas não disse mais nada.

Jupiter conduziu Morrigan pelo corredor à sua frente.

— Agora me conte mais sobre seu novo e engenhoso amigo. Onde nos Sete Setores ele conseguiu encontrar um barril cheio de sapos?

CAPÍTULO DEZ

Ilegal

O cômodo 85 no quarto andar ia lentamente se tornando o quarto de Morrigan. A cada poucos dias, percebia algo novo e brilhante, algo que ela adorava instantaneamente. Como os suportes de livros em formato de sereia que surgiram em sua prateleira um dia, ou a poltrona de couro preto em formato de polvo que enroscava os tentáculos nela enquanto ela lia.

Uma noite, várias semanas atrás, a cama mudara de uma cabeceira branca simples para uma estrutura de ferro forjado enquanto ela dormia. O Deucalião, porém, obviamente pensou que havia cometido um erro, porque dois dias depois ela acordou balançando em uma rede.

Mas o seu objeto preferido, entre todos, era uma pequena pintura emoldurada retratando uma brilhante escultura de gelatina verde, pendurada acima do vaso sanitário.

A princípio, ela achou que fosse Jupiter ou Fen modificando coisas secretamente, testando sua credulidade. Até que uma noite, no meio da madrugada, ela entrou no banheiro para beber água e viu a banheira desenvolvendo quatro pés de prata em formato de garras bem diante de seus olhos.

O mais estranho de tudo era que o tamanho e o formato do quarto também estava mudando. Onde antes havia uma única janela quadrada, ela agora tinha três em arco. Num dia o banheiro era do tamanho de um salão de baile e possuía uma banheira que mais parecia uma piscina. No dia seguinte, não era maior do que um closet.

Não demorou para que surgissem jardineiras cheias de flores vermelhas nas janelas, uma chapeleira no formato de esqueleto usando um chapéu de feltro cinza que servia em Morrigan, e grossos ramos de hera se enroscando até metade de uma lareira de pedra. E, pela primeira vez na vida, Morrigan Crow sentiu que estava exatamente no lugar certo.

Na metade da primavera, um homem de uniforme marrom-lama apareceu no Hotel Deucalião. Seu bigode se curvava até as maçãs do rosto, e a luz fazia reluzir um distintivo de prata em seu peito. Ele

parou diante do balcão do concierge, as mãos rigidamente atrás das costas, avaliando o saguão do hotel com indisfarçado desprezo.

Kedgerree fora buscar Jupiter e Morrigan no Salão da Fumaça, onde eles se encontravam sentados em uma nuvem de vapor verde-floresta (fumaça de alecrim: para aguçar a mente), jogando cartas. Nenhum deles tinha certeza das regras, mas Frank sussurrava conselhos no ouvido de Morrigan, e Dame Chanda fazia o mesmo com Jupiter, e de tempos em tempos alguém gritava “Viva!” e os outros faziam cara feia ou atiravam alguma coisa. Levando-se tudo em conta, Morrigan pensou que essa era uma forma agradável de se passar uma tarde.

Ambos ficaram um tanto irritados quando Kedgerree insistiu que fossem rapidamente ao saguão, e Morrigan ficou ainda mais aborrecida quando viu o homem de bigode dirigir um olhar desaprovador ao lustre pequeno e deformado que ainda estava crescendo.

Mal-educado, pensou. Ele ainda não está pronto!

O lustre estava recuperando a saúde lentamente, dia a dia, mas ainda tinha um longo caminho pela frente. Nesse estágio, era impossível ver que forma ele assumiria. Fenestra havia aberto uma bolsa de apostas. Frank insistia enfaticamente que seria um magnífico pavão, mas Morrigan ainda tinha esperanças de que ele voltasse como o mesmo veleiro cor-de-rosa que Jupiter amara.

— O que o Fedor está fazendo aqui? — Jupiter murmurou para Kedgerree, que deu de ombros enquanto rapidamente se acomodava atrás da mesa do concierge.

— Quem é o Fedor? — sussurrou Morrigan.

— Aah... ah, eu me referia à Força Policial da Cidade de Nevermoor — disse ele entre dentes. — Nós, hã... provavelmente não deveríamos chamá-lo assim. Não na cara dele. Na verdade, deixe a conversa comigo.

Jupiter aproximou-se do homem e apertou sua mão cordialmente.

— Boa tarde, policial. Bem-vindo ao Hotel Deucalião. Vai se hospedar?

O homem bufou.

— Sem chance. Você é o proprietário, correto?

— Jupiter North. Como vai?

— Capitão Jupiter Amantius North — disse o homem, consultando um caderno. — Respeitado membro da Sociedade Fabulosa, da Liga dos Exploradores e da Federação de Hoteleiros Nevermoorianos. Secretário da Comissão de Direitos Fabulanimais, defensor de livros voluntário junto à Biblioteca Gobleiana e presidente do Fundo Beneficente para Mordomos Robôs Desativados. Descobridor de dezessete reinos previamente não documentados e Homem Estiloso do Ano da *Revista do Homem Estiloso* por quatro anos consecutivos. Muito impressionante, capitão. Esqueci alguma coisa?

— Também dou aulas de sapateado para gângsteres desfavorecidos, e participo do júri do concurso anual de tortas de amora do Centro de Reabilitação de Segurança Máxima para os Criminosamente Insanos de Nevermoor.

Morrigan riu alto, embora não soubesse se Jupiter estava brincando ou não.

— Ora, praticamente um santo, não é mesmo? — comentou o policial.

— Só participo por causa da torta. — Ele piscou para Morrigan.

O policial fez uma careta debochada.

— Acha que é engraçado?

— Com frequência acho, sim. Posso ajudá-lo em alguma coisa, inspetor?

Morrigan seguiu o olhar de Jupiter até o distintivo do homem, em que se lia INSPETOR HAROLD FLINTLOCK.

O inspetor Flintlock encolheu a barriga saliente e tentou olhar Jupiter de cima, o que era difícil, posto que Jupiter era vários centímetros mais alto que ele.

— Estou aqui por causa de um alerta anônimo. Um de seus camaradas da Sociedade Fabulosa denunciou você, North, por abrigar uma refugiada ilegal. Isso é encrenca das grandes.

Jupiter sorriu serenamente.

— Certamente seria encrenca das grandes, se fosse verdade.

— Você inscreveu uma candidata para as provas da Sociedade Fabulosa este ano, correto?

— Correto.

— E é esta a candidata?

— O nome dela é Morrigan Crow.

O inspetor Flintlock estreitou os olhos para Morrigan e aproximou o rosto do dela.

— E de onde exatamente você é, Morrigan Crow?

— Não sei — replicou Morrigan.

Jupiter tentou transformar sua risada em uma tosse.

— Ela quis dizer que é do Sétimo Setor do Estado Livre, inspetor — interveio. — Ela só... tem a pronúncia engraçada.

Morrigan olhou para o seu patrono. Ele tinha o mesmo ar tranquilo e confiante de quando falara com o agente no controle de fronteira no primeiro dia dela em Nevermoor.

O inspetor Flintlock bateu com o caderno na palma da mão.

— Agora ouça aqui, North. O Estado Livre tem leis de fronteira rigorosas, e se você estiver abrigando uma refugiada ilegal, estará infringindo cerca de vinte e oito delas. Você está muito encrencado aqui, meu caro. Ilegais são uma praga, e é meu dever solene guardar as fronteiras de Nevermoor e proteger seus verdadeiros cidadãos da escória da República que tenta entrar clandestinamente no Estado Livre.

Jupiter ficou sério.

— Uma causa nobre e valente, tenho certeza — disse ele baixinho. — Proteger o Estado Livre daqueles que mais precisam da ajuda dele.

Flintlock adotou um ar de zombaria, alisando o bigode seboso.

— Conheço o seu tipo. Vocês, manteiga derretida, deixariam qualquer coisa entrar aqui se lhes déssemos meia chance. Mas acho que vai acabar descobrindo que essa sua escoriazinha ilegal não vai compensar os problemas que vai lhe trazer.

Jupiter olhou-o diretamente nos olhos.

— Não a chame assim — disse.

Um calafrio subiu pela espinha de Morrigan. Ela reconheceu a ira fria na voz de Jupiter, o gelo em seus olhos azuis duros. Flintlock, porém, não era tão fácil de intimidar.

— Vou chamá-la do que ela é: uma *ilegal* suja, fedorenta e podre. Você não me engana, North. Mostre-me os documentos dela... os documentos *legítimos* de cidadania... ou entregue a si mesmo para a prisão, e esta ilegal imunda para deportação imediata!

As palavras do inspetor ecoaram no saguão, ricocheteando no teto alto. Alguns funcionários aproximaram-se, atraídos pela voz elevada de Flintlock.

— Está tudo bem aqui, Capitão North? — perguntou Kedgereee, deixando a mesa do concierge para postar-se ao lado deles com Martha.

— Que tumulto horrível — disse Dame Chanda. Ela abraçou Morrigan e lançou um olhar furioso a Flintlock.

— Alguém chamou a segurança? — perguntou Fenestra da escada, onde se encontrava sentada casualmente limpando as enormes patas, como se estivesse se preparando para uma refeição.

— Quer que eu morda os joelhos dele, Jove? — indagou Frank, o anão vampiro, sua cabeça despontando entre as pernas de Jupiter.

— Isso não vai ser necessário. Está tudo bem, obrigado. Vocês todos podem ir.

Todos se foram, relutantes, exceto Fen, que permaneceu exatamente onde estava. Jupiter ficou em silêncio por algum tempo, enquanto Flintlock lançava olhares nervosos na direção da Magnifigata.

Quando Jupiter finalmente falou, foi em uma voz calma e comedida:

— Você não tem o direito de exigir os documentos de alguém que se encontra sob a jurisdição da Sociedade Fabulosa, Flintlock. Nós lidamos com nossos próprios infratores da lei.

— Ela não está *na* Sociedade...

— Você precisa rever seu manual das Leis Fabulosas, Flinty. Artigo noventa e sete, cláusula F: “Uma criança que esteja participando das provas de ingresso na Sociedade Fabulosa será, para todos os efeitos legais, considerada um membro da Sociedade Fabulosa pela duração das referidas provas ou até que seja removida do processo seletivo.” *Todos* os efeitos legais. Isso significa que ela já é nossa.

Uma sensação de alívio percorreu Morrigan. *Já é nossa*. Ela fuzilou Flintlock com o olhar, encorajada pelo conhecimento de que a lei da Sociedade Fabulosa estava do seu lado.

O rosto de Flintlock ganhou um tom vermelho vivo, seguido de púrpura e, por fim, ficou lívido, contorcendo-se de fúria. O bigode

dele tremia.

— Por ora. Ela é sua, por ora, North. Mas assim que fracassar nas provas, eu vou querer ver esses *documentos* dela. — Ele acariciou o bigode e alisou o uniforme marrom-lama, olhando Morrigan de cima, como se ela fosse uma coisa nojenta grudada na sola de seu sapato. — Ela vai voltar para sua República imunda antes que você possa dizer “por favor, inspetor, tenha piedade”. E você, meu amigo, vai estar tão encrencado que nem mesmo sua preciosa Sociedade poderá ajudá-lo.

Flintlock deixou o saguão do Deucalião marchando, descendo os degraus até a rua, e se foi. Morrigan virou-se para Jupiter, tenso como ela ainda não o tinha visto.

— Eles podem mesmo me pôr para fora? — perguntou, um nó se formando em sua garganta. Ela pensou nos Caçadores de Fumaça e Sombras, de suas formas escuras indefinidas assomando na escuridão. Sentiu a nuca fria e formigando. — O que acontece se eu tiver de ir embora de Nevermoor?

— Não seja boba, Mog — disse Jupiter energicamente. — Isso nunca vai acontecer.

Então deixou o saguão sem olhar para ela.

Quando Morrigan foi se deitar naquela noite, sua rede havia se transformado novamente, dessa vez em uma cama com estrutura de madeira com estrelas e luas esculpidas nos pés. Ela teve um sono inquieto e sonhou com o Desafio do Espetáculo. Em seu sonho, encontrava-se parada diante dos Anciãos, incapaz de falar, até que finalmente era arrastada dali pelo Fedor e entregue aos Caçadores enquanto a plateia zombava e vaiava.

Pela manhã, sua cama havia se transformado em um futon. Talvez o Deucalião não tivesse se decidido em relação a ela, afinal.

CAPÍTULO ONZE

O Desafio do Livro

— Qual é seu talento então? — perguntou Hawthorne com a boca cheia de queijo quente.

Jupiter havia permitido que o novo amigo de Morrigan a visitasse no Hotel Deucalião, na condição de que a ajudasse a estudar para o iminente Desafio do Livro. Até aquele momento, não haviam estudado nada, a não ser o próprio Deucalião. Hawthorne adorou principalmente o Salão da Fumaça (fumaça de chocolate nessa tarde: para promover o bem-estar emocional), o Salão da Chuva (embora ele não calçasse galochas e sua calça estivesse agora encharcada até os joelhos) e o teatro. Na verdade, não o teatro propriamente dito, mas o camarim nos bastidores. As paredes eram cobertas por trajes pendurados e, ao vesti-los, cada um te deixava com um sotaque e um andar engraçado que demoravam um tempão para desaparecer. Hawthorne ainda estava saltitando pelos corredores meia hora depois de ter tirado seu traje de Cachinhos Dourados.

Agora estavam sentados a uma mesa no canto da movimentada cozinha do Hotel Deucalião, cheia de vapor, barulho e chefes correndo para atender aos pedidos. Não era o melhor lugar para estudar para um teste, na opinião de Morrigan, mas Fen não permitira que fizessem o lanche na biblioteca e Kedgereee havia anunciado mais cedo que a gravidade tinha sido suspensa na sala de jantar até nova ordem.

— Qualé... meu talento? — Morrigan tinha aprendido a detestar essa pergunta. — Hã, eu não sei.

Hawthorne assentiu, mastigando e engolindo ruidosamente.

— Você não tem de me contar. Um monte de candidatos faz segredo. Dá uma vantagem a eles no Desafio do Espetáculo.

— Não é isso — apressou-se a dizer Morrigan. — Eu não acho que tenha um.

— Deve ter — disse ele, franzindo a testa enquanto engolia meio copo de leite. — Seu patrono não pode te inscrever nas provas, a menos que você tenha um talento. São as regras.

Um pensamento ainda incomodava Morrigan, bem lá no fundo da mente. Seu talento teria alguma coisa a ver com a maldição? Ela queria perguntar a opinião de Hawthorne, mas não devia mais *mentonar* a maldição. Tinha prometido a Jupiter.

— Eu acho que saberia se tivesse. — Morrigan beliscava seu sanduíche. Perdera o apetite. Fora bom ter um amigo por cinco minutos, pensou ela, agora infeliz. Seria melhor para Hawthorne fazer amizade com o garoto de cara de cachorro.

— Acho que sim. — Hawthorne deu de ombros. Ele acabou com o que restava de seu sanduíche e abriu um dos livros que Morrigan havia pegado emprestado no estúdio de Jupiter. — Vamos começar com a Grande Guerra?

Ela levantou a cabeça.

— O quê?

— Ou você prefere guardar esse tema para depois de cobrirmos as coisas chatas?

Morrigan tentou manter a voz leve, para ocultar sua surpresa.

— Então você... você ainda quer ser meu amigo?

— O quê? É claro. Dã.

Ele fez uma careta. Morrigan sentiu a boca se contrair em um sorriso. Hawthorne estava dando sua amizade como se ela nada significasse. Ele não sabia que significava tudo.

— Mas esperam que a gente esteja... estabelecendo alianças valiosas e... e todas aquelas coisas que disseram nas Boas-Vindas Fabulosas.

Morrigan levou os pratos vazios para a pia, esquivando-se por muito pouco do subchefe, que passou correndo com um prato fumegante de mexilhões. Ela se sentia obrigada a se certificar de que Hawthorne entendia a situação.

— Duvido que eu seja uma aliança valiosa.

— Quem liga? — ele perguntou com uma risada, virando as costas para o livro. Morrigan sentiu uma onda de alívio ao se sentar novamente. — Acho que devíamos começar com a Grande Guerra, porque tem um monte de sangue e vísceras. Primeira pergunta: quantas cabeças foram cortadas na Batalha do Forte Lamentação nas Terras Altas?

— Não tenho ideia.

Ele ergueu um dedo.

— Pergunta ardilosa. Os clãs das Terras Altas não fazem decapitações na batalha. Eles cortam torsos, penduram o que sobrou

dos inimigos de cabeça para baixo e os sacerdotes até as vísceras caírem.

— Que legal — disse Morrigan. O Estado Livre era mesmo um lugar *muito* diferente da República.

Hawthorne esfregou as mãos, os olhos brilhando. Ele só estava começando.

— Próxima pergunta: que famoso piloto da Força dos Céus foi torrado por um dragão inimigo durante a Batalha dos Penhascos Negros? Aah... e uma pergunta bônus: que tribo de selvagens habitantes dos penhascos engoliu seus restos chamuscados quando eles caíram do céu?

Uma semana depois Morrigan percorria o longo caminho até a entrada da Casa do Orgulho pela segunda vez, mais uma vez lutando contra o impulso de se virar e sair correndo. As árvores nuas e de troncos negros que ladeavam o caminho pareciam ainda mais ameaçadoras dessa vez. Contra o céu pálido, os galhos magricelas eram como aranhas pairando sobre Morrigan, prontas para atacar.

— Nervosa? — perguntou Jupiter.

A única resposta de Morrigan foi uma sobrancelha erguida.

— Certo. Claro que você está. Deveria mesmo. É um dia do tipo nervoso.

— Obrigada. Isso me faz sentir muito melhor.

— Sério?

— Não.

Jupiter riu, olhando os pedaços de céu cinzento através dos galhos das árvores.

— Eu quis dizer de um jeito bom. Sua vida está prestes a mudar, Mog.

— Morrigan.

— Em algumas horas você vai estar um passo mais perto de conseguir seu pequeno broche de ouro. E, quando isso acontecer, o mundo se abrirá para você.

Morrigan queria tirar ânimo da confiança dele, queria mesmo. Queria desesperadamente sentir que poderia conseguir isso. Se ao menos uma fração da fé que Jupiter tinha nela fosse justificada, no

verão ela teria colonizado a lua e curado toda e qualquer doença no mundo.

Mas isso de nada adiantava, porque ela ainda não havia chegado a uma conclusão sobre ele ser ou não louco.

— A parte escrita é a mais difícil — disse Jupiter. — Três perguntas ainda não vistas, total silêncio, nada além de um lápis, papel e uma mesa. Não se apresse, Mog, e responda sinceramente.

— Você quer dizer corretamente? — perguntou Morrigan, confusa. Jupiter não pareceu ouvi-la.

— Depois vem a parte oral, mas com essa você não precisa se preocupar... é só um pequeno questionário. É mais uma conversa, na verdade. Mais uma vez, *não se apresse*. Não tenha medo de fazê-los esperar. Os Anciãos querem ver como você é. Seja apenas você mesma, mostre o seu charme e vai dar tudo certo.

Morrigan queria perguntar de que charme Jupiter estava falando, e se ele talvez não a teria confundido com alguma outra Morrigan Crow que ele houvesse conhecido, mas era tarde demais. Eles haviam chegado à Casa do Orgulho, e os patronos não tinham permissão para entrar no salão de exames. Ela estava sozinha.

— Boa sorte, Mog — disse Jupiter, dando-lhe um soquinho de leve no braço.

Morrigan juntou-se ao fluxo de candidatos que subiam os degraus de mármore. Seus pés pareciam feitos de chumbo.

— Vá lá e conquiste.

O salão de exames era a maior sala em que Morrigan já estivera, cheia de fileiras e mais fileiras de mesas retangulares e cadeiras de madeira de espaldar reto. Centenas de candidatos chegavam, um após o outro, e sentavam-se, silenciosos, enquanto funcionários da Sociedade Fabulosa distribuíam livretos e lápis. Morrigan esticou o pescoço, tentando avistar Hawthorne, mas não teve sorte — os lugares foram designados em ordem alfabética, e ela supôs que ele estivesse em algum ponto, lá atrás, na seção S. Ela desistiu e leu a frente de seu caderno de provas.

Exame de Admissão para a Sociedade Fabulosa
Desafio do Livro

*Primavera do Ano Um,
Terceira Era dos Aristocratas
Candidata: Morrigan Odelle Crow
Patrono: Capitão Jupiter Amantius North*

Quando cada criança estava com sua prova, um funcionário da Sociedade na frente do salão fez soar uma campainha de vidro. Com um coro farfalhante, todos abriram os cadernos. Morrigan respirou fundo e olhou a primeira página.

Estava em branco. Assim como a segunda e a terceira. Ela folheou o restante do caderno e descobriu que não havia perguntas em lugar nenhum.

Então ergueu a mão e tentou atrair o olhar de um fiscal para lhe dizer que houvera um erro, que ela recebera uma prova em branco, mas a mulher na frente da sala estava desatenta.

Morrigan tornou a olhar para a primeira página. Palavras surgiram.
Você não é daqui.

Por que você quer entrar para a Sociedade Fabulosa?

Morrigan olhou à sua volta para ver se o caderno de algum outro candidato havia desenvolvido um cérebro e começado a fazer perguntas impertinentes. Se era esse o caso, ninguém parecia surpreso. Talvez seus patronos os houvessem avisado.

Ela lembrou-se do que Jupiter lhe dissera — *Não se apresse, Mog, e responda sinceramente.* Com um suspiro, Morrigan pegou o lápis e começou.

Porque eu quero ser um membro importante e útil da soc...

Antes que Morrigan terminasse de escrever, a frase foi riscada por alguma caneta invisível. Ela arquejou.

Bobagem, disse o caderno. *Qual é a verdadeira razão de você querer estar na Sociedade Fabulosa?*

Morrigan mordeu o lábio.

Porque eu quero um brochezinho de F.

As palavras foram novamente riscadas. Um canto da página começou a enegrecer e se enroscar.

Não, disse o caderno.

Uma minúscula espiral de fumaça subiu, enroscando-se, das bordas chamuscadas da página. Morrigan tentou apagá-la com a mão, mas parecia inútil. Ela olhou freneticamente à sua volta,

procurando um copo d'água ou um adulto para ajudá-la, mas os fiscais pareciam imperturbáveis. Na verdade, pareciam estar tranquilamente ignorando o fato de que não só o caderno de Morrigan, mas os de vários outros candidatos aparentemente se encontravam em estágios diversos de combustão.

O caderno de provas de um garoto irrompeu em chamas e queimou completamente, nada restando dele exceto uma pilha de cinzas em sua carteira. Um fiscal tocou no ombro dele e fez sinal para que saísse. O garoto deixou o salão cabisbaixo.

Respostas sinceras, pensou Morrigan rapidamente, e tornou a pegar o lápis.

Porque quero que as pessoas gostem de mim.

O papel deteve sua jornada de autodestruição e pairou no estado trêmulo e latente que em geral precedia a irrupção das chamas.

Continue, disse o caderno.

A mão dela tremia um pouco.

Quero fazer parte de um lugar.

Mais, instou o caderno.

Ela respirou fundo, pensou na conversa que tivera com Jupiter no dia após o Alvorecer, e escreveu:

Quero irmãos e irmãs que estarão ao meu lado para sempre, não importa o que aconteça.

O dano começou lentamente a se reverter, o papel tornando a ficar branco e limpo, recuperando seus cantos queimados. Aliviada, Morrigan afrouxou um pouco a mão que apertava mortalmente o lápis. Após um momento, a segunda pergunta apareceu:

Qual é o seu maior medo?

Morrigan nem precisou pensar na resposta dessa. Moleza.

Que os golfinhos aprendam a andar em terra e lancem ácido de seu orifício de respiração.

As palavras foram riscadas violentamente e o papel mais uma vez começou a carbonizar. Ali perto, uma garota gritou quando seu caderno se incendiou. Ela foi mandada para fora do salão de provas com as sobancelhas chamuscadas.

Morrigan vasculhou o cérebro enquanto os cantos de seu caderno se transformavam em cinzas. Ela falara a verdade! Golfinhos terrestres lançadores de ácido *eram* seu maior medo, *sempre* tinham

sido, exceto... bem, não. Ela sempre *dissera* que esse era seu maior medo. Provavelmente porque seu *maior* medo, o verdadeiro, era terrível demais para que ela falasse. Ela mordeu o lábio e pôs uma nova resposta na página.

A morte.

O caderno continuou a fumegar.

A morte, ela tornou a escrever. *A morte! Obviamente que é a morte!*

E então, uma onda cerebral...

Os Caçadores de Fumaça e Sombra.

Mas o caderno continuou a queimar. Morrigan o agarrou, encolhendo-se à medida que ele queimava seus dedos, e escreveu no último e minúsculo espaço em branco que restava na página:

Ser esquecida.

O caderno desqueimou um pouco.

Prossiga, disse ele.

Que ninguém vá se lembrar de mim. Que minha família não se lembre de mim porque

Morrigan fez uma pausa, o lápis suspenso acima da página enfumaçada...

porque eles prefeririam esquecer que eu existi.

O caderno alisou-se e clareou, desenrolando as páginas até que estivessem novamente imaculadas. Morrigan esperou pacientemente por sua terceira e última pergunta. Ela correu os olhos pela sala e viu que cerca de um quarto das mesas agora estavam vazias, exceto por montículos de cinzas.

E como, perguntou o livro, *você vai se assegurar de que as pessoas se lembrem de você?*

Morrigan pensou por bastante tempo. Recostou-se na cadeira e observou silenciosamente enquanto pequenos incêndios irrompiam à sua volta e mais algumas dezenas de candidatos eram convidados a deixar o salão. Por fim, ela deu a resposta mais honesta que lhe ocorreu:

Eu não sei.

E, após um momento de hesitação, acrescentou mais uma palavra:

Ainda.

Em um instante, todas as três perguntas e respostas desapareceram das páginas e foram substituídas por uma única palavra em grandes letras verdes.

APROVADA.

Morrigan andava de um lado para o outro em uma antessala da Casa do Orgulho. Cerca de um terço dos candidatos não havia passado na prova escrita. O restante fora separado em grupos menores, conduzidos para salas a fim de esperar a próxima parte do Desafio dos Livros.

No grupo de Morrigan havia um garoto abraçando os joelhos junto ao peito e se balançando para frente e para trás, um agitado par de gêmeos disparando perguntas um para o outro e batendo as palmas das mãos violentamente em um toca aqui, e uma garota largada em uma cadeira com os braços cruzados.

Morrigan a reconheceu. Era a amiga de Noelle, das Boas-Vindas Fabulosas, a que não conseguia parar de rir das piadas sem graça de Noelle. Seu cabelo preto estava preso em uma grossa trança enrolada na parte de trás da cabeça. Ela observava os gêmeos através dos olhos castanhos semicerrados.

— Quais são os três principais produtos de exportação da Zeelândia de Cima? — gritou um dos gêmeos.

— Jade, escamas de dragão e lã! — gritou o outro. E trocaram mais um toca aqui.

A amiga de Noelle franziu a testa.

Uma mulher com uma prancheta entrou na sala, os saltos clique-claqueando no piso de madeira enquanto ela se dirigia, apressada, ao grupo de crianças.

— Fitzwilliam? Francis John Fitzwilliam? — leu em sua lista.

O garoto no canto ergueu a cabeça e engoliu em seco. Gotas de suor surgiram em sua testa. Ele se levantou, vacilante, e a seguiu para fora da sala, tamborilando os dedos nas coxas e fitando o chão.

— Quem foi o primeiro nevermooriano a andar na lua? — gritou um dos gêmeos.

— A tenente-general Elizabeth Von Keeling! — gritou o outro, e os dois bateram as palmas novamente.

A garota com o cabelo trançado respirou com força pelo nariz.

Morrigan fechou os olhos e se concentrou em nomear os 27 bairros de Nevermoor.

— Cidade Velha — ela sussurrou para si mesma —, Pavio, Bloxam, Betelgeuse, Macquarie...

Ela podia fazer isso. Estava preparada. Lera todos os livros de história e geografia em que conseguira pôr as mãos, e obrigara Kedgerree a lhe fazer perguntas e mais perguntas na noite anterior. Ela podia não saber muito sobre as exportações da Zeelândia de Cima (seja lá onde isso for), mas estava segura de saber o bastante agora sobre Nevermoor e o Estado Livre para passar para o desafio seguinte.

— Delphia — prosseguiu Morrigan, os olhos voltados para o teto. — Groves e Alden, Deering, Muralha...

— Eles não vão perguntar sobre os bairros — disse a amiga de Noelle.

Morrigan ficou surpresa ao ouvir sua voz: era mais baixa e mais rouca do que esperava. Nas Boas-Vindas Fabulosas ela soara como uma hiena eufórica.

— Todo idiota sabe quais são os bairros. Aprendemos isso no jardim de infância, pelo amor de Deus.

Morrigan a ignorou.

— Pocock, Farnham e Barnes, Rhodes Village, Tenterfield...

— Você é surda ou idiota? — perguntou a garota.

— Onde os fusos horários do Reino Não Denominado se cruzam? — gritou um dos gêmeos.

— No centro da Floresta de Zeev, Quinto Setor do Estado Livre! — gritou o outro. E bateram as mãos outra vez.

Morrigan fechou os olhos e recomeçou a andar.

— Blackstock... hã... Bellamy...

Foi interrompida por um muro macio, que vinha a ser uma pessoa. Ela abriu os olhos, com o susto, e deu de cara com a mulher da prancheta olhando-a de cima.

— Crow?

Morrigan assentiu gravemente, endireitou o vestido e os ombros e seguiu a mulher para o salão de entrevistas. A meio caminho, ela olhou para trás e viu a amiga de Noelle falando com os gêmeos.

— Vocês não vão conseguir — dizia ela em sua voz rouca. — Vocês estão completamente despreparados. Não vão se lembrar de uma só informação. Vocês nunca vão entrar na Sociedade. Podem até voltar para casa agora.

Morrigan olhou para a mulher com a prancheta para ver se ela se viraria e diria alguma coisa, mas o rosto dela estava sem expressão e desinteressado, como se não tivesse ouvido uma só palavra.

— Vamos — disse, dando um empurrãozinho em Morrigan. — Eles estão à sua espera. Fique parada na cruz.

O Supremo Conselho de Anciãos encontrava-se sentado a uma mesa no centro de um salão vazio. Quando Morrigan se aproximou, eles murmuraram alguma coisa entre eles, tomando goles de água e mexendo em pilhas de papéis.

— Srta. Crow — disse a esguia Anciã Quinn, de cabelos ralos, ajustando os óculos. — Quem é o líder do Estado Livre?

— O primeiro-ministro Gideon Steed.

— Incorreto. Os líderes do Estado Livre são a inovação, a engenhosidade e a sede de conhecimento.

O estômago de Morrigan despencou, como se ela tivesse errado um degrau na escada. Naquele instante soube que não estava preparada para o tipo de entrevista que os Anciãos haviam decidido fazer. Qualquer migalha de confiança que pudesse ter sentido antes agora a havia abandonado, e de repente ela se viu dominada pelo medo.

— Quem é Gideon Steed? — perguntou o touro, Ancião Alioth Saga.

Morrigan vacilou.

— Ele é... ele é o p-primeiro-ministro. Não é?

— Incorreto — disparou o Ancião Saga. — O primeiro-ministro Gideon Steed é um comissário do Estado Livre, eleito democraticamente, uma sentinela que foi apontada pelo povo para proteger os valores, padrões e liberdades que prezamos.

— Mas ele é o primeiro-ministro — insistiu Morrigan. Isso não era justo. Ela respondera corretamente. — O senhor mesmo disse.

Os Anciãos ignoraram seu protesto.

— Como se diferencia um verdadeiro espécime botânico incendiário de uma árvore que foi simplesmente incendiada? —

perguntou o Anciã Helix Wong.

Essa ela sabia.

— As chamas de um espécime botânico incendiário nunca produzem fumaça.

— Incorreto — replicou o Anciã Wong. — Os espécimes botânicos incendiários estão extintos. Qualquer coisa que pareça um espécime botânico incendiário é uma árvore simplesmente incendiada, e deve ser apagada imediatamente.

Morrigan gemeu por dentro. Ela deveria ter esperado por isso. É *claro* que árvores de fogo estavam extintas. Jupiter lhe dissera isso! Além do mais, ela lera em *Uma história vegetal de Nevermoor* que ninguém via uma árvore de fogo queimando havia mais de cem anos. Ela sentiu uma pontada de irritação com a pergunta capciosa.

— Qual a idade da grande cidade de Nevermoor? — perguntou a Anciã Quinn.

— Nevermoor foi fundada há mil oitocentos e noventa e um anos, durante a Segunda Era Aviária.

— Incorreto. Nevermoor é tão antiga quanto as estrelas, tão nova quanto a neve em pó e tão poderosa quanto o trovão.

— Bem, isto é impossível! Como esperam que eu...

— Quando ocorreu o Massacre da Praça Coragem? — perguntou a Anciã Quinn.

Morrigan havia começado a responder (Inverno do Ano Nove, Era dos Ventos do Leste) quando algo surgiu em sua mente. Ela se interrompeu e esperou um momento para deixar que seu cérebro formasse a resposta antes de sua boca. Os Anciãos aguardavam, ansiosos.

Não tenha medo de fazê-los esperar.

— O Massacre da Praça Coragem — ela começou, hesitante — ocorreu em... um dia sombrio.

Os Anciãos nada disseram.

— Um dos dias mais sombrios da história de Nevermoor — continuou Morrigan. — Um dia em que... — Ela fez uma pausa enquanto seu cérebro procurava as palavras. — Um dia em que a selvageria triunfou sobre a bondade. Um dia em que o mal se apossou de Nevermoor e... e... a sacudiu até suas entranhas caírem.

Os Anciãos continuavam a fitá-la. O coração de Morrigan martelava em seus ouvidos. O que mais eles queriam?

— Um dia para nunca se repetir — disse, por fim. Era isso, não restava mais nenhuma maluquice nela.

A Anciã Quinn sorriu. Foi um sorriso muito breve, mas Morrigan o viu. Era como uma florzinha muito diminuta em um canteiro de impiedosas ervas daninhas.

A pequena anciã encurvada parecia prestes a fazer outra pergunta, e Morrigan de repente se sentiu aterrorizada. Na verdade, ela não sabia muito sobre o Massacre da Praça Coragem. Ela e Hawthorne haviam feito uma pausa para um chá no meio daquele capítulo da *Enciclopédia de Barbarismo Nevermooriano* e esquecido de voltar para o livro.

Morrigan prendeu a respiração, esperando ter respondido o suficiente. A Anciã Quinn olhou para os colegas, que assentiram brevemente e voltaram aos seus papéis.

— Obrigada, srta. Crow. Pode ir.

Morrigan saiu, piscando, para a luz do sol. Desceu, em transe, os degraus da Casa do Orgulho, onde Jupiter a esperava.

— Como foi?

— Esquisito.

— Óbvio. — Ele deu de ombros, como se ela devesse ter percebido que a esquisitice era o procedimento padrão na Sociedade Fabulosa. — Seu amigo dos sapos saiu mais cedo, por falar nisso. Pediu que lhe dissesse que ele passou para o próximo desafio, e que é melhor você passar também ou vai se ver com ele. Então ele e Nan tiveram de correr para uma sessão de treinamento de montaria em dragões, e eu tive de fingir não estar morrendo de inveja de um garoto de onze anos que pode montar dragões. Então, você, hã... você passou? — perguntou ele casualmente.

Morrigan ergueu a carta que tinham lhe dado, ela mesma ainda não acreditando.

— “Parabéns, candidato” — Jupiter leu em voz alta. — “Você demonstrou sua sinceridade, seu discernimento e seu raciocínio rápido, e está apta a prosseguir para a próxima rodada de provas para a Unidade 919. O Desafio da Perseguição vai acontecer ao

meio-dia do último sábado do Verão do Ano Um. Enviaremos detalhes posteriormente.” Eu disse a você. Não disse que você ia conseguir? Muito bem, Mog. Estou muito satisfeito.

Morrigan não estava prestando atenção. Tinha avistado os gêmeos do toca aqui saindo da Casa do Orgulho. Eles corriam, chorando, para seu patrono.

— Não p-podemos fazer isso! — soluçou o primeiro gêmeo. — Estamos c-completamente despreparados!

— Não lembramos de n-nada!

Em meio ao alívio que sentia com seu sucesso, Morrigan lamentou pelos gêmeos. Aquela garota horrível, amiga de Noelle, havia obviamente entrado na mente deles e acabado com a confiança de ambos. Ela queria dizer algo, dar a eles alguma dica sobre o que os Anciãos queriam, mas Jupiter já a estava afastando da Casa do Orgulho.

O sol havia saído, fazendo os galhos nus e negros que ladeavam o caminho parecerem menos sinistros do que antes. Ela ergueu o rosto, deixando que a aquecesse, e distraidamente estendeu a mão para tocar uma das árvores mortas enquanto ela e Jupiter passavam. Um raio de calor abrasador e minúsculas centelhas púrpura atingiram a ponta de seus dedos, e ela puxou a mão rapidamente.

— Ai!

— O que foi? — Jupiter parou abruptamente. — Qual é o problema?

— Esta árvore me queimou!

Ele a fitou por um momento, então deu uma risadinha.

— Muito engraçada, Mog. Eu lhe disse que a árvore de fogo está extinta.

Jupiter seguiu na frente dela, enquanto Morrigan examinava seus dedos intactos. Então, estendeu a mão, com cautela, para tocar novamente a árvore. Nada aconteceu.

Ela sacudiu a cabeça, dando uma risadinha confusa. Aparentemente ainda restava um pouco de maluquice à sua imaginação, sim.

CAPÍTULO DOZE

Sombras

Verão do Ano Um

Com seu primeiro desafio cumprido e os próximos meses à frente, Morrigan estava livre para desfrutar o verão no Hotel Deucalião. Os dias brincando na piscina ensolarada do Pátio Jasmim davam lugar a agradáveis noites de aulas de dança de salão, churrasco no jantar e sessões descontraídas no Salão da Fumaça, relaxando em vaporosas nuvens de baunilha (“para acalmar os sentidos e promover sonhos felizes”). Se ocasionalmente seus pensamentos se desviavam para o Solar do Corvos, se ela se lembrava de como a avó era sempre ligeiramente mais simpática no verão, ou se perguntava se Ivy já teria tido o bebê, o pensamento era sempre rapidamente espantado por um convite para ajudar Charlie a cuidar dos cavalos, ou para degustar o cardápio da próxima festa de Frank.

Às vezes Dame Chanda, que notoriamente tinha seis pretendentes (“um para cada noite da semana, exceto domingos”, explicava displicentemente), solicitava a ajuda de Morrigan para escolher seu traje para a noite. Juntas, elas mergulhavam em milhares de lindos vestidos, sapatos e joias no armário da soprano (que era quase tão grande quanto o saguão do hotel) em busca do perfeito conjunto para o jantar e dança com o homem que Jupiter havia apelidado de “Monsieur Segunda-Feira”, um passeio pelo parque com o “Sir Quarta-feira do Meio de Semana” ou uma noite no teatro com “o Honorável Lorde Quinta-Feira”.

A vida no Deucalião apresentava novas curiosidades diariamente — como a ocasião em que Kedgerree convocou os homens dos Serviços Paranormais para remover um fantasma chato que vinha atravessando paredes no quinto andar. Kedgerree disse que não se importava com fantasmas, no geral, desde que não tivessem hábitos irritantes. Mas esse insistia em voltar, disse ele — já estavam na terceira visita dos Serviços Paranormais — e, embora ele mesmo nunca tivesse visto o espectro, as histórias e boatos haviam assustado tanto alguns hóspedes que ele tivera de transferi-los para outro andar. Morrigan teve permissão para assistir ao exorcismo, mas não foi tão impressionante quanto ela imaginara. Tivera esperanças de ver um fantasma de verdade sair voando do edifício, mas houve apenas muita queima de sálvia e uma dança estranha, e então os homens dos Serviços Paranormais entregaram a Kedgerree uma nota fiscal de quatrocentos e cinquenta kreds e foram embora.

A coisa mais decepcionante do verão, porém — *muito* mais decepcionante do que o exorcismo —, era que Morrigan via Jupiter cada vez menos. Ele estava sempre sendo chamado para tratar de assuntos da Liga dos Exploradores, ou saindo apressado para intermináveis reuniões, jantares e festas.

— Más notícias, Mog. — Jupiter desceu deslizando o corrimão curvo de mármore numa tarde de quinta-feira, aterrissando no saguão, onde Morrigan e Martha dobravam guardanapos no formato de cisnes. Os cisnes de Martha pareciam perfeitos, como se a qualquer momento pudessem levantar voo em formação. Os de Morrigan pareciam pombos bêbados e zangados. — Não vou poder levar você e Hawthorne ao bazar amanhã à noite. Surgiu um imprevisto.

— De novo?

Jupiter correu a mão pelos brilhantes cabelos acobreados, enfiou a camisa na calça rapidamente e puxou os suspensórios, colocando-os no lugar.

— Receio que sim, minha garota. A Autoridade de Transportes de Nevermoor mandou...

— *De novo?* — repetiu Morrigan. A ATN vinha mandando mensageiros buscar Jupiter no Deucalião o verão inteiro. Em geral, eles só precisavam da ajuda dele com “ecos na Linha Diáfana” — fosse lá o que isso quisesse dizer —, mas três semanas antes acontecera outro descarrilamento, e dessa vez duas pessoas tinham morrido. Fora manchete de primeira página por uma semana, e as pessoas no Deucalião enlouqueceram com boatos sobre quem seria o responsável e o que isso poderia significar. Parte da equipe de empregados entrou em tal estado de pânico que Jupiter teve de proibir que qualquer um pronunciasse a palavra *Fabulador*.

— Eu posso levar Morrigan — ofereceu Martha. — Amanhã é minha noite de folga, e Charlie vai me levar... quero dizer, o sr. McAlister e eu... bem, ele vai ao bazar e me convidou... eu pensei em ir até lá também. — Um rubor carmesim espalhou-se pelo rosto de Martha. Todos sabiam no Deucalião que ela e Charlie McAlister, o motorista do hotel, gostavam um do outro. Eles eram os únicos que ainda achavam que isso era segredo.

— Está tudo bem, Martha. Você e Charlie já terão muito com o que se ocupar. — Jupiter sorriu. — Nós vamos em breve, Mog. Prometo.

Morrigan tentou esconder o desapontamento. O Bazar de Nevermoor era uma famosa feira que acontecia nas noites de sexta-feira, durante o verão. As pessoas vinham de todos os Sete Setores só por causa dela, e muitas se hospedavam no Hotel Deucalião. Toda sexta, ao entardecer, convidados agitados saíam em carruagens ou em trens, e toda manhã de sábado, durante o brunch, eles contavam e mostravam suas histórias vibrantes, fotografias e aquisições. Mas o verão já estava pela metade e Morrigan ainda não tinha ido.

— Na próxima semana? — ela perguntou, esperançosa.

— Na próxima semana. Definitivamente. — Ele pegou seu casaco azul comprido e abriu a porta da frente, então parou e olhou para trás. — Espere... na próxima semana não. Estou escalado para o portal de Phlox II. Lugar terrível. Todos os enxames de insetos sugadores de sangue de Phlox I, só que sem o charme. — Ele coçou a barba ruiva e deu uma risadinha impotente. — Vamos encontrar uma solução. Ei, Jack chega do acampamento da orquestra no próximo fim de semana. Vai ficar aqui pelo restante do verão. Assim, poderemos ir juntos, nós três. Ou melhor, nós quatro... Hawthorne também.

Morrigan tinha quase esquecido que o sobrinho de Jupiter morava no Deucalião quando não estava no internato. Martha dissera que ele às vezes vinha para casa em alguns fins de semana, mas até ali não houvera o menor sinal dele.

Jupiter voltou para pegar a sombrinha e parou para olhá-la de forma estranha.

— Você anda tendo sonhos ruins?

— O quê? Não — apressou-se a dizer Morrigan, olhando para Martha.

A camareira de repente ficou muito ocupada contando seus cisnes e fingindo não ouvir.

Jupiter agitou a mão em torno da cabeça de Morrigan, como se espantasse moscas invisíveis.

— Sim, anda sim. Eles estão à sua volta. Com o que você tem sonhado?

— Nada — mentiu ela.

— É o Desafio do Espetáculo, não é? Eu disse para você não se preocupar com isso.

— Não estou preocupada. — *Mentira*.

— Tudo bem. — Jupiter assentiu lentamente, então se inclinou sobre sua cadeira e sussurrou: — Sinto muito mesmo pelo bazar, Moggers.

— Morrigan — ela corrigiu, estendendo a mão para ajeitar a gola dele, que havia se dobrado. — Deixa pra lá. Hawthorne e eu podemos fazer outra coisa.

Jupiter assentiu mais uma vez, deu um soquinho brincalhão no braço de Morrigan, e se foi.

Na manhã seguinte, havia um garoto na mesa em que Morrigan tomava café da manhã, na sala de jantar. Sentado na cadeira dela. Comendo a torrada dela.

Ele era mais alto e mais velho — uns doze ou treze anos — e, embora seu rosto estivesse quase totalmente escondido atrás de uma edição do *Sentinela*, o alto de sua espessa cabeleira negra estava visível acima do jornal. Passando as páginas e bebericando suco de laranja vermelha, ele recostou-se na cadeira, como se fosse o dono do lugar.

Morrigan pigarreou baixinho. O garoto não levantou os olhos do jornal. Ela esperou um momento e então tossiu alto.

— Afaste-se se estiver doente — ordenou ele.

Outra página virada. Uma mão esguia e morena surgiu, pegou um pedaço de torrada e tornou a desaparecer atrás do jornal.

— Não estou — disse ela, espantada com a grosseria dele. — Os hóspedes não têm permissão para vir aqui embaixo. Você está perdido?

Ele ignorou a pergunta.

— Se você não tem nada contagioso, pode ficar — falou o garoto.

— Mas não fale enquanto eu estiver lendo.

— Eu sei que posso ficar. — Ela empertigou-se, ficando mais alta.

— Eu moro aqui. Você está sentado na *minha* cadeira.

Com isso, por fim o garoto baixou lentamente o jornal para revelar um rosto comprido e uma expressão de extremo desagrado. Uma

sobrancelha arqueou-se e sua boca contorceu-se em uma careta enquanto olhava Morrigan de cima a baixo.

Acostumada a essa reação ao conhecer pessoas, Morrigan estava menos surpresa com seu desdém do que com o tapa-olho de couro preto que ele usava do lado esquerdo do rosto. Ela imediatamente o reconheceu da foto escolar no estúdio de Jupiter: John Arjuna Korrapati.

Então esse era Jack.

Ele dobrou o jornal e o colocou no colo.

— *Sua* cadeira? Você mora aqui há longos cinco minutos e já se apossou da mobília? Eu moro aqui há cinco anos. Por *acaso* é aqui que tomo meu café da manhã.

— Você é o sobrinho de Jupiter.

— Você é a candidata dele.

— Ele falou com você sobre mim?

— Mas é claro.

Ele tornou a abrir o jornal ruidosamente e enterrou o rosto nele mais uma vez.

— Pensei que só viesse para casa no próximo fim de semana.

— Está mal informada.

— Jupiter está fora.

— Sei disso.

— Por que você voltou mais cedo?

Ele suspirou pesadamente e o jornal caiu.

— Tio Jove não quis me dizer qual é o seu talento. Só posso imaginar que você tem o dom de irritar as pessoas enquanto elas estão tentando ler.

Morrigan sentou-se diante dele.

— Você frequenta a Escola para Garotos Espertinhos, não é?

— Escola Graysmark para Jovens Brilhantes — replicou ele.

Morrigan sorriu. Ela sabia o nome correto.

— Como é lá?

— Simplesmente de primeira.

— Por que você não faz parte da Sociedade Fabulosa, como Jupiter? Você tentou?

— Não. — Jack dobrou novamente o jornal, enfiou um pedaço de torrada na boca e pegou sua xícara de chá pela metade na mesa

antes de deixar a sala de jantar e subir a escada pisando forte.

Morrigan perguntou-se onde seria o quarto dele, e como seria, e onde os pais dele moravam, e o que aconteceu com o olho dele, e como era possível que ele não tivesse se candidatado para a Sociedade, e como ela ia aguentar meio verão com sua companhia nada agradável.

Enquanto se acomodava em sua cadeira favorita e pegava um pedaço de torrada, fez uma anotação mental para acordar mais cedo no dia seguinte e chegar ali antes de Jack.

— Alguém provavelmente o arrancou com um atizador de brasas — disse Hawthorne naquela noite enquanto ele e Morrigan arrastavam o baú de jogos de tabuleiro no Salão da Fumaça (o vapor essa noite era cor-de-rosa: “para estimular a doçura de temperamento”). — Ou o espetou com um abridor de cartas. Ou pôs insetos devoradores de carne debaixo da pálpebra e eles comeram tudo. Alguma coisa assim.

— Argh. — Morrigan estremeceu. — Quem faria isso?

— Alguém com motivo para não gostar dele — disse Hawthorne.

— Então pode ser qualquer um que já o tenha conhecido.

Hawthorne sorriu e então, examinando o conteúdo do baú com uma expressão de desânimo, perguntou:

— Não vamos fazer isso *de verdade*, vamos?

— Vamos — disse Morrigan, pegando uma caixa colorida ali dentro.

Ela estava determinada a ter uma noite divertida para que, quando Jupiter perguntasse, pudesse sinceramente dizer que não tinha a menor importância que ele houvesse cancelado o prometido passeio ao Bazar de Nevermoor pela quinta semana consecutiva. Nenhuma importância mesmo.

— Donas de Casa Felizes? Ah, por favor... Eu não jogo isso desde que tinha dez anos.

Ignorando Hawthorne, Morrigan começou a arrumar as peças.

— Eu serei a sra. Estupefata, a avó bondosa. Você pode ser a srta. Cara de Má, a profissional insatisfeita. Esse jogo não é lá muito moderno, né? Eu vou primeiro.

Ela jogou o dado e moveu sua peça, pegou uma carta no centro do tabuleiro e leu:

— “Você ganhou um concurso de arranjos de flores. Recolha o seu prêmio: um avental bordado, o adereço perfeito para usar enquanto cozinha para o seu marido que dá duro trabalhando. Não se esqueça de retocar o batom e ajeitar o cabelo antes de ele chegar em casa.”

— Ela pôs a carta de lado imediatamente e começou a guardar as peças. — Muito bem, então, o que *você* quer fazer?

— O que você acha? Ir ao Bazar de Nevermoor, é claro. Meu irmão, Homer, vai com um grupo de amigos. Aposto que ele nos deixaria ir se prometermos fingir que não o conhecemos.

— Não posso. Não tenho permissão para sair do hotel sem Jupiter.

— Mas isso é uma regra? — perguntou Hawthorne. — Ele *disse* isso mesmo? Porque, se ele não *disse* que é uma regra, então provavelmente é... mais uma sugestão.

Morrigan suspirou.

— São três as regras que tenho de seguir. Tive de decorá-las. Um: se uma porta está trancada e eu não tenho a chave, não tenho permissão para entrar ali. Dois: não posso sair do Deucalião sem Jupiter. Três... eu sempre esqueço a três. Alguma coisa sobre a ala sul. De qualquer forma, não importa. Não posso ir.

Hawthorne pareceu pensativo.

— Essa primeira regra significa que, se alguma porta estiver destrancada, então você tem permissão para entrar?

— Creio que sim.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Legal.

Os dois passaram a hora seguinte subindo e descendo corredores, experimentando fechaduras por seis andares antes que ficasse chato. Os únicos quartos destrancados no Deucalião pareciam ser aqueles que os dois já tinham visitado um milhão de vezes, mas, por fim, no sétimo andar da ala oeste, justamente quando uma partida de Donas de Casa Felizes parecia inevitável, a inspiração bateu à porta.

— Isso parece familiar. — Morrigan tentou outra fechadura trancada. Ela era diferente das outras naquele andar. Em vez de metal maciço, a maçaneta consistia em uma filigrana de prata

retorcida, e tinha uma minúscula ave de opala, as asas abertas. — Isso parece... Ah. Ah! *Espere aqui*.

Ela disparou até o quarto andar e voltou também correndo, chegando sem fôlego, mas triunfante, tendo nas mãos sua sombrinha.

Hawthorne inclinou a cabeça.

— Está esperando chuva?

A ponta de prata se encaixava na fechadura. Morrigan girou a sombrinha de lona e virou o cabo. A porta se abriu com um clique satisfatório, e ela sorriu.

— Eu sabia.

— Como...

— Jupiter me deu esta sombrinha de aniversário — explicou ela, seu entusiasmo crescendo. — Você acha que ele sabia que isso ia acontecer? Talvez ele *quisesse* que eu descobrisse!

— Sim. — Hawthorne parecia confuso. — Ele seria capaz de alguma coisa maluca assim.

O quarto era grande e fazia eco, pois estava totalmente vazio, exceto por uma lanterna de vidro no meio do chão. Dentro dela, uma única vela acesa, clara o bastante para lançar um brilho dourado e cálido no quarto escuro.

— Estranho — murmurou Hawthorne.

Era um eufemismo. Morrigan tinha quase certeza de que não era para uma vela acesa ficar sozinha em um quarto vazio trancado no sétimo andar. No mínimo porque provavelmente era um risco de incêndio. E, além disso, era assustador.

Quando se aproximaram dela, a luz da lanterna tornou suas sombras gigantes e monstruosas. Hawthorne teve um ataque de riso ao encurvar as costas e fazer um passinho de zumbi, gemendo alto para dar mais efeito. Ele se arrastou na direção da vela e sua sombra zumbi ficou enorme na parede atrás dele.

Então algo estranho aconteceu. Hawthorne parou de se mover. Mas sua sombra não. Ela continuou seu passinho de zumbi sem ele, ganhando vida própria e percorrendo a parede mais distante, até se dissolver em um canto escuro e desaparecer.

— Sinistro — sussurrou Morrigan.

— Muito sinistro — concordou Hawthorne.

— Deixa eu tentar. — Ela fez uma sombra no formato de cobra com o braço. A sombra desenrolou-se, afastando-se dela, e coleou ao longo das paredes, dando o bote, furiosa, nos coelhinhos de sombra que Hawthorne despachou pulando em sua direção.

A tentativa ligeiramente capenga de Morrigan para fazer um gato transformou-se em um leão feroz que perseguiu e comeu cada coelhinho. Hawthorne criou um pássaro, que se transfigurou em um morcego e mergulhou sobre sua própria sombra, como se tentasse arrancar seus olhos.

Suas criações foram se tornando mais elaboradas à medida que os dois tentavam superar o outro. E não precisavam nem se esforçar muito — era como se as sombras estivessem *tentando* ser o mais assustadoras possível. Um peixe metamorfoseou-se em um tubarão, que se metamorfoseou em um cardume de tubarões circulando, que se metamorfoseou em um turbilhão de tubarões gigantes, com as sombras de Hawthorne e Morrigan no centro. Era aterrorizante e emocionante, e tão, *tão* legal.

— Eu... vou fazer... — disse Hawthorne, a língua se projetando pelo lado da boca enquanto ele curvava os dedos em uma forma complicada e irreconhecível — ... um *dragão*.

E, de repente, sua sombra disforme transformou-se em uma grande fera reptiliana, que foi se agigantando na parede, batendo monstruosamente as asas negras ao alçar voo. Ela plainou e mergulhou em torno de suas cabeças e disparou chamas negras de sombra de suas mandíbulas apavorantes. Hawthorne fez um cavalo-sombra, e o dragão o esturricou, transformando-o em uma batata frita crocante e o engolindo em três mordidas repugnantes.

As crianças gritaram ao vê-lo mergulhar e agarrar a sombra de Hawthorne, voando para longe enquanto os membros negros de Hawthorne-Sombra se agitavam. Os gritos deles se transformaram em risada.

— Acho que acabo de ganhar — disse Hawthorne com um sorriso convencido.

— Em primeiro lugar, isso não é uma competição — disse Morrigan. — Em segundo... *eu* vou ganhar.

Eles se sentaram no chão com a lanterna entre eles, e Morrigan flexionou os dedos. Se Hawthorne achava que podia ser mais

assustador do que a cidadã mais assustadora de Chacalfax, ele estava se iludindo.

— Eu vou te contar uma história.

Ela retorceu as mãos, dando-lhes a forma de algo que lembrava toscamente uma pessoa.

— Era uma vez um garotinho que estava caminhando sozinho na floresta.

Ela fez algumas árvores altas, que se balançavam com o vento, e o garoto-sombra caminhava obedientemente entre elas.

— A mãe dele sempre aconselhou que ele não andasse sozinho na floresta. Havia uma bruxa que morava lá, e sua comida preferida eram garotos picadinhos com torrada. Mas o garoto não deu ouvidos a ela, porque ele gostava de colher as frutinhas que cresciam na floresta.

Morrigan se dobrou no que ela achava que era uma forma apropriada a uma bruxa, os dedos encurvados, semelhantes a garras. Sua sombra cuidou do restante, transformando-se em uma velha assustadora completa: nariz aquilino com verruga na ponta e chapéu pontudo. A bruxa-sombra seguiu o garoto em meio às árvores.

— Ele achava que conhecia a floresta, mas acabou se perdendo e não conseguiu encontrar o caminho de volta. Caminhou por horas e horas. A noite caiu, e a floresta foi ficando mais escura.

Morrigan criou uma coruja que alçou voo de repente, sacudindo os galhos da árvore onde estava. O garoto-sombra olhou por sobre o ombro e estremeceu, assim como Hawthorne.

— De repente, ele ouviu uma voz velha e rouca vindo de trás dele. “Quem é que está andando na minha floresta?”, perguntou a bruxa. “Quem está pegando minhas frutinhas?”

Morrigan prosseguiu:

— O garoto tentou correr, mas a bruxa o pegou pelo cangote e o carregou para casa, para sua tábua de cortar, gargalhando por todo o caminho. — (Morrigan tinha um orgulho particular de sua risada de bruxa.) — Quando ela ergueu a faca no ar, um uivo perfurou a noite.

Morrigan fez um fantoche de sombra de cachorro, que se transformou em lobo e em seguida em uma matilha de lobos. Eles rodearam a bruxa e o menino, rosnando ferozmente. Ela não tivera a

intenção de criar tantos deles, mas as sombras tinham ideias próprias. Eram muito boas nisso. Morrigan precisava assumir o controle antes que a história escapasse de seu controle.

— Finalmente — disse ela, à procura de um final apressado —, o menino, hã... o menino ouviu a mãe chamar por ele a distância. Ela veio resgatá-lo, cavalgando em seu velho e confiável cavalo, o Sargento Clop, e... o menino alegrou-se quando os viu galopando na colina!

O fantoche de cavalo-sombra de Morrigan de fato galopou em direção ao menino, à bruxa e aos lobos. Mas não havia nenhuma mãe heroica em seu lombo, chegando para salvar o menino. Não havia absolutamente nenhuma mãe. Somente um homem alto e esquelético empunhando um rifle longo e preto.

— Eu não fiz isso — sussurrou Morrigan, o medo frio subindo por sua garganta. As sombras haviam sequestrado sua história.

Uma brigada montada surgiu atrás do primeiro cavaleiro, cada cavalo carregando um caçador fantasmagórico. A bruxa-sombra e o menino-sombra desapareceram na escuridão, e os lobos foram ficando cada vez maiores à medida que cercavam Morrigan e Hawthorne.

Morrigan gritou.

Ela correu para a porta, seguida de perto por Hawthorne, e somente quando emergiram à luz clara do corredor ela se deu conta de que não estavam sendo perseguidos.

— Qual o problema? — perguntou Hawthorne. — Estava ficando divertido.

Ela sacudiu a cabeça, tremendo.

— Não era para isso acontecer. Os Caçadores de Fumaça e Sombra não deveriam estar na história.

— Os Caçadores de... quê?

Morrigan suspirou, trêmula, e contou a Hawthorne a história de seu décimo primeiro aniversário. Uma vez tendo começado, tudo saiu aos borbotões — a maldição do Escurecer e como ela deveria morrer, e então o aparecimento de Jupiter e a perseguição dos Caçadores de Fumaça e Sombra, e como atravessaram o relógio e como fora assim que ela viera parar no Hotel Deucalião, e como ela não tinha *mesmo* nenhum talento, nem a menor ideia do que estava

fazendo ali. Ela contou a ele até mesmo a parte mais dolorosa e assustadora — sobre o Inspetor Flintlock e que, se não entrasse para a Sociedade, seria forçada a ir embora de Nevermoor e enfrentar os Caçadores novamente.

Hawthorne permaneceu em silêncio até ela ter terminado, e por um tempinho depois. Ele parecia atordoado. Morrigan o observava, mordendo o lábio, temendo ter falado demais. Talvez devesse ter deixado de fora a parte sobre vir da República e estar em Nevermoor ilegalmente. E a parte sobre a maldição. E todas as outras partes.

— Sem querer ofender — disse ele, por fim —, mas essa história é *muito* melhor do que a que você inventou.

O ar deixou os pulmões de Morrigan em um assovio baixo. Era típico de Hawthorne lidar bem com a estranheza da vida dela, mas mesmo assim ela estava profundamente aliviada.

— Hawthorne, você *tem* de guardar segredo disso — pediu Morrigan. — Eu não devia ter falado. Se alguém descobrir... se o Inspetor Flintlock...

Hawthorne ergueu o dedo mínimo.

— Morrigan Crow — disse ele, solenemente —, eu juro com o dedo mindinho guardar seu segredo e não contar a ninguém.

Morrigan ergueu uma sobrancelha.

— Você jura com o quê?

— Com o dedo mindinho. — Ele aproximou o dedo mínimo do rosto dela. — Nunca quebrei uma promessa feita com o mindinho em minha vida. *Nunca*.

Ela enganchou o dedinho no dele, e ambos assentiram com a cabeça.

— Agora — disse ele, franzindo a testa —, por favor, me conte de novo essa parte de ser perseguida através do relógio por caçadores armados enquanto fugia em uma aranha gigante.

Mas Morrigan não teve chance, porque de repente ela percebeu duas coisas.

1. Eles tinham deixado aberta a porta da Arrepiante Sala dos Arrepios.
2. Um dos lobos-sombra dela havia escapado e agora andava furtivamente pelo corredor.

— Talvez ele tenha se desfeito — gemeu Hawthorne enquanto vasculhavam a cozinha pela terceira vez. Tinham procurado por todo o hotel, mas o lobo-sombra os havia despistado. — Foi o que aconteceu com todos os outros.

— Mas e se não tiver? E se ele cruzar com um hóspede? A pessoa vai morrer de medo, a família vai processar o Deucalião e Jupiter vai me matar. Temos de encontrá-lo antes que alguém o veja.

Morrigan não sabia como ia se livrar do lobo se o pegasse, mas não podia pensar nisso agora.

— Antes que alguém veja o quê?

Aquela era a última voz que ela queria ouvir. Jack se encontrava em um canto da cozinha, servindo um copo de leite.

— Nada — disse ela rapidamente. — Nada que seja da sua conta.

Ele revirou o olho bom.

— Se tem alguma coisa andando por aí assustando as pessoas, é da minha conta. Não quero tropeçar em nenhum cadáver a caminho do meu quarto. O que é?

— Você não acreditaria.

— Experimente.

Eles contaram a ele. Jack ouvia a história com crescente irritação.

— Pelo amor de Deus! Se vocês vão deixar um bando de lobos assassinos na Sala de Sombras, pelo menos fechem a maldita porta ao sair. Ela fica trancada por uma razão. Como foi que vocês entraram lá?

— Eu... nós... bem, eu percebi que...

— Esqueça! — Jack ergueu uma das mãos para calá-la. — Não me transforme em seu cúmplice. Jupiter vai ficar *furioso*.

Por mais que Morrigan não quisesse admitir, foi uma sorte Jack estar ali, porque ele sabia muito mais sobre o hotel do que ela. Ele os levou até um armário da manutenção e tirou de lá três lanternas a pilha.

— Certo, vamos ter de nos dividir. Eu fico com a ala leste, você — ele apontou para Hawthorne — fica com a ala oeste e Morrigan, você procura na ala norte. Se encontrarem o lobo, mirem a lanterna *diretamente* nele, na potência mais alta. Não o deixem escapar, mantenham a luz em cima dele até ele desaparecer — disse o garoto.

“Ele não vai andar por lugares como corredores e cozinhas, mas em algum local mais escuro, com outras sombras em que se esconder. Se o encurralarem em um quarto e puderem alcançar o interruptor, liguem-no e inundem o quarto de luz. Se não, sua lanterna deve ser suficiente. Agora, isto é importante: *não* parem de procurar até o encontrarem. Mesmo que levem a noite toda.”

Morrigan não gostava da ideia de se separarem. A última coisa que tinha vontade de fazer era perambular pelo escuro procurando sozinha um lobo-sombra gigante e faminto, mas o que ela podia fazer? Era culpa dela que a coisa estivesse solta por aí. Precisava encontrá-lo.

A ala norte era surpreendentemente escura. Ela desceu escadas escuras e atravessou quartos destrancados furtivamente, sem saber se uma sombra podia ouvi-la chegar, mas não querendo correr o risco. Era difícil saber o que procurar na escuridão. Como se encontra uma sombra em meio às sombras?

Depois do que lhe pareceram horas de procura, Morrigan estava pronta para desistir quando ouviu um som vindo da sacada iluminada pelo luar em um salão no quinto andar. Alguém estava lá fora, olhando o céu e cantando baixinho. O som flutuava para o interior do hotel e, embora Morrigan não pudesse distinguir as palavras, reconheceu a melodia. E o homem.

Ela puxou de lado as cortinas brancas transparentes e saiu na sacada, à luz azulada de uma lua cheia. O fecho de sua lanterna caiu no rosto do homem.

— Sr. Jones?

Ele foi arrancado de seu devaneio.

— Srta. Crow! Olá novamente.

— Outra visita — observou Morrigan. — O senhor deve vir bastante a Nevermoor.

— Sim, tenho negócios aqui de vez em quando. E gosto de visitar os amigos. — Ele sorriu um tanto encabulado, erguendo a mão para proteger os olhos. Morrigan baixou a lanterna. — Não creio que o Partido do Mar Invernal fosse aprovar, mas o que os olhos não veem o coração não sente — acrescentou ele. — Nosso acordo ainda está de pé, espero... Você não vai me entregar...

— Desde que o senhor não me entregue. — Morrigan estremeceu. A brisa noturna estava fria. — O que o senhor está fazendo aqui fora?

— Ah, só... procurando o salão de música. Pensei que fosse perto da minha suíte, mas desconfio que estou um pouco perdido... O Deucalião ainda me deixa desconcertado, mesmo depois de todos esses anos. Passei por esse lugarzinho charmoso e não pude resistir a um momento de reflexão sob as estrelas. — Sua voz era melancólica. — Uma noite tão linda.

— Sim, é... — Pelo canto do olho Morrigan viu algo se mover no salão.

Então puxou bruscamente as cortinas e correu o facho da lanterna à sua volta, mas era apenas o galho de uma pequena árvore em um vaso, balançando com a brisa que entrava pela porta aberta.

— *Cadê ele?* — sussurrou Morrigan.

— Você está procurando alguma coisa?

— Hã... sim. Mas o senhor provavelmente não acreditaria em mim se eu lhe dissesse.

Ele sorriu gentilmente.

— Tenho certeza de que acreditaria.

Ela contou a ele sobre a Sala de Sombras. Ele mal ergueu a sobrancelha.

— E então uma das sombras que criei escapou e agora está correndo pelo hotel, e eu tenho de encontrá-la antes que ela mate alguém de susto e os negócios de Jupiter sejam prejudicados e ele vá à falência. Jack diz que a única maneira de destruí-la é mirar o facho da lanterna nela até fazê-la desaparecer.

O sr. Jones não riu dela, nem a chamou de mentirosa, nem mesmo expressou a menor surpresa.

— Você criou essa sombra sozinha?

— Em parte. E em parte... ela se criou.

Ele pareceu estranhamente impressionado com isso.

— Humm. É uma sombra assustadora, você disse?

— São todas assustadoras. Mesmo que você faça uma bonitinha, como um gatinho, ele vai se transformar em um tigre feroz ou algo assim. É como se estivessem tentando ser assustadoras.

— Faz sentido.

Morrigan ficou surpresa.

— Faz?

— Esta é a natureza das sombras, srta. Crow. — Seus olhos refletiam o luar. — Elas querem ficar na escuridão.

Morrigan correu o facho da lanterna por todo o salão, esperando pegar o lobo de surpresa, se ele estivesse ali. O feixe de luz começou a falhar e morreu. Ela bateu na lateral da lanterna.

— Acho que minhas pilhas estão acabando.

Com uma última piscada, a luz se apagou. Morrigan gemeu.

— Duvido que tenha importância — disse o sr. Jones. — Srta. Crow, suspeito que seu amigo... o que lhe disse para destruir a sombra...

— Ele *não* é meu amigo...

— ... estava apenas se divertindo às suas custas. — Ele sorriu, sem crueldade. — É quase certo que sua sombra perigosa já tenha desaparecido sozinha.

Morrigan franziu a testa.

— Como o senhor sabe?

— Estou no Deucalião há muitos anos. Espero já ter aprendido alguns de seus segredos nesse tempo. Pelo que entendo, qualquer coisa criada na Sala de Sombras não passa de uma ilusão... somente um pouco de teatro. Não pode machucar ninguém.

— Tem certeza?

— Tenho.

Morrigan sentiu o alívio envolvê-la, seguido imediatamente por uma fúria gélida. Sério que ela havia acabado de desperdiçar um zilhão de horas à procura de nada?

— *Jack*. Eu vou matá-lo.

O sr. Jones deu uma risadinha.

— É uma pena que não possa mandar um lobo de verdade dar uma lição nele. Agora receio que eu precise ir para cama. Vou embora amanhã de manhã. Boa noite, srta. Crow. E lembre-se: a oferta do meu empregador está sempre aberta.

Ele já tinha ido embora havia algum tempo quando Morrigan se deu conta de que em nenhum momento lhe dissera que a sombra era um lobo.

— O que você está... Você devia estar procurando na ala norte!

O cavernoso saguão estava na penumbra e vazio, exceto por Jack, relaxando em um sofá aconchegante e lendo um livro encadernado. O lustre — crescendo muito lentamente — cintilava debilmente no alto, ainda em sua infância. Jack jogou o facho de sua lanterna no rosto de Morrigan, quase cegando-a quando ela surgiu no saguão.

— Eu estava, seu *rato*. — Morrigan olhou para a direção de onde viera. — Aquela é a ala norte.

— Não. — Ele parecia ligeiramente em pânico. — Aquela é a ala sul. Está fechada para reformas. Não é segura. Você não deveria entrar lá em nenhuma circunstância. Não sabe ler?

Ele apontou para uma placa que dizia: FECHADO PARA REFORMAS. PERIGOSO. NÃO ENTRE EM NENHUMA CIRCUNSTÂNCIA. Morrigan havia passado direto por ela. *Ops*.

— Bem, a culpa é sua! — cuspiu ela. — Você mentiu, Jack. Não precisávamos ter caçado aquele lobo idiota por todo o hotel.

— Alguém viu você lá? Fenestra mataria...

— Quem se importa com a ala sul? Você sabia que a sombra desapareceria sozinha, não é? Você é um mentiroso.

Jack não parecia sentir nem um pouco de culpa.

— Não é culpa minha se você é ingênua. Experimente ter cérebro da próxima vez. — Ele fez cara feia e sacudiu a cabeça, murmurando: — Não posso acreditar que meu tio ache que *seu* lugar seja a Sociedade Fabulosa. Não sabe nem ler uma placa.

— Está com ciúme? É isso? — Morrigan jogou a lanterna ao lado dele. — Ciúme por ele ter me escolhido como candidata e não você?

Os olhos de Jack se estreitaram.

— O quê... você acabou... *ciúme*? De você? Por que eu teria ciúme de você? Você não tem nem talento! Você mesma disse isso, do lado de fora da Sala de...

Morrigan arquejou.

— Você estava nos *espionando*!

Naquele momento, Hawthorne chegou ao saguão, voltando o facho da lanterna para o próprio rosto e rindo insanamente.

— *Uahahaha*. Eu sou Hawthorne, matador de sombras. *Tema-me, lobo-sombra, pois eu sou a sua perdição*.

— Chegou tarde demais, matador de sombras — disse Morrigan, agarrando a lanterna dele e jogando-a em Jack. — A sombra já está morta.

— Ah. — Os ombros de Hawthorne se curvaram. — Mas eu acabei de criar uma música da vitória para quando eu a vencesse. Eu ia ensinar a dança para você.

Morrigan o levou para o elevador de ouro e vidro, falando suficientemente alto para que sua voz ecoasse pelo saguão:

— Talvez você possa reescrever a letra, para que fale sobre o sobrinho trapaceiro de Jupiter, que espiona as pessoas, conta mentiras e é odiado por todos.

— Ou sobre a candidata sem talento de Jupiter, que é idiota a ponto de não saber como sombras funcionam e que corre de um lado para o outro do hotel, como uma imbecil — gritou Jack, voltando a se acomodar no sofá com seu livro.

Morrigan apertou com força o botão de seu andar, ainda fervendo de raiva. Hawthorne assoviava e virou-se para ela quando as portas se fecharam.

— O que rima com *sobrinho trapaceiro*?

CAPÍTULO TREZE

O Desafio da Procura

O verão estava chegando ao fim, mas se recusava a ir embora tranquilamente. As últimas semanas de agosto trouxeram a Nevermoor uma onda de calor com temperaturas abrasadoras, que combinavam com temperamentos também causticantes.

— Podemos, *por favor*, levar isso a sério? — disse Morrigan, irritada. — Faltam só três dias para a segunda prova.

Ela vinha tentando falar com Jupiter havia uma hora, mas a capacidade de atenção dele parecia ter evaporado com o calor. Ele estava sentado em um canto ensombreado do Pátio da Palmeira, bebendo copos de sangria de pêssego e se abanando com um leque. Fenestra tomava sol ali perto, enquanto Frank ressonava sob um enorme sombreiro. Jupiter dera a tarde livre para toda a equipe. Estava quente demais para trabalhar, e eles vinham fazendo provocações entre si a manhã inteira.

Jack, felizmente, não se encontrava à vista. Morrigan pensou que ele devia estar confinado no quarto praticando violoncelo, que era onde ele havia passado a maior parte do verão — pelo menos quando não estava expulsando Morrigan do melhor lugar no Salão da Fumaça ou criticando seus modos à mesa no jantar, ou olhando de cara feia em sua direção. Morrigan mal podia esperar que ele voltasse para a escola e ela pudesse voltar sentir que o Deucalião era dela outra vez. Ele havia alcançado níveis insuportáveis de arrogância quando obtivera permissão para ir ao Bazar de Nevermoor com os amigos da escola. Morrigan havia esperado o verão inteiro que Jupiter a levasse, mas toda semana algo mais importante o afastava. Agora o bazar já havia se encerrado por esse ano, e Morrigan o havia perdido. Mas, levando-se tudo em consideração, ela estava feliz com a chegada dos últimos dias do verão... mesmo que isso significasse que era a hora de seu próximo desafio apavorante.

— Você acha que ele está bem ali embaixo? — perguntou Jupiter, abrindo um olho sonolento para observar Frank. — Ele não vai se transformar em cinzas, vai? Não sei como as coisas funcionam com vampiros anões.

— Anões vampiros — corrigiu Morrigan. — E ele está bem. Podemos, *por favor*, focar no Desafio da Procura? Eu preciso de uma

montaria. E ela não pode ter mais do que quatro pernas. Isso está no regulamento.

— Certo.

— E eu não posso voar.

— Certamente que não — disse Jupiter, tomando um gole da sangria —, pois você só é corvo no nome.

Morrigan bufou.

— Não, estou me referindo... as regras dizem...

— Relaxe, Mog — ofegou Jupiter. — Eu sei o que as regras dizem: não se pode montar um animal voador. Houve um quiproquó há alguns anos envolvendo um dragão e um pelicano. O pobre pássaro foi carbonizado e virou cinzas três segundos após decolar. Ele acabou entrando pelicano. Entendeu? Entrando *pelicano*? — Ele sorriu preguiçosamente para Morrigan, mas o senso de humor dela também havia evaporado. — Bem, todos eles foram banidos, e agora a competição é só em terra.

O regulamento para o Desafio da Procura havia sido entregue por um mensageiro no dia anterior, deixando Morrigan em polvorosa. Ela ficou chocada ao perceber que, durante todas essas semanas, mal dedicara um pensamento à prova. Talvez a presença irritante de Jack durante todo o verão tivesse sido não só uma maldição, mas também uma bênção. Eles ficaram tão ocupados discutindo e se colocando no caminho um do outro, que não sobrara tempo para Morrigan se preocupar com a prova seguinte.

— Então — ela insistiu com Jupiter. — Montaria. Quatro pernas.

— Ou menos.

— Ok. Quatro pernas ou menos. Será que Charlie pode me ensinar a andar a cavalo?

— Não tenho certeza de que esse é o melhor caminho, Mog — disse Jupiter. Ele espantou com a mão um inseto que zumbia. — Eu mesmo nunca vi um Desafio da Procura, mas ouvi dizer que a coisa fica turbulenta. Você vai precisar é de um animal para todo tipo de terreno. Deixe-me pensar a respeito.

Um animal para todo tipo de terreno. O que ele queria dizer com isso? Era inútil tentar fazê-lo falar alguma coisa razoável com esse calor ridículo. Morrigan descarregou sua frustração chutando um tufo de grama que crescia no arenito.

— Isso é inútil. Qual é o objetivo do Desafio da Procura, afinal? Por que os Anciãos se importam com quem consegue vencer uma corrida? É estúpido.

— Humm, esse é o espírito — disse Jupiter, distraído.

Ela desistiu e foi se empoleirar na borda da pequena piscina, mergulhando os pés ao mesmo tempo em que tirava a carta da Sociedade Fabulosa do bolso e a lia talvez pela centésima vez.

Cara srta. Crow,

O Desafio da Procura acontecerá neste sábado ao meio-dia, no coração de Nevermoor, dentro dos muros da Cidade Velha. A União dos Conselhos e Grêmios de Nevermoor nos concedeu a permissão para evacuar as ruas do bairro temporariamente, garantindo que o evento não seja perturbado pelo público.

Os candidatos remanescentes foram divididos em quatro grupos. Você está no grupo do Portão Oeste. Por favor, apresente-se aos funcionários da Sociedade no Portão Oeste da Cidade Velha no mais tardar às 11h30 da manhã de sábado.

São três as regras:

1. Todo candidato deve ter uma montaria viva. Esta pode ser qualquer criatura de transporte com não menos de duas pernas, e não mais do que quatro.

2. Criaturas voadoras estão expressamente proibidas.

3. Os candidatos devem se vestir totalmente de branco.

Qualquer candidato que seja apanhado infringindo essas regras estará imediatamente desqualificado.

Os candidatos que tiverem êxito nessa prova terão demonstrado ousadia, tenacidade e instinto para a estratégia. Instruções adicionais serão dadas imediatamente antes do Desafio da Procura.

Com os calorosos cumprimentos dos

Anciãos G. Quinn, H. Wong e A. Saga

Casa do Orgulho

Nevermoor, EL

Anexo encontrava-se um mapa. De formato circular e cercada por muros de pedra medievais, a Cidade Velha era o povoado original a partir do qual o restante de Nevermoor se expandira em extensões orgânicas e disformes, como um fungo. (Isso, segundo Dame Chanda, que disse que havia se interessado pela história da cidade porque o Honorável Lorde da Quinta-feira — ele mesmo um

historiador amador — dera a ela uma filiação na Sociedade Histórica de Nevermoor dois Natais atrás.)

Havia quatro entradas para a Cidade Velha: através dos enormes arcos de pedra dos portões Norte, Sul, Leste e Oeste, como os pontos cardeais em uma bússola.

O mapa mostrava a Praça Coragem no centro da cidade. Morrigan só tinha passado velozmente por lá, sobrevoando-a no Trilho dos Guarda-Chuvas, mas lembrava-se de uma praça ampla e movimentada, cercada por lojas e cafés e cheia de gente.

A praça localizava-se na interseção de duas ruas que se estendiam pelo comprimento e pela largura da Cidade Velha. A Alameda das Asas Leves corria do norte para o sul, com a Casa do Orgulho no extremo norte e o Palácio Real das Asas Leves (lar da monarca do Estado Livre, Rainha Caledônia II), ao sul. O Grande Boulevard corria do leste (a partir do Templo da Coisa Divina) para o oeste (terminando no Teatro Lírico de Nevermoor).

O mapa destacava também outros pontos de referência — as Masmorras Dredmalis, as Casas do Parlamento, as embaixadas, o Cinturão de Jardins (um anel de espaços verdes que circundam o centro da Cidade Velha, como um cinto), a Biblioteca Gobleiana e mais uma dezena de outros. Morrigan tentou memorizá-los, para o caso de isso ser importante.

— Masmorras Dredmalis — sussurrou ela, fechando os olhos para testar a memória. — Quadra Leste, Estrada Rifkin. Casas do Parlamento: Quadra Norte, Caminho do Mastro. Biblioteca Gobleiana: Quadra Leste... não, Quadra Sul... não, quero dizer...

— Quadra Oeste, idiota — soou uma voz lânguida. Fenestra estava deitada em um retalho de sol ali perto, lambendo o pelo em movimentos longos e apáticos. — Rua Mayhew. Agora cale a boca.

— Obrigada — murmurou Morrigan.

Ela notou que Jupiter observava a Magnifigata pelo canto do olho e se virou para ver o que o fascinava tanto. A combinação da luz do sol com a saliva fazia o pelo cinzento e despenteado de Fen parecer prata líquida. Suas pernas musculosas vibraram quando ela se alongou com um bocejo súbito, exibindo os dentes. Ela realmente era linda, Morrigan pensou de má vontade. À sua maneira assustadora.

— Será que vocês dois podem me dar licença? — perguntou Fen, sua voz vertendo deboche. — Estou tentando tomar um banho. Perversos.

No dia do Desafio da Procura, Morrigan acordou sentindo-se em paz. Durante cerca de cinco segundos, é claro, antes que se lembrasse de que dia era e sua paz se transformasse em pânico.

Ainda não fazia ideia de qual montaria Jupiter havia planejado para ela. Ele tinha passado os últimos três dias debatendo cada vez mais acaloradamente com os outros funcionários sobre os méritos de pôneis *versus* camelos, e se uma tartaruga realmente poderia ganhar uma corrida contra uma lebre na vida real, e se eles deveriam testar essa hipótese (ideia de Frank), e se um avestruz era considerado um animal voador mesmo que não pudesse voar, já que tecnicamente tinha asas. Nenhuma dessas discussões terminou bem, e nenhuma delas tranquilizou Morrigan.

Quando ela saiu da cama se arrastando, a porta se abriu e Fenestra entrou, jogando algumas roupas na cadeira com um movimento da cabeça imensa.

— Use isto — disse ela. — Tem botas novas no corredor. Martha está trazendo o seu café da manhã. Esteja pronta, no primeiro andar, em cinco minutos.

E com isso, ela saiu sem nem mesmo dar um “bom-dia”.

— Sim, estou me sentindo ótima esta manhã, Fen, obrigada por perguntar — murmurou Morrigan enquanto vestia a calça branca que a Magníficat deixara para ela. — Nervosa? Só um pouco.

Ela colocou a blusa e as meias: tudo branco, como estipulava o regulamento.

— Ah, obrigada pelos votos de sucesso, Fen, você é muito gentil. Sim, estou segura de que vai correr tudo bem na Procura, e que não vou acabar pisoteada, presa ou expulsa de Nevermoor.

— Com quem está falando, srta. Morrigan?

Martha se encontrava no vão da porta com a bandeja do café da manhã. Morrigan agarrou uma torrada e saiu correndo pela porta, pegando as botas no caminho.

— Com ninguém, Martha — gritou ela. — Obrigada pela torrada.

— Boa sorte, senhorita. Tome cuidado!

No saguão, Jupiter e Fen inspecionaram Morrigan demoradamente antes que um dos dois decidisse falar.

— Ela precisa prender o cabelo — disse Jupiter.

— Ela precisa manter a boca fechada — afirmou Fen.

— Ela está no mesmo lugar que vocês, portanto não precisam falar dela como se não estivesse aqui — disse Morrigan.

— Está vendo o que quero dizer? — grunhiu Fenestra. — Não quero ela tagarelando durante a Procura. Vai me tirar a concentração.

A Magnifigata virou-se para Jupiter, cheia de esperança, as imensas orelhas cinzentas empinando-se.

— Podemos tapar a boca da menina com fita adesiva?

— Acho que os Anciãos não iam gostar desse tipo de coisa — respondeu ele.

Morrigan cruzou os braços, repentinamente desconfiada.

— Do que vocês estão falando?

— Ah — disse Jupiter, esfregando as mãos, animado. — Encontrei uma nobre montaria para você.

Morrigan, Jupiter e Fen chegaram ao Portão Oeste às onze horas e encontraram um clamor de crianças, patronos e animais. À mesa de registro, tanto Morrigan quanto Jupiter tiveram de assinar uma renúncia declarando que, se a Procura resultasse em morte ou ferimentos, eles não processariam a Sociedade.

— Reconfortante — murmurou Morrigan enquanto escrevia seu nome, o estômago dando cambalhotas.

Ela ficou surpresa ao ver a montaria que alguns candidatos tinham escolhido. A maioria eram cavalos ou pôneis, mas havia também muitos camelos, algumas zebras e lhamas, um avestruz (o que respondia àquela pergunta), dois unicórnios de ar altivo e um porco grande e feio. Morrigan arquejou e agarrou o braço de Jupiter quando viu os unicórnios, seu terror momentaneamente dando lugar ao deleite, mas Jupiter não estava impressionado.

— Cuidado com a ponta do chifre — disse ele, olhando preocupado para as criaturas mágicas.

Fen estava com um humor estranho. Durante todo o caminho até a prova ela não fizera um único comentário sarcástico, e agora andava

de um lado para o outro da linha de partida do Portão Oeste, observando os concorrentes. Jupiter aproximou-se dela com cautela.

— Fen?

Ela o ignorou. Ele falou um pouco mais alto:

— Fen? Fennie? Fenestra?

Fen estava murmurando para si mesma em um grunhido baixo e constante, os olhos cor de âmbar estreitados. Um grande rinoceronte paquidérmico chamara sua atenção.

— Fen? — Jupiter tornou a perguntar, tocando-a cautelosamente no ombro.

— Aquele lá — disse ela com um movimento da cabeça. — Aquele imbecil chifrudo com as orelhas engraçadas. É melhor ele não entrar no meu caminho. Melhor ele tomar cuidado com aquele nariz grande e pontudo, ou eu vou mostrar uma coisa a ele.

— Uma coisa... que coisa? — perguntou Jupiter.

— Uma cabeçada. Nele e naquele demônio nas costas dele.

Jupiter e Morrigan se entreolharam. O que dera em Fen?

— Você... você sabe que aquele demônio é uma criança, não é? — perguntou Jupiter com cautela.

Fen rosnou em resposta e apontou uma pata na direção de um garotinho que agarrava nervosamente as rédeas de um pônei.

— E vou dar uma nele também, nele e em seu animal dos infernos.

Jupiter bufou na mão, tentando disfarçar como tosse.

— Fen, aquilo é um pônei. Acho que você está...

Fen baixou a cabeça na altura da de Jupiter e falou em um grunhido baixo:

— Se o moleque e seu meio-cavalinho gordo chegarem com seu pocotó-pocotó perto de mim, eu acabo com eles. Entendeu?

A Magnifigata então partiu em direção a uma multidão de candidatos aglomerados em torno da mesa de registro e começou a andar ameaçadoramente de um lado para o outro diante deles.

Jupiter sorriu apreensivo para Morrigan, que estava à espera de uma explicação sobre por que Fen, a Magnifigata, havia se transformado em Fen, a gângster do pátio da prisão.

— Ela é... competitiva — disse Jupiter. — É um retorno aos seus dias de lutadora.

— De *quê*?

— Ah, sim. Fen foi um nome importante do circuito UFC na gaiola. Foi campeã do Estado Livre três anos consecutivos, até ter de abandonar tudo por causa daquele escândalo com o filho do ex-primeiro ministro.

— Escândalo com o...

— Ele que começou. E ele agora tem um nariz novo, então ficou tudo bem. Não houve sequela. Ah, olhem... estão chamando vocês.

Quando se aproximava da linha de partida, Morrigan se perguntou que tipo de montaria Nan Dawson teria encontrado para Hawthorne. (A última vez em que tinham se falado, Hawthorne jurara que sua patrona lhe escalara um guepardo.) Ela sabia que era inútil procurar pelo amigo na multidão: ele estava no grupo do Portão Sul.

No entanto, ela encontrou outra pessoa conhecida. Justamente a pessoa que ela não queria ver de jeito nenhum.

— Sinceramente, eles aceitam *qualquer coisa* nestas provas, não é? — Noelle Devereaux disse em voz alta, guiando pelas rédeas uma bela égua castanha até onde Morrigan estava e olhando-a de cima a baixo. — O nome ainda é Sociedade Fabulosa? Ou já mudaram o nome para Sociedade Idiota e Pavorosa?

As amigas de Noelle riram, e ela jogou o cabelo por cima do ombro, desfrutando da atenção delas. Estava ladeada pelo costumeiro bando de seguidoras, exceto a amiga com a longa trança. Morrigan se perguntou se a outra garota conseguira passar pelo Desafio do Livro.

— Isso explicaria por que você ainda está aqui — disse Morrigan.

O rosto de Noelle ficou vermelho e suas mãos apertaram com mais força a rédea de seu cavalo.

— Ou talvez o nome agora seja Sociedade Illegal — retrucou ela, fuzilando Morrigan com os olhos. — É por isso que você ainda está aqui,

O estômago de Morrigan tornou a dar aquela cambalhota. Foram Noelle e seu patrono, o odioso Baz Charlton, que tinham mandado o Inspetor Flintlock ao Hotel Deucalião. Ela *sabia* disso. Naquele momento, Morrigan odiou Noelle, odiou-a de verdade, por fazê-la sentir tanto medo e desespero. Será que a garota fazia *alguma* ideia

do problema que ela e Baz haviam causado? Que eles estavam colocando a *vida* de Morrigan em perigo se ela voltasse para Chacalfax? Ela queria xingar, gritar com Noelle, mas não podia. Não ali.

— Você poderia ser desqualificada por isso, sabia? — disse Morrigan, apontando o cabelo de Noelle, que estava vestida, como os outros candidatos, toda de branco, da elegante calça marfim à cela de couro e o chicote de equitação. Tudo, *exceto* a pequena fita dourada que aparecia em meio aos densos cachos castanhos. Morrigan sabia que era uma coisa mesquinha mencionar isso, mas não pôde resistir.

No entanto, em vez de parecer preocupada e escondê-la, Noelle enroscou a fita no dedo e pareceu ainda mais presunçosa. Ela aproximou-se e falou baixinho para que somente Morrigan pudesse ouvir:

— Ah, isto? É só minha pequena mensagem aos Anciãos. Foi ideia do sr. Charlton. Ele diz que isso mostra que estou determinada a vencer a Procura. Quero que os Anciãos saibam que estou indo em busca do ouro e que vou estar com eles no jantar secreto.

— Jantar secreto — disse Morrigan, franzindo a testa. Parecia que Noelle agora estava inventando coisas, só para zombar dela. — Que jantar secreto?

Noelle deu uma risadinha incrédula.

— Seu patrono não fala nada para você, não é? É como se ele nem *quisesse* que você ganhasse.

Virando-se para se afastar, ela falou por sobre o ombro:

— Por falar nisso, aquela é a sua montaria? — Ela apontou o porco que Morrigan tinha visto mais cedo, que agora farejava o chão ali por perto, à procura de comida. — Que legal... as caras de vocês combinam.

No Portão Oeste, uma funcionária da Sociedade Fabulosa subiu em uma plataforma para se dirigir aos candidatos.

— Aqui, por favor! Não, deixem suas montarias por enquanto, obrigada. Silêncio, por favor. *Silêncio!* — ela gritou em um megafone. — Agora ouçam com atenção, porque vocês só ouvirão essas instruções uma vez.

O coração de Morrigan batia tão alto que ela pensou que o som abafaria a voz da funcionária.

— O Desafio da Procura não é uma corrida — disse a mulher com um vozeirão. — Não exatamente, pelo menos. Trata-se de um jogo de estratégia. Vocês não estão em busca da linha de chegada. Estão procurando um alvo.

A mulher fez sinal para outro funcionário, que aproveitou a deixa para revelar um grande mapa da Cidade Velha, apoiado em um cavalete de madeira. Era igual ao mapa incluído na carta de Morrigan, só que muito maior, e com dezenas de alvos coloridos marcados por toda parte, como confeitos com as cores do arco-íris sobre um bolo.

Os alvos estavam espalhados pela Cidade Velha em nove anéis concêntricos não muito definidos, como o interior de um tronco de árvore, cada anel com uma cor diferente do arco-íris. Mais próximo aos muros externos, o primeiro anel de alvos violeta circundando a cidade era composto por pontos densos — devia haver um a cada vinte ou trinta metros. Porém, quanto mais se aproximava do centro da cidade, atravessando seções de anil, azul, verde, amarelo, laranja, cor-de-rosa e vermelho, mais esparsos os alvos se tornavam, até que finalmente, na última seção — um círculo dourado que cobria a imensa Praça Coragem — Morrigan contou apenas cinco alvos dourados, bem no meio da praça.

— Esta é a sua única tarefa — ia dizendo a mulher com o megafone. — Toque um alvo... e *somente* um alvo... com firmeza, com a palma da mão. — Ela fez uma demonstração. — Assim que tocarem um alvo, vocês terão ganhado. Estarão selecionados para o próximo desafio.

Os candidatos murmuraram entre si, parecendo desconfiados. Tudo parecia fácil demais. Morrigan ficou à espera da pegadinha.

— Agora — continuou a mulher — a pergunta é: qual alvo vocês vão tentar tocar? Restam trezentos candidatos, mas somente cento e cinquenta alvos. Vocês vão tentar o primeiro que virem, nos anéis mais externos da Cidade Velha? Isso faz sentido, pois há mais alvos ali, e em lugares melhores e mais fáceis.

Sim, pensou Morrigan. *É claro que eu vou em um desses! Entrar, encontrar um alvo fácil e passar para o próximo desafio.* Ela podia

ver nos rostos confusos de alguns dos demais candidatos que eles estavam pensando o mesmo. Por que eles *não* buscariam os alvos mais fáceis?

— Ou — disse a mulher — vocês podem se desafiar. — Ela abriu um sorriso, apontando o centro do mapa. — Aqui, na Praça Coragem, há cinco alvos dourados. Toque um deles e não só você conquistará seu lugar no terceiro desafio, como também ganhará um ingresso para um evento muito particular, muito especial: o jantar secreto dos Anciãos, no Salão dos Anciãos na Casa do Orgulho.

Uma onda de agitação percorreu os candidatos.

— No Salão dos Anciãos? — sussurrou um garoto perto de Morrigan. — Só os membros da Sociedade têm permissão para entrar lá!

Morrigan olhou para Noelle, que estava na frente. Então era a isso que ela se referia quando disse que *ia em busca do ouro*. Noelle enroscou a fita dourada no dedo novamente, com uma expressão insuportavelmente convencida. Como ela sabia?, perguntou-se Morrigan. Todos os demais candidatos pareciam tão surpresos com a notícia quanto Morrigan. Por que a horrível Noelle era a única que dispunha de informações privilegiadas?

A funcionária da sociedade levantou as mãos, pedindo silêncio.

— Além desses cinco alvos de ouro, existem mais cinco espalhados aleatoriamente pela Cidade Velha. No entanto, há um truque: esses cinco parecerão alvos coloridos comuns. É uma loteria: vocês só saberão que conseguiram um alvo dourado quando o tocarem.

— Como saberemos? — gritou uma garota ruiva.

— Vocês saberão.

Um garoto na frente levantou a mão e perguntou:

— Por que estamos vestidos de branco?

Os funcionários da Sociedade sorriram entre si.

— Vocês verão — respondeu a mulher com o megafone. — Somente dez candidatos, e seus patronos, estarão presentes no jantar secreto dos Anciãos. Esta é uma oportunidade única de conhecer os Anciãos pessoalmente antes de seu terceiro e quarto desafios.

Morrigan agora entendia por que Noelle estava tão determinada a acertar um alvo dourado. Que vantagem seria no Desafio do Espetáculo já ter conhecido os Anciãos e deixado uma impressão! Morrigan tinha certeza de que Noelle os encantaria, assim como havia encantado seu grupo afetado de seguidoras. Só de pensar nisso Morrigan já ficava enjoada.

A funcionária da Sociedade prosseguiu:

— Lembrem-se de que cada um só pode tocar um alvo. Então, você deixará os alvos coloridos de lado, apostando na incerteza de tocar o dourado e ganhar uma vantagem especial? Ou ficará com o primeiro alvo que aparecer, para garantir seu lugar no próximo desafio? Você é ambicioso e gosta de correr riscos? Ou é calmo e eficiente? Estamos prestes a descobrir. Por favor, se reúnam na linha de partida. O Desafio da Procura começará precisamente em cinco minutos.

Os nervos de Morrigan foram abalados por uma pontada de irritação pelo fato de a odiosa candidata do odioso Baz Charlton saber tanto sobre a prova antes mesmo de ter chegado ali. Será que Jupiter também sabia? E, nesse caso, por que não havia contado a *ela*? As palavras de Noelle ecoaram em sua cabeça: *É como se ele nem quisesse que você ganhasse.*

Jupiter e Fen se aproximaram, mas não havia tempo para perguntas.

— Mog, escute — disse Jupiter em uma voz baixa e urgente enquanto a conduzia para a linha de partida. — Esqueça o jantar secreto. Isso não tem importância. Basta tocar um alvo e passar ao próximo desafio... Não se preocupe com *mais nada*. Passe direto... Fen, você também está ouvindo? Passem direto pelos alvos violeta e azuis. Ali vai estar o caos: a maioria dos candidatos vai partir para os primeiros alvos que encontrarem, e você não quer ser engolida por aquela bagunça. Melhor seguir em linha reta, descendo o Grande Boulevard, depois virar à esquerda na rua Mayhew. É aí que começa a seção verde. Haverá menos alvos, mas muito menos competição se chegarem bem rápido. Sim?

Morrigan assentiu. *Direto pelo Grande Boulevard, esquerda na Mayhew.* Naquele momento Jupiter foi afastado por um funcionário da Sociedade. Ele olhou para trás e articulou as palavras “*boa sorte*”,

e embora Morrigan não conseguisse se forçar a abrir a boca, temendo que seu coração saísse por ela, torceu para que um sombrio movimento da cabeça e um trêmulo sinal com o polegar para cima passassem a mensagem.

Ali perto, Noelle também tinha uma última conversa com seu patrono, mas Morrigan só conseguiu distinguir as palavras *ouro* e *Roderick* (*Quem é Roderick?*, perguntou-se) antes que Fen se aproximasse e falasse em seu ouvido:

— Não precisa fazer nada, entendeu? Vou te levar até o alvo. Só esteja pronta para tocá-lo quando eu mandar. Não tente me conduzir ou frear. E, se chutar meus flancos uma vez sequer, vou esconder sardinhas cruas no seu quarto. Você nunca vai encontrá-las, mas o fedor vai entranhar na sua pele e em suas roupas e invadir seus sonhos à noite até você enlouquecer. Entendeu?

— Entendi — disse Morrigan.

Um grande relógio acima do Portão Oeste fazia a contagem regressiva: faltavam sessenta segundos. De repente ocorreu a Morrigan que ela não tinha a menor ideia de como ia subir nas costas enormes de Fen.

— Fen, como eu...

Antes que ela pudesse terminar a frase, sentiu o hálito quente da Magnifigata em seu pescoço e as cócegas do bigode e do pelo quando ela ergueu Morrigan com seus dentes amarelos afiados e, sem o menor esforço, jogou-a em suas costas. Morrigan tentou se acomodar como se estivesse montando um cavalo — o que, como ela nunca havia montado, era praticamente pura adivinhação — e descobriu que não tinha como se equilibrar. Então agarrou dois punhados do pelo cinzento macio.

Quando os segundos finais se esgotavam, ela baixou a cabeça, encostando-a no pescoço de Fen, sentindo a súbita escalada do pânico.

— Fen, e se eu cair?

— Você provavelmente vai ser pisoteada e morrer. Portanto, não caia.

Morrigan agarrou-se ainda mais forte ao pelo da Magnifigata e engoliu um gemido. Fenestra virou-se para trás e disse, com um pouco mais de gentileza:

— Muito bem, enterre os calcanhares no meu flanco, se precisar. Vai ajudar no seu equilíbrio. E aconteça o que acontecer, não solte o meu pelo.

— E se acidentalmente eu arrancar um pouco?

— Como você pode ver, tenho bastante. Agora cale a boca. Está na hora.

O relógio chegou ao zero e uma buzina ensurdecedora disparou, e de repente o mundo de Morrigan foi lançado adiante em um caótico tumulto de vozerio, passos ressoantes e o rugido da torcida dos patronos em algum lugar atrás dela. Morrigan fechou os olhos bem apertados e se agarrou com força a Fen, que seguia em um bom passo. Arriscando um olhar para cima, Morrigan viu que Jupiter tinha razão: bem à frente, nos degraus de mármore do Teatro Lírico de Nevermoor, via-se um alvo púrpura do tamanho aproximado da cabeça de Morrigan, e metade dos candidatos avançavam direto para lá. Era certo que terminariam em uma colisão horrível, mas Morrigan não estaria lá para testemunhar — Fenestra estava dando uma ampla volta em torno do teatro lírico e saindo no Grande Boulevard. A comoção já tinha ficado para trás.

BANG!

BANG!

BANG!

Morrigan virou-se para trás e viu alvos violeta explodindo por toda parte à medida que candidatos os acertavam. Cada vez que isso acontecia uma nuvem de pó de intenso colorido explodia no rosto e nas roupas do candidato, manchando-o de violeta. O ar se enchia de poeira, cor e barulho.

Então as roupas brancas serviam para isso. No fim da prova haveria um arco-íris de cento e cinquenta candidatos vencedores... e cento e cinquenta crianças tristes de roupas brancas imaculadas.

Eu não, pensou Morrigan ferozmente, debruçando-se sobre Fen. *Eu estarei de verde.*

Elas passaram por um mar de alvos violeta e anil — alguns pendurados em árvores e placas de rua, outros presos nas laterais de edifícios fáceis de alcançar, alguns simplesmente deixados no chão de pedras — e rapidamente chegaram à seção azul. Os alvos

eram mais difíceis de localizar, mas ainda assim espalhados generosamente pela paisagem.

Fen era tão rápida que elas haviam deixado metade da multidão comendo sua poeira, mas algumas almas perseverantes conseguiam acompanhá-las — inclusive, para o desprazer de Morrigan, Noelle Devereaux à sua esquerda e os supostos inimigos jurados de Fen, o rinoceronte e seu cavaleiro, à direita. A égua castanha de Noelle voava como o vento.

Logo ficou claro que Fen tivera razão em não confiar no rinoceronte. Ele não era flor que se cheirasse. Avançava violentamente, guinando para a esquerda e para a direita sem nenhuma consideração com aqueles em quem pisava, ou o que o perigoso chifre em sua cabeça oscilante acertava. Ele não estava só tentando conseguir um alvo dourado: queria eliminar o restante dos competidores antes que *eles* chegassem à Praça Coragem.

Isso era esperto, pensou Morrigan. Maldoso, mas esperto. Haveria outros candidatos dos grupos dos Portões Leste, Norte e Sul seguindo também para aqueles cinco alvos, e provavelmente chegando à praça ao mesmo tempo. Não havia alvos dourados suficientes para todos: a Praça Coragem viraria um vale-tudo caótico. Morrigan ficou feliz por ela e Fen estarem indo para o verde.

Mas Fen não desacelerou na seção verde. Elas não viraram na Rua Mayhew, como Jupiter havia instruído. Passaram direto, entrando na seção amarela. Os alvos estavam escasseando e se espaçando. Se elas não acertassem um logo, elas poderiam ficar sem nenhum. Mas Fen seguia em frente, passando direto pelos alvos amarelos, depois pelos laranja, não demonstrando nenhuma disposição em parar.

— Fen! — Morrigan finalmente gritou. — Fen, pare! Aonde você está *indo*?

— Praça Coragem — Fen gritou de volta. — Vou conseguir um alvo dourado pra você!

Morrigan sentiu o sangue esvair de seu rosto. O que Fenestrela estava *pensando*? Ela enlouquecera. Sua veia competitiva de lutadora de UFC havia assumido o controle.

— Não... Fen, Jupiter falou...

— Jupiter fala muitas coisas. É tudo ruído de fundo pra mim. *Segure firme.*

Fen entrou em modo turbinado, ziguezagueando entre os candidatos e desviando-se deles com uma graça da qual Morrigan não a julgava capaz. Ela saltava sobre três, quatro cabeças de uma só vez, aterrissando elegantemente nos menores espaços no chão e, sem perder um segundo, tornava a saltar. Ela era absolutamente o “animal para todo tipo de terreno” que Jupiter esperara — lançando-se do solo para árvores, ricocheteando nas laterais dos edifícios. A Morrigan só restava agarrar-se a ela com todas as suas forças.

Ao olhar por cima do ombro viu, com não pouca alegria, que Noelle e sua égua haviam desaparecido — completamente, como se tivessem sido engolidas pela multidão ou tivessem disparado por uma rua secundária.

Um minúsculo ramo de esperança desabrochou no coração de Morrigan. Talvez Fen estivesse certa. Talvez elas *pudessem* conseguir um alvo dourado!

No entanto, o rinoceronte desabalado estava ganhando velocidade. Morrigan podia ver bem seu cavaleiro agora, e ficou surpresa ao descobrir que o reconhecia: era a horrível amiga de Noelle.

Só que agora ela não estava rindo como uma hiena, como nas Boas-Vindas Fabulosas. Parecia... apavorada. A longa trança negra estava meio desfeita, solta, e ela gritava e puxava em vão as rédeas com força. Tinha perdido todo o controle sobre sua montaria. (Morrigan conhecia bem a sensação.)

O rinoceronte, por outro lado, parecia feroz e determinado. Ele havia percebido quem era seu maior concorrente e mirava direto nelas, o chifre à frente.

Morrigan puxou com força o pelo de Fen e gritou no ouvido da Magnifigata as únicas palavras que seu cérebro conseguiu forçar através da boca:

— *Fen! Rinoceronte!*

CAPÍTULO QUATORZE

Uma montaria muito nobre

— *Eles estão vindo pra cima da gente!*

Fen não olhou para trás. Em vez disso, aumentou a velocidade e começou a ziguezaguear, seguindo para a esquerda e para a direita, tentando deixar o rinoceronte para trás. O chifrudão idiota acompanhava seu ritmo, mas com muito menos graça, esbarrando em outros candidatos e derrubando-os, com uma série de gritos e estrondos. Morrigan olhou por sobre o ombro, vendo a amiga de Noelle fitando o espaço à frente com os olhos arregalados de pavor, incapaz de controlar ou desacelerar a besta, incapaz de fazer qualquer coisa que não fosse agarrar-se às rédeas com todas as suas forças.

Fen corria cada vez mais rápido, aumentando a distância entre ela e a multidão. Somente o rinoceronte trapaceiro continuava em seu encalço.

— Deixe que ele passe! — gritou Morrigan, mas Fenestra não a ouviu ou talvez não quis escutar. Ela era uma coisa louca, obcecada e possuída... mas agora também arfava pesadamente, começando a perder o fôlego.

De repente, o rinoceronte passou estrondosamente ao lado delas, sacudindo a cabeça enorme.

— Cuidado, Fen! — gritou Morrigan enquanto a fera as empurrava com força com o flanco.

A garota montada no rinoceronte gritou. Morrigan abaixou-se, agarrando-se ao pescoço de Fen. A Magnifigata perdeu o equilíbrio mas logo o recuperou, golpeando o rinoceronte defensivamente. Ela abriu um corte na cara dele com suas garras longas e afiadas, e ele gritou de dor.

Morrigan levantou a cabeça ao ouvir outro guincho penetrante atrás delas. Virou-se bem a tempo de ver o rinoceronte tropeçar, derrubando sua amazona. A garota caiu no chão com um baque nauseante. O rinoceronte tombou de chifre no chão e então, lutando para ficar em pé, saiu em disparada pela rua secundária mais próxima, a cobiça por um alvo dourado aparentemente esquecida. Ele berrava enquanto fugia, os cortes profundos no couro de sua cara vertendo sangue, toda a ferocidade e a agressividade vencidas por um simples golpe das poderosas garras de Fen. A Magnifigata seguiu adiante, finalmente livre de seu perseguidor.

A amazona, a amiga de Noelle, foi largada no meio do Grande Boulevard. Ela sacudiu a cabeça, parecendo tonta. O restante dos candidatos estavam se aproximando e logo estariam em cima dela. Aqui e ali alvos explodiam ao fundo, lançando nuvens de rosa-choque e vermelho no ar, aproximando-se de onde a garota continuava sentada, imóvel, no chão.

Morrigan olhou para a frente. A cem metros dali, o Grande Boulevard se abria no enorme espaço aberto, com calçamento de pedras, da Praça Coragem, e no centro ela podia vê-los: quatro alvos dourados, posicionados uniformemente em torno da borda do elaborado chafariz. Morrigan podia distinguir o quinto alvo no centro do chafariz, no alto da estátua. Ele reluzia como ouro à luz do sol, mantido no alto na boca de um peixe de concreto.

Elas estavam perto — *tão perto*. Não havia ninguém à frente delas. A Praça Coragem estava vazia. Ela poderia mesmo vencer a prova, poderia obter um alvo dourado...

Mas Morrigan tornou a olhar por cima do ombro.

A garota ainda estava lá. Parecia congelada no tempo, olhando para o muro de cascos e poeira colorida que avançava velozmente em sua direção, sem o menor sinal de que fosse desacelerar.

O coração de Morrigan apertou.

— Fen, temos de voltar! — gritou ela. — Eles vão pisoteá-la.

Fen não a ouviu ou, se ouviu, a ignorou. Morrigan puxou rudemente suas orelhas.

— *Fen!* Eles vão matá-la!

Fenestra grunhiu.

— Você percebe que isto é uma *competição*? — Mas, mesmo enquanto dizia essas palavras, Fen dava meia-volta, disparando para onde a garota estava, indefesa, segurando a perna.

— Mais rápido, Fen!

Fenestra aumentou a velocidade, chegando à garota do rinoceronte bem a tempo de pegá-la com os dentes e saltar para fora do caminho da multidão que se aproximava, seguindo por uma viela que saía do Grande Boulevard. Os demais candidatos pisotearam o lugar vazio onde a garota estivera sentada segundos antes.

Com um forte movimento da cabeça, Fen jogou a menina em suas costas, na frente de Morrigan, onde ela ficou tremendo e chorando.

— Ah, pare com esse choramingo — grunhiu a Magnifigata.

Morrigan guiou as mãos trêmulas da garota para a pelagem densa no pescoço de Fen e a ajudou a segurar-se nela. Morrigan encolheu-se quando os últimos poucos candidatos e suas montarias passaram velozmente por elas, levantando nuvens de poeira e mantendo Morrigan, Fen e a garota do rinoceronte à margem da corrida. Era impossível. Os alvos dourados seriam apanhados em segundos.

— Talvez — disse Morrigan em um desespero ofegante —, talvez pudéssemos voltar para os alvos verdes ou... ou os amarelos...

— Segura a onda — disse Fen.

— Não posso simplesmente desistir, Fen! Deve restar um em algum lugar...

— Não, sua idiota, eu quis dizer *segura a onda do que vou fazer agora*. E agarrem-se com força. — Morrigan obedeceu, e Fen recuou de ré. — Ainda estamos em busca do ouro!

O chafariz na Praça Coragem parecia a cena de uma batalha apocalíptica. Os quatro alvos dourados posicionados em torno da fonte já haviam sido atingidos... mas havia um último que permanecia no lugar, vários metros no ar, ainda brilhando na boca da estátua de peixe, intacto. A água se agitava sob a estátua à medida que dezenas — talvez quase uma centena — de crianças andavam por ela, mergulhadas até a cintura, tendo abandonado suas montarias para prosseguir sozinhas. Elas gritavam e gorgolejavam, empurrando-se umas às outras debaixo d'água em seu desespero para chegar ao alvo. Algumas já haviam chegado à estátua e subiam por suas barbatanas e cauda, empurrando os candidatos que vinham atrás e que tentavam derrubá-las. Era uma cena de pesadelo, e Morrigan odiava a ideia de participar daquilo.

Mas nada deteria Fenestra. A Magnifigata recuou, tomando distância, e saltou sobre as costas dos cavalos, avestruzes e zebras abandonados ao redor da fonte, usando-os como apoio. Então tomou impulso com suas poderosas pernas traseiras e disparou pelo ar acima dos outros candidatos, pousando no topo da estátua, abraçando a cabeça do peixe e cravando suas garras.

— *Toque nele!* — gritou Fen.

Morrigan esticou-se o mais alto que pôde, a ponta dos dedos quase lá... *quase lá*...

Mas a amiga de Noelle estava mais perto. Ela parecia ter se recuperado da queda e subia pelo pescoço de Fenestra, enfiando os joelhos entre as omoplatas da gata gigante. Ela se esticou e Morrigan se esticou atrás dela, e ambas tocaram o alvo no mesmo instante.

BANG!

Ele explodiu em uma nuvem de pó dourado, cobrindo o rosto, as roupas brancas e a longa e balançante trança da outra garota na cor da vitória...

... e errando Morrigan completamente.

— Uma de cada vez, por favor, *uma de cada vez!* — gritou o funcionário da Sociedade, com cara de atormentado. — Então, quem tocou o alvo? Quem montava o gato gigante?

— Eu — disseram Morrigan e a outra garota juntas.

Elas se viraram e fuzilaram uma a outra com o olhar.

— *Eu* — repetiu Morrigan. — Eu montei a gata gigante.

— E seu nome é...

— Cadence — interrompeu a outra garota. — Meu nome é Cadence Blackburn, e *eu* montei a gata gigante. Eu toquei o alvo.

— Não, *eu* toquei o alvo! Eu sou Morrigan Crow, e a Magnífega é a *minha montaria*. Cadence caiu da dela... ela estava no rinoceronte... e nós voltamos para...

— Eu estava sentada na frente — cortou Cadence. — Eu estava sentada na frente, então veja que *só pode* ter sido eu a tocar o alvo. Olhe para mim: estou coberta em ouro!

O supervisor da prova olhou de Morrigan para Cadence e de volta a Morrigan.

— Isso é verdade? Ela estava sentada na frente?

Morrigan estava boquiaberta. Não podia negar que, de fato, Cadence estivera sentada na sua frente, e era por isso que estava coberta pelo pó dourado. Mas isso era ridículo! Um detalhe técnico bobo não podia significar nada... simplesmente *não podia*. Não era justo.

— Bem, sim, mas... só porque nós voltamos para pegá-la. Senão ela teria sido pisoteada!

O funcionário bufou.

— Você acha que isso vai lhe conquistar um lugar na Sociedade Fabulosa, é? — Ele sacudiu a cabeça. — Por que será que todo mundo pensa que a virtude e o espírito esportivo vão lhes garantir vantagens? Estamos testando a *determinação* e *ambição* dos candidatos, não sua maldita generosidade.

— Mas não é essa a questão — disse Morrigan, desesperada. — A Magníficata era minha montaria, e ela subiu naquela estátua por mim, não por Cadence. Eu toquei o alvo! Isso é simplesmente...

— Besteira — disse Cadence em sua voz baixa, como o zumbido de uma vespa. Ela se aproximou do funcionário e ergueu os olhos para ele. — Aquela gata era a *minha* montaria. Eu toquei o alvo dourado, e eu *vou* passar para o próximo desafio.

O supervisor entregou a ela um envelopinho dourado, que Cadence guardou no bolso com uma expressão de triunfo enquanto dava o fora dali.

Morrigan queria gritar diante da injustiça de tudo aquilo, mas nenhum som saía de sua boca. Em vez disso, ela nivelou seu olhar com o do supervisor da corrida, frio e acusador.

— A gata era a montaria dela — disse ele, dando de ombros. — Ela tocou o alvo dourado. Ela vai para o próximo desafio.

Morrigan murchou como um pneu de bicicleta furado. Ela estava fora. Fim de jogo.

Naquele momento Noelle passou por ali, passeando, cercada de amigas. Ela também estava coberta pelo pó dourado e segurava o envelope dourado como um troféu.

— Eu vi um alvo cor-de-rosa na esquina da rua Roderick e simplesmente decidi ir pegá-lo, não sei por quê. Talvez porque rosa seja a minha cor favorita — disse alegremente. — Imaginem só a minha surpresa quando vi que aquele era um dos alvos dourados escondidos! Acho que tenho sorte, simples assim. — Ela olhou para trás, para Morrigan, rindo ao ver suas roupas ainda brancas.

Rua Roderick, pensou Morrigan com amargura, lembrando-se do que o patrono de Noelle havia sussurrado para ela na linha de partida. *Roderick!* Não era uma pessoa: era a localização de um alvo

de ouro. Noelle não tinha tido sorte, de modo algum. Baz Charlton a tinha ajudado a trapacear! Ele *disse a ela* onde o alvo dourado escondido estaria.

Não era de espantar que fosse a única candidata a saber do jantar secreto! Baz estava lhe contando segredos, dando-lhe todas as informações que ela precisava saber para passar pelas provas.

Morrigan deixou-se cair na borda do chafariz, subjugada pela indignação diante das trapaças de Cadence e Noelle, e pela esmagadora agonia de sua própria derrota. Ela se sentia tão tola. Ainda pior, estava apavorada com o que aconteceria em seguida. Seria expulsa de Nevermoor, é claro, e então... então...

Os Caçadores de Fumaça e Sombra empinaram-se em sua mente como um grande enxame negro, bloqueando a luz do sol e lançando o dia em uma escuridão ainda maior.

Quando Jupiter ouviu a história, ficou estarrecido. Já Fenestra ficou furiosa.

— Onde está aquele supervisor? — bufava ela, andando de um lado para o outro e exibindo os dentes amarelos. — Vou pegar a prancheta dele e enfiar bem...

— Temos de ir — disse Jupiter de repente, olhando por cima do ombro. — Temos de ir agora. Ele está aqui.

— Quem... ah. — O estômago de Morrigan despencou para algum lugar abaixo de seus joelhos. Serpenteando em meio à multidão de candidatos e patronos vinha uma pequena brigada de policiais uniformizados, liderados por aquela que talvez fosse a terceira pessoa de quem Morrigan menos gostava em Nevermoor (depois de Cadence Blackburn e Noelle Devereaux).

Jupiter agarrou o braço de Morrigan e começou a levá-la na direção oposta, só para descobrir seu caminho bloqueado por outros uniformes marrons. Estavam cercados pelo Fedor.

— Quero ver aqueles papéis agora, Capitão North. — O Inspetor Flintlock, cujo rosto positivamente reluzia com arrogância, estendeu a mão com a palma para cima. — Entregue-os.

Morrigan prendeu a respiração. Será que ela teria uma chance de voltar ao Deucalião, perguntou-se, antes de ser deportada? Poderia dizer adeus aos funcionários, e embalar suas coisas, e... Hawthorne!

Eles não podiam obrigá-la a ir embora sem dizer adeus a seu amigo, podiam? Ela correu os olhos freneticamente pela Praça Coragem, tentando vê-lo uma última vez. Teria ele tocado um alvo?, perguntou-se.

E os Caçadores de Fumaça e Sombra, disse uma vozinha em pânico em sua cabeça. *Será que eles estarão à minha espera na fronteira?*

— A que papéis se refere, Inspetor Flintlock? — perguntou Jupiter, com um sorriso simpático. — Papel-jornal, do jornal matutino? A essa altura deve estar forrando a caixinha dos gatos ou embrulhando peixe. Devo dizer que é *maravilhoso* que esteja tentando se manter atualizado dos acontecimentos atuais, Flinty. É bom para você. Me diga se precisar de ajuda com as palavras difíceis.

O maxilar de Flintlock se contraiu, mas o sorriso não deixou o seu rosto.

— Muito espirituoso, North. Muito espirituoso mesmo. Eu me refiro, é claro, ao passaporte para o Estado Livre de sua... ex-candidata, seus documentos de residência para o Sétimo Setor e seu visto de estudante para Nevermoor. Os papéis que, com uma olhada, vão me convencer de uma vez por todas de que sua ex-candidata tem todo o direito de residir aqui, no Primeiro Setor do Estado Livre, e que não é na verdade uma ilegal imunda contrabandeada da traidora República na calada da noite.

— Ah, esses papéis — disse Jupiter. — Por que você não disse logo?

Com um suspiro dramático, começou a procurar exageradamente no casaco, puxando o forro dos bolsos para fora e até mesmo apalpando a barba exuberante em busca dos papéis inexistentes. Morrigan até poderia ter rido dele, se esse não fosse o dia menos engraçado de sua vida.

— Estou perdendo a paciência, North.

— Sim, desculpe, eles estão bem aqui... não, desculpe, isso é um lenço. Um pouco de paciência.

Morrigan perguntou-se se deveria aproveitar para sair correndo dali. Se pudesse passar pelo Fedor enquanto estavam distraídos, talvez conseguisse chegar à estação do Fabulotrem mais próxima.

Ela deu um passo de lado, casualmente, para experimentar. Ninguém a segurou. Então olhou à sua volta — o Fedor estava inteiramente concentrado em Jupiter e em seu ato circense de procurar os documentos. Ela deu outro passo, afastando-se, depois outro, lembrando-se de como Hawthorne havia saído de fininho da cena do crime após o episódio em que espalhara os sapos. Só mais alguns passos e seria engolida pela multidão e poderia sair correndo.

— *Morrigan Crow!* — trovejou uma voz. Morrigan imobilizou-se. Pronto. Ela ia ser presa. Adeus, Nevermoor. — *Morrigan Crow! A garota no gato! Onde ela está? Alguém viu Morrigan Crow, a garota que montou o gato?*

Era o supervisor da prova. Ele a avistou e veio gingando, acenando com um envelope cor de marfim na mão.

— Aí está você! Graças a Deus eu a encontrei. Tome, isto é seu.

Ela pegou o envelope.

— O que é isto?

— O que parece? Seu convite para o próximo desafio, é claro.

A cabeça de Morrigan voltou-se bruscamente para Jupiter, que parecia tão atônito quanto ela. A boca de Flintlock abriu e fechou, mas nenhum som saiu. Ele parecia um peixinho dourado que fora arrancado de seu aquário e agora jazia no carpete, arquejando, em busca de ar.

Morrigan mal ousava permitir-se a esperança de ter ouvido corretamente.

— Mas... você disse... mas Cadence...

— Bem, sim, mas houve... um incidente. Um pouco embaraçoso, na verdade. Parece que um daqueles exuberantes unicórnios vinha a ser um Pégaso com as asas escondidas e um cone de sorvete colado de cabeça para baixo em sua testa. Não posso acreditar que não tenhamos visto isso antes. Uma coisa muito cruel com o pobrezinho, é claro, e totalmente contra o regulamento. Mesmo que não estivessem *usando* as asas, o manual afirma claramente que nenhum animal voador pode ser usado no Desafio da Procura. Seja como for, o candidato foi desqualificado, o que significa que uma vaga se abriu e, bem... — Ele parecia um pouco envergonhado. — Em razão das... hã... circunstâncias *incomuns* envolvendo sua... hã... bem, achamos que era mais do que justo. Parabéns.

O homem afastou-se, arrastando os pés, deixando Morrigan eufórica, olhando para o precioso envelope em suas mãos como se fosse esculpido em diamante. Não era dourado — não lhe daria o direito de participar do jantar secreto dos Anciãos —, mas Morrigan não ligava a mínima.

— Eu passei — ela sussurrou e então disse em voz alta: — Eu passei para o próximo desafio!

Ela rasgou o envelope, abrindo-o, e leu o bilhete ali dentro em voz alta:

Parabéns, candidato.

Você provou sua determinação e ambição e conquistou um lugar na próxima fase dos desafios para admissão na Unidade 919 da Sociedade Fabulosa. O Desafio do Medo acontecerá no outono do Ano Um em uma data, horário e localização indefinidos.

Jupiter riu — uma gargalhada alta, explosiva e exultante que reverberou nos ouvidos de Morrigan. Até mesmo Fenestra deu uma risadinha sibilante. Morrigan tinha vontade de pular. Ela nunca se sentira tão feliz, tão aliviada.

— *Brilhante*, Mog. Brilhante. Lamento, inspetor, vai ter de esperar por aqueles papéis. Nesse momento, a questão da cidadania de Morrigan Crow continua a ser uma questão confidencial para a Sociedade Fabulosa. *Rá, rá!*

O Inspetor Flintlock estava praticamente espumando pela boca.

— Isto ainda não acabou — ameaçou ele, e em sua ira bateu o cassetete em sua própria coxa, para dar ênfase.

Morrigan encolheu-se: aquilo deve ter doído.

— Meus olhos estão por toda parte, Morrigan Crow. Estarei observando você... vocês dois. Com muita atenção.

O inspetor girou nos calcanhares e se afastou, marchando, seguido de perto por seus pares de casaco marrom.

— Esquisito — disse Fenestra às costas dele.

CAPÍTULO QUINZE

O Desfile Negro

Outono do Ano Um

— Preciso de uma dama, por favor.

— Para quê?

— Apenas me dê. Passe para cá.

Dando um grande suspiro injustificado, Hawthorne procurou no maço de cartas até encontrar a dama de ouros.

— Não creio que você esteja fazendo isso direito.

Depois de seu sucesso no Desafio da Procura (Hawthorne havia conseguido um alvo laranja — montando um camelo, *não* um guepardo), Jupiter prometera a Morrigan que seu amigo poderia dormir no Deucalião na noite de Natalloween — desde que eles jurassem ignorar a hora de ir para a cama, que comessem muitos doces e tramassem muitas travessuras. Fiéis à sua palavra, eles já haviam acabado com punhados de doces e agora estavam aprendendo sozinhos a jogar pôquer no Salão de Música enquanto esperavam Fen, que, à meia-noite, ia levá-los ao Desfile Negro.

Em comemoração ao Natalloween, o salão estava inteiramente iluminado por velas e caras esculpidas em abóboras. Frank, o anão vampiro, cantava uma canção horrível sobre decapitar seus temíveis inimigos e beber o sangue deles. Os hóspedes batiam palmas, acompanhando, encantados com a ideia do homenzinho decapitando quem quer que fosse, temível ou não.

Morrigan arrumou as cartas em forma de leque na mesa.

— Pôquer!

Hawthorne as examinou.

— Isso não é pôquer.

— É sim, olhe: a Dama de Ouros estava no parque um dia, passeando com seu cachorro, o Valete de Ouros. Então encontrou o Rei de Copas e eles se apaixonaram. E se casaram seis (de copas) semanas depois e tiveram três (de ouros) filhinhos e viveram felizes para sempre. — Ela riu, triunfante. — Pôquer.

Hawthorne gemeu e jogou as cartas na mesa.

— Isso é pôquer. Você ganhou de novo.

Ele empurrou a grande pilha de doces de Natalloween para o lado dela da mesa.

— Obrigado, obrigado, amigos — ia dizendo o anão vampiro. — E agora, nesta noite de Natalloween, a noite em que nos sentimos mais perto daqueles que perdemos... em homenagem à minha

querida e falecida mãe, vou cantar para vocês a canção favorita dela. — A plateia murmurou favoravelmente. Frank fez sinal para o pianista. — Wilbur, por favor... “Minha amada é uma estranguladora”, em ré menor.

— Cadê a Fen? — perguntou Hawthorne, embaralhando as cartas distraidamente. — São quase dez e meia. Se não formos logo, os melhores lugares estarão ocupados.

— *Minha amada é uma estranguladora, minha amada adora esganar. Suas mãos enroscam o meu pescoço, mas é o coração que sinto apertar...*

Desde o começo do outono, Hawthorne não falava de outro assunto que não o Desfile Negro e, como Jupiter ia marchar com o restante da Sociedade Fabulosa, ele havia convencido Fenestra a acompanhar Morrigan e Hawthorne em seu lugar. Fen tinha concordado sob *intensos* protestos, e somente depois que extraíra de Jupiter a promessa de que, se eles se comportassem mal, ela teria permissão de colocar pó de mico nas roupas de cama de Morrigan todas as noites durante um mês.

— Fenestra faz as coisas no tempo dela — disse Morrigan, mordendo um esqueleto azedinho.

— *Ela me agarrou com seus braços fortes e o céu estrelado resplandeceu. Meu pescoço magricela é só dela, seu coração violento é todo meu!*

Frank terminou sua canção com um grande floreio e uma nota aguda que fez Morrigan e Hawthorne se encolherem. Os outros hóspedes irromperam em aplausos e o anão vampiro fez uma profunda medida em agradecimento.

— Algum pedido? — perguntou Frank.

— Cante alguma coisa assustadora! — gritou um jovem.

— Ah. Decapitação e estrangulamento não são assustadores o bastante para vocês, hein? — Os olhos de Frank brilhavam. — Então quem sabe queiram ouvir uma canção sobre... o Fabulador?

Os hóspedes arquejaram, então começaram a rir de nervoso. Do outro lado da mesa de jogos, Hawthorne ficou completamente imóvel.

— Vamos esperar no saguão? — perguntou ele.

— Fen mandou que esperássemos aqui — disse Morrigan. — Ela vai ficar irritada se sairmos. Qual é o problema?

— Eu só... — Ele engoliu em seco e baixou a voz. — Eu queria que ele não cantasse sobre o Fabulador.

— O *Fabulador*. — Morrigan revirou os olhos. — O que é um Fabulador, afinal? Por que todo mundo tem tanto medo dele?

Os olhos de Hawthorne se arregalaram.

— Você *não conhece a história do Fabulador*?

Do outro lado do salão, o som do piano foi interrompido.

— Isso é *verdade*? — disse Frank, olhando diretamente para Morrigan. — Pode mesmo haver uma criança que nunca ouviu as histórias sobre o *Fabulador*?

A plateia virou-se para olhar Morrigan, uma expressão de choque no rosto.

— Quer dizer — disse ela —, eu ouvi falar dele, mas... — Ela deu de ombros e mordeu a cabeça de um fantasma de goma.

— Será possível — continuou Frank, a voz se elevando — que ela não saiba nada daquele que chamam de Carniceiro de Nevermoor? A Maldição da Capital? Aquele demônio maligno com a boca enegrecida e os olhos vazios?

Hawthorne deixou escapar um ruído estrangulado vindo do fundo da garganta. Morrigan suspirou.

— Então o que ele é? — perguntou ela, exasperada.

— Minha criança, minha querida e estranha criança — disse o anão vampiro, cobrindo-se com a capa, com um movimento dramático —, talvez seja melhor você não saber...

Os hóspedes caíram no truque dele.

— Conte a ela, Frank — gritaram, batendo palmas com prazer selvagem. — Cante uma canção falando do Fabulador!

— Se vocês insistem — disse ele, fingindo ar relutante.

O pianista tocou um acorde alto e dramático, e Morrigan deu uma risadinha. Isso era tudo muito bobo, pensou.

— Quem... ou o *quê*... é o Fabulador? — começou Frank. — É um homem ou é um monstro? Ele vive em nossa imaginação ou espreita nas sombras, esperando... para *atacar*? — Frank saltou na direção de um grupo de mulheres, que gritaram, primeiro de susto e depois

dando risadas. — Ele é humano ou é um *animal selvagem* que irá estraçalhar o reino com garras e dentes *até ter consumido a todos*?

Aqui ele fez uma pausa para mostrar suas próprias presas impressionantes, e ouviram-se arquejos e risadinhas pelo salão.

— O Fabulador é todas essas coisas. Ele é um fantasma que vive nas sombras, observando, sempre observando, esperando até o dia em que teremos baixado a guarda, quando não o estivermos esperando, já quase esquecidos de sua existência. — Frank pegou uma vela no castiçal e a segurou sob o próprio queixo, de modo que seu rosto ficou fantasmagoricamente iluminado pelo fogo. — É aí que ele irá retornar.

— Bobagem — disse uma voz baixa vindo do canto. Morrigan virou-se e viu Dame Chanda jogando xadrez com Kedgerree Burns, o concierge. Ambos fitavam o tabuleiro, profundamente concentrados, mas não alheios às movimentações musicais no lado oposto do salão.

Kedgerree murmurou, concordando:

— Sim, total absurdo.

— É? — perguntou Morrigan. — Então o Fabulador não é real?

Dame Chanda suspirou.

— Ah, o Fabulador é real. Mas eu não perguntaria àquele exibido de dentes afiados sobre ele — murmurou ela, fazendo um gesto com a cabeça na direção de Frank, que agora, no intervalo instrumental, fazia um número de sapateado. — Ele não saberia distinguir o verdadeiro Fabulador de um vaso de planta. Ele acha que é engraçado tentar assustar as pessoas.

Morrigan franziu a testa.

— Mas por que todo mundo tem tanto medo do Fabulador? O que ele é?

— Boa pergunta — disse Dame Chanda. Kedgerree sacudiu a cabeça em advertência, mas Dame agitou a mão, dispensando seu aviso. — Ah, Ree-Ree, ela vai descobrir mais cedo ou mais tarde. Melhor ouvir a verdade de nós, você não acha, do que um monte de lixo de algum outro tolo?

Kedgerree ergueu as mãos em sinal de derrota.

— Muito bem, mas eu não acho que North vá gostar disso.

— Então North deveria ter ele mesmo contado. — Dame Chanda fez uma pausa para capturar o cavalo de Kedgereee e bebericar seu conhaque. — Bem. Frank *está* sendo bobo, é claro, mas ele propõe uma questão histórica interessante: o Fabulador é um homem ou é um monstro? Certamente ele já foi um homem. Ele já *teve a aparência* de um homem, embora quase todas as fotografias e pinturas de sua juventude tenham sido destruídos. Algumas pessoas dizem que ele se virou do avesso, e a escuridão dentro dele agora está por fora, para que todos vejam. Dizem que ele está horrendo, deformado, que seus dentes, a boca e o branco dos olhos se tornaram pretos como uma aranha. Que a pele dele está acinzentada e se desfazendo como sua alma em decomposição.

— É verdade que ele foi exilado de Nevermoor? — perguntou Hawthorne.

— Sim — disse Dame Chanda, com a expressão grave. — Há mais de cem invernos ele está no exílio, banido de Nevermoor, de todos os Sete Setores do Estado Livre. Até hoje ele é mantido do lado de fora pela força desta grande e antiga cidade, pelos esforços combinados do Conselho Real de Feitiçaria e da União dos Serviços Paranormais, por nossas fronteiras protetoras, equipadas pela Força Terrestre e vigiadas pela Força Celeste, patrulhadas pelo Fedor e espionadas pelo Furtivo e provavelmente por dezenas de outras organizações secretas que existem apenas para nos proteger do Fabulador. Milhares de homens e mulheres, todos trabalhando ininterruptamente, vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, por mais de cem anos, só para manter um homem lá fora.

Morrigan engoliu em seco. Milhares de pessoas... somente por causa de *um homem*?

— Por quê? O que foi que ele fez?

— Ele era um homem que se transformou em um monstro, mocinha, isso foi o que ele fez — disse Kedgereee. — Um monstro que criava outros monstros, que era tão brilhante... tão talentoso e *perverso*... que decidiu bancar o Deus. Ele construiu um grande exército de criaturas temíveis com o qual planejava conquistar Nevermoor, para escravizar os habitantes de nossa cidade.

— Por quê?

Kedgereee piscou.

— Pelo poder, suponho. Ele queria ser o dono da cidade e, com isso, ser o dono de todo o reino.

— Algumas pessoas intervieram e tentaram detê-lo — acrescentou Dame Chanda. — Mas foram massacradas. Homens e mulheres bravos e altruístas, destruídos pelo Fabulador e seu exército de monstros. Aconteceu não muito longe daqui, na Cidade Velha. O local onde eles morreram foi rebatizado em homenagem àquelas pessoas valentes. Praça Coragem.

— Nós estivemos lá — disse Morrigan, e Hawthorne assentiu sombriamente. Era difícil imaginar aquele ensolarado lugar pavimentado de pedrinhas lavado com o sangue de um massacre. — E... ah! Nós lemos sobre o Massacre da Praça Coragem, não foi, Hawthorne? Quando estávamos estudando para o Desafio do Livro. Mas a *Enciclopédia de Barbarismo Nevermooriano* não mencionava nada sobre o Fabulador.

— Não, ela não mencionaria mesmo — disse Kedgerree, incisivamente erguendo uma sobrancelha para Dame Chanda. — Nem mesmo os livros de história gostam de falar sobre o Fabulador.

— Ninguém sabe exatamente o que aconteceu ao Fabulador naquele dia — continuou Dame Chanda, ignorando o comentário dele. — Alguns dizem que ele ficou enfraquecido pelo ataque. Outros dizem que seus monstros o abandonaram... que eles provaram o sabor da morte e gostaram, e então se dissolveram nos cantos mais escuros de Nevermoor, de onde ainda espreitam, matando as pessoas uma a uma, à espera do dia em que seu mestre irá retornar para conquistar a cidade.

— Chanda... — disse Kedgerree, dirigindo-lhe um olhar incisivo.

— O que foi? É o que algumas pessoas dizem.

— Não é verdade, pequenos — disse o concierge. — Isso é só um boato macabro.

— Eu nunca disse que era verdade, Ree-Ree, só disse que é o que as pessoas falam — afirmou Dame Chanda, irritada. — De qualquer modo, após aquele dia, Nevermoor trancou as portas para ele para sempre. Naturalmente, o banimento é reforçado por feiticeiros e mágicos, pelo Fedor e o Furtivo e todo o resto, mas todo mundo sabe que é a própria Nevermoor que verdadeiramente mantém o Fabulador a distância.

— Como? — perguntou Morrigan lançando um olhar para Hawthorne, que engoliu em seco. Ela reparou que o amigo parecia um pouco suado. — E se o Fabulador encontrar um modo de voltar?

— Esta é uma cidade antiga e poderosa, crianças — disse Kedgerree —, protegida por uma magia antiga e poderosa. Mais poderosa do que qualquer Fabulador, não se preocupem com...

— *Fen chegou!* — gritou Hawthorne de repente, agarrando o braço de Morrigan e correndo ao encontro da Magnifigata à porta, claramente ávido para deixar a conversa sobre o Fabulador para trás.

Nevermoor estava cheia de fantasmas.

E também de vampiros, lobisomens, princesas e bruxas com verruga no nariz. Algumas fadas. Uma abóbora ou outra. Milhares de pessoas fantasiadas enchiam a rua principal, à espera do início das festividades de Natalloween em Nevermoor.

Morrigan esfregou as mãos para se esquentar e apertou mais o cachecol em torno do pescoço. Ela e Hawthorne trocaram um sorriso animado, seu hálito se transformando em fumaça no ar fresco do outono. Eles tinham conseguido abrir caminho em meio à multidão compacta até o que Jupiter garantira que seria o melhor lugar no trajeto do desfile, bem na esquina da rua do Diácono com a avenida McLaskey.

A Sociedade Fabulosa tinha começado o desfile havia centenas de anos, dissera Jupiter. Originalmente era uma procissão silenciosa dos membros da Sociedade, vestidos em uniformes pretos formais com seu alfinete de ouro em forma de *F* na garganta, marchando em homenagem aos membros da Sociedade que tinham morrido no último ano. Eles atravessavam as ruas em fileiras de nove na noite de Natalloween, quando as paredes entre os vivos e os mortos estão mais tênues.

Ao longo dos anos, o povo de Nevermoor começou a se reunir para assistir à procissão em silêncio e prestar sua homenagem. Essa tornou-se uma das tradições mais sagradas da cidade, e eles a chamaram de Desfile Negro. Com o tempo, transformou-se em algo mais ruidoso e mais colorido, mas a Sociedade Fabulosa ainda mantinha a tradição ao desfilar primeiro.

A multidão estava sinistramente silenciosa quando as solenes fileiras de nove passaram, seus passos nas pedras do calçamento o único som que se ouvia. Morrigan pensou ter visto a grande cabeça ruiva de Jupiter a certa altura, mas havia tantos membros da Sociedade passando rapidamente que ela não pôde ter certeza. Eles exibiam expressões sérias, os olhos voltados para a frente. Aqui e ali viam-se espaços vazios, e algumas das pessoas que marchavam carregavam velas — uma vela para cada um dos falecidos, dissera Jupiter. Os membros mais jovens da Sociedade, que pareciam apenas um pouco mais velhos do que Morrigan, marchavam na primeira fila. Ela supôs que devia se tratar da Unidade 918.

Será que ela e Hawthorne marchariam no desfile do ano seguinte, perguntou-se Morrigan. Era difícil imaginar Hawthorne mantendo a expressão séria por tanto tempo.

Uma outra imagem, indesejável, surgiu em sua mente: Hawthorne e Noelle marchando lado a lado. *É o mais provável*, pensou ela, infeliz. O cavaleiro de dragão e a garota com voz de anjo, juntando-se às fileiras de talentosos membros da Sociedade marchando através das ruas de Nevermoor. Seu entusiasmo murchou um pouco.

Assim que a Sociedade Fabulosa chegou ao fim do caminho, o “verdadeiro desfile” (como Hawthorne dizia) enfim começou. Uma onda de expectativa percorreu a multidão quando a música começou a tocar.

— *Nunca* estive assim tão perto da frente! — exclamou Hawthorne.

— Você nunca teve a Fen afugentando as pessoas — disse Morrigan, erguendo os olhos para a Magnifigata, que assomava acima deles, atraindo olhares alarmados dos transeuntes.

Embora não estivesse empolgada para bancar a babá, Fen levava seus deveres muito a sério. Quando alguém chegava perto demais, ela sibilava e mostrava os dentes até a pessoa recuar, de olhos arregalados, e um pequeno espaço vazio milagrosamente surgir em torno de Morrigan e Hawthorne. Ela era como um campo de força feroz e peludo.

O desfile era liderado por uma fanfarra vestida de demônios, conduzida por uma bruxuleante aparição fantasmagórica. Era seguida por uma procissão do que pareciam cercas vivas, podadas

como esculturas de animais e trazidas à vida por alguma misteriosa combinação de teatro de marionetes e mecânica. Um mamute vegetal balançava suas enormes presas de um lado para o outro e um leão verde e folhoso rugia e rosnava para grupos de crianças que gritavam.

Morrigan e Hawthorne ficaram roucos de tanto rir e gritar, à medida que as alegorias do desfile passavam. Havia um assustador boneco de lobisomem, com altura de um prédio de três andares, controlado por longas varas de madeira manuseadas por uma equipe de pessoas no chão. Elas podiam até fazê-lo estalar as mandíbulas e piscar os olhos amarelos.

No entanto, a Aliança de Confrarias de Nevermoor foi a favorita de Morrigan.

— Elas adotaram o clichê este ano, não foi? — perguntou Fen, em um tom de relutante aprovação. As bruxas usavam chapéus pretos pontudos e tinham verrugas falsas coladas no nariz. Algumas carregavam gatos pretos e outras voavam em vassouras de madeira motorizadas. Gargalhadas tenebrosas enchiam o ar. — Normalmente elas dizem: “Ah, não nos estereotipem, somos só pessoas normais.” Mas assim é melhor. Soltem suas bruxas, senhoras!

Os adultos na multidão estavam tão animados quanto as crianças, aplaudindo cada ala que passava. Com uma exceção: quando o enorme boneco de um velho com uma capa surgiu, acompanhado por violinos estridentes e acordes sinistros de órgão, foi recebido por arquejos e olhares de desaprovação. Ele não era tão grande quanto a marionete do lobisomem e, na opinião de Morrigan, nem de perto tão assustador — mas muitos pais pareceram muito infelizes quando ele passou se arrastando, e as crianças esconderam os rostos. Até mesmo Fen exibiu a testa franzida, embora Morrigan não soubesse dizer se era sua carranca rabugenta de todos os dias ou sua carranca rabugenta para ocasiões especiais.

— Eles tinham de estragar a diversão? — perguntou uma mulher perto de nós, cobrindo os olhos do filho pequeno. — Aí está uma coisa apavorante *demais*, mesmo para o Desfile Negro. O Fabulador! Francamente.

— É esse o Fabulador? — Morrigan riu e virou-se para Hawthorne, que olhava o boneco, desconfiado.

Ele não *parecia* assustador. Apenas um velho corcunda com dentes pretos afiados, olhos totalmente pretos e uma capa esvoaçante, os dedos terminando em longas garras. De quando em quando suas mãos e olhos disparavam faíscas de fogo, e uma risada boba e maníaca saía de um alto-falante em sua boca. Morrigan perguntou-se como alguém podia ter medo de algo tão bobo, mas então lembrou-se da história do Massacre da Praça Coragem, e as palavras de Dame Chanda ecoaram em sua mente: *Ele era um homem que se transformou em um monstro.*

— Lá está! — gritou Hawthorne, olhando com determinação além do boneco do Fabulador. — A ala do Cemitério Morden. É a melhor de todas.

Criada para parecer um verdadeiro cemitério, a ala era envolta em névoa branca e consistia de um enxame de zumbis. Morrigan sabia que eram apenas pessoas vestidas como zumbis — a maquiagem verde denunciava —, mas assim mesmo eles lhe provocavam calafrios, gemendo e saindo de túmulos recém-abertos. Debruçavam-se sobre a grade de ferro forjado que circundava a ala, tentando alcançar as crianças que alternavam entre risadas divertidas e gritos de pavor.

Hawthorne tinha razão: aquela era a melhor ala. A multidão parecia concordar, porque as pessoas se apertavam, tentando se aproximar da frente e ficando na ponta dos pés para ver. Um homem à frente deles pôs o filho nos ombros, bloqueando completamente a visão de Morrigan e Hawthorne.

Hawthorne gemeu.

— Venha... tem uma caçamba de lixo lá atrás. Se subirmos nela, conseguiremos ver.

Morrigan hesitou.

— Mas Fen...

— Não vamos demorar. Rápido, enquanto ela está distraída! — disse Hawthorne, indicando com a cabeça Fen, que tentava dar tapas nos zumbis que estendiam os braços entre as grades.

— Está bem — resmungou Morrigan —, mas juro que se ela colocar pó de mico na minha cama...

O beco estava sujo e a caçamba de lixo fedia horivelmente. Hawthorne subiu primeiro, e então estendeu a mão para Morrigan.

— Me ajude — soou uma voz vinda do fim do beco. Mas não havia ninguém lá. — Por favor... alguém, por favor, ajude. Eu caí. — A voz parecia de uma senhora, frágil e assustada.

Morrigan e Hawthorne se entreolharam. Hawthorne lançou um último e desejoso olhar para a ala do Cemitério Morden antes de descer da caçamba com um pulo.

— Olá? — respondeu Morrigan. — Quem está aí?

— Ah, graças a Deus! Por favor, preciso da sua ajuda. Caí aqui embaixo e... está escuro e molhado, e eu machuquei o tornozelo.

Eles avançaram cautelosamente pelo beco.

— Onde você está? — perguntou Hawthorne. — Não estamos vendo ninguém.

— Aqui embaixo.

A voz vinha de debaixo dos pés deles. Morrigan recuou.

— É um bueiro, Hawthorne. — Uma sensação de apreensão tomou conta dela. Alguém estava de fato *preso* lá embaixo?

Eles levantaram a tampa do bueiro com os dedos e a arrastaram para o lado. Espiando dentro do buraco, Morrigan viu apenas escuridão.

— Alô? Você está aí embaixo?

— Ah! Graças a Deus você me ouviu. Eu tropecei e caí e... acho que quebrei o tornozelo. Não consigo subir sozinha.

— Ok, não... não entre em pânico! — gritou Morrigan. — Vamos descer e ajudar você.

Hawthorne a puxou de lado, sussurrando, apreensivo:

— Não sou nenhum especialista, mas você percebe que, se ouvir uma voz saindo de um bueiro, pedindo que você entre nele, deveria considerar a possibilidade de... *não* entrar nele?

— É só uma velhinha. — Morrigan estava tentando convencer tanto a si mesma quanto Hawthorne. *Havia*, sim, alguma coisa estranha naquilo. — Desde quando você tem medo de velhinhas?

— Desde que elas começaram a me chamar de dentro de bueiros.

— Ela precisa de um médico.

— Talvez devêssemos ir buscar Fen...

— Ah, sim, vamos lá dizer a Fen que fugimos por um beco escuro sem ela — sibilou Morrigan. — Ideia brilhante.

Hawthorne soltou um resmungo.

— Tá bom. *Tá bom*. Mas se formos comidos vivos por ratos gigantes ou feitos em pedaços pela Fera Escamosa do Esgoto de Nevermoor, minha mãe vai ficar aborrecida *de verdade*.

Eles concluíram que era melhor Morrigan descer e ajudar a velhinha a subir a escada para que Hawthorne — que tinha mais força na parte superior do corpo, graças a todos os seus treinos montando dragões — pudesse puxá-la de cima.

Morrigan pôs os pés na escada, sentindo-se nervosa, mas, depois de descer dois ou três degraus na escuridão, estava totalmente apavorada. Olhou para cima a fim de se certificar de que Hawthorne ainda estava lá.

— Tem certeza? — perguntou ele.

Um grito veio lá de baixo:

— Por favor, depressa... eu mal consigo ficar de pé.

Morrigan engoliu em seco. Uma veia latejava em seu pescoço. Ela deu um passo, e mais outro, concentrando-se apenas em pôr um pé após o outro, e por fim pisou em solo firme.

Estava mais escuro do que Morrigan tinha imaginado. Ela piscou, esperando que seus olhos se ajustassem.

— A-alô? Não consigo ver a senhora. Onde está?

Nenhuma resposta. Os batimentos cardíacos de Morrigan se aceleraram.

— *Alô?* — repetiu ela. Sua voz ecoou. — A senhora está bem?

Ela olhou para o alto. A luz do beco lá em cima havia desaparecido, assim como Hawthorne. Ela arquejou e procurou a escada, tateando na escuridão, mas a escada também não estava mais lá.

— O que está acontecendo? — perguntou Morrigan. Tentou parecer durona, mas sua voz soou mais como um guincho. — *Isto não tem graça*.

A velhinha deu uma gargalhada cacarejante.

Morrigan ouviu o som inconfundível de um fósforo sendo aceso. A escuridão deu lugar a uma luz amarela brilhante, e Morrigan piscou diante da súbita claridade. Quando seus olhos se ajustaram, ficou claro que ela e a velha senhora não estavam de modo algum em um bueiro.

E tampouco estavam sozinhas.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Siga a luz

Elas a cercavam em um círculo fechado, os rostos fantasmagoricamente iluminados pela luz de velas.

Morrigan queria gritar, correr, chamar Hawthorne, mas estava paralisada pelo medo.

— Somos as bruxas da Confraria Treze. Somos os olhos que veem o invisível. Somos as vozes daqueles que não falam. Distinguiremos os corajosos dos fracos.

Elas eram sete, mas falavam em uníssono. Uma mistura de jovens e velhas, sem um chapéu pontudo ou nariz verruguento sequer entre elas. Usavam vestidos pretos de manga comprida abotoados até o pescoço, com os cabelos puxados para trás e véus negros de rede sobre os rostos cruéis e ensombreados. É assim, Morrigan percebeu, que as bruxas *de verdade* devem ser. Não gostava mais muito delas agora.

— O que vocês querem? — Ela girou em um círculo, temendo tirar os olhos de qualquer uma por muito tempo.

— Nesta véspera de Todos os Santos, dois sustos você vai ter — disseram em uníssono. — Um será para ver, o outro será para crer. Fuja se quiser. Ataque se puder, com decisão. Ou siga a luz e talvez alguém te ofereça uma oração.

Uma das bruxas entregou a Morrigan um pequeno envelope marfim. O cartão ali dentro dizia:

Bem-vinda ao Desafio do Medo.

Você pode dar meia-volta agora e desistir das provas de admissão na Sociedade Fabulosa, se quiser.

Se continuar, não assumimos nenhuma responsabilidade pelas consequências.

Escolha com sabedoria.

— O Desafio do Medo — sussurrou Morrigan. Ela não sabia se estava aliviada ou apavorada. Por um lado, as bruxas evidentemente não estavam ali para fervê-la em um caldeirão ou transformá-la em lagartixa. Por outro lado... como Jupiter tinha se referido a essa prova? O Desafio do Colapso Nervoso? *Alguns candidatos nunca se recuperaram.* Ele ficara estarecido ao saber que o novo Supremo Conselho de Anciãos a havia reintegrado.

Morrigan engoliu em seco. A Confraria Treze a olhava de cima com seus olhos frios e escuros.

— Somos as bruxas que irão decidir sua sorte — entoaram elas. — Conhecemos os terrores que serão seu consorte. Seja sábia e desista, antes que seja tarde. Ou se tiver coragem... abra o portão sem alarde.

As velas se apagaram, como se com uma rajada de vento, e a confraria desapareceu.

Duas luzes surgiram na escuridão. À direita de Morrigan, a escada havia retornado, iluminada pela luz da rua vinda do bueiro aberto lá em cima. Olhando para o alto, ela ouviu os distantes ruídos do Desfile Negro e desejou retornar a ele.

— Hawthorne? — chamou, hesitante. — Você está aí?

Mas seu amigo tinha desaparecido. O estômago de Morrigan se contraiu. Será que ele tinha saído à procura de Fen? Ou estaria em algum outro lugar, no meio de seu próprio Desafio do Medo?

À esquerda dela, adentrando ainda mais a escuridão, um portão de madeira em arco encontrava-se semioculto nas sombras. Um único toco de vela derretida queimava debilmente acima dele, convidando-a a entrar. *Siga a luz e talvez alguém te ofereça uma oração.*

Morrigan queria desesperadamente optar pela escada.

Mas como poderia desistir das provas agora? Pensou em Jupiter, e no inspetor Flintlock, e em Hawthorne e no Hotel Deucalião, e, principalmente, pensou em ter de enfrentar novamente os Caçadores de Fumaça e Sombra se fosse expulsa de Nevermoor. Certamente nada no Desafio do Medo poderia ser mais assustador do que isso.

Cerrando os punhos, Morrigan se obrigou a abrir o portão antes que pudesse mudar de ideia.

O ar noturno fez um arrepio descer por sua nuca. Ela estava ao ar livre outra vez.

Mas não era no beco.

Uma lua cheia brilhava sobre colinas ondulantes cobertas com pedras tumulares recortadas, anjos de concreto e imensos mausoléus. Em um arco de pedra acima da cabeça de Morrigan, liam-se as palavras gravadas: CEMITÉRIO MORDEN.

Isso não era nenhuma ala do desfile, com lápides de papelão e árvores de papel crepom. Era o Cemitério Morden real... onde quer que ele ficasse.

Essa era a má notícia.

A notícia péssima era que, mais uma vez, Morrigan não estava sozinha.

Um grunhido ergueu-se do solo sob seus pés. Ela se encontrava de pé em cima de um túmulo, e o túmulo tinha um cadáver, e o cadáver tinha uma cabeça, e a cabeça estava emergindo da terra encharcada com um gemido áspero e lúgubre.

Morrigan gritou. Lutando para se libertar da terra, o cadáver agarrou seu tornozelo com a mão esquelética em decomposição. Morrigan caiu e tentou engatinhar para longe, mas a mão continuou a segurá-la.

Havia outros — Morrigan podia ouvi-los por toda parte, levantando-se de seu descanso final. Ela se debateu violentamente, agarrando a grama para escapar. Com um pontapé brusco, ela deslocou o braço do zumbi, separando-o do corpo, e lançou seu crânio pelos ares atravessando meio cemitério. Ela se levantou, cambaleando, e, com uma onda de repugnância, puxou a mão desencarnada que ainda segurava seu tornozelo.

— Eca, que nojo — murmurou, limpando de suas mãos os restos de carne cinzenta e reluzente.

Agora eram dezenas de zumbis, vindo rapidamente para cima dela, como um tsunami, os olhos brancos e famintos voltados para Morrigan. Pele e músculo pendiam soltos, apodrecendo nos ossos. As roupas do sepultamento, esfarrapadas e desbotadas pelo tempo. Esses não lembravam em nada os zumbis fantasiados da ala do Desfile Negro, com suas roupas artisticamente rasgadas e maquiagem verde ressecada. Esses eram os mortos-vivos de verdade. E estavam vindo para cima dela.

— Arrrrrrrrggggghhhhhhhhhh!

Uma tempestade de punhos e chamas, com cabelos cacheados e braços e pernas desengonçados, atravessou correndo a horda, gritando até ficar rouco. Os cadáveres se afastaram, se não amedrontados, pelo menos levemente alarmados.

— Tome *isto*, bafo da morte!

As roupas de Hawthorne estavam rasgadas, e ele tinha folhas e pedaços de galhos emaranhados nos cabelos. Empunhava com ambas as mãos uma tocha acesa e atacava os zumbis com golpes enlouquecidos e aleatórios. Morrigan teve de se abaixar para evitar um punhado de brasas na cara, mas pelo menos isso parecia manter os mortos a distância.

— Onde você se *meteu*? — Ela nunca ficara tão feliz em ver alguém na vida.

— Eu? — replicou Hawthorne. — Onde você se meteu? Fiquei chamando por você e tentei descer, e então o beco ficou escuro e umas bruxas apareceram...

— Confraria Treze! — disse Morrigan. — Eu também as encontrei, e elas eram horríveis, e disseram que vamos ter...

— Dois sustos, eu sei. — Com olhos tão arregalados que mais pareciam pratos, Hawthorne saltou adiante, movendo a tocha de um lado para o outro, como se fosse uma espada. *Swish, swish*. Os mortos continuavam a deixar seus túmulos, como ratos escapando do esgoto.

Morrigan estremeceu.

— Como saímos daqui?

— Não faço ideia. — *Swish*.

— Bem, como você chegou aqui?

— Não sei. Era como se eu estivesse num túnel, e numa ponta eu podia ver o Desfile Negro, e na outra somente uma vela, e eu sabia que, se voltasse para o desfile — *swish, swish, swish* —, seria eliminado das provas, então eu só...

— *Seguiu a luz*? — Morrigan arquejou, agarrando-o pelo ombro. — Hawthorne... a vela! *Siga a luz*, foi o que as bruxas disseram. Eu passei pelo portão, seguindo a vela, e...

— Eles estão chegando mais perto! — gritou Hawthorne sem fôlego, ainda agitando a tocha. — *Swish, swish*. — Vamos fugir daqui. — *Swish*.

— E como exatamente... *Você quer tomar cuidado*? — Morrigan tornou a se abaixar, escapando por pouco de ser atingida na cabeça pela tocha. — Onde você conseguiu essa coisa?

— Estava pendurada do lado de fora de uma cripta. Lá em cima, debaixo... — A voz de Hawthorne morreu, os olhos dele subitamente

iluminados. Morrigan seguiu seu olhar até um túmulo de mármore, o maior no cemitério, no alto de uma colina. — ... debaixo do anjo. A estátua do anjo, acima da cripta, estava segurando uma vela, tenho *certeza* disso.

O coração de Morrigan deu um salto com uma mistura inebriada de esperança e medo, enquanto eles atravessavam correndo o cemitério. *Siga a luz e talvez alguém te ofereça uma oração.* Anjo... oração... era uma pista! Se havia uma saída desse lugar, pensou ela, *deve* ser por aquela cripta. Eles estavam prestes a escapar desse pesadelo ou a se verem presos dentro de uma pomposa caixa de mármore com um exército de mortos-vivos querendo derrubar a porta.

Hawthorne seguia à frente, usando a tocha para abrir um caminho em meio a seus atacantes, como um explorador desbastando a selva densa com um facão. Os zumbis se desviavam e tropeçavam, fugindo do fogo com medo.

Uma luz bruxuleava na crista da colina — um farol pequeno e reluzente, chamando-os adiante. Eles iam conseguir! A cripta estava perto, estava *muito perto*, estava...

— Trancada — arfou Hawthorne. Ele largou a tocha, puxando a porta de ferro com toda a sua força. Morrigan juntou-se a ele, mas mesmo com a força dos dois a porta não cedeu.

Um renovado coro de gemidos ergueu-se atrás deles, o ruído áspero de carne e ossos arrastando-se em meio aos pedregulhos à medida que os infelizes residentes do Cemitério Morden se aproximavam. Hawthorne tornou a pegar a tocha e, em pânico, agitou-a com entusiasmo um tanto excessivo. Com um último *swish* atravessando o ar em um arco, a chama se apagou.

É isso, pensou Morrigan. *Estamos acabados.*

Em desespero, ela ergueu o rosto para a estátua acima da cripta. O anjo olhava para baixo, zombeteiro, um toco de vela derretida em sua angelical mão rechonchuda.

Mas... *espere.*

Morrigan piscou. A outra mão do anjo, ela viu, apontava para o chão à esquerda deles. Para um túmulo aberto e vazio, recentemente cavado. Um buraco de quase dois metros de profundidade no chão.

Um novo tipo de terror penetrou nos ossos de Morrigan.

Hawthorne continuou a brandir a tocha apagada contra a horda de zumbis, mas sem a ameaça do fogo eles não pareciam mais tão incomodados. Em uma última e desesperada tentativa, ele a atirou na cabeça de um cadáver elegantemente vestido, só conseguindo derrubar-lhe a cartola.

— Alguma outra ideia?

— Só uma. — Morrigan agarrou o braço de Hawthorne e começou a andar lentamente na direção do túmulo, mantendo um olho nos zumbis.

— É boa?

— Sim — mentiu ela. Era uma ideia péssima. Verdadeiramente horrível. Mas era a única que lhe ocorria.

— *Vai me dizer o que é?*

— Não.

Morrigan saltou para o túmulo, puxando Hawthorne com ela. Preparou-se para o impacto, para o momento em que aterrissaria na terra no fundo do túmulo e se daria conta de que tinha cometido um erro terrível e que estava prestes a ter seu cérebro mastigado por zumbis.

Mas esse momento não veio. Os dois amigos caíram — gritando todo o tempo — através do ar frio e escuro, aparentemente por uma eternidade. Quando finalmente aterrissaram, foi na grama macia e úmida. Ficaram ali sentados por um minuto inteiro, recuperando o fôlego e sorrindo estupidamente com o alívio.

— Como — arfou Hawthorne — você sabia que ia funcionar?

— Não sabia. Deduzi.

— Boa dedução.

Morrigan se levantou e limpou a sujeira de sua roupa. Estavam no pátio de um jardim, rodeados por cercas vivas de seis metros de altura. Minúsculas luzinhas douradas piscavam entre a folhagem. Em uma das extremidades do pátio, um lago gorgolejava agradavelmente. No lado oposto, uma macieira havia deixado sua safra vermelha pintalgada no chão. À esquerda deles, um arco natural na cerca viva levava a um caminho escuro e nevoento. À direita, um portão de madeira estava aberto, lançando no pátio um feixe de luz pálida e prateada.

— Onde estamos? — perguntou Hawthorne.

O ar era outonal. Cheirava a chuva, fumaça de chaminé e folhas em decomposição. A maçãs e cera de abelha. A lua parecia mais brilhante e mais amarela aqui. Era como se alguém tivesse pegado a noite de outono e aumentado alguns graus em sua intensidade. Tudo era só um pouquinho... *mais*.

— Clima soculoso — murmurou Morrigan. — Hawthorne, acho que estamos nos jardins da Sociedade Fabulosa.

— Ah! — exclamou ele, surpreso. — Acabou, então? Nós passamos?

— Não tenho certeza. Não devíamos passar por *dois* sustos?

Hawthorne contorceu o rosto.

— Eu estava torcendo para que as bruxas já contassem como um.

Morrigan franziu a testa. Ia mesmo ser assim tão fácil? As bruxas eram sinistras, e ela ficaria feliz em nunca mais pôr os pés no Cemitério Morden, mas mesmo assim... não entendia por que alguém se referiria a esse como o *Desafio do Colapso Nervoso*. Talvez ela tivesse um limiar de resistência ao terror mais alto do que a maioria das pessoas.

Ali no pátio parecia tranquilo e seguro. Morrigan não estava com a menor pressa de sair dali. Talvez alguém estivesse prestes a aparecer e parabenizá-los, a lhes dizer que tinham passado para o último desafio. *Talvez*, pensou Morrigan, *eu vá só esperar aqui um pouco...*

Ela flutuava, como em um sonho, atraída pelo agradável som tilintante do lago. Parecia que a própria água a estava chamando, puxando-a por uma corda.

Então ela viu. Uma luz dourada na superfície fragmentada da água. Em uma pedra no centro do lago estava uma única vela, da qual escorriam minúsculos rios de cera derretida. Ela abriu a boca para chamar Hawthorne quando...

— Morrigan, olhe! — ele gritou do lado oposto do pátio. — Encontrei! Encontrei a próxima vela!

Morrigan correu para onde ele estava, debaixo da árvore, apontando para o alto, para o meio dos galhos. De fato, na ponta do galho mais alto encontrava-se um toco de vela queimada, no meio de um monte de cera derretida. Uma rápida investigação revelou uma

terceira vela derretida no puxador do portão de madeira, e uma quarta pingando na grama nas sombras sob o arco.

— Qual devemos seguir? — perguntou Morrigan.

— É óbvio, não é? — replicou Hawthorne, parecendo confuso.

— O lago — disse Morrigan, no exato momento em que Hawthorne dizia:

— A macieira.

— Não, o *lago* — insistiu ela. — Você não vê que devemos mergulhar no lago? Como se pode *seguir a luz* quando ela está presa no alto de uma árvore?

— Subindo! Dã.

— E depois? Quebrar nossas pernas ao descer?

Como ele *podia* sequer pensar que deviam seguir a vela da macieira? Era óbvio que a vela do lago era a certa. Morrigan sentia isso, bem lá no fundo. A vela no lago a chamava.

— Não podemos ficar aqui a noite toda — disse Hawthorne. — Vamos tirar no palito.

— Não temos palitos.

— Pedra, papel e tesoura, então.

Morrigan grunhiu, exasperada.

— *Está bem.*

— Vocês dois são completamente idiotas? — perguntou uma voz vinda das sombras.

Eles seguiram o som até uma garota sentada no chão, encostada na cerca viva, com as pernas estendidas. Os cabelos longos e cheios estavam presos em duas tranças, e ela usava pijama de flanela, roupão e meias de lã listradas. As bruxas da Confraria Treze deviam tê-la tirado diretamente da cama.

Morrigan sentiu um desagradável choque ao reconhecê-la.

— O que você está fazendo aqui?

— O que você acha? — replicou Cadence Blackburn, revirando os olhos. — Desafio do Medo. O mesmo que vocês.

Morrigan fechou a cara.

— Você é um embuste, Cadence.

— Você... — A expressão azeda da garota vacilou, e a surpresa atravessou brevemente o seu rosto. — Você se lembra de mim?

— É claro que lembro de você — disse Morrigan, sentindo a raiva subir. — Você roubou o meu lugar no Desafio da Procura e o meu ingresso para o jantar secreto dos Anciãos.

Cadence a fitou silenciosamente, a boca entreaberta. Morrigan perguntou-se se ela iria se desculpar, mas então a outra garota pareceu sair daquele estado.

— E daí? Você está aqui, não está?

— Espero que o jantar tenha valido a trapaça — disse Morrigan, ressentida. — Imagino que você e a Anciã Quinn sejam melhores amigas agora?

— Na verdade, não. — Cadence se levantou, apertando o roupão em torno do corpo. O tecido estava sujo de terra, e havia galhos e folhas nos cabelos dela.

Morrigan imaginou qual teria sido seu primeiro susto, se ela também fora perseguida por zumbis... mas não quis perguntar.

— Se quer saber, foi uma droga — disse Cadence. — Noelle não parava de falar de si mesma. Ninguém conseguia ter a palavra. Os Anciãos mal notaram que eu estava lá — Cadence finalizou abruptamente.

Morrigan ficou surpresa ao ouvi-la falar da amiga daquela forma. A garota caminhou até a margem do lago.

— Seja como for, vocês já entenderam, idiotas?

— Entenderam o quê? — perguntou Hawthorne.

— *Não é* para vocês escolherem a mesma. — Cadence fez uma careta, como se isso fosse óbvio. — Todos os outros simplesmente correram direto sob o arco, ou subiram naquela árvore estúpida, ou o que for. Vocês são os únicos idiotas que resolveram *tirar no palito*.

— Outros? — perguntou Hawthorne. — Quantas pessoas passaram por aqui?

— Montes. Todos nós somos jogados aqui e todo mundo fica pirado com uma das velas. É parte do teste. É para você escolher aquela para a qual é atraído. Pelo menos — disse ela, dando de ombros com indiferença — é isso que eu acho.

— Por que você não foi em frente, então, se é assim tão brilhante? — perguntou Hawthorne. — Está com medo?

Cadence fez uma careta para ele.

— É claro que eu não estou *com medo*. Eu só... ninguém pulou no lago por enquanto. Todos escolheram um dos outros três. Eu estava esperando...

Morrigan grunhiu.

— Ah, é *claro*... você estava esperando para ver o que acontece! Não quer ser a primeira a pular para o caso de acontecer alguma coisa ruim. Você é um embuste e uma covarde. Bem, eu não ligo, não tenho medo — mentiu Morrigan. Ela andou até a beira do lago, segurando a bainha do vestido para impedir que as mãos tremessem. — Hawthorne — disse, fechando bem os olhos e esperando soar bem mais confiante do que no fundo se sentia —, você sobe na árvore. Eu vou pular na água.

— Tem certeza que não...

— Contando até três — continuou ela, antes que ele a convencesse do contrário. — Um...

— *Três!* — gritou Cadence, e empurrou Morrigan por trás.

Morrigan bateu de cara na água e afundou, afundou, afundou até não restar mais ar em seus pulmões. Ela batia as pernas, tentando subir, abrindo os olhos na água escura. Não havia nenhuma luz de vela acima. Estava tudo escuro. Os pulmões dela queimavam. Ela ia se afogar, ia morrer, e então...

Imóvel.

Escuro.

Seco.

Terra.

Morrigan tragou bocados de ar frio e doce, preenchendo seus pulmões vazios.

O chão era acidentado e duro. Ela ficou de joelhos com dificuldade, então se pôs de pé, cambaleando ligeiramente enquanto recuperava o equilíbrio.

Estava tudo silencioso. Uma brisa fria roçou seu pescoço.

Morrigan avistou uma placa de rua: estava na esquina da rua do Diácono com a avenida McLaskey. Uma única e dourada lâmpada acima de sua cabeça irradiava um círculo de luz no calçamento de pedras da rua vazia, onde mais cedo — quando fora: horas atrás? Dias? — havia uma multidão de foliões fantasiados e as ingênuas alas de um desfile.

Onde Fen estava?, ela se perguntou. Onde estava *Hawthorne*?

A rua encontrava-se destituída de vida.

— Olá? — chamou ela suavemente, temendo o que ouviria em resposta. Temendo não ouvir absolutamente nada.

Mas havia alguma coisa — um leve movimento no ar.

Olhando para cima, Morrigan viu uma coisa preta, como um morcegozinho ou uma mariposa grande, que flutuou no ar, descendo através do brilho da luz da rua, tremulando à brisa antes de pousar precisamente aos pés dela.

Um envelope preto com seu nome. Ela abaixou-se para pegá-lo.

Ali dentro, um bilhete.

Você fracassou.

Eles estão vindo.

Vá embora.

Morrigan sentiu todos os músculos nas pernas se contraírem, mas por algum motivo não conseguia movê-los. *Eles estão vindo.* As palavras ecoaram em sua cabeça.

Estava tudo acabado. Ela falhara no Desafio do Medo. Tinha escapado de sua maldição o ano todo, mas ela finalmente a alcançara.

O silêncio foi quebrado pelo grito do berrante de um caçador. O ruído de cascos nas pedras do calçamento. O bilhete caiu das mãos de Morrigan, flutuando até o solo em câmera lenta e pousando com o verso para cima. Ali havia uma única palavra:

CORRA.

Mas não havia para onde correr. Os Caçadores de Fumaça e Sombra de repente a cercaram, surgindo furtivamente da escuridão, engolindo as bordas de seu círculo de luz, que se encolheu e foi se tornando cada vez mais sombrio...

Uma voz inesperada falou, em algum lugar no fundo de sua mente.

Esta é a natureza das sombras, srta. Crow.

Elas querem ficar na escuridão.

— Luz — sussurrou Morrigan, trêmula. — Fique na luz.

Ela se forçou a desviar a atenção dos olhos vermelhos incandescentes dos Caçadores, a olhar para cima, para a lâmpada

dourada sobre ela. Então estendeu os braços, agarrando o poste de iluminação de metal, e começou a subir. Podia ter fracassado nos desafios. Podia ser expulsa de Nevermoor. Mas não podia deixar os Caçadores pegarem-na agora. De jeito nenhum.

— Fique na luz — ela tornou a sussurrar, sentindo-se mais forte, pondo uma das mãos na frente da outra. Seu pé escorregou, mas ela se agarrou ao poste com todas as forças, envolvendo-o com as pernas e subindo. Aproximando-se da luz. Ignorando os lobos rosnando lá embaixo, e o som de rifles sendo engatilhados. Mais perto da luz, cada vez mais perto, uma mão após a outra, um degrau acima e então mais um, em direção ao topo da escada... a escada... em direção ao círculo de luz do bueiro acima. Saindo do esgoto, subindo, subindo, subindo, chegando ao beco, e finalmente... *finalmente*... à segurança.

Morrigan recostou-se na parede do beco, recuperando o fôlego e olhando para a rua adiante. Lá estava. Toda a vida e as cores do Desfile Negro, como se ela nunca tivesse saído de lá. Os Caçadores de Fumaça e Sombra tinham desaparecido. Seu pesadelo chegara ao fim. Ela suspirou e fechou os olhos.

Fora tudo parte do Desafio do Medo. Ela estava tão aliviada que poderia ter chorado.

— Não preciso de pernas para lutar contra você! — Era a voz frenética de Hawthorne. Morrigan abriu os olhos e o viu sair do bueiro se arrastando, usando apenas a parte de cima do corpo. — Volte aqui, seu covarde! Vou lutar com você mesmo sem pernas!

— Hawthorne! — gritou Morrigan, levantando-se de um pulo para ajudá-lo a sair do bueiro. — Hawthorne, isso não é real. O desafio acabou. Você tem pernas!

Hawthorne parou de se debater, mas ainda respirava pesadamente, os olhos disparando para a esquerda e a direita, como se procurasse seu adversário. Depois de um momento, ele olhou para baixo e pareceu voltar a si, tateando toda a extensão das pernas até os dedos dos pés.

— Eu tenho... Eu tenho pernas! — gritou ele, saltando e rindo de puro contentamento. — *Rá!* Eu tenho pernas!

Morrigan riu também.

— O que você achou que tinha acontecido com elas.

— Um dragão arrancou com uma mordida. — Ele estava sorrindo, mas o rosto ainda estava pálido e as mãos ainda tremiam quando ele as passou pelos cabelos. — Uma coisa grande e feia.

— Então você ia... lutar contra um dragão? — perguntou ela, sorrindo. — Sem pernas?

Antes que Hawthorne pudesse responder, a noite escureceu e ficou novamente silenciosa, como se todo o barulho e as luzes do Desfile Negro tivessem sido engolidos. Como se a própria lua tivesse se apagado.

Um fósforo foi aceso na escuridão, e de repente Morrigan e Hawthorne se viram cercados pelos rostos encobertos por véus e iluminados por velas da Confraria Treze.

Hawthorne enterrou as unhas no braço de Morrigan.

— Pensei que tivesse acabado... — sussurrou ele.

— Eu também — sussurrou ela em resposta.

As sete vozes soaram como uma só:

— Somos as bruxas da Confraria Treze, sim. Abigail, Amity, Stella, Nadine. Zoe, Rosario, Sweet Mother Nell. (Que é o nome da velhota que fingiu cair com escarcéu.) Vocês foram escolhidos, meus jovens, depois de superar o obstáculo. Vocês prosseguirão para o Desafio do Espetáculo. Sua coragem e audácia ao enfrentarem um medo apavorante foram muito úteis a ambos nesta noite festejante. Portanto, vão com a nossa bênção, levem a paz nos corações, e aproveitem dez por cento de descontos na Magazine dos Caldeirões.

As bruxas entregaram a cada um deles um cupom de desconto de uma loja de suprimentos de magia e um envelope marfim, dentro do qual havia um convite para a prova final — o Desafio do Espetáculo — a se realizar na arena Trolliseu no quinto sábado do Inverno do Ano Um.

A Confraria Treze apagou suas velas e desapareceu. As imagens e os sons do desfile aos poucos retornaram, elevando-se em torno deles como se alguém estivesse girando um botão, e finalmente — *finalmente* — o Desafio do Medo chegou de fato ao fim.

As pernas de Morrigan tinham se transformado em geleia. Ela havia conseguido. Tinha passado pelos três primeiros desafios, como Jupiter a mandara fazer. Agora ela só precisava confiar que seu

patrono cumpriria o que prometera: ele a faria passar pelo Desafio do Espetáculo e entrar na Sociedade Fabulosa.

Em sua cabeça, parecia muito fácil.

O desfile estava terminando quando eles voltaram, para grande desapontamento de Hawthorne. Ele e Morrigan abriram caminho em meio à multidão que se dispersava, à procura de Fenestra, que não estava em nenhum lugar à vista.

— Ela vai nos matar — gemeu Morrigan. — Venha, vamos para o Fabulotrem. Talvez ela esteja nos procurando lá.

— Não é nossa culpa, é? — disse Hawthorne, acelerando o passo. — Mal posso *esperar* para contar à mamãe sobre os zumbis. Ela vai morrer de inveja.

— Eu me pergunto se Cadence conseguiu sair do pátio.

— Quem é Cadence?

— A garota que me empurrou no lago. É esse o nome dela: Cadence Blackburn. — Morrigan abaixou-se quando um morcego voou sobre sua cabeça, seu último festejo pelo Natalloween. — Eu queria saber se ela mergulhou. Provavelmente ainda está sentada lá, a medrosa.

Hawthorne parecia confuso.

— Do que você está falando?

— O que aconteceu depois que caí na água? Você a viu pular ou...

— Vi quem pular?

— Muito engraçado, Hawth... *Ai!* — Uma mulher com uma fantasia de abóbora bateu em Morrigan e a jogou esparramada no chão. Então seguiu apressada, sem nem perceber.

— Puxa, que grosseria — disse uma voz acima dela. — Você está bem? Deixe-me ajudá-la. — Morrigan olhou para cima, ligeiramente tonta, e viu um homem de sobretudo cinza com um cachecol prateado enrolado no pescoço, encobrindo metade do rosto. Ele fez menção de estender a mão enluvada, mas Hawthorne já estava ajudando-a a se levantar das pedras do pavimento.

— Estou bem. Obrigada.

— Ah, é você — disse o homem, abaixando o cachecol para revelar um rosto pálido e familiar e um sorriso perplexo. — Olá novamente, srta. Crow.

— Sr. Jones! — exclamou Morrigan, limpando as mãos e a calça.
— O que está fazendo de volta a Nevermoor?

Ele piscou.

— Apenas visitando alguns velhos amigos. Eles estavam no desfile. Pensei em vir prestigiá-los.

— Não o vi no Hotel Deucalião. Está hospedado em outro lugar?

O sr. Jones pareceu levemente surpreso.

— Minha nossa, não. Eu nunca ficaria em nenhum outro lugar que não fosse o Deucalião. Infelizmente meu patrão não pôde me dispensar por muito tempo dessa vez. Vim apenas para as festividades da noite.

— É uma longa viagem para vir apenas por uma noite. O senhor deve gostar muito mesmo do Desfile Negro.

Ele deu uma risadinha.

— Acho que sim.

— Bem... Feliz Natalloween! — Ela olhou por sobre o ombro dele na direção da estação do Fabulotrem e pensou ter visto as orelhas cinzentas e felpudas de Fen destacando-se na multidão. — Temos de ir. Foi um prazer...

— Você está aqui com seu patrono?

— Não, com meu amigo. Este é Hawthorne.

O sr. Jones voltou-se para Hawthorne com um amável aceno da cabeça, os olhos ligeiramente estreitados, avaliando.

— Como vai?

Hawthorne ergueu os olhos para ele distraidamente.

— Obrigado. Quer dizer... o senhor também. Isto é, bem. Morrigan, temos de ir. Fen vai ficar uma fera.

— Certo. Prazer em revê-lo, sr. Jones.

— Espere... estava querendo perguntar como estão indo suas provas de admissão na Sociedade.

— Bem, na verdade! — Morrigan não pôde evitar o tom de surpresa na voz. — Acabamos de terminar uma: o Desafio do Medo.

— E você passou?

— Sim — disse Morrigan, sorrindo.

De repente ela se lembrou do estranho momento em que ouvira a voz do sr. Jones em sua cabeça quando os Caçadores estavam

fechando o cerco em torno dela. *Esta é a natureza das sombras, srta. Crow.* Seria estranho dizer isso a ele?

— Parabéns! — Ele retribuiu o sorriso dela. — Três já foram, falta uma. Deve estar muito orgulhosa. E suponho que a essa altura você já saiba qual é o seu talento...

O coração de Morrigan deu um salto. Seu sorriso vacilou, e ela estava prestes a admitir que não, que na verdade não sabia, quando...

— Morrigan — disse Hawthorne insistente. — *O pó de mico.*

— É melhor ir, srta. Crow. Acho que seu amigo está com pressa. Boa sorte no Desafio do Espetáculo. — O sr. Jones inclinou o chapéu. — Para vocês dois.

Para grande surpresa de Morrigan, Fen dispensou suas ansiosas explicações e pedidos de desculpas com um movimento descuidado da cauda.

— Eu sei, eu sei. Desafio do Medo. Jupiter disse.

— Você *sabia*? — perguntou Hawthorne.

— Claro que sabia. — Fen revirou os olhos. — Por que acham que fingi estar distraída enquanto vocês, seus pestinhas, fugiam? Agora, apressem-se. Se perdermos o último trem, vocês dois vão me carregar até em casa.

Eles seguiam Fen pelo abafado e insondável labirinto de escadas e túneis quando Hawthorne se virou para Morrigan e perguntou:

— Quem era o esquisitão de casaco cinza?

— O sr. Jones — disse ela, tirando o cachecol e enfiando no bolso.

— Ele não é um esquisitão. É simpático.

— Ele fez um bilhão de perguntas. Pensei que nunca fosse embora. De onde você o conhece?

— Ele me ofereceu um estágio no Dia da Oferta.

As sobrelhas de Hawthorne subiram imediatamente.

— Você teve duas ofertas? Fiquei empolgado de receber *uma*.

— Recebi quatro — disse Morrigan, o rosto ficando escarlate. Então apressou-se a completar: — Mas duas eram falsas. Era uma pegadinha ou algo assim.

Hawthorne ficou pensativo e calado até chegarem à plataforma. Os três correram para pegar o último trem e pularam a bordo um

instante antes de as portas se fecharem.

— Você já sabe o que é? — perguntou ele a Morrigan enquanto se acomodavam nos dois últimos assentos. Fenestra sentou-se nas próprias ancas perto deles, lançando aos demais passageiros o olhar carrancudo que era sua marca registrada.

— O quê? — Ela sabia exatamente do que ele estava falando.

— Seu talento. Deve ser mesmo muito bom. Para receber quatro ofertas.

— Duas ofertas — corrigiu ela, fitando resolutamente os próprios sapatos. — E não pode ser assim tão bom se eu nem sei o que é.

Ficaram sentados em silêncio durante o restante das sete paradas, embora Morrigan soubesse que Hawthorne estava morrendo de vontade de fazer mais perguntas. Quando saíram para o ar frio da noite, ele não resistiu mais.

— Então — disse ele, cutucando Morrigan com o cotovelo —, de que escola o esquisitão de cinza veio?

Morrigan franziu a testa.

— Ele não é de uma escola, é de uma empresa chamada Indústrias Squall. E não fale dele assim.

— Ele queria você para um estágio, esse tal de Jones?

— Não — disse Morrigan. — Foi o patrão dele que me fez a oferta. Ezra Squall.

— Ezra Squall — repetiu Hawthorne, a testa vincando profundamente. — Onde eu...

— Vocês dois podem, *por favor*, parar de se arrastar? — gritou Fen, quase uma quadra à frente deles.

Os dois correram para alcançá-la.

— Sobre o que estavam cochichando lá atrás? — perguntou Fen.

— Nada — ofegou Morrigan, no mesmo instante em que Hawthorne dizia:

— Ezra Squall.

— *Ezra Squall*? — Fen quase engasgou. — Não ouço essas duas palavras há muito tempo. Como é que vocês conhecem esse nome?

— Como *você* conhece Ezra Squall? — perguntou Morrigan. — Ele é seu amigo?

Fen pareceu extremamente ofendida.

— Isso era para ser engraçado? Não, o homem mais maligno que já existiu não é meu amigo, muito obrigada — disse ela, rispidamente.

— O homem mais maligno que já existiu? — perguntou Morrigan. — O que você está...

— Apenas parem de falar sobre Ezra Squall, está bem? — disse Fenestra, baixando a voz e olhando ao redor. Morrigan nunca a vira tão séria e agitada. — Não é engraçado fazer piada sobre ser amigo do Fabulador. Se alguém ouvisse vocês...

— O... o Fabulador? — Morrigan parou de andar. — Ezra Squall... o *Fabulador*?

— Eu disse para *parar de falar* sobre ele. — Fen seguiu furiosa pelo Beco Mariposa, deixando Morrigan e Hawthorne em um silêncio atordoado.

Somente quando chegaram ao quarto de Morrigan e se acomodaram na cama (essa noite eram duas redes, balançando lado a lado), os dois amigos enfim conversaram.

— Pode ser um outro Squall.

Morrigan bufou.

— Certo. Aposto que tem montes de Ezra Squalls por aí.

Ficaram calados por vários minutos, e então...

— Sou uma idiota — disse Morrigan baixinho. — O sr. Jones me disse... ele falou que Ezra Squall era a única pessoa viva que sabia como controlar fabulânio. É isso, não é? É isso que um Fabulador faz.

— Acho que deve ser.

— É claro. Sou muito *burra*. — Ela sentou-se, as pernas pendendo pela lateral da rede. — Por que o homem mais maligno que já existiu me quer como sua aprendiz? Será que ele pensa... — Ela fez uma pausa e engoliu em seco. — Será que ele pensa que eu também poderia ser maligna?

— Agora *sim* você está sendo burra — disse Hawthorne, sentando-se também. — Você seria um fracasso sendo má. Não tem estômago para isso. Eu poderia ser mau. Minha risada maligna é brilhante. *Uá-rá-rá-rá-rá!*

— Cala a boca.

— *Uuuuaaaaaá-rá-rá-rá...* — Ele parou, tossindo. — Ai, essa chegou a machucar minha garganta. *Uá-rá-rá...*

— Hawthorne, *cala a boca* — cortou Morrigan. — Você... você acha que eu poderia ser...

— O quê? Má? Você está falando sério mesmo, não é? — Ele inclinou-se para a frente a fim de olhá-la na luz da lua. — Não! Morrigan, é claro que você não é má. Não seja ridícula.

— Tem a ver com a maldição, eu sei que tem. Eles estavam certos.

— Quem?

— Todo mundo. Meu pai. Ivy. O Cartório de Registro Civil para Crianças Amaldiçoadas... todos, toda a República! Sou amaldiçoada, então talvez...

— Mas você me disse que Jupiter falou que a maldição não era... Morrigan não estava ouvindo.

— ... talvez isso me torne má.

— Você *não* é má!

— Então por que o homem mais maligno que já existiu me quer como sua aprendiz?

Hawthorne pensou por um momento, mordendo o lábio, então disse baixinho:

— Talvez Jupiter saiba.

— Jupiter. — Os batimentos cardíacos de Morrigan aceleraram. — Então você acha... você acha que eu devia contar a ele?

Hawthorne olhou-a, o rosto franzido.

— Bem... sim. Sim, é claro que deveria. Você tem de contar! Estamos falando do *Fabulador*.

— Mas eu nem o conheci! — protestou Morrigan. — Só conheci o assistente dele. Você ouviu Dame Chanda e Kedgereee: o Fabulador nunca mais pode vir a Nevermoor. A cidade não permitiria.

— E se ele encontrar um jeito? — perguntou Hawthorne. Morrigan odiava ver o crescente pavor no rosto do amigo. Odiava ser a responsável por isso. — E se for por esse motivo que o sr. Jones está aqui? Isto é *sério*, Morrigan.

— Eu *sei* que é sério! — exclamou ela, balançando-se para a frente na rede com tanta violência que quase virou e caiu. — Você não ouviu a Fen? “*Não é engraçado fazer piada sobre ser amigo do*

Fabulador.” E se Jupiter pensar que sou amiga de Ezra Squall? E se ele não quiser mais ser meu patrono? E se o Fedor descobrir... — Ela fez uma pausa, pensando no inspetor Flintlock. Como se ele precisasse de outra razão para despachá-la de volta para a República... — Hawthorne, se eu não ingressar na Sociedade, eles vão me expulsar de Nevermoor. — *E os Caçadores de Fumaça e Sombra estarão esperando*, pensou ela, mas não conseguiu dizer as palavras em voz alta.

Hawthorne parecia perplexo.

— Você acha mesmo que eles... você acha que Jupiter...

— Eu não sei — disse Morrigan sinceramente.

Jupiter a escolhera, a resgata e a defendera, mesmo ela sendo amaldiçoada. Mas se ele soubesse que o homem mais maligno que já existiu a escolhera também... será que isso finalmente o faria mudar de ideia? Morrigan não queria descobrir.

Hawthorne se levantou e começou a perambular de um lado para o outro, um feixe de energia nervosa.

— Não podemos deixá-los expulsar você. Eu não vou deixar. Mas precisamos de um plano... Que tal este: se você vir o sr. Jones de novo, vamos contar tudo a Jupiter. *Tudo*. Se não, vamos esperar até *depois* da última prova, quando ambos formos membros da Sociedade Fabulosa e ninguém puder mandá-la de volta para a República. *Então* contamos a ele. Combinado?

— Combinado — concordou Morrigan. Sentia-se culpada por esconder de Jupiter um segredo tão terrível e importante, e ainda mais por envolver Hawthorne nisso, mas era extremamente reconfortante ouvir o amigo dizer *nós* em vez de *você*. Ela respirou fundo. — Ok, está bem. E até lá...

— Não vou contar a ninguém. — Hawthorne estendeu o dedo mindinho, parecendo preocupado mas ao mesmo tempo determinado, e Morrigan enganchou o seu dedinho no dele. — Prometo.

CAPÍTULO DEZESSETE

A Batalha da Véspera de Natal

Inverno do Ano Um

Dezembro era o mês mais movimentado do hotel. O saguão estava constantemente cheio, com hóspedes vindos de todo o Estado Livre para viver a experiência do Natal na cidade grande.

Numa fria manhã no início do inverno, Morigan acordou para descobrir que seu novo lar havia se transformado, da noite para o dia, em um país das maravilhas natalino. Os corredores estavam enfeitados com laços e ramos de sempre-verdes, o saguão iluminado por pinheirinhos brilhantes, pontilhados por enfeites prateados. O Salão da Fumaça dispensava ondas de fumaça verde-esmeralda com aroma de pinheiro pela manhã, fumaça de pirulito em forma de bengala listrada de vermelho e branco pela tarde e fumaça quente e picante de biscoitos de gengibre à noite.

Até mesmo o lustre estava aderindo à temporada de festas. Ele havia crescido lentamente durante todo o ano e por fim tinha novamente alcançado sua plenitude, mas, nos dois últimos meses, fora se modificando a cada poucos dias, como se o Deucalião não tivesse conseguido ainda se decidir por uma forma final. Só nesse mês ele já havia sido um tremeluzente urso polar branco, uma imensa guirlanda verde de azevinho, uma cintilante bola de Natal azul e agora um reluzente trenó dourado.

Em Chacalfax, o Natal se resumia a decorar uma árvore de tamanho modesto e pendurar um fio de luzinhas pisca-pisca (se a avó estivesse se sentindo particularmente festiva, o que em geral não acontecia). Às vezes Corvus arrastava Morigan para a festa de Natal da Chancelaria, onde políticos chatos e suas famílias chatas ficavam cochichando sobre ela.

Em Nevermoor, porém, o Natal era uma celebração ininterrupta por um mês inteiro, com convites para festas e jantares temáticos quase todas as noites. Corais e bandas tocavam canções de Natal nas estações do Fabulotrem por toda cidade. O Rio Juro ficou completamente congelado, transformando-se em uma autoestrada livre de trânsito que serpenteava pela cidade, e montes de pessoas começaram a ir e voltar da escola e do trabalho esquiando no gelo.

Havia um sentimento generalizado de boa vontade, mas a época também inspirava um espírito competitivo entre amigos e vizinhos, muitos dos quais se esforçavam para superar uns aos outros nas decorações natalinas. As casas eram enfeitadas com luzes em

quase todos os bairros, cada uma mais brilhante do que a outra, cada rua exibindo exagero e desperdício de energia fabulânio, brilhando, piscando e cegando qualquer um que estivesse em um raio de um quilômetro. Era espalhafatoso e absurdo. Morrigan adorou.

A rivalidade mais acirrada de todas, porém, era entre as duas principais figuras públicas natalinas de Nevermoor.

— Não entendo — disse Morrigan uma tarde, quando ela e Hawthorne estavam sentados, enfiando pipoca e cranberries em uma linha de pescar. — Como ele pode percorrer o reino inteiro em uma noite? Isso é impossível.

Hawthorne a havia convidado a ir à sua casa para que ele mostrasse como fazer decorações tradicionais para a árvore de Natal. Lá fora, fazia um dia frio e úmido de dezembro, mas na sala de estar da família Swift, havia chocolate quente, canções de Natal no rádio e uma panela cheia de milho de pipoca no fogão a lenha, estourando alegremente sem parar.

— Não é impossível... ai — gemeu Hawthorne, sugando sangue do dedo que ele tinha acabado de espetar com a agulha. — É o fabulânio.

— Mas, sério, um trenó voador? Puxado por trenas?

— Renas — corrigiu-a Hawthorne.

— Desculpa, *renas*. Como é que elas voam? Elas não têm asas. É por meio de um feitiço?

— Não sei. Por que você está tão incomodada?

Morrigan franziu o cenho, tentando identificar exatamente o que era tão estranho nessa história toda.

— É só que é... perverso, é isso. E qual é a história da rena de nariz vermelho brilhante? O que aconteceu com ela? — Morrigan termina sua quarta guirlanda e pega o rolo de linha de pescar para começar outra. — Foi um *experimento*? Seria doentio.

— Acho que ela nasceu assim.

— E essa tal de Rainha do Inverno? Eu nem nunca ouvi falar dela. Pelo menos Papai Noel está nos anúncios de todos os refrigerantes e chocolates.

Hawthorne jogou outra pipoca na boca. Ele já havia terminado de fazer suas guirlandas e agora se dedicava com afinco a desfazê-las,

uma de cada vez.

— Meu pai acha que as pessoas de fato subestimam a Rainha do Inverno porque ela não aparece em nenhuma peça natalina... Mas o Natal seria sem graça sem neve, e de onde você acha que vem a neve? Ela não desce flutuando do céu por conta própria.

— Você está me dizendo que é a Rainha do Inverno quem faz a neve?

— É claro que não. Não seja boba. — Hawthorne falava como se estivesse se dirigindo a alguém simplório. — É o *Cão da Neve* quem faz a neve. Mas ele não se daria ao trabalho, se a Rainha do Inverno não mandasse.

Morrigan estava completamente perdida.

— Então... esses dois, o Papai Noel e a Rainha do Inverno, eles têm que matar um ao outro?

— O quê? Não. Você é tão sinistra. — Ele riu. — Eles se enfrentam na véspera do Natal para ver quem tem o melhor espírito natalino. Se a Rainha do Inverno ganha, sua promessa é um manto de neve na manhã do Natal e uma bênção em cada casa.

— E se Papai Noel for o vencedor?

— Presentes em todas as meias e fogo em todas as lareiras. É melhor você escolher um lado. Aqui somos uma casa pró-Papai Noel, exceto pelo fato de papai secretamente gostar um pouco da Rainha do Inverno. Os Campbells, nossos vizinhos aqui do lado, são grandes apoiadores da Rainha, como você pode ver por todo aquele verde. — Ele apontou a janela. A casa ao lado estava inteiramente decorada com bandeirolas verdes, trepadeiras e luzes pisca-pisca verdes.

— O que significa o verde?

— Os apoiadores da Rainha do Inverno usam verde, os apoiadores do Papai Noel usam vermelho. Aqui, tome isto. — Ele pegou alguma coisa na caixa de decoração da família Swift e jogou para Morrigan, que se esforçou para pegá-la.

— Para que é isso?

— Para que você possa apoiar Papai Noel, como eu — disse ele, dando de ombros. — Presentes e fogo... quem não gosta?

Era uma fita vermelha. Morrigan a guardou no bolso.

— Vou pensar a respeito.

— Quem você apoia? — perguntou Morrigan a Jupiter naquela noite, durante o jantar. — Papai Noel ou a Rainha do Inverno?

— A Rainha do Inverno — respondeu Jack, servindo-se de purê de batata. — É óbvio.

Morrigan fechou a cara.

— Eu não perguntei a você.

Jack chegara havia alguns dias para o feriado de Natal, e desde então vinha fazendo de tudo para irritar Morrigan.

— Não, você perguntou ao Tio Jove, mas você precisa ser bem burrinha para não perceber que ele é pró-Rainha do Inverno. Você é uma completa idiota ou o quê?

— Pega leve, Jack — advertiu Jupiter, dirigindo-lhe um olhar duro.

— Por quê? — retrucou Morrigan. — Ele não está de verde. Ele não usou nada verde a semana inteira. Você por acaso é cego dos dois olhos?

— Que grosseria, Mog — disse Jupiter, e Morrigan sentiu a pontada da decepção e surpresa na voz dele.

Contorcendo-se de culpa por dentro, ela abriu a boca para se desculpar com Jack, mas, antes que pudesse dizer qualquer coisa, ele prosseguiu, aparentemente inabalado pela indelicadeza de Morrigan:

— É óbvio que ele não pode ser *visto* usando verde — disse Jack. — Figuras públicas importantes devem parecer neutras no Natal, é uma questão de boas maneiras. Mas, se você tivesse um cérebro, perceberia que Tio Jove e eu preferimos a elegância e a *finesse* às demonstrações espalhafatosas de consumismo. Papai Noel é só um gato gordo capitalista com um bom departamento de publicidade. A Rainha do Inverno tem *estilo*.

Morrigan não tinha a menor ideia do que ele estava falando, mas, naquele instante, ela decidiu quem apoiaria. Pegou a fita vermelha no bolso e a amarrou em um laço apertado no rabo de cavalo, olhando para Jack, desafiadora.

— Isso deveria me intimidar? — disse Jack, rindo. — Você vai me desafiar para um duelo na mesa do jantar? Colheres de sobremesa ao amanhecer?

— Parem, vocês dois...

Morrigan pensou em jogar sua colher de sobremesa bem no rosto presunçoso dele.

— Se a Rainha do Inverno é tão maravilhosa, onde estão todas as peças de Natal em sua homenagem? E por que ela não está em nenhum anúncio? Papai Noel é a cara dos caramelos Holly Jolly, da edição especial comemorativa do refrigerante Dr. Brinkley's e da coleção de inverno de meias de cashmere com pompons Tristan Lefèvre. Eu nunca vi a Rainha do Inverno em um outdoor. Não a reconheceria nem se desse de cara com ela.

Jupiter afundou, desanimado, na cadeira.

— Por que não podemos conviver em paz?

— É porque ela tem integridade — disse Jack, apontando o garfo para Morrigan e ignorando o tio. — Algo que seu amigo enorme e sua gangue de sacos de pulga voadores não reconheceriam nem se *eles* dessem de cara com isso.

— Papai Noel é a alma da generosidade, caridade e... e alegria!

— Você só está repetindo como um papagaio o que ouviu no rádio — murmurou Jack. (Isso era *quase* verdade: ela lera no jornal, em um anúncio de um cereal matinal açucarado com a imagem de Papai Noel na caixa). — Suponho que agora você vai me dizer que sua experiência nojenta com bioluminescência artificial só torna as renas mais *mágicas*.

Morrigan bateu a mão na mesa.

— As renas *são* mágicas. Mesmo a do nariz. — Ela empurrou o prato ruidosamente e saiu, furiosa, gritando sobre o ombro: — E saiba que ele *nasceu assim*!

Do corredor, Morrigan ouviu Jupiter suspirar.

— Francamente, Jack, por que você e Mog estão sempre brigando? Eu detesto ter de bancar o juiz. Faz com que eu me sinta adulto. — Ele pronunciou a última palavra como se ela tivesse um gosto ruim. — Por que vocês não podem simplesmente ser amigos?

— A-amigos? — gaguejou Jack. Ele parecia estar engasgando, o que Morrigan considerou uma imagem mental bastante prazerosa. — *Daquilo?* Nem que você me pagasse.

A voz de Jupiter ficou bem baixinha.

— Ela está muito longe de casa, Jack. Você sabe como é isso.

Morrigan franziu a testa. De onde Jack *era?*, perguntou-se ela. Onde estavam os pais dele? Ela nunca pensara em perguntar... mas também, Jack não gostava de perguntas intrometidas.

— Mas ela é *irritante*, Tio Jove. E eu não sei como você acha que ela vai entrar na Sociedade Fabulosa, sinceramente... Ela não tem nem...

Morrigan não queria ouvir mais nada. Cobriu os ouvidos e atravessou correndo o saguão, subindo então as escadas até o quarto, onde se jogou na cama (uma grandiosa cama de colunas esta semana, envolta em guirlandas prateadas) e enfiou a cabeça debaixo dos travesseiros.

Morrigan acordou com um susto. Tinha sonhado com o Desafio do Espetáculo novamente. Dessa vez ela estava na frente dos Anciãos tentando cantar, mas o único ruído que saía de sua boca eram gritos de papagaio. A plateia começara a jogar purê de batata nela.

Ela ficou deitada acordada, escutando os sons do Deucalião. Podia ouvir o ressonar de Frank vindo do andar superior, o chiado de Fenestra como resposta, vindo do outro lado do corredor, e o gemido dos canos embaixo do piso. O fogo crepitava na lareira, que Martha devia ter acendido depois que Morrigan dormira.

Ela ficava surpresa com o quanto passara a contar com essas coisas, o quanto essa vida agora lhe parecia normal. Quando pensava na perspectiva de fracassar no Desafio do Espetáculo, de ter que ir embora de Nevermoor dali a apenas algumas poucas semanas, surpreendia-se com a dor que isso lhe trazia ao peito.

Mas pior do que ser humilhada, pior do que ter de deixar o Hotel Deucalião, pior do que tudo isso era a ideia do que poderia estar à sua espera na República. Será que os Caçadores de Fumaça e Sombra ainda estariam lá esperando por ela? Será que sua família a receberia de braços abertos se soubessem que ainda estava viva? Será que poderiam protegê-la se os Caçadores voltassem para acabar com ela?

Barulhos vindo do corredor arrancaram Morrigan de seu devaneio. O baque de alguém tropeçando no último degrau. O ruído de líquido se espalhando. Uma imprecação sussurrada. Ela jogou os cobertores para o lado, andou na ponta dos pés até a porta e a abriu.

Na luz fraca da lamparina no corredor ela viu um copo vazio e uma poça de leite derramado no chão. Jack estava de quatro, tentando inutilmente limpar a sujeira com a ponta de seu camisolão. Sem dizer uma só palavra, Morrigan pegou uma toalha em seu banheiro e a levou até ele, ajoelhando-se para ajudar.

— Está tudo bem — murmurou ele. — Eu posso fazer isso. Você vai sujar sua toalha.

— Você vai sujar sua roupa — contrapôs ela, afastando as mãos dele com um tapa. Jack inclinou-se para trás, apoiando-se nos calcanhares e a deixou terminar.

— Pronto — murmurou ela assim que estava tudo limpo. — Pode colocar isto na lavanderia... O que foi? O que você está olhando?

A expressão no rosto de Jack era familiar. Durante a vida toda Morrigan recebera olhares desse tipo, lá em Chacalfax. Era medo e desconfiança, misturados a uma curiosidade relutante e um leve toque de horror. No entanto, essa não foi a coisa mais perturbadora que ela notou no rosto dele.

— Seus olhos são perfeitamente normais! — gritou ela, levantando-se de imediato, esquecendo-se de falar baixo. Ele a imitou menos graciosamente, quase caindo enquanto continuava a olhá-la, boquiaberto. Não estava usando o tapa-olho de couro preto. Os dois olhos castanhos, arregalados, estavam fixos em Morrigan. — Você é uma fraude. Não é meio cego coisa nenhuma. Por que esteve fingindo esse tempo todo? Jupiter sabe?

Jack não disse nada.

— Pare de me olhar assim, Jack, e responda!

De repente ouviram-se passos na escada e o rosto de Jupiter surgiu, amarrotado de sono.

— Que barulhada é essa? Temos hóspedes tentando... — Ele olhou para Jack, que ainda não tinha tirado os olhos de Morrigan. — Jack? — chamou ele baixinho.

— Você sabia? — perguntou Morrigan. — Você sabia que ele não precisava de tapa-olho?

Jupiter não respondeu. Em vez disso, segurou o ombro do sobrinho e o sacudiu de leve, e Jack pareceu finalmente voltar a si. Ele apontou Morrigan com a mão trêmula, que Jupiter tomou na sua.

— Uma xícara de chá, eu acho. Venha. — Ele começou a guiar Jack escada abaixo. — Volte para a cama, Mog.

A boca de Morrigan escancarou-se.

— Eu? Por que eu tenho de voltar para a cama? É ele que vem fingindo que é meio cego.

Jupiter inspirou forte pelo nariz, o rosto subitamente duro.

— Morrigan! — sussurrou, ríspido. — De volta para a cama. Não quero ouvir mais nem uma palavra sobre isso. Entendeu? Nem uma só palavra.

Morrigan encolheu-se. Jupiter nunca tinha falado com ela assim tão severo. Parte dela queria argumentar, exigir uma explicação pelo comportamento de Jack, mas bastou um olhar para o rosto conturbado de seu patrono e as palavras morreram em seus lábios.

Jack já estava na metade da escada quando se voltou e tornou a olhar para ela. Seus olhos estavam toldados pela confusão.

Somos dois, pensou Morrigan, infeliz, enquanto fechava a porta do quarto, jogava a toalha encharcada de leite na banheira e voltava para a cama.

A véspera do Natal estava fria e o ar revigorante, e havia um clima de animação por toda parte. O Hotel Deucalião parecia vibrar com energias positivas enquanto hóspedes e funcionários se preparavam para a batalha que aconteceria na Praça Coragem, no centro da Cidade Velha.

— Feliz Natal, Kedgerree — disse Morrigan ao passar pela mesa do concierge, tocando o sino duas vezes.

— Feliz Natal, srta. Morrigan.

O saguão estava aquecido e barulhento. Hóspedes devoravam bombons e gemada enquanto esperavam o sinal de Jupiter para partirem.

— Só uma fita, srta. Morrigan? — perguntou Chanda Kali.

Dame Chanda tinha o cabelo preso em cachos verdes, com brincos pendentes de esmeralda, gargantilha de esmeralda combinando e um manto de veludo verde-floresta. Ela mordeu o lábio enquanto examinava o traje de Morrigan: vestido preto, casaco preto e botas de cadarço pretas.

— Tenho um chapéu carmesim lindo que deve servir na sua cabecinha. Ou que tal um colar de rubi? Tenho uma dúzia deles. Você pode ficar com um!

— Não, obrigada, Dame Chanda — disse Morrigan, para quem sua fita já era suficientemente festiva.

Não pela primeira vez naquele dia, ela desejou que Hawthorne estivesse lá para assistir à batalha. Os Swifts passavam Natal sim, Natal não nas Terras Altas, e Hawthorne havia partido no dia anterior com uma última promessa de guardar segredo sobre Ezra Squall. Morrigan havia jurado tirar o preocupante mistério do estágio com Squall da cabeça e desfrutar do Natal. Ainda assim, lá no fundo, ela nutria a esperança de não encontrar o sr. Jones outra vez antes do Desafio do Espetáculo.

Olhando a equipe do Deucalião de seu ponto de observação na escada, Morrigan tinha de admitir que estilo festivo não faltava a ninguém ali. Frank, o anão vampiro, havia pintado as unhas de vermelho para complementar sua capa de forro rubro, e Kedgereee estava enfeitado com camadas de xadrez vermelho e ouropel. Martha mostrava sua lealdade à Rainha do Inverno com um elegante casaco verde e um cachecol combinando. Charlie, o chofer, usava um casaco de tweed e boné de motorista verde-ervilha, mesmo tendo a noite de folga.

O relógio começou a badalar e Jupiter conduziu todos pela porta da frente até o pátio, onde uma fileira de elegantes carruagens aguardava para levá-los ao grande evento. Ele piscou para Morrigan e lhe deu um cutucão amistoso quando ela passou. Três dias haviam transcorrido desde o incidente com Jack, e Jupiter ainda não tinha tocado no assunto. Morrigan havia seguido seu exemplo, embora estivesse morrendo de vontade de perguntar sobre o tapa-olho de Jack.

Mas não essa noite. Ela não estragaria a véspera do Natal.

Morrigan havia esperado que a Praça Coragem fosse um mar agitado de vermelho e verde, mas em vez disso havia bolsões de cada cor, onde apoiadores de Papai Noel e apoiadores da Rainha do Inverno reuniam-se em massa, gritando slogans e tentando cantar mais alto que o outro grupo. No momento em que um coro de “Ode a

um Velhinho Gordo e Feliz” ou “Tenha um Natal Simples e Alegre” explodia em um grupo de vermelho, uma turma próxima, de verde, se manifestava com “O Hino do Inverno” ou “Verde É a Cor da Minha Alegria”. Jupiter encontrou um ponto entre dois grupos, onde Morrigan poderia torcer com os vermelhos, Jack com os verdes e Jupiter poderia postar-se entre eles para desencorajar que se estapeassem.

— Você está parecendo um maço de brócolis — disse Morrigan a Jack, fazendo uma careta diante do elaborado chapéu verde que se elevava acima de sua cabeça, como uma pequena explosão, artisticamente projetada. Então, só para ser clara, acrescentou: — Um maço de brócolis muito idiota.

— Pelo menos meu apoio à Rainha do Inverno é óbvio — replicou Jack, ajustando o tapa-olho, que mais uma vez cobria seu olho esquerdo.

Morrigan precisou morder a língua para se conter e não perguntar por que ele o usava quando obviamente tinha dois olhos perfeitamente funcionais. Ela mal o tinha visto desde o incidente no corredor. Era difícil dizer se Jack a estava evitando ou se Jupiter estivera propositadamente mantendo os dois afastados.

— Vejo que você só está usando essa fitinha patética. É porque se sente envergonhada de ser vista apoiando um invasor de casas e escravizador de elfos com obesidade mórbida?

— A única coisa perto da qual tenho vergonha de ser vista é desse chapéu repulsivo.

— Blim blim blim! — disse Jupiter, fazendo um T com as mãos. Ele lançou um olhar significativo para Jack. — Tempo, por favor, pelo amor de... Aah! Vai começar.

Um silêncio desceu sobre a multidão. As pessoas apontavam para o céu, na direção norte, onde uma figura gigantesca surgia da escuridão. Morrigan prendeu a respiração, a animação finalmente entrando em ação. Aplausos elevaram-se das seções vermelhas quando Papai Noel voou baixo sobre a Praça Coragem, suas nove renas voadoras executando um impressionante loop vertical e indo aterrissar perfeitamente em uma plataforma elevada no centro da praça. Uma dupla de elfos saltou do trenó e começou a acenar febrilmente para a multidão, incitando-a, como promotores em uma

luta de trolls, a aplaudir cada vez mais alto o homem alegre de barbas brancas, enquanto ele se erguia e saía do trenó de mogno polido e veludo vermelho.

Morrigan sorriu. Tinha de admitir que estava satisfeita com sua decisão de apoiar Papai Noel. Suas magníficas renas batiam os cascos e sacudiam os imponentes chifres de um lado para o outro, soltando nuvens de ar condensado pelas narinas. Os elfos pulavam enquanto a multidão gritava em apoio a Noel, que acenava e apontava pessoas na multidão aleatoriamente, como se fossem velhos amigos que ele tinha acabado de avistar. Um homem chegou a desmaiar ao ser cumprimentado. Papai Noel, concluiu Morrigan, era um astro do rock.

Ela voltou-se para Jack, sentindo-se satisfeita consigo mesma, mas Jack limitou-se a dar de ombros.

— Espere só — disse ele com um sorriso, olhando para o lado sul da praça.

Ela não precisou esperar muito tempo. Segundos depois, o mar de pessoas se abriu para o que parecia a princípio uma pequena montanha coberta de geada, mas que na verdade era um cão de gelo de três metros de altura atravessando a plateia atônita. Uma linda mulher erguia-se orgulhosamente em suas costas, olhando a praça silenciada.

Morrigan teve de se esforçar para lutar contra o impulso de exclamar “Ooooh!”. Era verdade o que Jack tinha dito sobre a Rainha do Inverno, cada detalhe. Era a mulher mais elegante que Morrigan já vira. Tinha *estilo*.

O diáfano vestido verde-claro da Rainha flutuava delicadamente atrás dela, esvoaçando como seda embaixo d’água. Seus cabelos caíam em ondas suaves e fulgurantes abaixo da cintura e, assim como a pelagem do esplêndido cão, era da cor da neve recém-caída. Os lábios eram pálidos, o sorriso nada menos que uma extensão brilhante de dentes brancos e olhos faiscantes que funcionavam como holofotes, lançando tudo em torno dela nas sombras. A multidão reunida na Praça Coragem soltou um suspiro coletivo de prazer enquanto ela parecia flutuar na direção da plataforma.

Morrigan não precisava nem olhar para Jack. Podia sentir a presunção irradiando dele.

A Rainha do Inverno subiu na plataforma e cumprimentou Papai Noel com um aceno da cabeça. Ele se curvou em resposta. Por um momento, nada aconteceu. Então a Rainha do Inverno ergueu o rosto para o céu e se imobilizou.

— Lá vamos nós — sussurrou Jupiter.

A princípio era leve, somente um distante tilintar, como sinos de vento ou objetos de vidro. Morrigan assistia, assombrada, à medida que cada uma das estrelas que reluziam sobre Nevermoor se tornava ainda mais brilhante, transformando-se e movendo-se até que, de alguma forma, inacreditavelmente, pareciam bilhões de minúsculos sinos de prata refletindo a luz da cidade. Uma complexa sinfonia de badalos enchia o ar. Morrigan olhava os sinos-estrelas, ofegante e encantada, até que cada uma delas tocou seu último badalo e transformou-se novamente em uma estrela distante.

Três segundos de um silêncio assombrado seguiram essa extraordinária exibição, até que cada torcedor verde na praça irrompeu em fervorosos aplausos. Mesmo alguns dos vermelhos aplaudiam, embora relutantes. Morrigan tinha vontade de dar vivas bem alto, de tão encantada que estava com a magia da Rainha do Inverno, mas não queria dar essa satisfação a Jack. Então permaneceu calada.

Todos os olhos agora estavam voltados para Papai Noel, que esfregava as mãos, girando em um círculo para examinar toda a Praça Coragem. Ele começou a apontar aleatoriamente, e Morrigan a princípio pensou que ele estivesse fazendo de novo seu número de astro do rock, até que pequenos grupos na plateia começaram a gritar e tropeçar uns nos outros. No ponto em que estava cada um desses grupos, um pinheiro gigante começou a brotar rapidamente do solo, empurrando as pessoas para fora de seu caminho à medida que cresciam e cresciam — dois metros, quatro metros, seis metros, dez metros, até haver uma dúzia de árvores de Natal erguendo-se quase vinte metros acima da praça.

Morrigan sorriu e começou a aplaudir, mas Papai Noel ainda não tinha terminado. Com um estalo dos dedos gorduchos, bolas de Natal vermelhas e douradas, grandes e cintilantes, brotaram dos galhos, e milhares de luzes pisca-pisca faiscaram entre as agulhas dos pinheiros. Os torcedores vermelhos enlouqueceram.

Jack não traiu nenhuma reação. Seus olhos estavam fixos na Rainha do Inverno, esperando para ver sua resposta.

A Rainha sorriu serenamente diante da obra de Papai Noel e então gesticulou na direção de cada uma das árvores de Natal. Ao seu comando, dezenas de pombos brancos como a neve emergiram dos galhos e voaram, reunindo-se no ar, formando uma imensa e trêmula nuvem de asas. Eles voavam em formações improváveis, assumindo a forma de um floco de neve, depois uma estrela, um sino, uma árvore e finalmente um símbolo da paz, antes de se dispersarem a distância sob estrondosos aplausos.

Papai Noel fez sinal para seus elfos, que saltaram no trenó, onde dois imensos canhões de aparência perigosa apontavam para a multidão, em direções opostas. Morrigan ergueu os olhos para Jupiter, perguntando-se se isso era legal, mas ele não parecia nem um pouco perturbado. Se dava para dizer alguma coisa pela sua expressão, é que estava entediado.

— Ele não fez esse truque no ano passado? — perguntou Jupiter, cutucando o sobrinho.

Jack bufou.

— Previsível. Atendendo às massas gulosas.

— Shhh — censurou Morrigan, dando uma cotovelada nas costelas de Jack para reforçar a mensagem. Eles podiam já ter visto isso antes, mas Morrigan não queria perder um só segundo.

Os canhões dispararam com uma ruidosa explosão, que se repetiu e se repetiu, enquanto os elfos atiravam sobre a Praça Coragem saraivada após saraivada de doces embrulhados em papel laminado colorido.

Tanto crianças quanto adultos disputavam os doces no chão e saltavam para pegá-los em pleno ar, e logo todos gritavam sua aprovação com a boca cheia de caramelo, inclusive Morrigan.

A Rainha voltou-se para o Cão da Neve, que seguiu majestosamente na direção da plataforma com a cabeça erguida e os brilhantes olhos azuis fixos em sua senhora.

Quando ela estendeu a mão para coçar atrás de suas orelhas, ele levantou ainda mais a cabeça e uivou para a lua. Foi um uivo longo e lúgubre, logo imitado por todos os cães de Nevermoor, como um

coro sinistro de lobos. Morrigan sentiu alguma coisa tocar levemente seus cabelos.

— Neve — sussurrou ela.

Flocos brancos minúsculos e congelados dançavam e rodopiavam no ar, pousando delicadamente em seu nariz, em seus ombros e na palma das mãos voltadas para cima. Morrigan nunca vira neve de verdade antes. Sentiu a felicidade expandir-se em seu peito, enchendo-o como um balão. Ela quase se agarrou ao casaco de Jupiter, temendo que pudesse sair flutuando de deleite.

Por um longo momento a plateia manteve-se em silêncio, exceto por leves arquejos e sussurros. Então a praça explodiu em gritos e aplausos, vermelhos e verdes festejando juntos, a rivalidade esquecida.

Papai Noel aplaudiu também, sorrindo e pondo a língua para fora para capturar um floco de neve. A Rainha do Inverno riu.

— Hora do grande final — disse Jupiter. — Peguem suas velas, vocês dois.

Morrigan e Jack procuraram nos bolsos dos casacos as velas brancas que Jupiter tinha lhes dado mais cedo. Seguindo o exemplo de Jack, Morrigan segurou sua vela bem alto. Um murmúrio de animação percorreu a praça enquanto todos ali faziam o mesmo.

Todo mundo parecia saber o que viria a seguir, e as crianças menores riam e se cutucavam enquanto Papai Noel coçava a barba e fazia caras e bocas, fingindo que tinha sido superado e não sabia como agir em seguida.

Então aparentemente uma ideia lhe ocorreu — ele bateu palmas com prazer e abriu os braços na direção da multidão, girando sem parar. Uma a uma as velas se acenderam, ganhando velocidade em um padrão de espiral de dentro para fora, um rugido contínuo de chamas adquirindo vida espontaneamente até a Praça Coragem estar tomada por risadas e luzes douradas.

Papai Noel e a Rainha do Inverno abraçaram-se como velhos amigos, sorrindo e trocando beijos nas bochechas. As renas reuniram-se em torno do Cão da Neve, esfregando o pescoço nele, que, brincalhão, tentava abocanhar seus chifres e lambia suas caras. Os elfos lançaram-se nas pernas da Rainha do Inverno.

Os setores vermelhos e verdes da multidão misturaram-se em uma confusão de movimentos. Torcedores de Noel e da Rainha começaram a trocar itens de roupas — uma luva carmesim por um cachecol cor de sálvia, uma flor fúcsia por um gorro esmeralda — até que ninguém mais fosse identificável como torcedor de um ou de outro. Martha ajoelhou-se e ofereceu seu cachecol a Frank, que, em troca, enrolou um pedaço de festão nos ombros dela. Dame Chanda pegou a gravata-borboleta de xadrez vermelho de Kedgereee, que corou quando ela prendeu a gargantilha de esmeralda no pescoço dele.

Jack tirou seu chapéu ridículo e o ofereceu a Morrigan, dando de ombros.

— Acho que as velas foram muito boas.

— Sim — concordou ela. — Mas a neve foi a melhor parte. — Ela puxou a fita vermelha de seu cabelo e a amarrou no pulso dele com um laço. Ele olhou a fita e sorriu. — Espere — disse Morrigan. — Quem venceu?

— Ninguém venceu ninguém — disse Jupiter enquanto os levava da praça. — Eles declararam uma trégua como fazem todo ano, e agora vão cuidar dos seus assuntos, entregando presentes e fazendo nevar por todo o Estado Livre. É um bom trabalho. Alguém quer confeitos de ameixa? — Ele correu até a barraca de confeitos e pediu duas dúzias em um saquinho de papel pardo.

— Então ninguém vence? — indagou Morrigan. Ela não podia deixar de se sentir um pouco enganada.

— Você deve estar brincando. Presentes e neve? — replicou Jack, rindo enquanto atirava uma bola de neve nas costas de Jupiter. — Todo mundo vence.

Os três decidiram ir para casa andando, dispensando as carruagens e atirando bolas de neve uns nos outros até ficarem molhados e exaustos demais para continuar. Jupiter carregou Morrigan nas costas pelo restante do caminho, enquanto Jack ia alegremente escorregando pelas calçadas cobertas de gelo. Os três liquidaram com toda a sacola de confeitos azedinhos e chegaram ao Deucalião quarenta minutos depois com dedos congelados e línguas roxas.

— Você acha que Papai Noel já passou por aqui? — perguntou Morrigan a Jack quando subiam para seus quartos, lambendo um pouco de açúcar acumulado no canto da boca.

— Não. Ele só vem quando estamos dormindo, porque está ocupado demais para conversas. Então se apresse e vá para a cama. — Ele a empurrou pelo corredor, sorrindo. — Boa noite.

— Boa noite, cabeça de brócolis.

Jack ria ao desaparecer em seu quarto.

CAPÍTULO DEZOITO

Um Natal quase feliz

Morrigan acordou na manhã de Natal com o cheiro de canela, frutas cítricas e fumaça de madeira pairando no ar. Um fogo crepitava alegremente na lareira e pendurada em sua cabeceira estava uma meia vermelha bem gorda, superlotada de guloseimas.

Ela a virou de cabeça para baixo, e em seu colo jorrou um tesouro de chocolates, tangerinas e biscoitos de gengibre, uma reluzente romã cor-de-rosa, um cachecol tricotado que parecia uma raposa, um par de luvas vermelhas, uma lata púrpura e dourada de Confeitos em Conserva Pakulski, um livrinho encadernado intitulado *Contos de fadas de Finnegan*, um baralho de cartas de verso prateado e uma escova de cabelos de madeira com uma bailarina pintada no cabo. Tudo isso só para ela! Papai Noel havia caprichado.

Morrigan calçou as luvas de lã macias e as levou ao rosto, lembrando-se de Natais passados muito menos felizes. Os Crows nunca foram muito pródigos com presentes. Uma vez ela havia criado coragem para perguntar a Corvus se podia ter uma surpresa de Natal naquele ano e, para sua alegria, ele aceitara. Após semanas de antecipação, Morrigan pulou da cama na manhã de Natal, ansiosa para ver o que fora deixado para ela, e encontrou um envelope no pé da cama. Dentro dele, uma fatura discriminando cada centavo que Corvus havia gasto aquele ano pagando indenizações ao Cartório de Registro Civil para Crianças Amaldiçoadas por causa dela.

Pelo menos, ele não mentira. Fora uma surpresa.

Enquanto Morrigan arrancava com os dentes o papel-alumínio dourado de uma moeda de chocolate, a porta do quarto se abriu de repente e Jack entrou trazendo um pedaço de papel em uma das mãos e a meia dele na outra.

— Feliz Natal! — disse Morrigan. Ela quase acrescentou: *Agora dê meia-volta e bata na porta*, mas concluiu que estava muito impregnada de espírito natalino para se dar o trabalho.

— Boas-novas da Rainha do Inverno para você. — Jack sentou-se na cama dela, entregou-lhe um bilhete e se acomodou, despejando o conteúdo de sua meia em uma pilha. Então pegou um biscoito de gengibre em formato de cachorro e arrancou sua cabeça. — Só que não muito boas, porque Tio Jove foi convocado.

— Na manhã de Natal? — perguntou Morrigan, lendo o bilhete.

Assunto urgente em Ma Wei.

Volto para o almoço. Leve Mog para andar de trenó por mim.

J.

— O que é Ma Wei?

Jack engoliu o pedaço de biscoito de gengibre que tinha na boca.

— Um dos reinos centrais. Provavelmente outro explorador perdeu a hora no portal de acesso na volta para casa. Ele sempre é chamado no dia de Natal para ajudar algum idiota. Argh... aqui, pode ficar com isto. — Ele entregou a Morrigan a romã de sua meia com uma expressão de aversão, e em troca ela jogou para ele duas tangerinas.

— Você não precisa me levar para andar de trenó. — Ela mordeu outro chocolate e deu de ombros. — Eu nem tenho trenó.

— O que você acha que é aquilo ali? Um pônei? — perguntou Jack, apontando na direção da lareira.

Morrigan espiou além do pé da cama e viu um brilhante trenó verde envolto em uma fita dourada. A etiqueta dizia *Feliz Natal, Mog*.

— Uau — arquejou Morrigan, maravilhada. Nunca, em toda sua vida, ela havia recebido tantos presentes.

— O meu é vermelho — disse Jack, revirando os olhos. — Ele se acha muito engraçado.

Jupiter não chegou a tempo para o almoço nem para o jantar, e mandou desculpas por um mensageiro. Morrigan teria ficado decepcionada com sua ausência, mas estava ocupada demais tendo o melhor Natal da sua vida.

O dia foi marcado por uma neve espessa, caindo em redemoinhos, cortesia da Rainha do Inverno. Jack e Morrigan passaram a manhã descendo sem parar a Colina Galbally, nas cercanias do hotel, e enfrentando, em uma épica guerra de bolas de neve, as crianças da vizinhança.

Eles voltaram para o Deucalião ao meio-dia, bem a tempo para o almoço na sala de jantar oficial. Mesas compridas gemiam sob o peso de presuntos glaçados, faisões defumados e gansos assados, pratos de brotos com bacon e castanhas, batatas douradas e batatas-doces caramelizadas, potes de molho espesso, queijos e

pães trançados, patas de caranguejo de um vermelho vivo e ostras brilhantes no gelo.

Morrigan e Jack estavam determinados a experimentar um pouco de tudo (exceto talvez as ostras), mas ambos desistiram na metade da empreitada e foram se deitar no Salão da Fumaça (que naquele momento exalava fumaça de hortelã “para ajudar na digestão”), jurando que nunca mais voltariam a comer na vida. Quinze minutos depois, porém, Jack devorava diligentemente uma tigela de pavê e duas tortinhas de frutas secas, enquanto Morrigan demolia um levíssimo merengue branco com creme e amoras.

Na terceira viagem de Jack de volta à sala de jantar, deitada em um sofá no canto, respirando os calmantes vapores verde-menta, Morrigan ouviu alguém entrar no salão.

— Não é que eu não confie nele — disse uma voz masculina. — Ele deve saber o que está fazendo. O rapaz é um gênio.

Morrigan abriu os olhos, sonolenta. Mal conseguia distinguir duas figuras em meio às densas ondas de fumaça que saíam das paredes — a elegante Dame Chanda vestida em sedas esvoaçantes vermelhas e verdes, e o ativo Kedgerree Burns, com seus cabelos de neve, em sua tradicional saia xadrez natalina.

— Esperto até demais — concordou Dame Chanda. — Mas não está isento de cometer erros, Ree-Ree. Ele é humano.

Morrigan perguntou-se, vagamente, se deveria deixá-los saber que não estavam sozinhos. Ela estava prestes a pigarrear quando...

— Por que *Morrigan*? — perguntou Kedgerree. — Entre todos os candidatos que ele poderia ter escolhido, por que ela? Qual é o talento dela?

— Ela é um amor de menina...

— Claro, claro. É uma grande menina. Uma verdadeira campeã. Mas o que faz Jupiter pensar que ela é adequada para a *Sociedade Fabulosa*?

— Ah, você conhece Jupiter — disse Dame Chanda. — Ele está sempre assumindo desafios que ninguém mais aceita. Ele foi o primeiro a escalar o Monte Ridículo, você lembra. E entrou todo esplendoroso naquela região infestada de trolls, perto da qual ninguém mais na Liga de Exploradores queria chegar.

O concierge deu uma risadinha.

— Sim, e olhe para este lugar. Estava em ruínas quando ele o encontrou. Ele começou isto aqui como hobby e agora é o maior hotel de Nevermoor. — Sua voz assumiu um tom grave. — Mas não se pode ter uma criança como hobby.

— Não — concordou Dame Chanda. — Se ele tivesse falhado com o Deucalião, pelo menos não teria sido tão desastroso. Não se pode magoar um hotel.

Fez-se uma pausa. Morrigan ficou imóvel e prendeu a respiração, temendo por um momento que a tivessem visto através das nuvens de fumaça de menta.

Depois de algum tempo, Kedgerree suspirou pesadamente.

— Sei que não devíamos meter o bedelho, Chanda, mas só estou preocupado com a pobrezinha. Acho que ele a está conduzindo para uma terrível decepção.

— Pior do que isso — acrescentou Dame Chanda em uma voz agourenta. — Pense no que Jupiter está arriscando se o Fedor descobrir que ela está aqui ilegalmente. Isso é *traição*. Ele pode ir para a prisão, Kedgerree. Sua reputação, sua carreira... tudo estaria acabado. E não só isso, mas...

— O Deucalião — concluiu Kedgerree solenemente. — Se ele não tomar cuidado, pode perder o Deucalião. E então para onde iremos todos nós?

Morrigan não ficou surpresa ao se ver perambulando pelos corredores do Hotel Deucalião no meio da noite, tentando banir a dor no estômago e os pesadelos.

Já passava da meia-noite quando percebeu que a porta do escritório de Jupiter estava entreaberta. Ela espiou lá dentro. Ele se encontrava sentado em uma poltrona de couro perto da lareira, e na mesa ao seu lado havia uma chaleira de prata fumegando e dois pequenos copos pintados. Ele nem sequer ergueu a cabeça.

— Entre, Mog.

Jupiter serviu o chá — de hortelã, com folhas verdes rodopiando — e misturou um cubo de açúcar no copo de Morrigan. Os olhos dele pousaram brevemente no rosto dela quando ela se sentou na cadeira oposta. Achou que ele parecia cansado.

— Outro pesadelo. — Não era uma pergunta. — Você ainda está preocupada com o Desafio do Espetáculo.

Morrigan bebeu um gole do chá e não disse nada. A essa altura, já estava acostumada com o fato de ele sempre saber dessas coisas.

Mais uma vez ela sonhara com um fracasso épico. Dessa vez, porém, o pesadelo não terminara quando a plateia começou a zombar e vaiar, mas continuou com um desfile de trolls cruéis e escravizadores entrando no Trolliseu com porretes, presumivelmente para espancar Morrigan até a morte e livrá-la de seu sofrimento.

— A prova é no próximo sábado — salientou ela, esperando que isso o levasse a lhe dizer, finalmente, o que deveria fazer, como deveria se apresentar.

Ele suspirou.

— Pare de se preocupar tanto.

— Você vive dizendo isso.

— Tudo vai dar certo.

— Você vive dizendo isso também.

— Porque é verdade.

— Mas eu não tenho um talento! — exclamou ela, derramando acidentalmente chá na frente da camisola. — Por que estou participando dessas provas se nunca vou entrar para a Sociedade? Não sei montar dragões nem... nem... cantar como um anjo. Não sei fazer nada. — Morrigan descobriu que uma vez tendo começado a listar em voz alta suas preocupações, não conseguia mais parar. — E se o Fedor descobrir que estou aqui ilegalmente? Eles vão me expulsar e colocar você na prisão. Vão tirar o Deucalião de você. Você... sua reputação... sua carreira... — A voz de Morrigan ficou presa na garganta. — Você não pode pôr tudo isso em risco por minha causa! E os funcionários do hotel? E *Jack*? Não vai poder cuidar dele se estiver na prisão. E o... — Ela hesitou, perdendo o fio da meada.

Jupiter esperou que ela continuasse, sorrindo educadamente por trás de seu copo de chá de hortelã. Isso enfureceu Morrigan ainda mais. Será que ele estava ao menos *preocupado* com a possibilidade de ela não entrar na Sociedade? Ou isso era algo que ele estava fazendo apenas para se divertir? Seria Morrigan apenas o seu... *hobby*?

Pensar nisso fez algo crescer dentro dela, como um animal encurralado empinando, preparando-se para abrir caminho por sua caixa torácica. Ela pousou o copo na mesa e ele chocalhou na bandeja.

— Quero ir para casa.

As palavras saíram de sua boca, em um tom baixo e sombrio, antes que ela sequer pensasse em proferi-las. E ficaram pairando, pesadas, no ar.

— Para casa?

— De volta a Chacalfax — esclareceu, embora percebesse que Jupiter sabia exatamente o que ela queria dizer. Ele havia ficado completamente imóvel. — Quero voltar. Agora. Esta noite. Quero dizer à minha família que estou viva. Não quero entrar para a Sociedade Fabulosa e não quero... — As palavras custavam a sair, lutando contra ela a cada sílaba. — Eu não quero morar mais no Hotel Deucalião.

Essa última parte não era verdade, mas Morrigan pensou que seria mais fácil se Jupiter acreditasse nisso.

Morrigan amava o Deucalião, mas independentemente de quantos quartos, corredores e andares ele tivesse, nunca seria grande o bastante para conter seu crescente pavor do Desafio do Espetáculo. Sua apreensão parecia um monstro, como o fantasma que assombrava as paredes do Deucalião, infiltrando-se em seus ossos como o inverno, de modo que ela nunca conseguia se sentir verdadeiramente aquecida.

Ela esperou que Jupiter falasse. O rosto dele estava impassível, e tão imóvel que ela pensou que poderia rachar como uma máscara de porcelana. Ele ficou fitando o fogo por muito tempo.

— Muito bem — disse ele, por fim. Sua voz era suave. — Vamos partir agora.

CAPÍTULO DEZENOVE

A Linha Diáfana

— Falta muito ainda?

— Não muito. Continue. — Jupiter marchava pelo túnel sujo com azulejos amarelados e luzes que tremeluziam no alto, mantendo o passo costumeiro enquanto Morrigan corria, tentando acompanhá-lo. Ela olhava para o rosto dele de vez em quando, mas não conseguia ler nada nele.

Jupiter mal tinha falado, além de avisar a Fenestra aonde estavam indo. A Magnifigata havia olhado para ele com alarme e — para surpresa de Morrigan — tristeza. Ela não dissera nem uma palavra, mas, quando seguiu Jupiter, saindo pela porta da frente, Fen a cutucou delicadamente com a imensa cabeça cinza e emitiu um som abafado e pesaroso. Morrigan piscou ferozmente, agarrando sua sombrinha de oleado, e não olhou para trás.

Eles seguiram caminho através de ruas escuras, pulando em uma plataforma do Trilho dos Guarda-Chuvas até a estação do Fabulotrem mais próxima, e então começara a descida através de túneis e escadas que pareciam formar um labirinto. Depois subiram, passando por portas escondidas que davam para corredores sujos e escuros, seguindo um caminho pelo qual Morrigan nunca havia passado, mas que Jupiter parecia conhecer de cor.

Vinte minutos e incontáveis curvas fechadas depois, dobraram uma esquina e chegaram a uma plataforma vazia. Os pôsteres que cobriam as paredes estavam desbotados, rasgados e ultrapassados, anunciando produtos dos quais Morrigan nunca ouvira falar.

Uma placa acima de suas cabeças informava que aquele era o ponto de partida da Linha Diáfana.

— Tem certeza disso? — Os olhos de Jupiter estavam fixos no piso de ladrilhos. Embora ele falasse baixinho, sua voz ecoava no espaço cavernoso. — Você não precisa ir.

— Eu sei — replicou Morrigan. Ela pensou em Hawthorne, e no fato de que não ia ter a chance de se despedir dele, seu melhor amigo, e em Jack, dormindo profundamente no Deucalião e descobrindo, ao acordar, que ela havia ido embora, e sentiu uma súbita tristeza. Ela a reprimiu, pondo uma tampa sobre ela. Não podia ficar e ver Jupiter perder tudo que tinha por causa dela. — Tenho certeza.

Jupiter assentiu e estendeu a mão para pegar a sombrinha que ela segurava. Morrigan a agarrou com força.

— Não posso levar...?

— Ela tem de ficar aqui. Sinto muito.

Morrigan afrouxou a mão. Quando Jupiter pendurou a sombrinha de cabo de prata em um corrimão na plataforma, ela experimentou um desapontamento indistinto e ressentido. Afinal, aquele fora seu presente de aniversário, e Morrigan formara tantas lembranças boas com ela. O salto do telhado do Deucalião, a travessia veloz da Cidade Velha no Trilho dos Guarda-Chuvas. A chave para o Salão das Sombras. (Quando Morrigan finalmente decidira perguntar a Jupiter, ele admitira que pensara que seria divertido, que havia esperado séculos até ela descobrir que tinha uma chave secreta para uma sala secreta. E disse que, se ao menos ela fosse um pouquinho mais enxerida, teria descoberto muito antes.)

— Pronta? — Ele pegou sua mão e ambos ultrapassaram a linha amarela, postando-se na borda da plataforma. — Feche os olhos. Mantenha-os fechados.

Morrigan fechou os olhos. O ar estava parado. Passou-se um longo momento em silêncio.

Então ouviu um som a distância — ficando cada vez mais alto: um trem ganhando velocidade muito rápido. Ela sentiu uma rajada de ar frio vindo do túnel, ouviu o trem parar exatamente na frente deles e abrir as portas.

— Dê um passo com coragem, Morrigan Crow. — Jupiter apertou a mão dela e a conduziu para dentro do trem.

— Posso abrir os olhos agora?

— Ainda não.

— Aonde estamos indo? O que é a Linha Diáfana? Ela vai nos levar direto para Chacalfax ou temos de trocar de trem?

— Shh. — Ele tornou a apertar a mão dela.

A viagem foi curta — apenas alguns minutos —, mas Morrigan sentiu a náusea crescer dentro dela à medida que o trem se balançava de um lado para o outro. Ela desejou poder abrir os olhos.

O trem parou. As portas se abriram. Morrigan e Jupiter saltaram para o ar frio e cortante, que cheirava a chuva e lama.

— Abra os olhos.

Com um doloroso pavor ribombando bem no fundo do coração, Morrigan se viu de pé diante da porta principal do Solar dos Corvos. Estava em casa.

Era o que você queria, lembrou-se ela.

Em poucos minutos, a Linha Diáfana percorrera toda a distância entre Nevermoor e Chacalfax. Morrigan se virou. O trem havia desaparecido. Atrás dela não havia nada além dos altos portões de ferro que separavam o Solar dos Corvos da floresta adiante. Ela sacudiu a cabeça. Era impossível.

Uma familiar aldrava no formato de um corvo de prata a fuzilava com o olhar. Ela ergueu a mão para bater, mas Jupiter atravessou a sólida porta de madeira e desapareceu.

— Impossível — murmurou ela.

A mão de Jupiter tornou a atravessar a madeira e a puxou para o mal-iluminado hall de entrada da casa em que ela crescera.

— Como é que... como... o que acabou de acontecer?

Jupiter a olhou de soslaio.

— Tecnicamente ainda estamos em Nevermoor. Pelo menos, nossos corpos estão. A Linha Diáfana supostamente está desativada, mas, como explorador inter-reinos com autorização de segurança nível nove, eu tenho... certos privilégios.

Morrigan perguntou-se se esse era o tipo de “privilégio” pelo qual ele poderia ser preso.

— Como podemos ainda estar em Nevermoor? Estamos na casa da minha avó.

— Não exatamente. Estamos viajando no Diáfano.

— O que é isso?

— É tudo, é... como posso explicar? — Ele parou e respirou fundo, olhando para o alto. Morrigan lembrou-se de que ele uma vez já tentara descrever o Diáfano para ela e fracassara completamente. — Somos todos parte do Diáfano, e ele está por toda nossa volta. As coisas que eu posso ver... seus pesadelos, por exemplo, ou a história de uma certa chaleira verde... todas elas existem no Diáfano, como pequenos fios invisíveis tecidos em uma teia imensa e oculta que conecta todas as coisas. A Linha Diáfana nos oferece um meio de viajar por esses fios com um propósito. Ela é um subproduto da exploração inter-reinos, algo que a Liga criou há cerca de treze ou

quatorze Eras. Seu corpo permanece em Nevermoor, em segurança, enquanto sua consciência viaja pela República despercebida. Um sistema muito inteligente, e muito, *muito* secreto. Então, pelo amor de Deus, não conte para ninguém. Nunca esteve disponível para uso público. É volátil demais. Atualmente, até mesmo os militares de alta patente estão proibidos de utilizá-la.

— Por quê?

Jupiter fez uma careta.

— Esse meio de transporte não funciona para todos. Algumas pessoas que viajaram pela Linha Diáfana voltaram meio... erradas. Seus corpos e mentes, uma vez separados, nunca mais se reuniram perfeitamente. Elas ficaram dessincronizadas de modo permanente, o que as levou à loucura. Esse é um negócio muito perigoso se você não souber o que está fazendo.

— Eu não sei o que estou fazendo! — replicou Morrigan, sentindo um leve pânico. — Por que você me deixou entrar nela?

Ele abafou uma risada.

— Se há alguém que pode viajar na Linha Diáfana, é você.

— Por que eu?

— Porque você... — Ele se interrompeu, parecendo se conter. — Porque você... está comigo. — Ele desviou os olhos. — Não podemos ficar aqui muito tempo. Entendeu?

Morrigan não sabia se se sentia decepcionada ou aliviada.

— Mas eu não queria visitar. Queria voltar definitivamente.

— Eu sei que isso não era o que você estava esperando. Eu só quero que você tenha certeza antes...

— Feliz Natal! — Ivy atravessou rapidamente o vestibulo na direção deles, sorrindo abertamente. Morrigan deu um passo à frente com uma explicação nos lábios, mas sua madrastra a atravessou em um farfalhar de cetim, deixando uma nuvem doce e enjoativa de perfume em seu rastro. — Feliz Natal, pessoal!

Morrigan a seguiu até a sala de estar, que estava repleta de pessoas. Todas ergueram a taça para a radiante anfitriã. Ivy sinalizou para um jovem ao piano, e ele deu início a uma animada canção natalina. Corvus — vestindo um smoking com uma rosa presa à lapela — abriu um enorme sorriso para a mulher, do outro lado da sala.

— Estão dando uma festa — observou Morrigan. — Eles nunca dão festas.

Jupiter não disse nada.

Ela observou Ivy e seu pai começarem uma dança de improviso, incentivados pelos aplausos dos convidados. Um homem disse algo a Corvus enquanto ele valsava, e Corvus jogou a cabeça para trás e gargalhou. Morrigan podia contar em uma das mãos as vezes em que vira o pai rir assim. Na verdade, ela podia contar em um único dedo. Incluindo essa vez.

— Eles não podem me ver?

Jupiter mantinha-se um pouco atrás, ficando perto da parede.

— Só se você quiser que vejam.

Morrigan franziu a testa.

— Mas eu quero que vejam.

— Parece que não.

Ivy havia mudado a decoração da casa. Havia cortinas e estofados novos (azul-púrpura) e papel de parede floral. Cada superfície disponível estava coberta por porta-retratos, todos abrigando fotos de Corvus, Ivy e do novo bebê — não, *bebês*. Gêmeos. Um par idêntico de meninos de bochechas rosadas com cabelos louros muito claros, iguais aos da mãe. Em um porta-retrato de prata duplo estavam gravados os nomes “Wolfram” e “Guntram” em letras elegantes.

Então Morrigan tinha irmãos. Ela tentou digerir a notícia enquanto a festa rodopiava à sua volta, mas seu cérebro não conseguia absorver a ideia. *Eu tenho irmãos*, o pensamento se repetia sem parar em sua cabeça. *Eu tenho irmãos*. No entanto, as palavras pareciam leves como o ar, sem peso nem significado. Ela as deixou se afastarem, flutuando.

Morrigan perguntou-se onde sua avó estaria, antes de se dar conta de que já sabia.

O Salão dos Corvos Mortos estava escuro e silencioso. Exatamente como Morrigan lembrava — frio, vazio e com cheiro de mofo. Somente uma coisa havia mudado: seu próprio retrato agora estava pendurado lá.

O lugar não era realmente chamado de Salão dos Corvos Mortos, pelo menos não por outras pessoas além de Morrigan. O nome real era o entediante Salão dos Retratos. Mas as únicas pessoas que tinham seu retrato exposto ali eram membros da família Crow, e apenas se estivessem mortos. Por alguma razão, era o lugar preferido da avó — às vezes ela desaparecia por horas e, se alguém precisava procurar por ela, sabia onde encontrá-la: parada no Salão dos Corvos Mortos, olhando a nobre linhagem desde Carrion Crow (o tataravô de Morrigan — acidentalmente atingido por seu escudeiro em uma viagem de caça) até Camembert Crow (o cão galgo premiado de seu pai — que mastigara uma caixa de sabão e morreu espumando pela boca).

Morrigan ficou surpresa ao ver que a avó havia aberto um espaço especial para ela entre a venerável Tia-avó Vorona, que morreu ao cair do cavalo de corrida, e o Tio Bertram, irmão de Corvus, que morreu ainda jovem de alguma febre. A avó era notoriamente exigente em relação ao lugar que os retratos dos Crows mortos ocupavam. O retrato da falecida mãe de Morrigan estava bem longe do centro, na extremidade mais distante do salão, entre os animais de estimação menos amados e os primos de terceiro grau de duas gerações anteriores.

O artista contratado para fazer o retrato de Morrigan pintava os Crows havia mais de sessenta anos. Isso significa que era muito velho e dolorosamente lento, e Morrigan tivera de se manter imóvel por horas, enquanto ele cambaleava de um lado para o outro com seu pincel e ocasionalmente gritava coisas como: “Pare de se mexer!” ou “De onde essa sombra está vindo?” ou “Estou vendo você respirando!” ou “Não coce o nariz, criança impertinente!”

Na metade da última sessão para o retrato, no Dia do Escurecer, Ivy havia entrado com uma fita métrica, segurando o telefone entre o ouvido e o ombro, enquanto tirava as medidas de Morrigan. “Um metro e vinte centímetros de comprimento... sim, acho que sim, pelo menos... Ah, não, mais largo do que isso, ela tem os ombros bem largos... Quanto é o de mogno? O de pinho, então, acho. Não... não, Corvus iria querer o de mogno, não devemos parecer pão-duros. Forro de seda cor-de-rosa, é claro, com travesseiro com babados e uma fita cor-de-rosa em torno da base. E posso confiar que o senhor

entregará em casa? Como assim *quando*? Na primeira hora de amanhã, é claro!”

Então ela saía da sala sem dizer uma só palavra a Morrigan ou ao artista. Tendo percebido sobre o que era a conversa, Morrigan havia passado o restante da tarde aborrecida porque seu caixão teria tantos detalhes cor-de-rosa. O resultado foi o retrato que agora pendia na parede do salão, de uma Morrigan de cara feia, desafiadora, com os braços cruzados diante do peito.

Essa era a primeira vez que Morrigan via a obra de arte finalizada. Ela gostou.

— Quem está aí?

A avó estava de pé perto da janela, na sala iluminada apenas pelo brilho de uma lâmpada do corredor. Ela usava seu habitual vestido preto formal, com joias no pescoço e o cabelo cinza escuro preso em um coque alto no topo da cabeça. No ar, pairava a fragrância familiar e amadeirada de seu perfume.

Morrigan aproximou-se dela com cautela.

— Sou eu, vó.

A avó estreitou os olhos, perscrutando a sala escura.

— Tem alguém aí? Responda!

— Por que ela não pode me ver? Eu quero que ela me veja — sussurrou Morrigan para Jupiter.

— Continue tentando — replicou ele, empurrando-a gentilmente para a frente.

Ela respirou fundo, fechou as mãos, apertando-as, e pensou com toda a sua força: *Me veja. Por favor, me veja.*

— Vó? Sou eu. Estou bem aqui.

— Morrigan? — sussurrou a avó, a voz rouca. Seus olhos se arregalaram. Ela deu um passo na direção da neta, sacudindo a cabeça, como se quisesse arrumar os pensamentos. — Isso é... será possível...?

— Você pode me ver?

Os olhos azuis leitosos de Ornella Crown focaram o rosto da neta, e, pela primeira vez desde que Morrigan podia se lembrar, eles estavam cheios de terror.

— Não. Não.

— Está tudo bem. — Morrigan ergueu as mãos, como se estivesse acalmando um animal assustado. — Eu não sou um fantasma. Sou eu de verdade. Estou viva. Eu não morri, eu não...

A avó sacudia a cabeça repetidamente.

— Morrigan. *Não*. Por que está aqui? Por que você voltou para a República? Não devia estar aqui. Eles virão buscá-la. Os Caçadores de Fumaça e Sombra. *Eles virão buscar você*.

Morrigan sentiu uma lasca de gelo atravessá-la. Ela olhou para Jupiter, que estava um pouco recuado, as mãos enfiadas nos bolsos e o olhar voltado para o chão.

— Como ela sabe sobre os Caçadores...?

Mas a avó voltou-se para Jupiter, subitamente furiosa.

— Você! Seu tolo! Por que a trouxe aqui de volta? Você prometeu que a manteria em Nevermoor. Prometeu que ela jamais sairia do Estado Livre. *Vocês não deviam ter vindo*.

— Não estamos aqui de verdade, Madame Crow — apressou-se a dizer Jupiter, estendendo a mão e passando-a através do corpo dela. A avó estremeceu e deu um passo para trás. — Viajamos pela Linha Diáfana. Nossos corpos não estão... bem, é uma longa história. Morrigan queria vir; achei que ela merecia...

— Você prometeu que nunca mais a traria aqui — repetiu a avó, os olhos desvairados. — Você me jurou. Não é seguro, não é... Morrigan, você *precisa ir*...

— *Morrigan?* — Uma voz veio da porta aberta. Alguém ligou um interruptor e de repente o Salão dos Corvos Mortos estava banhado em luz. Corvus entrou, os olhos azuis faiscando. Morrigan abriu a boca para falar, mas o chanceler passou direto por ela, atravessando-a, segurou os ombros da avó e sacudiu. — Mãe, que loucura é esta? Por que está agindo assim? Agora, justamente agora... é uma festa de *Natal*, pelo amor de Deus.

Ornella Crow olhou por sobre o ombro do filho, os olhos voltando-se ansiosamente na direção da neta.

— É... não é nada, Corvus. Só a minha imaginação me pregando peças.

— Você falou aquele nome — sussurrou Corvus, a voz tensa, furiosa. — Eu o ouvi do corredor. E se um de meus colegas estivesse passando e ouvisse também?

— Não foi... não foi nada, querido. Ninguém ouviu nada. Eu só estava... lembrando...

— Nós juramos que nunca mais falaríamos esse nome. Nós *juramos*, mãe.

Morrigan teve a sensação de que todo o ar tinha deixado seu corpo.

— A última coisa de que preciso é que as pessoas sejam lembradas de *tudo aquilo*, justamente quando estou fazendo incursões pelo governo federal. Se alguém no Partido do Mar Invernal... — Corvus se interrompeu, apertando os lábios até transformá-los em uma linha fina. — Esta noite é importante para mim, mãe. Por favor, não a estrague com esse *nome*.

— Corvus...

— Esse nome está morto.

Corvus Crow girou nos calcanhares, passou diretamente pelo lugar onde sua filha se encontrava, invisível para ele, e se foi.

Morrigan já estava fora da casa, no portão, quando o ar frio voltou a preencher seus pulmões. Ela curvou-se, tentando recuperar o fôlego.

Como ela podia sentir?, perguntou-se. Como podia sentir o vento cortante no rosto e o chão firme sob seus pés, ou o cheiro da chuva e da lama e o perfume da avó quando seu pai não podia sequer vê-la parada diante dele?

Ela ouviu os passos de Jupiter esmagando o cascalho atrás dela. Ele ficou parado ali por muito tempo, esperando pacientemente que ela declarasse seu próximo passo, sem dar nenhum conselho ou oferecer simpatia ou dizer *Eu te disse*. Ficou só esperando, até que finalmente Morrigan se aprumou e respirou fundo, trêmula.

— Ela sabia. Minha avó. Ela sabia que eu não estava morta.

— Sim.

— Ela sabia sobre os Caçadores.

— Sim.

— Como?

— Eu contei a ela.

— Quando?

— Antes do Escurecer. Eu precisava encontrar *alguém* para assinar o seu contrato.

Ah. Então tinha sido a assinatura da avó, aquele nome irreconhecível. Fora a avó que passara o envelope por baixo da porta no Dia da Oferta.

— Por que ela?

— Ela parecia gostar de você.

Morrigan abafou uma risada, passando a manga pelo nariz para ocultar uma fungada. Jupiter foi educado o bastante para fingir, por um momento, estar muito interessado no estado de seus sapatos.

— Volte comigo — disse ele, por fim, baixinho. — Por favor. Sua avó tem razão: aqui não é seguro para você. Volte para o Deucalião. Ele é o seu lar agora. Somos sua família... eu, Jack, Fen e os outros. Seu lugar é conosco.

— Até eu fracassar no Desafio do Espetáculo e ser deportada. — Ela tornou a fungar. — Até você ser preso por traição.

— Como eu já disse, vamos explodir essa ponte quando a alcançarmos.

Morrigan limpou o rosto até secá-lo por completo.

— Aonde vamos para pegar a Linha Diáfana?

— A lugar nenhum — disse Jupiter, os olhos se iluminando com alegria e alívio. Ele deu um tapinha nas costas de Morrigan e ela retribuiu com um sorriso lacrimoso. — Ela virá até nós. É para isso que serve a âncora. Você nunca deve viajar pela Linha Diáfana sem se ancorar primeiro.

— Como assim? Que âncora?

— A que eu deixei na plataforma. — Ele sorriu. — Um objeto pessoal precioso deixado para trás na partida liga você a Nevermoor com um único e invisível fio Diáfano. Esperando para puxar você de volta para casa. Consegue visualizá-la?

Morrigan pensou por um momento.

— Você está falando da... minha sombrinha?

Ele assentiu.

— Feche os olhos e visualize-a o mais claramente que puder, pendurada no corrimão. Cada detalhe. Mantenha essa imagem em sua mente, Mog. Já conseguiu?

Morrigan fechou os olhos e a viu: a brilhante cúpula de lona, o cabo de filigrana de prata, a minúscula ave de opala.

— Sim.

— Não perca essa imagem.

— Não vou perder.

Ela sentiu os dedos quentes de Jupiter fecharem-se em torno dos seus. Um trem apitou a distância.

Os corredores do Hotel Deucalião eram aquecidos e familiares. A exaustão foi tomando conta dos membros de Morrigan à medida que ela se arrastava até seu quarto, pensando saudosa nos muitos travesseiros e no grosso edredom, e torcendo para que a lareira ainda estivesse acesa, sabendo, de alguma forma, que estaria.

Quando estendeu a mão para abrir a porta do quarto, dedos ossudos e frios agarraram seu braço. Morrigan arquejou e deu um pulo para trás.

— Ah! Oi, Dame Chanda.

— Não era minha intenção assustá-la, docinho — disse a soprano.

— Estou indo dormir também. Parece que somos um par de corujas noturnas! Toda aquela comida pesada de Natal está mantendo você acordada também, suponho...

Morrigan sorriu sem graça. Em sua cabeça ainda podia ouvir trechos daquela conversa constrangedora entre Kedgerree e Dame Chanda. *Se ele tivesse falhado com o Deucalião, pelo menos não teria sido tão desastroso.*

— Hã, sim — disse Morrigan.

— Bem, como não consegui dormir, comecei a remexer meus antigos livros e caixas de recordações.

Dame Chanda apresentou um pedaço amassado de papel, desdobrando-o e alisando-o delicadamente.

— Pensei que talvez você se interessasse por isto aqui. Eu sabia que tinha um retrato em algum lugar. Não é recente, é claro. Ele devia estar na casa dos vinte ou trinta anos. Agora já teria bem mais de cem. Como você pode ver, o abominável Ezra Squall era um rapaz bem bonito... embora eu suponha que esta seja uma opinião nada popular nos dias de hoje. Pelo amor de Deus, não diga a ninguém que chamei um assassino em massa de bonito. Virão para cima de mim com tochas e forquilhas. — Ela ergueu uma sobancelha, dirigindo um sorriso conspirador para Morrigan. — Pode ficar com esta, é só uma impressão da pintura a óleo original.

Fico feliz que você tenha se interessado pela história de Nevermoor, por mais horrível que esse período em particular possa ter sido. Boa noite, srta. Morrigan, e um feliz Natal para você, minha querida.

Seus dedos apertaram a mão de Morrigan uma vez antes de se despedir, Dame Chanda a observando com carinho, como se quisesse fazer alguma coisa boa para a pobre garota que não tinha a menor chance de entrar para a Sociedade Fabulosa.

Mas, pela primeira vez, Morrigan não estava pensando em suas chances nas provas.

Ela perdeu a voz. Tinha a sensação de que sua garganta estava se fechando. O homem na pintura sorria tranquilamente. Seus cabelos castanho-acinzentados estavam penteados para trás e o terno antiquado e imaculado era inequivocadamente caro. Os olhos escuros, a pele tão pálida que parecia quase translúcida, o sorriso fino e rosado e as feições angulosas, eram todos exatamente como ela os vira da última vez. E aquela cicatriz, a linha branca e fina que dividia uma das sobrancelhas ao meio... ela conhecia aquela cicatriz. Ela conhecia esse homem.

Era o sr. Jones.

CAPÍTULO VINTE

Ato de desaparecimento

O manto branco de neve sobre Nevermoor tornou-se uma lama cinzenta deplorável nos dias que se seguiram ao Natal. A chuva fustigava as janelas do Hotel Deucalião e a alegria rapidamente se transformou em desânimo pós-festas, e cada hora que passava aproximava Morrigan do dia que vinha temendo o ano inteiro: o Desafio do Espetáculo.

No entanto, inacreditavelmente, o Desafio do Espetáculo era apenas seu segundo maior problema agora.

Os dois dias que se seguiram ao Natal foram agonizantes para Morrigan, que tentava reunir coragem para contar a Jupiter o que descobrira sobre Ezra Squall e o sr. Jones. Todas as vezes que fora bater à porta do escritório dele, com o retrato de Squall apertado tão firmemente entre os dedos que chegavam a perder a cor, sua coragem vacilara.

Ela queria desesperadamente contar a ele. Mas como? O que poderia dizer? *Adivinhe, Jupiter? O homem mais maligno que já viveu pensou que eu seria uma ótima aprendiz do mal. Ah, e ele vem me visitando em Nevermoor há meses. Ah, e eu pus a cidade inteira em perigo porque não quis contar a você.*

Mais do que qualquer coisa, Morrigan queria conversar com Hawthorne. Justamente quando ela pensava que a horrível verdade ia subir e jorrar dela como lava derretida, seu amigo finalmente voltou das Terras Altas.

— Você tem *certeza*? — perguntou ele, estreitando os olhos para examinar a foto, uma nota de esperança desesperada em sua voz. — Não poderia ser o avô dele?

Exasperada, Morrigan gemeu e revirou os olhos pelo que devia ser a centésima vez nessa tarde. Ela mal havia conseguido dormir e agora estava desgastando uma linha reta no piso do seu quarto, de tanto andar de um lado para o outro (o quarto parecia divertir-se com isso e continuava a distanciar as paredes para que ela tivesse de andar distâncias maiores a cada vez).

— É o que estou dizendo: é ele. É exatamente o mesmo homem. Ele tem a mesma cicatriz, as mesmas sardas acima do lábio, o mesmíssimo nariz, o mesmo tudo. Se esse não é o sr. Jones, eu não sou Morrigan Crow.

— Mas por que ele fingiria ser o próprio assistente?

— Talvez porque ele não envelheceu um único dia desde que esse retrato foi pintado há quase *cem anos*. — Morrigan pegou o livro das mãos de Hawthorne e enfiou o retrato impresso debaixo do nariz dele. — Olhe. Você o viu no Natalloween... *Olhe* bem.

Hawthorne apertou os lábios, afastando um pouco a pintura e examinando-a com atenção. Então inspirou profunda e demoradamente e, por fim, assentiu, relutante.

— É ele. Tem de ser. Essa cicatr...

— Exatamente.

Ele franziu a testa.

— Mas Dame Chanda disse...

— ... que ele foi banido do Estado Livre, eu sei — interrompeu Morrigan. — E Kedgeree falou que a cidade o mantém fora por meio de magia arcaica.

— Exatamente. Além disso, e aquele mundo de gente guardando as fronteiras? A Força Celeste, o Conselho Real de Feitiçaria, a Liga dos Mágicos... tudo isso? Ninguém conseguiria passar por eles todos, nem mesmo o Fabulador.

Morrigan deixou-se cair em uma poltrona, abraçando uma almofada.

— Mas o sr. Jones... Squall... ele esteve *aqui*, Hawthorne. Eu o vi. Nós *dois* o vimos. Isso não faz o menor sentido.

Ficaram sentados em silêncio por um momento, ouvindo a chuva bater nas vidraças. Estava quase anoitecendo.

Hawthorne suspirou.

— Preciso ir. Prometi ao meu pai que voltaria para casa antes de escurecer. O Desafio do Espetáculo é amanhã... não se esqueça — acrescentou ele, meio de brincadeira. Como se qualquer um deles pudesse se esquecer da prova final para ingresso na Sociedade. Como se Morrigan pudesse se esquecer do dia com o qual vinha tendo pesadelos por meses.

Hawthorne observou a amiga por um prolongado e solene momento.

— Morrigan, acho que é hora de...

— Eu sei — disse ela baixinho, virando-se para olhar a escuridão do lado de fora da janela. — Tenho de contar a Jupiter.

Morrigan bateu, hesitante, na porta do estúdio de Jupiter.

— O que foi? — resmungou uma voz que certamente não era a de seu patrono. Ela empurrou a porta, abrindo-a, e deparou com Fenestra estendida em um tapete diante da lareira. A Magnifigata bocejou abertamente e fixou os olhos amarelos e sonolentos em Morrigan. — O que você quer?

— Cadê ele? Preciso falar com ele. É urgente.

— Quem?

— *Jupiter* — respondeu Morrigan, não se dando ao trabalho de esconder sua irritação.

— Não está aqui.

— Sim, isso eu posso ver. — Ela gesticulou, indicando o estúdio vazio. — Onde ele está? No Salão da Fumaça? No salão de jantar? Fen, é *importante*.

— Ele *não* está. *Aqui*. Ele não está no hotel.

— Ele... o quê?

— Ele saiu.

O coração de Morrigan saltou para sua garganta.

— Saiu para *onde*?

Um dar de ombros. Uma lambida na pata.

— Não tenho ideia.

— Quando ele volta?

— Não disse.

— Mas... mas a última prova é amanhã — disse Morrigan, o tom de sua voz se elevando. — Ele volta antes, não volta?

Fenestra rolou e pôs-se a arranhar o tapete, então esfregou as orelhas languidamente.

Morrigan de repente estava apavorada. Quando Jupiter saía do Deucalião, às vezes ficava fora por horas, às vezes por dias, às vezes por semanas consecutivas. Morrigan nunca sabia quando ele estaria de volta, ninguém sabia, e a ideia de que ele poderia não voltar a tempo para o Desafio do Espetáculo encheu-a de um terror gelado.

Ele tinha prometido a ela. Tinha prometido.

Exatamente como prometeu levar você para o Bazar de Nevermoor, lembrou uma vozinha no fundo de sua mente. *E olha o que aconteceu.*

Mas isso era diferente, disse Morrigan a si mesma. Era a sua prova. A mais importante — aquela de que ele tinha jurado que se encarregaria, a que ele disse que ela não precisava nem pensar a respeito. Ela tinha feito o possível para não pensar, mas e agora? Não podia passar por ela sozinha. Não sabia nem mesmo qual era seu suposto talento.

— Fenestra, por favor! — gritou ela, e a gata voltou-se, fuzilando-a com o olhar. — O que ele está *fazendo*? Aonde ele *foi*?

— Ele disse que tinha algo importante para fazer. Isso é tudo que sei.

O coração de Morrigan apertou. Mais importante do que estar com ela no dia mais importante da sua vida? Mais importante do que cumprir sua promessa?

Ela se sentia sem chão. Dominada pelo súbito terror da situação crítica em que se encontrava, Morrigan esqueceu-se completamente da razão por que fora procurá-lo.

Estava sozinha. Teria de passar por seu Desafio do Espetáculo sem ele. Estava *sozinha*.

Morrigan deixou-se cair em uma das poltronas de couro perto da lareira. Seu corpo todo parecia feito de chumbo.

Fenestra levantou-se de repente e surgiu acima da poltrona de Morrigan, trazendo sua enorme cara peluda e amassada ao nível dos olhos da garota.

— Ele disse que estaria aqui para sua prova?

Lágrimas espetavam os olhos de Morrigan.

— Sim, mas...

— Ele prometeu a você que tudo ficaria bem?

Algumas lágrimas quentes escorreram pelo rosto de Morrigan.

— Sim, mas...

— Fim de assunto, então. — Com uma plácida piscada de seus imensos olhos cor de âmbar, Fen assentiu com a cabeça. — Ele estará aqui para a sua prova. Ele vai cuidar de tudo. Vai ficar tudo bem.

Morrigan fungou e limpou o nariz na manga da blusa. Então fechou os olhos bem apertado, sacudindo a cabeça.

— Como você sabe disso?

— Ele é meu amigo. Eu conheço meu amigo.

Fenestra ficou calada por tanto tempo que Morrigan pensou que ela adormecera de pé. Então sentiu algo quente, molhado e áspero lambeu todo o lado direito de seu rosto. Ela tornou a fungar, e a grande cabeça cinzenta de Fen esfregou-se no seu ombro afetuosamente.

— Obrigada, Fen — disse Morrigan baixinho. Ela ouviu Fenestra dirigir-se silenciosamente para a porta. — Fen?

— Humm?

— Sua saliva cheira a sardinha.

— Sim. Eu sou uma gata.

— Agora meu rosto está cheirando a sardinha.

— Não me importo. Eu sou uma *gata*.

— Boa noite, Fen.

— Boa noite, Morrigan.

CAPÍTULO VINTE E UM

O Desafio do Espetáculo

— Aah, algodão-doce — disse Hawthorne, acenando para um funcionário do Trolliseu vendendo doces. — Quer um? Tenho dinheiro que ganhei de Natal da minha avó.

Morrigan sacudiu a cabeça. Havia muito espaço em seu estômago, mas no momento ele estava todo ocupado pelos seus nervos, pela náusea e pela crescente certeza de que esse seria o dia mais humilhante da sua vida.

— Você não está nervoso? — perguntou ela.

Hawthorne deu de ombros enquanto arrancava com os dentes um enorme pedaço de algodão-doce.

— Um pouco. Acho. Mas não vou fazer nenhum truque novo hoje. Nan achou melhor eu ficar com meus melhores. Eu só queria poder escolher qual dragão vou montar.

— Você não vai montar o seu próprio dragão?

Hawthorne soltou uma risada curta e aguda.

— Meu próprio dragão? Você é doida? Eu não tenho o meu próprio dragão. Que pais podem comprar um dragão? — Ele lambeu os vestígios grudentos dos fios cor-de-rosa de açúcar dos dedos. — Eu monto um dos pesos pena da Liga Júnior de Montaria em Dragões quando estou fazendo truques. Em geral, ou o Voa Fácil Como um Papel de Bala Descartado nas Costas do Vento ou o Cintila ao Sol como uma Mancha de Óleo no Oceano. O Mancha de Óleo é decididamente mais obediente, mas Papel de Bala é muito mais corajoso. Ele é bom na saída de mergulhos radicais.

— Por que você não pode usar um deles?

— Você sabe como é a Sociedade. — Morrigan não se deu ao trabalho de lembrar a ele que não, vinda da República, ela não sabia. — Eles acham que seus dragões são superiores aos da Liga. Nan diz que é melhor não discutir. Mas espero que não me deem um da raça das Terras Altas... Eles são tão corpulentos que nunca consigo virá-los adequadamente. Aah, olhe... vai começar.

Finalmente, pensou Morrigan enquanto observava os Anciãos surgirem no Trolliseu. Aplausos irromperam nas arquibancadas. A Anciã Quinn ergueu a mão para pedir silêncio e dirigiu-se a um microfone.

— Bem-vindos — disse ela, sua voz trovejando nos alto-falantes — ao desafio final para a Unidade 919 da Sociedade Fabulosa.

Mais aplausos. Os ouvidos de Morrigan zumbiam. O estádio estava lotado não só com os candidatos remanescentes, mas também com seus patronos, outros membros da Sociedade que tinham vindo conferir os novos talentos e, é claro, parentes e amigos. Os pais de Hawthorne estavam em algum lugar da arquibancada, assim como Jack, que viera para casa no fim de semana especialmente para oferecer seu apoio a Morrigan — o que ela considerou surpreendente e, na verdade, bastante tocante. A atmosfera no Trolliseu era festiva, como se esse fosse um dia normal e eles estivessem prestes a assistir a dois trolls esmagarem o crânio um do outro.

— Bem-vindos, estimados membros da Sociedade. Bem-vindos, patronos. Mas, principalmente, bem-vindos, nossos candidatos, os setenta e cinco bravos jovens que chegaram até aqui, que tanto fizeram e que deixaram meus companheiros Anciãos e a mim muito, muito orgulhosos — disse a Anciã Quinn. — Candidatos, ao chegarem aqui hoje, a cada um de vocês foi atribuído um número para determinar a ordem de sua prova. Um funcionário da Sociedade irá buscar vocês em seus assentos em grupos de cinco. Estejam preparados para deslocarem-se rapidamente quando seu número for chamado e seguirem o funcionário até o portão, onde seu patrono irá encontrá-los e acompanhá-los até a arena.

— Certo. Se eu tiver essa sorte — murmurou Morrigan, e Hawthorne bufou, sorrindo para ela, solidário.

Ele seria o décimo primeiro a se apresentar, mas Morrigan havia recebido o número setenta e três... o que de início a deixara infeliz, pois significava uma espera longa e nervosa à sua frente. Mas, como Hawthorne observou, quanto mais tarde ela se apresentasse, mais tempo Jupiter teria para chegar ali.

— Se, após a sua apresentação — prosseguiu a Anciã Quinn —, vocês tiverem conquistado um lugar entre os nove primeiros candidatos, seu nome aparecerá no placar. Se não, bem... desejamos o melhor para o seu futuro, em algum outro lugar. Boa sorte, meninas e meninos. Vamos começar.

A primeira candidata a entrar na arena foi Dinah Kilburn, da Encruzilhada Poeirenta. Antes que ela começasse, seu patrono correu de um lado para o outro, arrumando cadeiras, mesas e

escadas em torres irregulares para criar uma espécie de trepa-trepa improvisado.

Dinah era impressionante. Uma ágil escaladora, extraordinária acrobata e, Morrigan ficou chocada ao descobrir...

— Um *macaco*?

Hawthorne riu e então olhou à sua volta, com ar de culpa.

— Morrigan! Você não pode falar assim. Ela não é um macaco *de verdade*. Ela só tem uma cauda.

Dinah balançou-se habilmente de uma torre para outra, equilibrando-se no alto ou pendurando-se de cabeça para baixo pela cauda, e finalizou com uma aterrissagem perfeita. Mas os Anciãos levaram apenas um minuto para tomar sua decisão, despedindo-se dela com um aceno sem acrescentar seu nome ao placar. Dinah deixou a arena arrasada.

— Aah — disse Hawthorne, encolhendo-se. — Começo duro.

Morrigan estava pasma. Exatamente *o quê* os Anciãos estavam procurando? Que tipo de pessoa eles consideravam adequado à Sociedade Fabulosa? Ela pensou nos únicos membros da Sociedade que conhecia: Jupiter, cujo obscuro talento era ver coisas que ninguém mais via. Dame Chanda Kali, cantora de ópera premiada cuja voz reunia pequenos animais silvestres. Quando tinham onze anos, será que eram ainda *mais* admiráveis do que Dinah Kilburn, a extraordinária acrobata com cauda de macaco? Ou havia algo mais que os Anciãos buscavam, alguma outra qualidade indeterminada que define o perfeito membro da Sociedade Fabulosa?

As apresentações só decaíram a partir dali.

Nenhum dos quatro candidatos seguintes — um pintor de paisagens, um atleta de corridas de obstáculo, um ilusionista e um garoto que tocava o ukulele — entraram para o ranking dos nove primeiros. Quando chamaram o segundo grupo de candidatos, ainda não havia nenhum nome no placar.

De fato, ninguém se classificou até o nono candidato, Shepherd Jones: um garoto que afirmava falar com os cães. Ele apresentou uma incrível série de truques com uma dúzia de cães, grandes e pequenos. Latiu comandos para eles e a plateia aplaudiu quando os cães saltaram através de aros, andaram de ré nas pernas traseiras e

dançaram uns com os outros. No entanto, os Anciãos permaneceram céticos.

— Mande que um dos cães venha até mim — ordenou a Anciã Quinn.

Shepherd latiu para um cão boiadeiro azul, que correu até a Anciã Quinn, que mostrou a ele o conteúdo de sua bolsa e o mandou de volta ao garoto.

— Agora me diga o que o cachorro viu.

Shepherd ajoelhou-se para uma breve conversa com o cão.

— Um porta-moedas, um sanduíche de presunto, uma sombrinha, um batom, um jornal enrolado, óculos de leitura e um lápis.

O cão latiu mais uma vez.

— Ah, e um pedaço de queijo.

A Anciã Quinn assentiu, e a plateia aplaudiu.

O cão latiu duas vezes. Shepherd ergueu os olhos para a Anciã Quinn timidamente.

— Hã... ele está perguntando se pode ficar com o sanduíche de presunto, por favor?

A Anciã Quinn sorriu e jogou o sanduíche para Shepherd.

— Tome, ele pode ficar com o queijo também.

O cão boiadeiro uivou um pouco e latiu três vezes. O rosto de Shepherd ficou vermelho.

— Eu não vou dizer isso para eles — objetou o menino, baixinho.

— O que foi que ele disse, garoto? — perguntou o Ancião Wong.

Shepherd Jones correu a mão pelos cabelos, olhando para o chão.

— Ele disse que queijo dá prisão de ventre.

Shepherd Jones foi o primeiro candidato a ir parar no placar, e a plateia aplaudiu quando o nome dele apareceu nas telas que ficavam em ambas as extremidades do Trolliseu.

A décima candidata, porém — uma garota chamada Milladore West, que fez três extraordinários chapéus em onze minutos, dando de presente um para cada Ancião —, não ganhou um lugar no placar.

Em seguida, foi a vez de Hawthorne. Morrigan desejou-lhe sorte quando ele foi levado para a arena no próximo grupo de cinco. Ele estava vestido da cabeça aos pés em couro marrom macio, e, enquanto Nan Dawson o apresentava (“Hawthorne Swift, de

Nevermoor!”), ele prendia os protetores de canela e de pulso e o capacete. A plateia arquejou quando um funcionário da Sociedade Fabulosa entrou com um dragão de seis metros de altura, com escamas verdes iridescentes e uma comprida cauda que reluzia como joia.

Morrigan tinha visto fotos de dragões, é claro. (Eles eram considerados tanto um Predador de Periculosidade Classe A quanto uma Praga de Proporções de Peste na República, e a Força de Erradicação da Vida Selvagem e Perigosa com frequência chegava às manchetes na temporada do abate: seja porque tiveram sucesso na destruição de um ninho, seja porque seus rostos entraram em combustão.) Mas nada se comparava a ver a coisa real. Hawthorne havia oferecido várias vezes para levá-la às escondidas, à noite, a um estábulo de dragões, posto que ele não tinha permissão para convidá-la para as sessões de treinamento. Jupiter, porém, rejeitara a sugestão, afirmando que preferia que Morrigan conservasse os dois braços e as duas pernas originais, obrigado.

O dragão lançava grandes jatos de vapor quente pela fenda das narinas enquanto balançava a cabeça da esquerda para a direita. A multidão inclinou-se para trás nas cadeiras.

Hawthorne parecia imperturbável pela proximidade do réptil ancestral, que poderia incinerá-lo, transformando-o em um petisco crocante, se espirrasse para o lado errado. Ele levou alguns minutos para se familiarizar com o animal, permitindo-lhe acostumar-se com a sua presença e dando palmadinhas gentis, mas firmes, em seu flanco. O dragão o observava de perto com um olho laranja flamejante.

Hawthorne deu a volta em torno dele, correndo a palma sobre o couro áspero para que o animal soubesse onde ele estava e não ficasse alarmado. Morrigan vira um cavaliço no Solar dos Corvos fazer o mesmo com os cavalos da carruagem do pai. Os Anciãos inclinaram-se para a frente, observando essa interação com grande interesse. O Ancião Wong parecia especialmente impressionado e ficava cutucando a Anciã Quinn e cochichando com ela.

Hawthorne pegou um naco de carne crua com o funcionário da Sociedade Fabulosa e o deu ao dragão, acariciando-o no pescoço de modo mais firme agora, até que finalmente — sem hesitação — deu

uma corrida e saltou, subindo na sela que fora instalada entre as omoplatas da criatura. Então agitou as rédeas de couro e lançou-se para a frente na sela quando o enorme réptil verde bateu as asas e decolou.

Hawthorne e o dragão elevaram-se e planaram em um amplo círculo sobre a arena antes de começar o espetáculo propriamente dito. Hawthorne gritou um comando que Morrigan não chegou a entender, enterrou os calcanhares nos flancos do animal e lá estavam eles: dando cambalhotas fechadas, precipitando-se sobre as arquibancadas e mergulhando quase até o chão, só para recuar no último segundo. Eles dispararam em linha reta com as asas do dragão estendidas enquanto Hawthorne ficava de pé em suas costas, imitando o movimento com os braços esticados, como se estivesse voando. Então abruptamente sentou-se na sela e gritou um comando, e o dragão fechou as asas, colando-as ao corpo e girando 360 graus em seu próprio eixo, antes de estender as asas novamente sem sequer perder altura.

Morrigan nunca tinha visto Hawthorne assim: totalmente confiante e no controle, como se estivesse fazendo a coisa para a qual nasceu. Ombros empinados, olhos fixos à frente. Ele comandava o dragão com maestria, como se fosse uma extensão de seu próprio corpo. Hawthorne era em todos os sentidos o campeão que Nan Dawson havia descrito.

E a resposta do público confirmava isso. Todos — inclusive os Anciãos — estavam sob o domínio de Hawthorne, arquejando e gritando quando ele despencava e aplaudindo quando se erguia de um mergulho ou planava ao redor das arquibancadas do Trolliseu, a poucos centímetros de suas cabeças.

Morrigan estava surpresa com o talento do amigo. Não que não tivesse acreditado que Hawthorne fosse bom, não era isso. Era só que esse cavaleiro impassível e espetacular, montado em seu dragão, era difícil de reconciliar com o garoto que passara uma tarde mostrando a ela como fazer barulho de pum com as axilas.

Como última manobra, Hawthorne usou o mecanismo de cuspir fogo do dragão para escrever suas iniciais no céu, com fumaça, antes de pousar com perfeição na arena.

A plateia e os Anciãos o aplaudiram de pé quando ele desmontou do dragão e fez uma medida. Ninguém aplaudiu mais ruidosamente do que Morrigan.

Os Anciãos conferenciaram brevemente, mas pareciam estar em perfeito acordo. O nome de Hawthorne foi direto para o primeiro lugar.

No entanto, a qualidade das apresentações estagnou-se novamente após o espetáculo dele, e ninguém dos próximos três grupos foi para os top nove.

Finalmente chegou a hora da candidata que Morrigan estivera esperando o ano inteiro para ver. Quando Baz Charlton anunciou “Noelle Devereaux do Bairro da Prata”, Noelle entrou na arena como uma rainha na corte. Depois de um minuto se pavoneando, ela abriu a boca para cantar e foi como se um coro de anjos houvesse explodido e lançado pó das estrelas sobre o Trolliseu.

Não havia palavras na música. Era uma nuvem de melodia: uma canção de ninar doce e clara que parecia cercar Morrigan como uma bolha de perfeito contentamento. Um rápido olhar à sua volta revelou que ela não era a única. Havia olhares vidrados e sorrisos tranquilos por toda parte, como se a voz de Noelle houvesse lançado um estranho e bem-aventurado feitiço. Morrigan queria que a música não acabasse nunca. Tinha de admitir que o talento de Noelle era verdadeiro e espetacular.

Que irritante.

O estádio inteiro — inclusive Morrigan — aplaudiu entusiasticamente enquanto Noelle se curvava, agradecendo, jogava beijos para a multidão e sorria, radiante, para os Anciãos. Hawthorne cutucou Morrigan, fazendo ruídos de alguém vomitando, mas era tarde demais para isso. Ela já o tinha visto enxugar uma lágrima furtiva quando a música acabou.

A Anciã Quinn agitou a mão frágil na direção do placar e os nomes se rearrumaram, de forma que Noelle, o pássaro canoro, agora estava em segundo lugar, atrás de Hawthorne, com Shepherd, o encantador de cães, logo depois. O rosto de Noelle murchou por um brevíssimo instante, como se estivesse desapontada por não ser o número um, mas rapidamente ela recuperou a pose e deixou a arena com o nariz empinado.

O estômago de Morrigan contraiu-se. Noelle ia entrar na Sociedade. A popular e talentosa Noelle estaria na Unidade 919, assim como Hawthorne, e eles se tornariam melhores amigos. Hawthorne esqueceria Morrigan completamente, e ela teria de deixar Nevermoor e Jupiter e todos os seus amigos do Hotel Deucalião, e nunca mais os veria. Ela sabia disso. Essa certeza a deixou sem ar, como se um elefante grande e deprimido houvesse se sentado em seu peito.

Hawthorne parecia saber o que ela estava pensando. (Talvez não a parte do elefante deprimido.)

— É mais fácil se classificar nas primeiras posições no começo — disse ele, dando uma cotovelada nas costelas dela ao tomar um longo gole de uma bebida fricante de hortelã. — Ainda há muita gente para derrubar Noelle do placar. Provavelmente vão me derrubar também.

Morrigan sabia que ele estava apenas sendo modesto, mas sentiu-se grata da mesma forma.

— Você sabe que vai entrar — disse ela, dando-lhe uma cotovelada de volta. — Você foi incrível.

À medida que a tarde ia se aproximando do fim, a previsão de Hawthorne parecia improvável. Embora Shepherd houvesse rapidamente deixado os top nove, Noelle só havia caído duas posições. Na frente dela estavam Hawthorne, que tinha descido para o segundo lugar, e em terceiro estava um garoto chamado Mahir Ibrahim, que apresentara um longo solilóquio em 32 línguas diferentes com o que a Anciã Quinn declarou a “entonação perfeita”.

Nesse momento, em primeiro lugar estava Anah — a garota bonita e gorducha de cachos dourados, de quem Morrigan se lembrava das Boas-Vindas Fabulosas. Com o vestido amarelo desbotado, sapatos de verniz e o cabelo preso atrás com um laço, Anah parecia a caminho da escola dominical... o que deixou Morrigan absolutamente despreparada para seu talento incomum.

A patrona de Anah, uma mulher chamada Sumati Mishra, anunciou que sua candidata tinha o talento de conhecer o corpo humano. Para provar, ela apresentou-se como voluntária para se deitar em uma maca de hospital de metal enquanto Anah a abria com um bisturi, extraía seu apêndice e a costurava de volta com pontos minúsculos

e regulares. O mais extraordinário: Anah fez tudo isso de olhos vendados.

Morrigan adorou ver o queixo de Noelle Devereaux cair quando Anah foi direto para o primeiro lugar, jogando-a para o quarto.

As provas prosseguiram com resultados mistos à medida que candidato após candidato percorria o enervante caminho da arquibancada até o centro da arena. Alguns seguiam confiantes e impetuosos, outros pareciam estar rezando para que o piso da arena se abrisse e os engolissem.

Uma garota apavorada tremia tão violentamente que parecia dissipar-se no ar, tornando-se incorpórea pelo puro terror de estar no palco. Felizmente, era esse o seu talento: tornar-se incorpórea. Ela tremeluzia como um fantasma leitoso e perolado ao sol e demonstrou sua intangibilidade ao atravessar a mesa dos Anciãos. O público ficou impressionado. Aos poucos, a garota foi ganhando confiança.

Infelizmente, parecia que seu talento tinha origem em seu pavor, porque assim que ela se sentiu mais confiante e começou a apreciar os holofotes, seu corpo voltou a se tornar substancial. Ao tentar voltar através da mesa dos Anciãos, ela chocou-se contra ela e derrubou um jarro d'água em cima do Ancião Wong. Seu nome nem chegou a ir para o placar.

Enquanto isso, Morrigan tentava aplacar a ansiedade que vinha crescendo em suas entranhas. Entre uma apresentação e outra, ela examinava as fileiras de patronos.

— *Cadê ele?* — murmurava.

— Ele vai chegar. — Hawthorne ofereceu um pouco de sua pipoca, que ela recusou. — Jupiter jamais perderia sua última prova.

— E se ele não chegar?

— Ele vai chegar.

— E se não chegar? — repetiu Morrigan acima do rugido da multidão quando Lin MaiLing deu uma célere volta de doze segundos em torno do Trolliseu e então bateu os pés no chão, frustrada, quando os Anciãos acenaram, dispensando-a. A plateia gemeu, solidária. — Eu não sei nem qual é o meu talento! Como vou fazer a prova sem ele?

— Olha, ele vai chegar, está bem? Mas, se não... — Hawthorne inclinou o pescoço, correndo os olhos pelo estádio. — Se não chegar, vou até a arena com você. Pensaremos em alguma coisa.

Morrigan arqueou uma sobrancelha.

— Tipo o quê?

Ele mastigou algumas pipocas e pensou seriamente por um momento.

— Você consegue fazer barulho de pum com as axilas?

O sol se pôs por trás das arquibancadas do Trolliseu e os refletores foram ligados. Na cabeça de Morrigan, eles eram como holofotes gigantes, destinados a lançar uma luz muito clara em sua humilhação pública.

A classificação mudava constantemente, e os candidatos nos top nove vigiavam o placar, ansiosos. Todas as vezes que um novo candidato se classificava, havia gemidos ou lágrimas ou birras do candidato que fora chutado dos top nove.

Morrigan olhou para Noelle, duas fileiras abaixo, roendo as unhas e olhando a cada cinco segundos para o placar. Ela agora agarrava-se à sétima posição.

Classificado logo à frente de Noelle estava um garoto que Morrigan reconhecia da Prova do Livro, Francis Fitzwilliam, que havia preparado um jantar de sete pratos para os juízes. Cada prato os levou a uma montanha-russa de emoções intensas que foi bizarro de assistir: de paranoia severa após um prato de polvo grelhado a explosões de gargalhadas provocadas por um suflê de mirtilo.

No quinto lugar estava Thaddea Macleod, uma ruiva musculosa das Terras Altas que derrotou um troll adulto em um combate corpo a corpo.

Hawthorne havia caído para quarto lugar, logo atrás de um garoto pequeno e de aspecto angelical chamado Archan Tate. Archan era violinista e, enquanto tocava, andava por todo o estádio, em meio às fileiras de assentos, sem perder uma só nota.

Ele era muito bom, mas os Anciãos não pareciam inclinados a incluí-lo no placar... até o último momento, quando o doce Archan revelou seu verdadeiro talento. Com um sorriso ligeiramente encabulado, ele esvaziou os bolsos, apresentando uma grande

quantidade de joias, carteiras, relógios e moedas que conseguira roubar *enquanto tocava o violino*. Morrigan ficou profundamente impressionada. Ele havia surrupiado até o brinco da Anciã Quinn, tirando-o da orelha dela!

Hawthorne não parecia nem um pouco aborrecido por um batedor de carteiras ter se classificado acima dele. Para falar a verdade, estava encantado com o talento de Archan, mesmo depois de se dar conta de que suas próprias luvas de couro usadas para montar dragões estavam na pilha de objetos roubados que o garoto agora devolvia, peça por peça, aos legítimos donos.

— Como ele *fez* isso? — Hawthorne ficava repetindo, sorrindo e examinando suas luvas, como se elas pudessem lhe dar uma pista.

Morrigan estava prestes a dizer pela vigésima sétima vez que não *sabia*, e que ele *por favor* parasse de perguntar, quando viu a cúmplice de Noelle entrar na arena acompanhada por Baz Charlton.

— É ela. — Morrigan cutucou Hawthorne. — Aquela é a garota que vimos no pátio durante o Desafio do Medo. Lembra? Ah, como era mesmo o nome dela...?

Ela era a oitava candidata que o sr. Charlton apresentava aquele dia; de seu grupo, Noelle fora quem chegara mais longe. Morrigan olhou para Noelle. Ela observava a amiga com uma expressão vazia, desinteressada — como se fosse apenas mais uma candidata.

Hawthorne sacudiu a cabeça.

— Do que você está falando?

— Você não se lembra dela *mesmo*?

— Lembrar de quem?

Murmúrios entediados e distraídos percorriam as fileiras de candidatos quando Baz Charlton anunciou sua candidata como Cadence Blackburn, de Nevermoor. Sua voz foi quase abafada pela plateia inquieta, que conversava entre si. Mas, diferentemente de todos os outros, Morrigan estava prestando muita atenção.

— Cadence! É o nome dela. Eu esqueci. Como esqueci disso? — perguntou Morrigan a Hawthorne, que deu de ombros.

— Prossiga — disse a Anciã Quinn, servindo-se de uma xícara de chá. Os Anciãos também estavam começando a mostrar sinais de cansaço. Após várias horas julgando, havia olhares para os relógios no pulso, queixos apoiados na mão e longos bocejos de boca aberta.

Baz Charlton sinalizou para alguém em uma pequena sala com janela no alto das arquibancadas. Os refletores tiveram a potência reduzida, lançando a plateia na penumbra, e um filme foi projetado nos telões.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

A Hipnotizadora

Morrigan reconheceu a cena que surgiu nos telões: os jardins da Casa do Orgulho, no dia das Boas-Vindas Fabulosas. A câmera girou trêmula pelo gramado ensolarado e a animada fila do bufê de sobremesas, antes de fechar em duas pessoas: Noelle e Cadence. Elas estavam perto de uma imensa escultura de gelatina verde, que Morrigan também reconheceu. Hawthorne estava a alguns passos atrás delas, previsivelmente fazendo uma imensa pilha de bolo e doces em seu prato.

— Que mau gosto — ia dizendo Noelle na tela. Espetou o dedo na gelatina e fez uma careta. — *Horroroso*. Quem serve esta coisa numa *festa*? Não estamos na *pré-escola*.

— Certo — replicou Cadence. Ela estava prestes a pegar uma das esculturas de gelatina em miniatura que cercavam o mastodonte verde, mas mudou de estratégia no último segundo e começou a servir colheradas de pudim de pão em seu prato. — Mau gosto. São tão idio...

— Mamãe ia ter um ataque — continuou Noelle, atropelando a frase de Cadence. — Dá para acreditar que eles estão fazendo a gente se servir, Katie?

— É... Cadence — disse a outra garota, o rosto parecendo murchar. — Lembra?

— Sabe quantos criados a Sociedade Fabulosa emprega? — continuou Noelle, como se não tivesse ouvido. — E eles oferecem um bufê? Eles não sabem que bufê é coisa de pobre?

Alguma coisa brilhou nos olhos de Cadence, mas rapidamente desapareceu.

— Sim, exato — disse ela, a mão pairando sobre uma colher, repentinamente insegura.

— Deixa para lá. Venha. — Noelle largou seu prato no meio da mesa, então pegou o pudim que Cadence tinha nas mãos e o virou sobre um bolo com cobertura de chocolate de aspecto delicioso. Saiu pisando duro da tenda, evidentemente esperando que a amiga a seguisse.

Cadence lançou um olhar triste para seu pudim arruinado, respirou fundo e deu meia-volta abruptamente, dando de cara com Hawthorne, que tinha ouvido tudo e estava tentando não rir.

Cadence inclinou-se, chegando mais perto de Hawthorne, e falou com a mesma voz monótona e rouca que Morrigan lembrava de ela ter usado com os gêmeos no Desafio do Livro, e mais uma vez com o funcionário da Sociedade no Desafio da Procura.

— Você não acha que alguém devia derrubar essa coisa grande e verde bem na cabeça dela?

Hawthorne assentiu solenemente.

Morrigan voltou-se para o Hawthorne real sentado ao seu lado. Ele parecia profundamente confuso.

— Eu não lembro disso — murmurou ele.

A cena mudou, mostrando Noelle, Cadence e um grupo de crianças — inclusive Morrigan — reunidos nos degraus da entrada da Casa do Orgulho. A imagem estava parcialmente bloqueada por um monte de folhas verdes. Morrigan supôs que a câmera — e a pessoa que a segurava — estava escondida atrás de uma árvore.

— É esse o seu talento? — dizia Noelle a Morrigan na tela. — Usar palavras difíceis?

Cadence ria incontrolavelmente, mas não — como Morrigan pensara na ocasião — da crueldade de Noelle. Ela estava olhando para cima, para onde Hawthorne se posicionava na janela com a escultura de gelatina. Ela ria do que estava prestes a acontecer com Noelle.

— Pensei que fosse usar roupas horríveis ou ser feia como um rato de esgoto.

A Morrigan real, sentada na arquibancada do Trolliseu, sentiu o rosto queimar. Já fora ruim o bastante ouvir aquilo da primeira vez, cercada por uma dúzia de estranhos. Ouvir de novo na presença de centenas era praticamente uma tortura. Ela afundou no assento, tentando se tornar invisível.

A cena se desenrolou como Morrigan recordava, chegando ao clímax com a magnífica queda da gelatina, e nesse ponto o Trolliseu explodiu em gargalhadas. Hawthorne sorriu para Morrigan.

— Pode não ter sido ideia minha, mas ainda assim foi brilhante.

Algumas fileiras à frente deles, Noelle olhava furiosa para a tela, sacudindo a cabeça, os olhos tão estreitados que mais pareciam fendas. Ela aparentava estar extremamente chocada: estava óbvio que não tinha a menor ideia do talento de sua suposta amiga.

Os próximos minutos do vídeo mostravam uma incrível cena na qual Cadence andava por uma rua elegante com uma lata de tinta spray vermelho berrante na mão, pichando grosserias e desenhos ofensivos nas fachadas brancas e imaculadas das casas. Quando foi detida por uma policial de uniforme marrom igual o do Fedor, quase toda a rua já havia sido vandalizada.

— *Pare agora!* O que acha que está fazendo, sua terroristazinha?

— Arte — disse ela em tom monótono.

— Ah, *arte*, é? — perguntou a policial, as sobrancelhas subindo até o alto da testa. — Para mim, parece crime. Talvez eu devesse colocar umas algemas em você!

— Talvez você devesse colocar algemas em si mesma — sugeriu Cadence.

E foi o que fez a mulher, prendendo-as em torno dos próprios pulsos sem nem piscar.

Cadence pôs a lata de tinta nas mãos dela.

— O número doze precisa de um pouco mais de vermelho. Tenha um bom dia.

— Tenha um bom dia, senhora. — Com essa última frase dita sem emoção, o olhar da policial passou por Cadence como óleo sobre a água e foi pousar na porta de entrada branca e lustrosa do número doze, que não continuou branca por muito tempo.

Era extraordinário: as coisas que Cadence podia convencer as pessoas a fazer. Não era legal, pensou Morrigan, não era decente ou honesto — mas era extraordinário.

Morrigan teve a desconfortável experiência de se ver no telão novamente quando o filme de Cadence mostrou em sua totalidade o fiasco do Desafio da Procura, do rinoceronte em disparada — passando pelo ousado resgate efetuado por Fen — ao devastador momento em que Cadence convenceu o supervisor da corrida de que era ela que deveria ir para o Desafio do Medo e não Morrigan.

O filme, porém, prosseguia. Mostrava outra conversa, essa bem diferente, em que Cadence convencia o supervisor que um dos unicórnios era, na realidade, um Pégaso disfarçado. Ela apontava para o reluzente chifre prateado da criatura — o espécime perfeito, com um genuíno chifre de unicórnio — e dizia:

— Está vendo? Alguém grudou um cone de sorvete de cabeça para baixo na cabeça dele. Não posso acreditar que vocês não viram isso antes. E as asas foram presas. — Ela indicou o impecável flanco branco do unicórnio, onde claramente não havia asa nenhuma.

Morrigan não tinha palavras. Fora Cadence quem a colocara no Desafio do Medo. Ela roubara o lugar de Morrigan e então o devolvera — simples assim. Por quê? Será que sentia-se *culpada*?

Seguiram-se cena após cena de manipulação e trapaça. O filme mostrou que foi Cadence quem convenceu os gêmeos do toca aqui, lá na primeira prova na Casa do Orgulho, a desistir antes de começar. Ela havia até persuadido o Ancião Wong a imitar uma galinha durante seu Desafio do Livro (uma cena que foi recebida com ruidosas gargalhadas por todos, exceto pelo Ancião Wong).

No fim, embora houvesse reações contraditórias dos Anciãos e certamente muitos rostos desaprovadores na plateia, eles não tiveram escolha. Cadence Blackburn não tinha apenas um talento, tinha uma *dádiva*. Uma dádiva estranha e maldosa, mas ainda assim uma dádiva.

— Número um! — exclamou Hawthorne quando o nome de Cadence se iluminou no placar, empurrando Anah para o segundo lugar, Hawthorne para o quinto e Noelle para o oitavo.

Faltavam apenas mais três grupos de cinco. Morrigan tinha desistido de procurar Jupiter e começara a procurar uma rota de fuga. Assim que seu fracasso e humilhação no Desafio do Espetáculo chegassem ao fim, ela teria de sair dali correndo.

Morrigan não tinha visto o Inspetor Flintlock, mas tinha certeza de que ele se encontrava em algum lugar no estádio, esperando a sua hora. Esperando que cometesse um erro para que ele pudesse prendê-la.

Por fim, o último grupo foi convocado. Morrigan desceu até os portões para a arena com quatro outros candidatos. Hawthorne tentou ir com ela, mas os sempre presentes funcionários da Sociedade Fabulosa, com suas indefectíveis pranchetas, o enxotaram de volta para seu lugar.

Morrigan estava por sua conta própria.

Ela ficou de pé em silêncio enquanto os três primeiros candidatos se apresentavam. A garota com cabelos muito compridos parou no

meio da arena e — para horror da multidão — o cortou logo acima das orelhas. Momentos depois os cabelos começaram a crescer, e em questão de meros minutos haviam se reconstituído ao comprimento anterior. Morrigan, como todo mundo na plateia, estava impressionada. Porém, ao que parecia, os Anciãos não. Como Jupiter havia previsto lá atrás, nas Boas-Vindas Fabulosas, a garota acabou não entrando para os top nove. Ela reuniu ambas as pilhas de cabelo — a caída no chão e a outra em sua cabeça — num carrinho de mão e saiu zunindo do Trolliseu.

Uma bailarina. Não entrou para o placar.

Um garoto que podia respirar debaixo d'água. Também não entrou.

Então chegou a vez de Morrigan. O funcionário da Sociedade abriu o portão para ela.

Morrigan podia ir embora agora. O pensamento a atingiu como um raio: ela podia simplesmente dar meia-volta e se retirar. Essa era sua última chance de evitar a humilhação (seguida pela deportação de Nevermoor, seguida pela morte certa), e estava ao seu alcance — ela podia se poupar do que certamente seria o pior momento de sua vida até ali — se simplesmente *desse meia-volta e se retirasse*.

Faça isso agora, pensou ela. *Vá embora*.

— Pronta?

Um sussurro em seu ouvido. Um aperto no ombro. Ela ergueu os olhos.

Uma ridícula cabeça ruiva. Um par de brilhantes olhos azuis. Uma piscadela.

— Sim. Estou pronta. — Ela hesitou e então perguntou. Uma última e desesperada tentativa de obter uma resposta antes que todos no Trolliseu soubessem. — O que é, Jupiter? Qual é o meu talento?

— Ah, isso. — Ele piscou como uma coruja para ela, como se ela tivesse feito a pergunta menos importante do mundo. — Você não tem um.

Então ele deu um passo com coragem em direção à arena, esperando que ela o seguisse.

— O Capitão Jupiter North apresenta Morrigan Crow, de Nevermoor.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Jogo sujo

Os ânimos no Trolliseu mudaram quando Jupiter entrou na arena. O zumbido do falatório distraído transformou-se em sussurros. As pessoas até se empertigaram nos assentos. Um dos filhos mais celebrados da Sociedade Fabulosa havia finalmente apresentado um candidato. Estavam todos morrendo de curiosidade para ver qual era o talento dela, dessa garota que havia levado o grande Jupiter North ao patronato.

Morrigan também estava morrendo, mas não de curiosidade.

Ela estava morrendo de vontade de correr, de se esconder, de ver o chão da arena explodir como um vulcão e engolir tudo em uma onda de lava derretida. Seu coração batia forte, como se quisesse escapar da jaula e atacar alguma coisa.

Alguma coisa, não. Alguém.

Como Jupiter pôde fazer isso com ela? O ano todo Morrigan confiara nele, certa de que qualquer que fosse o misterioso talento que ela possuía, seu patrono sabia qual era. Ele lhe dissera que não se preocupasse, que ele tinha tudo sob controle... e agora ele ia e a jogava embaixo de um ônibus.

Ela não tinha nenhum talento. O tempo todo estivera certa.

Lágrimas de raiva queimavam seus olhos, ameaçando transbordar. Como ele *pôde*?

— Posso me aproximar? — perguntou Jupiter aos Anciãos.

Morrigan sabia, tendo a essa altura assistido a quase cem apresentações, que esse era um pedido estranho. A Anciã Quinn, porém, gesticulou para que Jupiter avançasse.

Morrigan ficou sozinha no centro da arena silenciosa, enquanto Jupiter falava baixinho com os Anciãos. Ela olhou à sua volta, para os rostos curiosos nas arquibancadas, imaginando como ririam quando descobrissem que fora tudo uma piada, que Morrigan Crow, de Nevermoor, não tinha absolutamente nenhum talento. Ou talvez não fossem rir. Talvez ficassem furiosos com Jupiter por desperdiçar o seu tempo.

Não tão furiosos quanto eu, pensou Morrigan.

Então Jupiter fez algo muito estranho.

Um a um, ele segurou os ombros da Anciã Quinn, do Ancião Wong e do Ancião Saga e encostou sua testa na deles. Os três saíram

dessa estranha troca piscando e tontos, protegendo os olhos, e fitaram Morrigan por muito tempo em silenciosa perplexidade.

E então o nome de Morrigan foi direto para o número um.

O Trolliseu explodiu. As pessoas levantaram-se de um salto, gritando para os Anciãos, exigindo explicações para essa loucura, exigindo ver o talento de Morrigan Crow, a maldita intrusa.

A própria Morrigan estava tão perplexa que esqueceu de continuar furiosa com Jupiter. Ela ficou ali paralisada, absorvendo a avalanche de fúria.

Gritos acusadores de favoritismo e trapaça ecoavam no estádio. Morrigan viu Baz Charlton descer correndo as arquibancadas, três degraus de cada vez, gritando de modo incompreensível. Para toda parte que Morrigan se voltasse, as pessoas a fuzilavam com o olhar. Ela examinou a multidão à procura de Hawthorne, perguntando-se se ele também estaria zangado. Será que seu amigo a via como um embuste?

Jupiter veio até ela a passos largos e pegou sua mão, puxando-a com ele até uma porta nos fundos da arena.

— Venha, Mog. Deixemos as massas furiosas com sua fúria.

Por sorte, o camarim nos bastidores estava vazio. Havia um único sofá, uma bandeja com sanduíches de aparência tristonha e um jarro de limonada pálida. Aqui e ali nas paredes, viam-se pôsteres de lutas passadas entre trolls e torneios de montaria em dragões. Ao fundo, uma inofensiva música de flauta.

O único atendente no local, um rapaz de uniforme do Trolliseu que parecia ser pelo menos metade troll (os nós de seus dedos arrastavam no chão), ofereceu-lhes a bandeja quando entraram.

— Sanduíche? — grunhiu ele.

— Não, obrigado — disse Jupiter.

Morrigan sacudiu a cabeça. O meio-troll, entediado, saiu.

Morrigan respirou fundo, cerrou os punhos e estava justamente reunindo as palavras certas para expressar sua raiva quando Jupiter falou:

— Eu sei... eu sei. Desculpa. Por favor, Mog. Eu sinto muito. Eu sei o quanto isso é confuso. — Ele era todo olhos arrependidos, voz apaziguadora e mãos defensivas: *Não me machuque, não atire.* —

Mas ouça. As coisas estão prestes a ficar ainda mais confusas, e não há tempo para explicar devidamente agora. Mas eu juro... *eu juro...* quando tudo isso estiver acabado, responderei cada uma de suas perguntas nos *mínimos* detalhes. Mas preciso que você tenha paciência e que confie em mim, mesmo que pense que não mereço, só mais um pouquinho. Ok?

Morrigan queria gritar com ele, dizer não, não, é *claro* que não está ok, é o *oposto* de ok — mas não foi o que fez. Em vez disso, ela enganchou o dedo mindinho dele com força no dela, olhando-o bem dentro dos olhos.

— Cada pergunta. Mínimos detalhes. Promessa de mindinho? — disse ela.

— Promessa de mindinho.

Segundos depois, as portas se abriram com violência e os Anciãos entraram, os rostos educados e imparciais, as capas enfunando atrás deles. Cada um usava um broche com um *F* dourado no pescoço.

— Há quanto tempo você sabe? — perguntou em tom autoritário a Anciã Quinn. — Obviamente desde o Escurecer, mas quanto tempo antes? Dias, semanas? Meses? *Anos*?

Jupiter ergueu as mãos.

— Anciã Quinn, compreendo que esteja surpresa, mas...

— Surpresa! *Surpresa*? — A mulher pequenina pareceu crescer dez centímetros ao enfrentar Jupiter, enfiando o dedo na cara dele. Morrigan teve vontade de aplaudi-la. *Manda ver, minha senhora.* — Jupiter Amantius North, fui professora do seu patrono. Fui professora do patrono do seu *patrono*! Eu o conheço desde os seus onze anos, salvei-o da expulsão em incontáveis ocasiões... eu até o recomendei para a Liga de Exploradores, e *é assim que você retribui*?

— Perdoe-me, mas que diferença teria feito? — Jupiter correu a mão pelos cabelos, encolhendo um pouco enquanto a mulher mais velha andava de um lado para o outro, furiosa, diante dele. — O que vocês poderiam ter feito a respeito? Poderiam ter mudado alguma coisa?

A Anciã Quinn parou abruptamente.

— Bem... não, é claro que não, mas algum aviso teria sido bom! Sou uma mulher idosa, North, você poderia ter me causado um

infarto lá fora.

Um infarto? Os olhos de Morrigan encontraram os de Jupiter. O que ele havia mostrado aos Anciãos que era assim tão chocante?

Ele tinha uma expressão de culpa.

— Me desculpe, Anciã Quinn. Eu só não queria fazer nada que pudesse prejudicar a captação, eu não sabia se... quero dizer, não é exatamente... — Sua voz morreu e ele deu de ombros, impotente. — Nunca fiz isso antes.

— Quando a captação começou? — perguntou o Ancião Wong, olhando para Morrigan.

— Difícil especificar — disse Jupiter. — Há um ano ou dois? Inverno do Ano Dez talvez, ou Primavera do Onze? Venho pagando a empregados dos Crows para obter informações aqui e ali... tutores, faxineiros, esse tipo de coisa. O problema é que eles são todos tão supersticiosos que é difícil distinguir o que são de fato eventos Fabulosos de histórias tolas. A cozinheira estava convencida de que Morrigan havia matado o jardineiro ao espirrar nele. Ridículo.

— Havia outras? — perguntou a Anciã Quinn.

— Outras? — Jupiter olhou para ela, surpreso.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Você sabe exatamente o que estou perguntando, North.

— Certo, outras. — Ele pigarreou. — Sim. Três outras registradas.

— E elas...?

— Não mostraram nenhum sinal — afirmou Jupiter, resoluta. — Não valia a pena acompanhá-las.

Morrigan franziu a testa. *Três outras registradas...* Estaria ele falando sobre as outras três crianças no Registro de Crianças Amaldiçoadas? Teria ele salvado a ela, Morrigan, e deixado as outras para os Caçadores de Fumaça e Sombra porque “não valia a pena acompanhá-las”? Morrigan não queria acreditar nisso.

— E, afora seus supersticiosos espiões domésticos, North — disse o Ancião Wong —, alguma prova concreta?

— Segundo a Rede de Notícias da República do Mar Invernal, a escassez de fabulânio em Luz do Sul e Sang Oriental começou há cerca de um ano e meio. No entanto, do Inverno do Ano Dez até o Inverno do Onze, a cidade natal de Morrigan experimentou picos recordes na densidade de fabulânio e permaneceu intocada pela

crise de energia na República. Isto é, até o Escurecer, quando as leituras de fabulânio em Chacalfax registraram uma súbita queda. — Ele fez uma pausa, seus olhos indo até Morrigan. — A noite do Escurecer, para ser mais preciso. Por volta das nove horas.

Quando você salvou minha vida, pensou Morrigan. *Quando fugimos de Chacalfax pelo Relógio com Visor de Céu*. O que a escassez de fabulânio tinha a ver com ela?

— Como você conseguiu entrar com ela no Estado Livre? — perguntou a Anciã Quinn, mas em seguida mudou de ideia. — Espere. Esqueça... eu não quero saber. Tenho certeza que se trata de algo ilegal.

Jupiter cerrou os lábios e soltou o ar pesadamente pelo nariz.

— Lamento não ter lhe contado, Anciã Quinn. Lamento mesmo. Como eu disse, tive medo de fazer qualquer coisa que pudesse atrapalhar a captação... Sei que é estupidez, sei que isso me faz tão bobo e supersticioso quanto os empregados da cozinha dos Crows, mas eu temia que, se falasse em voz alta, eu poderia... afugentá-la.

— Bem, talvez tenha sido melhor assim — murmurou o Ancião Saga, o grande touro peludo.

A Anciã Quinn o interrompeu com um olhar cortante. Morrigan teve de literalmente morder a língua para segurar milhares de perguntas que estavam queimando dentro dela desde o início da conversa.

— Então eu não contei a ninguém. — Jupiter olhou para o chão. — Nem mesmo a Morrigan.

Os Anciãos ficaram em silêncio. A Anciã Quinn parecia horrorizada, voltando-se de Jupiter para Morrigan e de volta para Jupiter.

— Não pode ser... você está dizendo que a criança *nem mesmo sabe*...

— Realmente, North, isso é inaceitável, totalmente contra as regras da Sociedade — bufou o Ancião Saga. — Inscrever uma criança nas provas sem que ela saiba por quê... é inédito! Se seu patrono estivesse aqui...

— Que tal um pacto de salvaguarda? — interrompeu o Ancião Wong. — Acabamos de admitir uma entidade perigosa na Sociedade e ninguém pensou em perguntar sobre uma salvaguarda.

— Eu não sou perigosa — objetou Morrigan, enquanto uma voz diminuta, no fundo de sua cabeça, dizia: *Sim, você é. Você é amaldiçoada*. Será que era disso que os Anciãos estavam falando? Jupiter tinha lhe afirmado, todos aqueles meses atrás, que ela não era amaldiçoada, que nunca tinha sido amaldiçoada. Seria isso também uma mentira?

— Ah, isso é absurdo. Gregoria, Alioth... estamos loucos? O que foi que fizemos? — O Ancião Wong jogou as mãos para cima. — Não há um só cidadão em todo este *reino* que assinaria tal pacto, muito menos *três* respeitáveis, íntegros...

— Três? — trovejou o Ancião Saga. — Céus, não. Uma salvaguarda com três signatários bastaria se a criança fosse simplesmente uma conjuradora de furacões ou uma hipnotizadora ou alguma entidade perigosa *comum*. No caso dela, eu sugiro cinco signatários.

Entidade perigosa. Morrigan desejou que eles parassem de falar aquilo.

— Nove — disse a Anciã Quinn. Saga e Wong olharam para ela, surpresos. — E isso não é negociável, Capitão North. Não podemos aceitar menos de nove assinaturas. Não por uma... — ela se interrompeu, lançando a Morrigan um olhar irritado. — Não por isto.

— Já podemos muito bem tirar o nome dela do placar então — disse o Ancião Wong. — Ele nunca vai conseguir nove.

— Tenho sete até agora.

Os Anciãos pareciam espantados. Jupiter pegou um rolo de papel em seu casaco e o entregou a eles. Morrigan tentou dar uma espiada, mas ele foi rápido demais.

A Anciã Quinn arqueou uma sobrancelha enquanto examinava o rolo.

— Senador Silverback? *Rainha Cal*? Você tem mesmo amigos em altas posições. E eles não sabem...?

— Sabem o suficiente para se considerarem advertidos — disse Jupiter. Morrigan pensou ter detectado uma minúscula dúvida se insinuando na voz dele. — Mas... não, nada específico.

— Mas eles conheceram a criança?

— Vão conhecer — assegurou-lhe Jupiter. — Logo. Prometo.

— Eles com certeza confiam em você. E parecem qualificados, pelo menos — disse a Anciã Quinn, correndo o dedo pela lista.

— Qualificados para o quê? — perguntou Morrigan, incapaz de se manter calada por mais tempo. Mas, se algum dos adultos a ouviram, não prestaram atenção.

O Anciã Saga voltou-se para Jupiter.

— Nada disso importa, North, se você não conseguir a oitava e a nona assinaturas.

Jupiter suspirou e esfregou a nuca.

— Estou tentando, acreditem. Foi por isso que cheguei tarde para as provas hoje. Pensei que tivesse a oitava, mas não deu em nada. Se eu tivesse mais alguns dias...

— Eu assino o pacto — disse a Anciã Quinn. Os demais Anciãos olharam para ela, alarmados. — Não vai contra o regulamento.

— Isso é altamente incomum, Gregoria — disse o Anciã Wong. — Você tem certeza?

— Absoluta. — Ela tirou uma caneta das dobras de sua capa e assinou seu nome rapidamente na lista. — Pelo menos *alguém* nesta lista saberá em que está se metendo. Me mande a papelada esta noite, North.

Jupiter ficou momentaneamente calado, a boca escancarada, em choque.

— Eu... o-obrigado, Anciã Quinn. De verdade... *obrigado*. Prometo que a senhora não vai se arrepender.

A Anciã Quinn soltou um profundo suspiro.

— Duvido muitíssimo, querido. No entanto, vamos lhe dar até o Dia da Inauguração para encontrar seu nono signatário. Se não conseguir, a srta. Crow perderá a vaga na Unidade 919. É o melhor que posso fazer.

Eles deixaram o Trolliseu passando por corredores labirínticos cobertos por pôsteres antigos e fotografias de famosas lutas entre trolls, Morrigan esforçando-se para acompanhar o passo apressado de Jupiter.

— Vou mandar você e Jack de volta para o Deucalião com Fenestra, Mog — disse ele, três ou quatro passos à frente dela. — Tenho de conseguir aquela nona assinatura, e estou ficando sem

opções. Tenho uma última possibilidade, mas é um tiro no escuro, e eu preciso...

— Mas você prometeu me dizer...

— Eu sei que prometi, e vou, mas...

— Lá estão eles! Eu os achei!

Baz Charlton vinha pelo corredor pisando duro, seguindo por uma agitada e furiosa Noelle Devereaux, uma Cadence Blackburn de expressão entediada e pelo bigode mais arrogante em toda a Nevermoor: o Inspetor Flintlock. Atrás deles, pelo menos uma dúzia de policiais com o uniforme marrom do Fedor.

— Foi jogo sujo! — gritou o sr. Charlton, apontando o dedo para Jupiter e sacudindo-o com uma ira supostamente cheia de razão. — Prenda essas pessoas, inspetor! Jogo sujo! O que foi aquilo, hein? O que foi que você fez com os Anciãos? Algum tipo de feitiçaria?

Jupiter tentou passar por ele.

— Agora não, Baz, não tenho tempo para o seu blá-blá-blá.

— Ah, sim, você tem tempo para o meu blá-blá-blá, sim! — retrucou o sr. Charlton, bloqueando o caminho. — Você pode ter tapeado os Anciãos, North, mas não pode me fazer de bobo. Vocês dois roubaram o lugar legítimo da minha candidata, Noelle. — Ele apontou ferozmente para Morrigan, que ficou surpresa. A última vez que olhara o placar, Noelle estava ainda em nono lugar. Um dos dois últimos candidatos devia tê-la derrubado. Morrigan tentou não sorrir. — Esse monstrinho de olhos pretos não tem lugar na Sociedade, e eu vou direto aos Anciãos dizer a eles que ela...

— Que ela é uma *ilegal imunda* — interrompeu o Inspetor Flintlock, puxando as calças para cima e enchendo o peito. Ele olhou para trás, para os outros policiais, certificando-se de que tinha toda a atenção deles. Seu momento chegara, e ele ia saboreá-lo. — Trazida ilegalmente da República e desfrutando de um refúgio *ilícito* no covil de um *elemento criminoso*.

Jupiter parecia divertido.

— Nunca fui chamado de “elemento criminoso”. Que emocionante.

— Cale a boca — rebateu Flintlock. Ele tirou um pedaço de papel do bolso do casaco e o estendeu para que o vissem. — Tenho um mandado aqui. Agora quero ver provas físicas e concretas de que ela é quem você diz, que pertence ao Estado Livre e não é só escória da

República tentando aproveitar-se de nossa hospitalidade, ou pior: nos *espiar* para o Partido do Mar Invernal.

— Por favor, Flinty, isso já está ficando constrangedor — disse Jupiter, impaciente. — Eu já lhe disse: membros da Sociedade Fabulosa estão fora da sua jurisdição. Você pode perder seu distintivo por isso, camarada.

— Isso seria verdade, *camarada*, não fosse o fato de os desafios já terem terminado — disse Flintlock, parecendo extremamente satisfeito. Ele então tirou um segundo papel do bolso e o leu. — Você precisa dar uma espanada no seu Código de Leis Fabulosas, North. Artigo noventa e sete, cláusula H: “Um candidato vencedor não é membro oficial da Sociedade Fabulosa até receber seu broche de ouro na cerimônia de inauguração da unidade, e até lá sua filiação provisória pode ser revogada sem o devido processo se considerado necessário e apropriado pelo Supremo Conselho de Anciãos.”

Jupiter suspirou e sacudiu a cabeça.

— Já passamos por isso, inspetor. Artigo noventa e sete, cláusula F: “Uma criança que esteja participando das provas de admissão para a Sociedade Fabulosa será, para todos os efeitos legais, considerada um membro...”

— “... um membro da Sociedade Fabulosa pela duração de tais provas ou até que seja removida do processo das provas” — recitou Flintlock acima da voz de Jupiter. — Pela *duração de tais provas*, North. As provas já acabaram. O placar está completo. Os Anciãos foram para casa.

— E a inauguração da unidade será daqui a semanas — acrescentou o sr. Charlton, mal contendo sua alegria.

— Acredito que isso ponha sua infeliz clandestinazinha bem dentro da minha jurisdição — concluiu Flintlock. Seus olhos tinham adquirido um brilho maníaco. Seu bigode tremia. Ele estendeu a mão. — Quero ver esses documentos agora, Capitão North.

Jupiter não disse nada. Morrigan podia vê-lo pesando suas opções, contando os policiais que os cercavam, procurando uma rota de fuga. O silêncio se prolongava e Flintlock mantinha a mão estendida, esperando pacientemente, um brilho de triunfo iluminando seu rosto horrível.

Morrigan escorou-se na parede, totalmente derrotada. Tinha chegado tão perto — *tão perto*. Agora estava tudo acabado. Ela morreria e não teria nenhuma de suas perguntas respondidas. Fechou os olhos, esperando ser algemada e levada dali.

— Aqui estão.

A voz de Cadence Blackburn ecoou no corredor. Morrigan abriu um dos olhos para vê-la estendendo um pedaço de papel gasto com um dos cantos rasgados, bem debaixo do nariz do Inspetor Flintlock.

— O que é isto? — perguntou ele, confuso. — O que você está me mostrando?

Era o pôster de uma antiga luta entre trolls, anunciando uma “batalha epicamente sangrenta” entre Orrg de Clorflorgen e Mawc-lorc de Hurgenglorgenflut. Orrg e Mawc-lorc, dois trolls espetacularmente feios, eram retratados rosnando um para o outro. E, em fontes coloridas, o pôster prometia duas cervejas pelo preço de uma, um espetáculo deslumbrante no intervalo e entrada livre para qualquer um que pudesse provar que tinha sangue de troll.

— São os documentos dela — disse Cadence em sua voz baixa e monótona. — Está vendo? Diz bem aqui: Morrigan Crow é uma cidadã do Estado Livre.

Flintlock sacudiu a cabeça, tonto, como se tentasse desalojar alguma coisa que estivesse presa.

— Isso... o quê? Onde é que...

— Bem aqui — insistiu Cadence, sem nem se dar ao trabalho de apontar alguma coisa. Ela parecia entediada. — Diz assim: “Morrigan Crow é uma cidadã do Estado Livre e não entrou aqui ilegalmente, então por que o senhor não acaba logo com isso para que todos nós possamos seguir em frente com a vida?” Tem um selo oficial do governo e tudo mais.

Baz Charlton tomou o papel da mão dela.

— Deixe-me ver isso.

Noelle e Flintlock amontoaram-se em torno dele, juntando as cabeças e estreitando os olhos para os rostos cheios de marcas e encharcados de baba de Orrg e Mawc-lorc.

Baz franziu a testa, piscando repetidamente.

— Isto não é... estes não são... isto é uma luta de trolls...

— Não é não — disse Cadence. — É um passaporte. É o passaporte de Morrigan Crow emitido pelo Estado Livre.

— Não é... é... é uma luta... é... o passaporte de Morrigan Crow emitido pelo Estado Livre — repetiu ele, os olhos vidrados.

— Tudo parece em ordem — disse Cadence. Sua voz zumbia como uma colmeia. — Então vocês já vão embora.

— Tudo parece em ordem — ecoou Flintlock. — Então nós já vamos embora.

Ele soltou o pôster, deixando-o flutuar até o chão, enquanto partia devagar pelo corredor, Baz e Noelle seguindo-o estupidamente. Os homens da Força Policial de Nevermoor ficaram ali hesitantes, totalmente perplexos com essa estranha mudança nos acontecimentos, antes de, obedientemente, seguirem seu comandante.

Cadence virou-se para Morrigan.

— Você me deve essa.

— Por que você me ajudou?

— Porque... — Cadence hesitou. — Porque odeio Noelle. Não gosto muito de você também, mas Noelle eu odeio *de verdade*. E também porque... — Sua voz ficou mais baixa. — Você se lembra de mim. Não é? Você se lembra de mim do Desafio da Procura.

— Você quase me expulsou dos desafios.

— E da noite de Natalloween. Você se lembra daquilo também?

Morrigan fechou a cara.

— Você me empurrou em um lago. Não é algo que eu vá esquecer...

— Ninguém nunca se lembra de mim — interrompeu Cadence, falando apressada. Ela dirigiu um olhar estranho para Morrigan. — As pessoas se esquecem dos hipnotizadores, é essa a questão. Mas você se lembrou. — Ela olhou o corredor à sua frente. — Preciso ir. — E saiu correndo para alcançar o patrono, desaparecendo em uma esquina antes que Morrigan pudesse pensar no que dizer.

— Que garotinha estranha — disse Jupiter, fitando Cadence com a testa franzida e ar confuso. — Quem é ela?

— Cadence Blackburn. — Morrigan apanhou o pôster descartado, dobrou-o e o guardou no bolso. — Ela é estranha, sim.

— Hein? — Jupiter sacudiu-se, saindo de seu devaneio e focou o olhar em Morrigan.

— Eu disse que ela é estranha — repetiu Morrigan.

— Quem é estranha?

— Cadence.

— Quem é Cadence?

Morrigan suspirou.

— É sério isso? Deixa pra lá.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Rua da Batalha

Jupiter mandou chamar Fenestra, que, relutante, encontrou-os na entrada da estação do Fabulotrem na rua da Batalha. Ela deveria acompanhar Morrigan, Jack e Hawthorne de volta ao Deucalião enquanto Jupiter resolvia a misteriosa questão do pacto de salvaguarda, o que quer que fosse isso.

— Não os perca de vista — disse Jupiter a Fen pela enésima vez ao retornar da bilheteria. — Nada de desvios, nada de distrações... direto para o hotel, nada de escapadas a outro lugar ou atrasos de qualquer tipo, entendeu?

Fen revirou os olhos.

— Ah, mas eu ia parar para comprar sorvete e cachorrinhos.

— Fenestra... — disse ele em tom de advertência.

— Tudo bem, não precisa ter um faniquito.

Ele voltou-se para Morrigan, Hawthorne e Jack.

— Muito bem, vocês três. Lá embaixo vai estar lotado. Fiquem perto de Fen e não se afastem. Fen, é melhor pegar a Linha Correria até o Portão Lilith e então mudar para a Linha Centenária. Isso vai levá-los até a Ilha-no-Rio. De lá vocês podem pegar o Trilho dos Guarda-Chuvas direto para o Beco Mariposa. Vocês todos... estão com suas sombrinhas?

As crianças assentiram.

— Mas a Linha dos Vikings vai direto para a Ilha-no-Rio — disse Fen.

Jupiter sacudiu a cabeça.

— O camarada na bilheteria disse que há um atraso devido ao ataque de uma horda viking em um dos túneis. Vão levar horas para resolver aquela confusão.

— Linha Correria então — concordou ela. — Venham, vocês três.

Eles desceram para a estação movimentada e passaram pelas roletas. Fen, que era grande demais para seguir o caminho normal, pulou a catraca. Um indignado coletor de bilhetes fez menção de repreendê-la, mas Fen sibilou para ele, que imediatamente foi cuidar de seus afazeres.

Enquanto percorriam túneis e escadas, Hawthorne olhava a todo instante por cima do ombro para Morrigan, desesperado para perguntar sobre sua prova, mas ali estava barulhento demais. Os

olhos de Morrigan encontraram os dele e ela deu de ombros, articulando sem emitir som as palavras: “Eu não sei.”

Quando finalmente chegaram à plataforma, Fen abriu caminho em meio à multidão até a linha amarela à margem dos trilhos, separando os passageiros como pendões de trigo em um campo. Hawthorne, Morrigan e Jack agarraram-se em um tufo de seu pelo e tentaram acompanhá-la, desculpando-se com as pessoas à medida que passavam às cotoveladas.

— Mais devagar, Fen — disse Jack. — Você vai pisotear as pessoas.

— Se as pessoas ficam no meu caminho, merecem ser pisoteadas — grunhiu a Magnifigata. — Era só o que me faltava, depois do dia ridículo que tive: ter de bancar a babá para vocês três em um Fabulotrem lotado. O Deucalião foi uma confusão o dia todo, as pessoas indo e vindo e fazendo barulho. Chamamos os eletricitas para resolver o problema da fiação na ala sul, e Kedgereee convocou aqueles caçadores de fantasmas ridículos *outra vez*.

— Caçadores de fantasmas! — exclamou Hawthorne, parecendo animado.

— Pensei que tivessem se livrado do fantasma — disse Morrigan. — No verão, lembra? Fizeram aquele exorcismo.

— E, no entanto, apesar de todo aquele chacoalhar de incenso ser realmente de primeiríssima linha — disse Fen secamente —, nosso homem de cinza ainda está perambulando pela ala sul, assustando as pessoas. Atravessando paredes e desaparecendo ao dobrar esquinas. A equipe até mesmo lhe deu um nome engraçado... ah, como era mesmo?

— Eu nunca vi nenhum homem de cinza — disse Morrigan.

— Não era pra ver mesmo. Você não tem nenhum motivo para estar na ala sul enquanto essas malditas reformas estão em andamento.

Morrigan trocou olhares de culpa com Hawthorne e Jack, mas não disse nada. Eles ainda não tinham contado a ninguém sobre a visita acidental de Morrigan à ala sul na noite em que a sombra escapou.

— São os pedreiros que ficam reclamando sobre ele, dizem que o ouvem no quarto ao lado e, quando correm para ver quem está lá, ele simplesmente desaparece no Diáfano.

— Eles o ouvem fazendo o quê? — perguntou Jack.

— Cantando ou... não, cantarolando. É como o chamam. O Cantarolador. Ridículo.

Morrigan sentiu um súbito solavanco, como se tivesse errado um degrau. O homem de cinza. O *Cantarolador*. Atravessando paredes na ala sul, desaparecendo no Diáfano. Como um fantasma.

Ela soube instantaneamente como Ezra Squall vinha para Nevermoor. Era como se uma luz houvesse sido ligada em sua cabeça e ela finalmente pudesse ver com clareza.

— A Linha Diáfana! — gritou ela.

— A o quê? — perguntou Hawthorne.

— A Linha Diáfana... é assim que ele está fazendo, é assim que ele está vindo para Nevermoor — disse ela.

— Quem está vindo para Nevermoor? — perguntou Jack. — Do que você está falando?

— O sr. Jones... Ezra Squall... ele é o homem de cinza, o homem que cantarola! É por isso que as pessoas pensam que é um fantasma... ele está vindo até aqui pela Linha Diáfana. Ele pode atravessar paredes!

Sua voz, porém, se perdeu sob um apito agudo e um jato de vapor quando o trem parou na plataforma. Carrancuda, Fen conduziu Morrigan e os meninos para o primeiro vagão. Eles não tiveram nenhuma dificuldade em conseguir lugar para sentar, visto que os demais passageiros haviam se amontoado na extremidade oposta do vagão, felizes em tomar uma boa distância da Magnifigata de olhos amarelos.

Quando estavam acomodados, Fen inclinou-se, enfiando a grande cabeça cinza entre eles.

— Cuidado com o que vocês falam em estações lotadas do Fabulotrem — grunhiu ela. — A Linha Diáfana é altamente sigilosa.

— Mas Ezra Squall vem fazendo uso dela — sibilou Morrigan, olhando por cima do ombro para se certificar de que ninguém estava ouvindo. — Temos de contar a Jupiter. Não existe nenhum fantasma, Fen, é Ezra Squall... ele é o homem de cinza!

— Ezra Squall? — Fen baixou a voz ainda mais. — O Ezra Squall *Fabulador*? Bobagem. Ele foi banido de Nevermoor eras e eras atrás.

— Não é bobagem! Eu o vi. Ele estava no saguão no dia em que o candelabro se espatifou, e falei com ele na ala sul numa noite no verão passado...

— O que você estava fazendo na ala sul? — perguntou Fen.

— ... e ele veio assistir ao Desfile Negro no Natalloween.

— É verdade — afirmou Hawthorne, assentindo enfaticamente. — Ele estava lá. Eu também o vi.

— Dame Chanda me mostrou uma foto de Squall de um século atrás, e é *ele*, Fen. Ele está exatamente igual, não envelheceu um dia sequer! Foi assim que ele conseguiu contornar o exílio, deixando o corpo na República... os guardas da fronteira, a Força Terrestre, o Conselho Real de Feitiçaria... nenhum deles pôde detectá-lo perambulando por Nevermoor, porque tecnicamente ele *nunca esteve aqui*.

— Se isso é verdade — disse Jack, um vinco profundo na testa —, se é mesmo o Fabulador e ele está mesmo vindo a Nevermoor pela Linha Diáfana... qual é o motivo? — Seus olhos cautelosos dirigiram-se a Morrigan. — O que ele quer?

— Talvez esteja tentando encontrar um ponto fraco — disse Hawthorne. — Um lugar por onde consiga entrar de novo em Nevermoor. — Ele lançou um olhar significativo a Morrigan, encorajando-a silenciosamente a contar a eles sobre a oferta de estágio de Squall. Ele tinha razão, pensou ela. Precisava contar a *alguém*, e quem sabia quando Jupiter retornaria?

— Fen, acho que sei o que... — começou Morrigan baixinho, mas a Magnifigata a interrompeu.

— Isso é besteira! Mesmo que ele *estivesse* viajando pela Linha Diáfana, não poderia machucar ninguém. Não poderia nem *tocar* em ninguém. É impossível fazer contato físico com qualquer coisa através do Diáfano.

— Fen, ouça — disse Morrigan. — Eu sei o que Squall...

— Ele é o *Fabulador*, Fen — interrompeu Jack. — Deve ter muita coisa que ele pode fazer que outras pessoas não conseguem.

— Eu estou dizendo a vocês: é *impossível*.

— Fen, *me escute!* — gritou Morrigan.

De repente as luzes no vagão piscaram e o trem desacelerou até parar. Os passageiros todos gemeram.

— Por que paramos, papai? — perguntou um garotinho no meio do vagão. — Por que as portas não estão abrindo?

— É só mais um atraso idiota, filho — disse o homem, soltando o suspiro derrotado de um passageiro calejado. — Um rato nos trilhos ou alguma coisa assim.

As luzes tornaram a piscar, diminuindo até apagar e então voltando à vida tremeluzindo sem muita convicção. Ouviu-se um ruído mecânico e uma voz soou pelo sistema de comunicação pública:

— Boa noite, senhoras e senhores. Parece que temos algum tipo de interferência de sinal mais à frente. Não deve demorar muito para prosseguirmos. Obrigado por sua paciência.

As luzes piscaram novamente. Os assentos vibraram e os corrimãos sacudiram.

Morrigan olhou à sua volta — ninguém mais parecia notar. Ela ouviu um estrondo vindo do túnel e foi até o fundo do vagão para encostar o ouvido na parede.

— O que *está* fazendo? — perguntou Fen.

— Vocês não estão ouvindo?

— Ouvindo o quê? — indagou Hawthorne.

— Parece... parecem...

Cascos. Parecia o estrépito de cascos aproximando-se rapidamente pelos trilhos do Fabulotrem, ecoando no túnel, seguido então pelo relincho agudo de um cavalo, pelo latido de cães. O som de um tiro sendo disparado.

Morrigan cambaleou para trás, caindo nos bancos.

— Corram! — gritou ela. — Todo mundo, fuja, eles estão vindo!

Mas não havia para onde ir. O vagão estava lotado, e o trem estava parado no meio do túnel. Morrigan virou-se para ver a multidão compacta ao seu redor, dezenas de rostos intrigados — inclusive os de Hawthorne, Fenestra e Jack, todos parecendo preocupados.

— Morrigan, do que você *está* falando? — perguntou Hawthorne, mas sua voz soava tão distante, tão silenciosa comparada ao deslocamento trovejante dos Caçadores de Fumaça e Sombra. — Não estou ouvindo nad...

E, de repente, não havia nada além da névoa, nada a não ser uma massa espiralante de sombra e fumaça à sua volta, enchendo seus pulmões. Seus pés perderam contato com o piso e ela foi erguida no ar, levada pelos Caçadores, ensurdecida pelo triunfante som de suas trombetas. Morrigan segurava com firmeza sua sombrinha preta, agarrando-a como se ela pudesse de alguma forma ancorá-la ao chão.

Morrigan nunca tinha estado no oceano, nunca o vira na vida real, mas era assim, imaginou ela, era *assim* que devia ser se afogar, ser levado por uma onda violenta e rolar e rolar e rolar até que não houvesse nada, apenas escuridão e sombras e tudo preto, preto, preto...

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Mestre e aprendiz

Morrigan acordou em uma plataforma vazia. Ela gemeu baixinho ao tentar se sentar no concreto frio, a dor disparando pela lateral do corpo. Seu estômago se revirou.

Piscando para tentar fazer o mundo entrar em foco, constatou que reconhecia os pôsteres e anúncios antigos que cobriam as paredes. Era a plataforma da Linha Diáfana. Ela apanhou sua sombrinha e levantou-se, tonta. Seus olhos pousaram em uma notícia indesejável: ela não estava sozinha.

Quarenta metros adiante, na plataforma, sentado em um banco de madeira, estava o sr. Jones.

Não, pensou Morrigan, sr. Jones não. Ezra Squall. O Fabulador.

Ele olhava para a parede do túnel, do outro lado dos trilhos, perdido em pensamentos, cantarolando sua estranha canção. Parecia uma canção de ninar, porém errada.

O coração de Morrigan começou a bater mais rápido.

Ela ouviu um rosnado baixo. Fiapos de fumaça preta saíam da boca escancarada do túnel, e pontinhos de luz vermelha espiavam através das trevas. Morrigan deu um pulo quando um relincho agudo atravessou o ar. Os Caçadores de Fumaça e Sombra esperavam pacientemente na escuridão... Pelo quê? Uma ordem de seu mestre, o Fabulador?

Só havia uma saída.

Morrigan caminhou lentamente pela plataforma, seus passos ecoando. Ezra Squall estava imóvel de uma forma enervante. Ele continuava cantarolando, olhando fixamente a parede.

Se ela pudesse passar por ele, pensou Morrigan, talvez pudesse correr — e subir correndo as escadas semelhantes a um labirinto e passagens ocultas do Fabulotrem até encontrar um funcionário da Autoridade de Transportes de Nevermoor ou uma amistosa multidão de passageiros, ou quem sabe sair para o exterior, para a brilhante e ruidosa segurança de uma noite de sábado em Nevermoor.

Ela deu mais um passo hesitante, e mais outro.

— *Corvinho, corvinho, com olhos redondos e pretos* — cantarolou suavemente Squall. Um sorriso se abriu em seu rosto, lento e discreto, sem nunca chegar aos olhos. — *Mergulha no ar pela campina, onde os coelhos vão se esconder.*

Morrigan parou. Ela já não ouvira essa canção antes?

Talvez a tivesse aprendido no jardim de infância, antes que a expulsassem por ser amaldiçoada. A voz de Squall era alta e clara. Sinistra em sua doçura.

— *Coelhinho, coelhinho, da sua mãe fique bem perto.* — Ele virou-se para olhar para Morrigan e, ao fazê-lo, um a um os ladrilhos verdes e brancos que revestiam as paredes da plataforma tornaram-se de um preto lustroso, como se por um comando silencioso. — *Ou o corvinho pequenino os seus olhos vai remover.*

Ele finalizou a música, mas o sorriso aterrorizante permaneceu.

— Srta. Crow, está com cara de quem descobriu algo.

Morrigan não disse nada.

— Vá em frente — incitou ele, a voz pouco mais que um sussurro.

— Me mostre o quanto você é esperta.

— Você... você é Ezra Squall — disse ela. — Você é o Fabulador. Não existe nenhum sr. Jones. Era tudo mentira.

— Bom. — Ele assentiu. — Muito bom. O que mais?

Morrigan engoliu em seco.

— O Massacre da Praça Coragem... foi coisa sua. Você matou aquelas pessoas.

Ele inclinou a cabeça muito levemente.

— Culpado. O que mais?

— Foi você quem mandou os Caçadores de Fumaça e Sombra atrás de mim. — As luzes na plataforma da estação piscaram. Fiapos de fumaça negra saíam do túnel, espiralando diante das paredes e do teto, encobrindo a luz. Morrigan tremia. Tinha a sensação de que a escuridão poderia devorá-la também.

— Correto. Atrás de você e de todas as outras crianças infelizes o suficiente para nascerem no Escurecer. Como um ato de misericórdia.

— Misericórdia? — replicou Morrigan. — Você tentou me matar!

Ele fechou os olhos, como se estivesse desapontado.

— Errado. Eu não *tento* matar pessoas, srta. Crow. Eu simplesmente as mato. Você deve ter notado que ainda está viva. Não, eu lhe asseguro, porque seu Capitão North fez seu ousado resgate, mas porque *minha intenção era que você vivesse.*

— Mentiroso!

— Sou um mentiroso. Sim. Mas não sempre, e certamente não desta vez. — Ele levantou-se do banco onde estava sentado e aproximou-se. — Você estava apenas meio certa. Eu mandei os Caçadores atrás de você, mas não para matá-la.

À menção de seu nome, os cães de fumaça negra emergiram do túnel, movendo-se, ameaçadores, rente ao chão, seguidos por uma parede de caçadores montados. Eles moviam-se lentamente, como em um sonho. À espera de uma ordem para atacar.

Morrigan deu um passo para trás.

— Não corra — Squall a advertiu. — Eles adoram quando as crianças correm.

Ela ficou paralisada, incapaz de tirar os olhos dos Caçadores. Seu pulso vibrava até a ponta dos dedos.

— É bem assustador, concordo — disse ele, olhando para trás, por cima do ombro. — Um dos meus melhores trabalhos. Eles são perfeitas máquinas de matar: impiedosos, insensíveis. Implacáveis. Acredite, srta. Crow, se eu tivesse ordenado a eles que a matassem, você não teria sobrevivido ao Escurecer. A essa altura, você não seria nada mais que uma pilha de cinzas. A ordem que dei não foi para acabar com sua vida. Foi para *arrebanhar*.

Ele sorriu. A pele no pescoço de Morrigan formigava. Por um brevíssimo momento, um lampejo, ela podia jurar ter visto a sombra do Fabulador em seu rosto. Olhos e boca negros e dentes afiados e expostos. O rosto encovado de uma criatura que não era nem homem nem monstro, mas algo mais que Morrigan não ousava imaginar.

— Eles falharam da primeira vez, é claro, deixando que aquele ruivo abominável levasse você naquela ridícula aranha mecânica. Mas eu sabia que eles não falhariam novamente, não depois que eu enfim encontrei uma fraqueza na Linha Diáfana para explorar. Custou-me a maior parte do ano e um ou dois pequenos desastres no Fabulotrem...

— Foi *mesmo* você — disse Morrigan. Sua voz estava trêmula. — Aqueles descarrilamentos. As pessoas ficavam dizendo que era o Fabulador, e estavam certas. Você matou duas pessoas!

— Tentativa e erro — disse ele, dando de ombros. — Tudo em nome de capturá-la, como uma ovelha perdida. E agora, ovelhinha, é

hora de ir para casa.

Ele virou-se para ela e estendeu a mão. Um trem apitou a distância.

Morrigan deu outro passo para trás.

— Não vou a lugar nenhum com você.

— Eu respeitosamente discordo.

Morrigan ouviu o som de uma locomotiva ganhando velocidade. Uma luz dourada bem clara cintilou nas profundezas do túnel, tornando-se cada vez mais clara, perfurando a parede de escuridão que era a massa de Caçadores de Fumaça e Sombra, até que finalmente o trem surgiu, tremeluzente e perolado, lindo demais e ao mesmo tempo terrível demais de olhar.

Os Caçadores se dispersaram, evaporando no ar e reaparecendo na plataforma como um tornado, com Morrigan no epicentro. A sombrinha de lona caiu de suas mãos. Eles começaram a rodopiar como um redemoinho em torno dela, amarrando-a em cordas negras de sombra e fumaça, empurrando e puxando-a para a luz dourada ofuscante do trem Diáfano.

Um apito soou. O trem partiu.

Havia uma friagem no ar, e Morrigan podia senti-la mesmo através do Diáfano. Estava frio diante do Solar dos Corvos. O gramado se encontrava coberto por uma camada de geada. Por trás dos altos portões de ferro, a casa era uma silhueta negra contra o céu que escurecia.

Squall deu um passo à frente, olhando para a casa com olhos brilhantes, em antecipação maníaca.

— Vamos fazer uma visita, sim?

O Fabulador não era mais uma entidade incorpórea, flutuando no Diáfano e incapaz de afetar as coisas à sua volta. Estava de volta à República, de volta ao seu corpo, saboreando a liberdade.

Ele estalou os dedos e alongou os braços e, com um movimento preciso dos punhos, os portões se abriram — mas, não, eles não se abriram simplesmente. Eles se soltaram, grade a grade, o ferro sólido gemendo, como se estivesse sendo entortado por alguma mão gigante invisível.

Os cachorros vieram correndo dos fundos da casa, latindo ferozmente com o ruído.

— Au! Au-au! — Squall latiu de volta para eles como um louco.

Os cães voaram para trás, como se tivessem sido lançados, aterrissando com baques surdos no gramado e então fugindo em disparada, ganindo.

— Você não faz ideia da agonia que é — disse ele, voltando-se para Morrigan enquanto andava, esmagando o cascalho do caminho — estar lá, bem lá na minha cidade... a *minha* cidade, minha adorada Nevermoor... e *não poder fazer nada*. Não poder usar meus talentos, afetar as coisas à minha volta... nem mesmo tocar em nada. — Ele engoliu em seco, os olhos fixos na distância. — A Linha Diáfana é uma coisa maravilhosa, srta. Crow... eu sei bem, fui eu quem a criou... mas às vezes é uma prisão. — Seu rosto iluminou-se. — Deixe-me mostrar-lhe como é essa sensação.

Ele voltou-se para a casa, erguendo os braços no ar, como um maestro pronto para comandar uma orquestra, e começou.

Os tijolos e pedras de que era feito o Solar dos Corvos começaram a se transformar, virando-se e raspando uns nos outros, formando nuvens de poeira, rearrumando-se até a casa da infância de Morrigan estar irreconhecível. A construção gemeu e se esticou, tornando-se uma alta catedral gótica, pairando acima dela mais assustadora do que nunca.

— Melhor assim, não? — disse Squall, tossindo enquanto afastava com as mãos a poeira do rosto.

— Pare — disse Morrigan.

— Eu mal comecei.

Com um estalo dos dedos, a pedra cinza-escuro da casa transformada começou a brilhar, iluminada por um milhão de luzes pisca-pisca douradas. Estava linda.

Bem, isso é surpreendente, pensou Morrigan, olhando desconfiada para Squall. Ele lhe dirigiu um olhar interrogativo e estendeu ambas as mãos, como se buscasse aprovação.

— É o que você queria, não é, srta. Crow? — Outro estalo dos dedos e um mastro de bandeira brotou da torre mais alta, uma bandeira negra com o rosto de Morrigan drapejando orgulhosamente com a brisa. — Foi por isso que você escolheu aquele tolo

exibicionista, não foi? Com sua Sociedade Fabulosa e sua aracnicápsula e seus saltos do telhado no Alvorecer?

Um movimento da mão de Squall e uma placa luminosa de néon no telhado anunciava BEM-VINDOS À MORRIGANLÂNDIA em enormes letras cintilantes.

Morrigan teria gargalhado se não estivesse com tanto medo. Ezra Squall, o homem mais perverso que já existiu, tinha acabado de transformar a casa em que ela crescera em um parque temático cujo tema era Morrigan Crow.

Ele voltou-se para ela.

— Puro estilo, nenhuma substância. É isso que Jupiter North é. Ele já contou a você?

— Me contou o quê?

— Não, é claro que não contou. Mas você tem um cérebro moderadamente funcional nessa querida cabecinha. Deve ter deduzido. — Enquanto falava, Squall deslizava os dedos no ar e fazia jatos de água dispararem do chafariz e congelarem em pleno ar, como esculturas de gelo. E isso sem nem mesmo olhar. Morrigan não tinha sequer certeza de que ele percebia o que estava fazendo.

— Diga-me, Morrigan Crow: por que eu a convidei para ser minha aprendiz?

Morrigan engoliu em seco.

— Eu não sei.

— Besteira — disse ele suavemente, enquanto erguia a mão e fazia um desenho no ar. A placa de néon e as luzes pisca-pisca vacilaram e se apagaram. A torre começou a ruir. Algumas pedras cinzentas despencaram no chão. — Me fale.

— Eu não *sei* — repetiu ela. Então deu um salto para o lado no momento em que um grande bloco de pedra caía onde ela estava.

— *Pense*.

No entanto, Morrigan não conseguia. O Solar dos Corvos estava desmoronando bem diante dos seus olhos. As paredes externas viraram pilhas de pó e destroços, deixando à mostra as salas e quartos aconchegantemente iluminados, inalterados pela destruição provocada por Squall: um quadro da vida normal da família Crow.

Mais perto de onde Morrigan estava, seu pai, a madrastra e a avó encontravam-se sentados em confortáveis poltronas no salão,

alheios ao fato de que o Solar dos Corvos estava se transformando em ruínas à volta deles. Ivy amamentava um dos bebês; Corvus ninava o outro. A avó lia. Fogo queimava na lareira.

— Eu preciso mesmo lhe dizer? — perguntou Squall, vindo até o seu lado, com uma expressão ao mesmo tempo divertida e intrigada no rosto. — Srta. Crow, você é uma Fabuladora. Exatamente como eu.

Ao ouvir essas palavras, Morrigan gelou. Ela sentiu um arrepio descer por sua espinha, tão real e frio como se um dedo congelado deslizesse por suas costas. Sua pele ficou toda arrepiada.

Uma Fabuladora. Exatamente como eu.

— Não — sussurrou ela, e então disse com mais firmeza: — Não!

— Não, tem razão. — Ele inclinou a cabeça. — Não *exatamente* como eu. Mas um dia, se você trabalhar duro e prestar atenção, pode chegar perto.

Morrigan cerrou os punhos.

— Eu nunca vou ser como você.

— É perfeitamente encantador que você acredite que tem uma escolha nessa questão. Mas você nasceu assim, srta. Crow. Seu caminho já está definido e não pode se desviar dele.

— Eu nunca vou ser como você — repetiu Morrigan. — Nunca vou ser uma assassina!

Squall deu uma risadinha.

— É isso que você acredita que é um Fabulador? Um instrumento de morte? Suponho que esteja meio certa. Destruição e criação. Morte e vida. Todas ferramentas ao seu alcance, uma vez que saiba como usá-las.

— Eu não quero usá-las — disse Morrigan, entre dentes cerrados.

— Que mentirosa horrível você é — observou Squall. — Precisa aprender a enganar mais habilmente, srta. Crow. Também precisa aprender o que vamos chamar de Artes Deploráveis do Fabulador Experiente, e eu terei o maior prazer em ser seu professor. Vamos começar com a lição número um.

Squall entrou na sala e sussurrou alguma coisa que Morrigan não conseguiu entender. O fogo saltou da lareira e espalhou-se instantaneamente, cercando os Crows. Em questão de segundos, o salão estava em chamas, das cortinas ao tapete. A família de

Morrigan continuava sentada imóvel, completamente alheia ao perigo em que se encontrava.

— Pare! — gritou Morrigan acima do rugido das chamas. — Por favor, deixe-os em paz!

— Por que você se importa? — desdenhou Squall. — Essas pessoas a odeiam, srta. Crow. Elas a culpam por tudo que deu errado na vida delas. Quando você morreu, quando eles acreditaram que você estava morta, ficaram *aliviados*. E por quê?

O fogo crepitava, aproximando-se dos Crows. Uma gota de suor rolou da testa de Ivy; ela, no entanto, não parecia sentir nada. Morrigan tentou pegar alguma coisa — qualquer coisa: um seixo, uma pedrinha dos destroços — para acertar Ivy, Corvus ou a avó, para adverti-los. Mas não conseguia segurar nada. Sua mão atravessava os objetos.

— Por causa de uma maldição — prosseguiu Squall — que nunca nem mesmo existiu.

Morrigan engoliu em seco, observando-o através das chamas.

— O que você quer dizer com isso?

Ele riu.

— A “maldição” não foi nada mais que uma forma conveniente de explicar por que todos os nascidos no Escurecer têm a péssima mania de morrer antes de alcançar uma idade problemática. Antes de começarem a atrair e absorver doses excessivas do *meu* precioso fabulânio, como os para-raios gulosinhos que alguns de vocês têm o potencial de se tornar. Eu não podia me dar ao luxo de ter alguém diluindo a fonte de energia que me tornou indecentemente rico e poderoso, podia? Se sou o único condutor de fabulânio, o poder dessa substância reside em mim. Era natural que eu tivesse de eliminar quaisquer ameaças potenciais. Você não pode me culpar por isso. É bom senso empresarial.

— A maldição não existe — disse Morrigan. Ela finalmente compreendeu. Jupiter tinha lhe dito. No entanto, ela não acreditara nele. Não de verdade. — A maldição é *você*.

Squall prosseguiu como se ela não tivesse falado:

— Com o passar dos anos, a maldição ganhou vida própria. As pessoas são tão *dramáticas*. Houve um tempo em que vocês, pobres coitadinhos, eram causa de pena e compaixão, tendo suas vidas

insignificantes retiradas em uma idade tão tenra. Mas em algum ponto ao longo do caminho, a verdadeira e abominável natureza humana entrou em ação, e as pessoas passaram a ver as crianças amaldiçoadas como convenientes bodes expiatórios. Alguém para quem apontar o dedo quando as coisas dessem errado. Por que minha colheita foi ruim? Culpa da criança amaldiçoada. Por que perdi o emprego? Culpa da criança amaldiçoada. Logo as crianças amaldiçoadas eram as culpadas por todo tipo de males e conflitos. A lenda foi crescendo cada vez mais até que as crianças amaldiçoadas se tornaram não só a tristeza de suas famílias, como também a desgraça da existência de todas as demais pessoas.

Squall tirou o bebê dos braços de Corvus, que permaneceu imóvel, os olhos vidrados e cegos, refletindo o brilho laranja do fogo. O salão havia se tornado uma fornalha, e as chamas lançavam ondas de fumaça. Estas se transformavam em espiralantes formas negras, entrando e saindo do fogo. Morrigan ouviu um uivo e estremeceu.

O bebê tentou agarrar o nariz de Squall com seus dedinhos gorduchos. O Fabulador fez uma cara engraçada e o pequenino garoto de cabelos cor de neve riu, dando gritinhos.

— Como pode ver, srta. Crow, eu não fiz sua família desprezá-la. Eles agiram por conta própria. — Ele fez o bebê acenar com a mãozinha para ela. — Devo matá-los por você?

— *Não!* — gritou Morrigan. — Por favor... não!

Squall soltou o bebê em pleno ar, mas, em vez de cair, ele flutuou lentamente até o chão. Ela precisava fazer alguma coisa, detê-lo, mas *como*? O que ela poderia fazer através da Linha Diáfana? Estava impotente.

— Não? Tem certeza? Não sei se acredito em você. — Ele a observava com um sorrisinho zombeteiro nos lábios. — Diga-me, corvinha. Por que você acha que a deixei viver?

Morrigan não disse nada. Os Caçadores de Fumaça e Sombra estavam tomando forma à volta deles. Cães com dentes à mostra e homens sem rosto montados em cavalos surgiam do meio das chamas e cercavam sua família desprotegida. Cada vez mais perto, à espera de um comando de Squall. À espera para matar.

— Eu destruí tantos outros. Tenho sido tão paciente todos esses anos, esperando pela pessoa certa. Um homem menos persistente

teria desistido, mas eu sabia... *sabia* que você viria. Que um dia, uma criança nascida no Escurecer viria a tomar o meu lugar. Uma criança com uma promessa sombria, em cujos olhos eu pudesse ver um reflexo dos meus. Minha verdadeira e legítima herdeira. — Ele ajoelhou-se para que seu rosto ficasse no mesmo nível do dela. Sua voz era tão suave e seu sorriso tão sincero que, por um momento, Morrigan viu seu amigo, o sr. Jones, no rosto desse louco, com suas linhas marcadas em sombra. — Eu vejo você, Morrigan Crow — sussurrou ele, os olhos reluzindo. — Há gelo negro no seu coração.

— *Não!* — gritou Morrigan. Algo dentro dela recuou, afastando-se de Squall, como o oceano recolhe a água na praia para formar a onda. De repente, era isso que ela era: um maremoto de fúria e medo. Ela *não* era igual a ele, ela *jamaís seria como ele!*

Morrigan cambaleou para trás e instintivamente ergueu os braços, entregando-se à onda dentro dela.

Uma claridade ofuscante tomou conta da sala, obliterando os Caçadores de Fumaça e Sombra e apagando as chamas com uma única explosão de luz branca e dourada que durou vários segundos, ou talvez vários dias, ou talvez toda uma vida, e então desapareceu.

Em sua esteira, o silêncio.

Os Crows, ainda protegidos pela bem-aventurada ignorância, olhavam, mas não viam.

Squall, de olhos arregalados e parecendo ter sido atingido por um raio, esparramava-se no chão, como se tivesse sido jogado ali. Fitava Morrigan de baixo, como se tivesse acabado de receber o dom da visão.

E a própria Morrigan tremia com o efeito do... *do que quer que tenha sido aquilo.*

Ela havia destruído os Caçadores de Fumaça e Sombra. Ou, se não os destruíra, pelo menos os afugentara dali. Isso era o bastante por ora. Morrigan não tinha a menor ideia de como tinha conseguido aquilo, como fizera a luz surgir, mas, naqueles poucos e ofuscantes segundos, ela se lembrou mais uma vez das palavras que Squall dirigira a ela no último verão: *Esta é a natureza das sombras. Elas querem ficar na escuridão.*

Erguendo-se do chão, Squall por fim recuperou a voz.

— Está vendo, srta. Crow? — disse ele, olhando-a com cautela. — Você deveria ter aceitado minha oferta, mas a verdade é que não preciso que aceite. Você já se tornou minha aprendiz, simplesmente ao sobreviver ao seu décimo primeiro aniversário. A captação está em andamento. O fabulânio já a descobriu, e você está à mercê dele.

— O que isso quer dizer? — perguntou Morrigan. — Que captação é essa?

— Você é uma Fabuladora de nascença, mas, se não aprender a dominar o fabulânio, ele dominará você. Se não aprender a controlar o fabulânio, ele controlará você. Vai queimá-la lentamente por dentro, e no fim... vai destruí-la. — Ele sacudiu a cabeça, um lado de sua boca curvando-se em um sorriso pesaroso. — Eu lhe disse: teria sido um ato de misericórdia deixar os Caçadores de Fumaça e Sombra matarem você. Mas, infelizmente, parece que você os espantou, pelo menos por ora. Mas não tem problema. Eu não a trouxe aqui esta noite para machucá-la. Ou à sua família.

— Então por que me sequestrou?

— Sequestrei você? — Ele parecia divertido e talvez um pouco ofendido com a sugestão. — *Sequestro* é apenas outra palavra para *roubo*. Eu não sou um ladrão. Isto aqui não é um sequestro. É a sua primeira lição sobre como ser uma Fabuladora. Uma aula magistral, de um mestre excepcional. A segunda aula vai acontecer assim que você a requisitar.

Morrigan sacudiu a cabeça. Ele estava brincando? Ou simplesmente era louco?

— Eu nunca vou pedir nada de você — disse ela. — Não existe nada que você possa me ensinar.

Squall riu baixinho enquanto caminhava, evitando as brasas que se apagavam, chutando espirais de cinzas e fagulhas.

— Sou a única pessoa viva que pode ensinar a você alguma coisa que valha a pena saber. Um dia, muito em breve, você compreenderá profundamente essa verdade terrível. Meus monstros e eu cuidaremos disso. — Ele inclinou a cabeça de lado, todos os traços de divertimento desaparecidos de seus olhos negros e insondáveis. — Até lá, corvinha.

Sem olhar para trás, ele percorreu o longo caminho de cascalhos, desaparecendo na escuridão. Em seu rastro, os últimos vestígios do

fogo gentilmente se extinguiram, as cortinas e mobília foram desqueimadas, as vidraças estilhaçadas se desestilhaçaram, as paredes de pedra do Solar dos Corvos se reconstruíram e os destruídos portões de ferro se desentortaram, fechando-se com um leve clangor.

Morrigan ficou parada no meio do salão agora tranquilo. Observou os Crows, alheios a tudo, e sentiu uma estranha saudade brotar dentro dela. Mas não era desse lugar. Nem dessas pessoas.

Morrigan fechou os olhos. Imaginou em sua mente a sombrinha de cabo prateado com a pequena ave de opala, largada na plataforma do Fabulotrem, onde tinha caído de suas mãos.

Esperou. Então ouviu o apito do trem Diáfano. E foi para casa.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

F.

A princípio, Morrigan pensou que tivesse ficado cega.

— Eu disse *devagar* — observou Jupiter. Ela sentiu que ele soltava seus ombros, ouviu quando ele deu um passo atrás. — Abra os olhos devagar.

Ela sabia que estava no Deucalião, sabia que estava no escritório de Jupiter, mas... poderia muito bem ser a superfície do sol. O mundo havia sido ofuscado. Tudo tinha um brilho branco luminoso, ensolarado, ofuscante. Se ela estreitasse os olhos, podia distinguir sua silhueta no espelho. Era isso mesmo que ele via todas as vezes que olhava para ela?

— Não olhe por muito tempo — advertiu Jupiter.

A luminosidade não vinha de uma única e grande fonte de luz. Vinha de milhares e milhares — talvez milhões — talvez *bilhões* — de minúsculos pontos da mesma luz branca e dourada que ela vira no Solar dos Corvos. Elas se reuniam em torno dela como microscópicas partículas de poeira captando a luz de um raio de sol. Não, não como poeira — como algo vivo. Mariposas reunindo-se em torno de uma chama.

— Isso é...?

— Fabulânio. Bacana, não é?

Bacana não era a palavra certa. Era bonito, mas não era bacana. Havia alguma coisa ali que era o oposto de bacana. Fazia Morrigan sentir uma combinação de espanto e expectativa, pânico e alegria, algo muito grande e algo muito pequeno, vontade de gritar e vontade de sussurrar, e *alguma coisa mais*.

— O que ele está fazendo? — perguntou Morrigan.

— Esperando.

— O quê?

— Você.

— Esperando que eu faça o quê?

Jupiter ficou em silêncio por um longo momento, e então disse:

— Acho que vamos descobrir.

Ele a segurou pelos ombros e encostou a testa na dela uma segunda vez, exatamente como tinha feito com os Anciãos no Desafio do Espetáculo. Na ocasião, Morrigan não tinha se dado conta do que estava acontecendo — que ele podia partilhar o dom

de sua visão com outras pessoas. Para mostrar a elas como ele enxergava o mundo, mesmo que apenas fugazmente.

Para grande desapontamento e alívio de Morrigan, o mundo tornou a perder o brilho.

A garota no espelho — de cabelos pretos, olhos escuros, nariz adunco — parecia normal. Comum.

— Ele disse que eu sou como ele. — Era a primeira vez que ela dava voz a seu medo. — É verdade, não é? É isso que é a captação... é isto. Fabulânio, se reunindo em volta de mim. Significa que eu sou uma... uma Fabuladora. — Ela engoliu em seco. Podia quase sentir o gosto da palavra em sua boca.

— Sim — disse Jupiter com gravidade. — Mas tente entender... a palavra *Fabulador* nem sempre quis dizer algo ruim ou do mal, Mog.

— Não?

— Céus, não. Houve um tempo em Nevermoor, há muitos anos, quando ser um Fabulador era uma honra celebrada.

— Como estar na Sociedade Fabulosa?

— Ainda maior. Fabuladores eram pessoas que concediam desejos e protegiam. Elas usavam seus poderes para trazer coisas boas ao mundo. *Fabulador* não quer dizer *monstro* nem *assassino*. Squall fez com que significasse essas coisas. Ele fez uma coisa imperdoável. Ele traiu seu povo e sua cidade. Abusou de seu poder. Transformou *Fabulador* em uma palavra sombria e terrível, mas não foi sempre assim. Você pode recuperar esse significado, Mog. — Ele sorriu para ela. — E você vai. Eu falei sério quando disse que você não tem um talento. O que você tem é *muito mais* do que isso. Você tem uma dádiva. Um chamado. E é você quem decide o que isso significa. Ninguém mais.

À medida que a visão de Morrigan se ajustava, o estúdio de Jupiter lentamente voltou a entrar em foco — as fotografias nas paredes, os livros nas prateleiras. O rosto de Jupiter, todo olhos azuis brilhantes e um emaranhado de barba ruiva. Morrigan sentou-se em uma poltrona de couro, cruzando os tornozelos em uma banqueta.

— Você sabia o tempo todo o que eu era, não sabia?

Jupiter assentiu.

— E Squall? Você sabia que ele fez uma oferta para mim também?

— Sim.

Morrigan suspirou. Todo o tempo que ela desperdiçara, preocupada se deveria contar a Jupiter sobre Squall. Sentiu-se uma idiota.

— Então por que você me fez passar pelas provas? — perguntou ela. — Por que simplesmente não contou aos Anciãos?

— Você está supondo que ser uma Fabuladora é sua característica mais importante.

— E não é?

— De modo algum. Se o talento ou o dom fosse a coisa mais importante, Mog, não acha que faríamos o Desafio do Espetáculo primeiro? Pense bem. Tivemos o Desafio do Livro, para ver quem era sincero e rápido de raciocínio. O Desafio da Procura, para ver quem era perseverante e estratégico. O Desafio do Medo, para ver quem era corajoso e criativo. Você não acha que provavelmente havia alguns talentos fascinantes que perdemos nesses três primeiros desafios? É claro que sim! Inclusive, é até mesmo possível que as pessoas mais talentosas de todas tenham sido eliminadas antes mesmo do Desafio do Espetáculo — disse Jupiter. — A questão é que, no que diz respeito à Sociedade, se você não é sincero, determinado e corajoso, então não importa o quanto você seja talentoso. Você tinha de passar pelos quatro desafios, porque eu precisava que os Anciãos soubessem que tipo de pessoa você é, na esperança... — Ele fez uma pausa, engoliu em seco e então concluiu em voz baixa: — Na esperança de que eles continuassem a ver você primeiro como uma pessoa e depois como uma Fabuladora.

— Você me disse que o Fabulador era coisa de conto de fadas, superstição.

Jupiter assentiu.

— Eu sei. Desculpe por ter mentido. Embora até certo ponto seja verdade... A história do Fabulador é tão vinculada a mitos e bobagens que para a maioria das pessoas é difícil fazer a distinção. Era apenas meia mentira, mas ainda assim peço que me desculpe.

— Por que você mentiu?

— Porque achei que era a coisa certa a fazer. Não queria que você ficasse pensando demais sobre o Fabulador. Só uma coisa a mais com que se preocupar, não é? Pensei que era melhor você entrar na Sociedade primeiro, e lidar com isso mais tarde.

— E as outras?

— Que outras?

— *Três outras registradas...* você estava falando sobre o Registro de Crianças Amaldiçoadas, não estava? Elas também são Fabuladoras?

— Não.

Ela esperou que Jupiter dissesse mais. No entanto, naquele momento ele era um livro fechado.

— O que aconteceu com elas? — insistiu Morrigan. — Você as salvou também ou...?

Ele cedeu um pouco.

— Elas estão bem. Estão longe, seguras e saudáveis, abençoadamente alheias a Ezra Squall e seus Caçadores de Fumaça e Sombra.

Sorte delas, pensou Morrigan.

Os últimos dois dias desde seu encontro com Squall tinham sido completamente extenuantes. O trem levava Morrigan de volta à plataforma da Linha Diáfana quando Fen, Jack e Hawthorne tinham acabado de chegar, sem fôlego e em pânico, tendo deduzido para onde ela fora levada e corrido para buscar Jupiter.

Jack a alcançou primeiro, pálido e mudo de alívio. Jupiter a agarrou em um abraço apertado que quase a sufocou, e Fen lambeu seu cabelo até que ele praticamente ficasse de pé sozinho. Hawthorne implorou para que ela contasse a história toda pelo menos doze vezes, arquejando e vibrando em todos os momentos certos a cada vez que ela recontava.

A história do encontro de Morrigan com os Caçadores de Fumaça e Sombra correu o Deucalião, mas Jupiter fez Fen, Jack, Morrigan e Hawthorne jurarem manter a parte do Fabulador em segredo. Jack havia respondido, indignado:

— Eu já prometi, não foi?

Isso não fizera nenhum sentido para Morrigan até agora. De repente, ela se lembrou daquela noite antes do Natal, quando Jack a olhara ao mesmo tempo horrorizado e assombrado.

— Jack sabia, não sabia? — perguntou ela, compreendendo de repente. — Ele sabe desde o Natal. Porque ele é como você. É um... como você chama?

— Uma Testemunha — disse Jupiter, sentando-se na cadeira em frente à dela. — Sim. E ele odeia isso.

— Por que ele odiaria? — indagou Morrigan, espantada. — É quase a mesma coisa que saber tudo. Pensei que isso fosse o que Jack mais quisesse na vida.

Jupiter deu uma risada com o comentário. Então seu rosto se tornou mais pensativo enquanto a olhava.

— É um pouco assim, às vezes, eu acho. Mas nem sempre. Às vezes até o Diáfano pode esconder coisas.

— Eu adoraria ser uma Testemunha.

— Não tenho certeza disso — replicou Jupiter, se encolhendo. — Ver todas as coisas ocultas? O tempo todo? Todas as vezes que alguém mente, está lá na cara da pessoa, como uma mancha escura. Todas as vezes que alguém está infeliz, isso paira em torno dela como moscas em um cadáver. Dor, raiva, traição... está tudo lá, por toda parte à nossa volta, o tempo todo. A maioria das Testemunhas jamais poderia viver em um lugar como este. Elas enlouqueceriam.

— Você quer dizer em um lugar como o Deucalião?

— Eu me refiro a Nevermoor. Ou qualquer lugar para onde milhões de pessoas convergem todos os dias, deixando rastros invisíveis que se cruzam em um milhão de bilhões de trilhões de fios de uma tapeçaria louca. As pessoas deixam pedaços de si mesmas por toda parte, Morrigan... todas as lutas que tiveram, todas as mágoas que sofreram, o amor e a alegria que já sentiram, as coisas boas e as ruins que fizeram. — Ele esfregou o rosto, cansado. — Eu aprendi a filtrar tudo isso, a só ver as coisas que são importantes. Posso separar todas as diferentes camadas e fios e dar sentido à loucura — disse Jupiter. — Mas isso levou anos, Mog, anos e anos de treinamento. Jack ainda não chegou lá. Ainda vai levar um tempo. Por ora, o tapa-olho funciona como um filtro. Ele desestabiliza sua visão, de modo que ele só vê o que você ou qualquer outra pessoa vê. Senão, ele enlouqueceria.

Não ocorrera a Morrigan que um talento como o de Jupiter poderia ter um lado negativo. Talvez fosse por isso que Jack estava sempre tão mal-humorado.

— Por que ele simplesmente não me contou? — perguntou ela.

Jupiter olhou para as próprias mãos e deu de ombros.

— Acho que ele se sente constrangido. As pessoas não costumam gostar de Testemunhas. É difícil ser amigo de alguém que pode ver seus segredos.

— Mas isso é ridículo — disse Morrigan, pensando nos muitos amigos e admiradores de Jupiter. — O mundo inteiro gosta de você.

Jupiter riu — uma risada alta, alegre — até seus olhos se encherem de lágrimas.

— Sua visão do *mundo inteiro* é radicalmente desajustada, Morrigan Crow, e essa é uma das muitas coisas que gosto em você... Isso me lembra: chegou uma coisa para você hoje.

Ele se levantou e fez sinal para que Morrigan o seguisse. Destrancando a gaveta da cômoda, Jupiter pegou uma caixinha de madeira e entregou a ela.

— Eu deveria lhe dar isto somente no dia da inauguração. Mas esta foi uma semana horrível, e acho que, por isso, você merece abri-la agora.

Dentro da caixa, em uma almofada de veludo vermelho, descansava um pequeno broche dourado no formato de um *F*.

Morrigan arquejou.

— Meu broche! Isso significa que... você conseguiu? A última assinatura para aquela... aquela coisa de salvaguarda?

O rosto de Jupiter nublou um pouco.

— Não... exatamente. Não. Mas vou resolver. Prometo. — Ele prendeu o broche na gola dela. — Pronto. Seu bilhete para um assento reservado no Fabulotrem. Espero que tenha valido a pena.

Morrigan riu. Parecia insano ter passado tudo que ela havia passado esse ano — enganar a morte, competir nas provas, enfrentar Flintlock, Squall e os Caçadores de Fumaça e Sombra, e todas as outras coisas horríveis que ela enfrentara —, apenas por uma coisa minúscula como esse broche.

Mas ele não era minúsculo. Era grande — uma promessa imensa. A promessa de ter uma família, de fazer parte de um grupo e de contar com amigos.

O engraçado, pensou Morrigan, refletindo sobre a última semana e sobre sua vida no Hotel Deucalião era... que ela já tinha essas coisas.

O candelabro havia finalmente alcançado sua forma permanente.

Frank ganhou o bolão de apostas. Pelo menos, foi quem chegou mais perto: não era um pavão, mas era uma ave. Um imenso pássaro negro, reluzindo iridescente de certos ângulos, a envergadura de suas asas cobrindo o saguão, como se protegesse o Hotel Deucalião e seus habitantes. Ou talvez, pronto para mergulhar sobre suas cabeças. Dependia de a quem se perguntasse.

Jupiter disse que gostava dele ainda mais do que do veleiro cor-de-rosa.

Alguns dias mais tarde, Jupiter e Nan levaram seus candidatos para uma comemoração tardia. Comeram pernil de cordeiro com cerveja de gengibre em um aconchegante pub na Praça Coragem, brindando ao sucesso de Morrigan e de Hawthorne.

Os patronos passaram horas contando a eles histórias incríveis de seus primeiros anos como acadêmicos na Sociedade Fabulosa. A maioria das histórias de Nan eram sobre montaria em dragões, ao passo que as de Jupiter falavam de quebras de regulamento tão chocantes que ele teve de mudar de assunto quando viu Hawthorne fazendo anotações.

No caminho para casa, enquanto andavam, Morrigan chutava montes de neve no chão. Apesar do frio intenso, ela pensou que Nevermoor havia adquirido um brilho extraordinário nesse típico dia de inverno. Ela se sentia diferente.

Tudo parecia diferente.

As pessoas na rua sorriam para eles quando passavam. Morrigan não era mais a garota amaldiçoada, esperando o próximo acontecimento terrível. Esperando para levar a culpa. E, no entanto, ainda havia algo sombrio, algo terrível, à espreita no fundo de sua mente.

Jupiter cutucou-a quando alcançaram a plataforma do Trilho dos Guarda-Chuvas.

— Em que você está pensando?

— Ele vai voltar, não vai? — perguntou ela baixinho. — Squall. Ele vai voltar. Com seus monstros.

A expressão de Jupiter era de preocupação.

— Imagino que vai tentar.

Morrigan assentiu. Então apertou a sombrinha com força nas mãos, tocando inconscientemente, com a ponta dos dedos, a pequena ave de opala na ponta.

— Então teremos de estar preparados.

Um grupo próximo de crianças sussurrou entre si e todas esticaram o pescoço para observar quando Morrigan e Jupiter estenderam, cheios de confiança, o cabo curvo de suas sombrinhas e foram levados pelo Trilho dos Guarda-Chuvas que passava. Elas não estavam olhando apenas para Jupiter, mas para os dois, com seus broches de *F* cintilando orgulhosamente em seus casacos.

Patrono e candidata. O ruivo louco e a estranha garotinha de olhos negros.

Agradecimentos

Obrigada à simpática bibliotecária que publicou *Os três coalas*, de Jessica Townsend, 7 anos, no jornalzinho da biblioteca, muito embora a autora empregasse mal a palavra *exagerar* e, além disso, não fosse capaz de reconhecer uma quebra de linha nem mesmo se tropeçasse nela.

Um imenso obrigado a Helen Thomas, Alvina Ling, Suzanne O'Sullivan e Kheryn Callender. Sou a autora mais sortuda do mundo por ter esse time de editores dos sonhos ao meu lado. Nunca vou cansar de dizer o quanto vocês são brilhantes e admiráveis, então se acostumem a ouvir isso.

A todos na Hachette/Orion/LBYR — Fiona Hazard, Louise Sherwin-Stark, Ruth Alltimes, Megan Tingley, Lisa Moraleda, Dominic Kingston, Penny Evershed, Ashleigh Barton, Julia Sanderson, Victoria Stapleton e tantos outros que me receberam nessa família —, obrigada pelo apoio e pelo incrível trabalho que vocês fizeram para ajudar a trazer Morrigan ao mundo.

Obrigada aos supertalentosos Beatriz Castro e Jim Madsen por sua bela arte.

Obrigada, Jenny Bent e Molly Ker Hawn, lendas absolutas, por trabalhar tão duro para promover *Nevermoor* em Frankfurt e além. Obrigada a todos da The Bent Agency (TBA), especialmente Victoria Cappello e John Bowers. Também para os muitos e brilhantes coagentes da TBA em todo o mundo, e todos os meus maravilhosos editores estrangeiros.

Obrigada à incrível Dana Spector e a todos da Paradigm Talent Agency por seu trabalho incansável e sua paixão. Também a Daria Cercek, Emily Ferenbach e à equipe da Fox — estou maravilhada com sua empolgação por Morrigan, e muito grata por saber que ela está nas mãos certas.

Gratidão ao Time Cooper: vocês todos me encantam e me inspiram. Tenho muita sorte de estar entre vocês.

Imensos agradecimentos a dois dos meus primeiros leitores, Chris How e Lucy Spence. Seu entusiasmo por Morrigan & Cia significou o mundo para mim.

Também à minha amiga e professora de inglês no Ensino Médio, Charmaine Rye, que fez com que eu me sentisse uma escritora muito antes de ser uma.

Jewels e Dean: primeiros leitores, torcedores de primeira. Muito amor.

Gemma Cooper: agente, amiga, Sonserina nos melhores aspectos, gente boa em todos os aspectos. Você é o ingrediente secreto de toda essa coisa estranha e surpreendente. Você é meu Jupiter North, se Jupiter North fosse um adulto responsável, mulher e não ruiva. O que eu faria sem você? Agradecimentos infinitos, G-Coop.

Sally: melhor amiga, primeira leitora, apoiadora ao longo da vida, meio convencida, então não vou dizer muito mais, mas você entendeu. Aplausos, grandes ouvintes.

Eu sei que todos pensam que têm a melhor mãe, aquela que mais apoia, mas na verdade sou eu que tenho, desculpa aí. Obrigada, mãe.

Título original
NEVERMOOR
THE TRIALS OF MORRIGAN CROW

Primeira publicação na Grã-Bretanha em 2017 por
Hodder and Stoughton

Copyright texto © Jessica Townsend, 2017

O direito moral da autora foi assegurado.

Todos os personagens e acontecimentos neste livro, exceto o que estão claramente em domínio público, são fictícios e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Edição brasileira publicada mediante acordo com Lennart Sane
Agency AB.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

Preparação de originais
VANESSA RAPOSO

Coordenação digital

MARIANA MELLO E SOUZA

Revisão de arquivo ePub
MANUELA BRANDÃO

Edição digital: setembro, 2019.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

T674n

Townsend, Jessica

Nevermoor [recurso eletrônico] : os desafios de Morrigan Crow /
Jessica Townsend ; tradução Raquel Zampil. - 1. ed. - Rio de Janeiro
: Rocco Jovens Leitores, 2019.

recurso digital

Tradução de: Nevermoor : the trials of Morrigan Crow
ISBN 978-85-7980468-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção. 2. Literatura juvenil. 3. Livros eletrônicos. I. Zampil,
Raquel. II. Título.

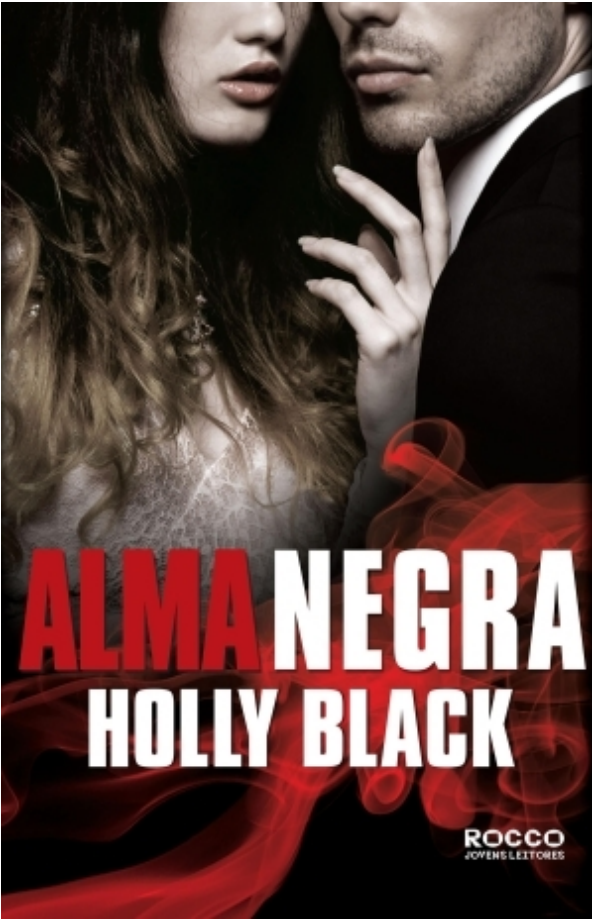
19-58444 CDD: 808.899283

CDU: 82-93(94)

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa.

A Autora

JESSICA TOWNSEND vive na Sunshine Coast, na Austrália, mas de vez em quando passa uma temporada em Londres. Foi redatora durante oito anos e, em uma função anterior, foi editora de uma revista destinada a crianças sobre vida selvagem, uma publicação do Australia Zoo, de Steve Irwin. *Nevermoor: Os desafios de Morrigan Crow* é o seu primeiro romance.



ALMA NEGRA

HOLLY BLACK

ROCCO
JOVENS LEITOMES

Alma Negra

Black, Holly

9788581226217

336 páginas

[Compre agora e leia](#)

CASSEL SHARPE SABE QUE FOI MANIPULADO para ser um assassino, mas quer deixar o passado para trás. Ele está se esforçando para ser bom, apesar de ter crescido em uma família de mestres da maldição. Para ele, trapacear sempre foi tão fácil quanto respirar. Agora Cassel quer fazer a coisa certa, mesmo que precise se distanciar da garota que ama. E está tentando convencer a si mesmo de que é inteligente trabalhar para os federais, ainda que tenha ouvido a vida inteira que o governo é o inimigo. Quando eles pedem a Cassel para fazer algo que ele jurou nunca repetir, ele se vê obrigado a dissociar a verdade e a mentira. Além disso, com sua mãe desaparecida, a garota que ama prestes a se associar definitivamente à máfia e novos segredos sendo revelados, a linha que separa o certo do errado está cada vez mais tênue. Em um jogo perigoso em que sua vida está a prêmio, Cassel vai precisar fazer a sua maior aposta - e talvez isso signifique se arriscar no amor. Depois de Gata branca e Luva vermelha, em Alma negra, livro que encerra a trilogia Mestres da Maldição, Holly Black mostra o protagonista aprendendo a conviver com suas habilidades e buscando dar um rumo para a própria vida.

[Compre agora e leia](#)



Ela disse, Ele disse

Rebouças, Thalita

9788564126695

192 páginas

[Compre agora e leia](#)

Coleção Rosa-Choque. Diversão e confusões no cotidiano das meninas. Primeiro dia numa escola nova é sempre complicado: a gente se sente um peixe fora d'água. Enquanto todos os outros alunos são (ou ao menos parecem ser) melhores amigos de infância, os novatos ficam pelos cantos, sem jeito, pensando em qual seria a melhor tática de aproximação. Alternando as vozes de Rosa e Leo, ambos adolescentes de 14 anos novos no mesmo colégio, Ela disse, ele disse é um divertido romance que mostra como meninos e meninas podem sentir as mesmas coisas, mas pensar e agir de modo muito diferente. Mas apesar de todas as diferenças, os olhares desses dois filhos únicos de pais separados insistem em se cruzar desde o primeiro dia de aula na escola Dinâmica. Ele foi logo puxando conversa com ela, deslocada no canto da sala. "Ai, que fofo!", pensa Rosa, já certa de que Leo, além de muito educado, estava superinteressado nela; mas tão rápido e descolado quanto demonstra ser para se aproximar, não pensa duas vezes antes de dar as costas à garota e se juntar à ala masculina da turma para integrar o time de futebol na hora do recreio. "Garotos... humpf!". Para Leo, no entanto, tudo é muito simples: "Tinha uma carteira vazia perto da janela e fui direto para lá. Para evitar ficar calado e com cara de desentrosado, puxei logo papo com uma menina que parecia estar sozinha". E quanto ao convite para o futebol, bem, existe outra resposta possível para um garoto neste caso a não ser um objetivo e certo "Tô dentro"? "No vestiário, depois da pelada, eu já me sentia parte do grupo", revela. Abordando temas como amizade, bullying, respeito às regras e a relação entre pais e filhos, a narrativa se

desenrola revelando, com ritmo e bom humor, os sonhos e angústias de meninos e meninas diante de cada situação, com direito a passagens hilárias causadas pela difícil comunicação entre os sexos.

[Compre agora e leia](#)

NEIL
GAIMAN



o Livro do
Cemitério

Ilustrações de DAVE MCKEAN

ROCCO
JOYENS LECTORES

O livro do cemitério

Gaiman, Neil
9788579804182
336 páginas

[Compre agora e leia](#)

Coleção PhobosGanhador da medalha Newbery (2009), do Prêmio Hugo de Melhor Romance (2009), do Locus Award de Melhor Romance Juvenil (2009) e da Medalha Carnegie (2010).Enquanto seus pais e irmã são impiedosamente assassinados por um misterioso homem chamado Jack, um bebê consegue escapar de seu berço e se aventurar pelo mundo. Uma série de coincidências, aliada a uma grande dose de sorte, salva o pequeno de ter um destino tão trágico quanto o de sua família.Com um começo sombrio e violento, diferente do seu habitual, o escritor inglês provoca arrepios no leitor. A história do bebê sortudo e fujão começa quando ele chega à rua e sobe a colina em direção ao velho cemitério. Ele é perseguido pelo assassino de seus familiares. Já dentro do cemitério o neném conhece os habitantes do local. Fantasmas de outras épocas que vivem em suas covas e mausoléus e que por circunstâncias do destino são forçados a adotar e batizar o bebê, agora chamado de Ninguém Owens, o Nin, para salvá-lo do seu perseguidor.Ninguém passa a viver no cemitério da colina, adotado por um simpático casal de fantasmas e amado pelos outros moradores do lugar. Um misterioso morador, Silas, assume a responsabilidade de ser o guardião do garoto. Único vivo que mora no cemitério, apesar dos seus hábitos nortunos e habilidades fantásticas, ele é o responsável por trazer comida, livros e tudo que o garoto precisa do mundo terreno dito "normal".Com ternura e talento, Gaiman narra as aventuras de Ninguém pelos caminhos do cemitério, desde um pequeno bebê até um jovem adolescente. Mas mesmo depois de todo este tempo a sombra do seu perseguidor

ainda paira sobre o jovem. E o destino caminha para um embate final entre os dois, quando Ninguém descobre muito mais do que esperava sobre o mundo e as pessoas.

[Compre agora e leia](#)



clarice lispector
o mistério
do coelho pensante
e outros contos



O mistério do coelho pensante e outros contos

Lispector, Clarice

9788581226071

80 páginas

[Compre agora e leia](#)

O que têm em comum um coelho, uma galinha, um cachorro e dois peixinhos vermelhos? Protagonistas dos livros infantis de Clarice Lispector, o coelho Joãozinho, a galinha Laura, o cão Ulisses e os "vermelhinhos", como eram conhecidos os peixes, estão agora reunidos no lançamento O mistério do coelho pensante e outros contos, que traz as quatro histórias escritas por Clarice especialmente para as crianças num único volume, delicadamente ilustrado pela artista plástica Flor Opazo. Reconhecida pela crítica literária brasileira e estrangeira como uma das maiores escritoras do século XX, Clarice Lispector deixou também um importante legado para a literatura infantil com a publicação de A mulher que matou os peixes, A vida íntima de Laura, O mistério do coelho pensante e Quase de verdade, histórias que seguem encantando gerações décadas após a sua publicação. Narradas em tom coloquial e muito próximo do cotidiano infantil, as histórias de Clarice Lispector revelam uma autora que, além de conhecer muito de perto o imaginário dos pequenos, é alguém que sabe conversar com crianças com extrema sensibilidade e perspicácia, tratando os sentimentos com delicadeza e falando direto ao coração.

[Compre agora e leia](#)



O mistério da estrela: Stardust

Gaiman, Neil

9788579803932

280 páginas

[Compre agora e leia](#)

Tristran ama a jovem mais bela do vilarejo de Muralha. Para ser correspondido, ele atende aos caprichos da moça e lhe faz uma promessa quase impossível de cumprir. Uma estrela cadente que ambos veem cair do céu valerá a mão de Vitória em casamento. A determinação de trazer a estrela para o vilarejo fará com que o rapaz burle todas as regras e siga para a Terra Encantada, onde supostamente a estrela está. Então, Tristran se vê cercado por piratas voadores, gnomos guerreiros, bruxas esquisitas e sedentas por beleza e princesas do mal. Um mundo de magia está diante dele e tem início um conto de fadas surpreendente e nada convencional. Neste lugar, os caminhos podem ser belos e sombrios, tristes e alegres, suspeitos e óbvios, mas sempre cheios de segredos. E todos, não só Tristran, estão em busca daquela que parece guardar a solução para todos os problemas do reino mágico. Acontece que a estrela está triste e sem esperança. O maior desafio do jovem apaixonado, então, será fazer a estrela brilhar novamente. Eis a trama do conto de fadas moderno O mistério da estrela - Stardust, do cultuado escritor e quadrinista inglês Neil Gaiman, autor do premiado juvenil *Coraline* e do infantil *Os lobos dentro das paredes*. A publicação recupera o texto em prosa que deu origem à famosa história em quadrinhos, que chegou às telas do cinema em 2007, com estrelas como Claire Danes, Michelle Pfeiffer, Robert De Niro e Sienna Miller no elenco.

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

[Folha de rosto](#)

[Dedicatória](#)

[Sumário](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Agradecimentos](#)

[Créditos](#)

[A Autora](#)